



WOLF



GONE

WILD

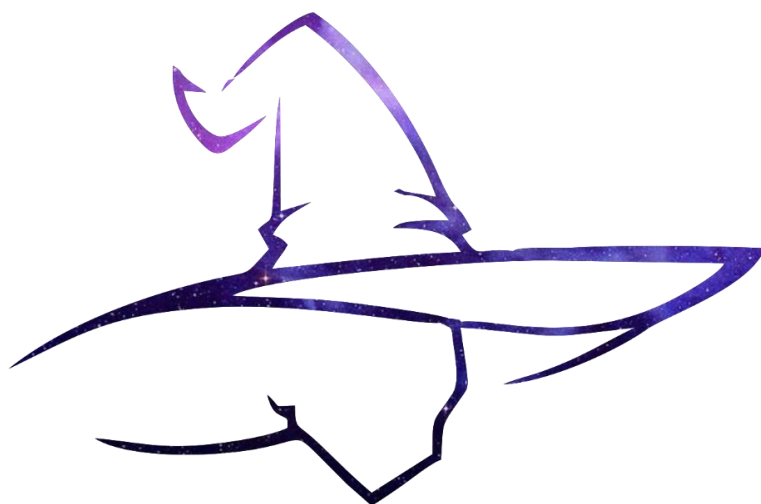


STAY A SPELL • BOOK ONE

JULIETTE CROSS

VISIT...

LANZAROTE
Caliente.COM



Stay a Spell



Wolf Gone Wild (#1)



Don't Hex and Drive (#2)



Witches Get Stitches (#3)



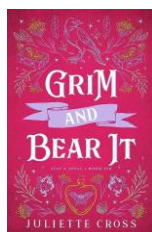
Walking in a Witchy Wonderland (#3.5)



Always Practice Safe Hex (#4)



Resting Witch Face (#5)



Grim and Bear It (#6)

Sinopse

Qual é a pior coisa que pode acontecer a um lobisomem?

Incapaz de se transformar durante três meses, Mateo Cruz sabe muito bem. Seu lobo se instalou em sua cabeça, zombando dele noite e dia com pensamentos vívidos, violentos e carnais. Convencido de que está amaldiçoado, ele precisa da ajuda de uma bruxa poderosa antes de ficar literalmente louco.

Evie Savoie sempre obedeceu às regras da casa de seu coven; nenhum lobisomem. Eles são conhecidos por serem temperamentais e voláteis. Então, quando um lobisomem desanimado e perigoso entra no bar e quase estrangula um de seus clientes no final da noite, ela está pronta para chutá-lo através da porta. Mas o desespero em seus olhos quando ele lhe implora que o ajude a amolecer seu coração e a convence a burlar as regras.

O que Evie não sabe é que o lobo de Mateo tem um objetivo próprio. E agora que ela está na mira dele, ele só quer uma coisa. Ela.

Para Jessen.

Este livro não existiria sem você,
E você sabe disso. Todo o meu amor para você, garota.

Tabela de Conteúdos

Stay a Spell

Sinopse

Tabela de Conteúdos

Aviso – bwc & sw

Capítulo 1

Capítulo 2

Capítulo 3

Capítulo 4

Capítulo 5

Capítulo 6

Capítulo 7

Capítulo 8

Capítulo 9

Capítulo 10

Capítulo 11

Capítulo 12

Capítulo 13

Capítulo 14

Capítulo 15

Capítulo 16

Capítulo 17

Capítulo 18

Capítulo 19

Capítulo 20

Capítulo 21

Capítulo 22

Capítulo 23

Capítulo 24

Capítulo 25

Capítulo 26

Capítulo 27

Capítulo 28

Capítulo 29

Capítulo 30

Capítulo 31

Capítulo 32

Capítulo 33

Epílogo

Aviso – bwc & sw

Essa presente tradução é de autoria dos grupos de tradução salem witches e bookworm's café. Nossos grupos não possuem fins lucrativos, sendo este um trabalho voluntário e não remunerado. Traduzimos livros com o objetivo de possibilitar a leitura para aqueles que não sabem ler em inglês.

Para preservar a nossa identidade e manter o funcionamento dos grupos de tradução, pedimos que:

- **Não publique abertamente sobre essa tradução em quaisquer redes sociais (por exemplo: não responda a um tweet dizendo que tem esse livro traduzido);**
- **Não comente com o autor que leu este livro traduzido;**
- **Não distribua este livro como se fosse autoria sua;**
- **Não faça montagens do livro com trechos em português;**
- **Se necessário, finja que leu em inglês;**
- **Não poste – em nenhuma rede social – capturas de tela ou trechos dessa tradução.**

Em caso de descumprimento dessas regras, você será banido dos grupos.

Caso esse livro tenha seus direitos adquiridos por uma editora brasileira, iremos excluí-lo do nosso acervo.

Em caso de denúncias, fecharemos o canal permanentemente.

Aceitamos críticas e sugestões, contanto que estas sejam feitas de forma construtiva e sem desrespeitar o trabalho da nossa equipe.

Capítulo 1



mateo

— Deseja outra cerveja?

Se eu achasse que faria algum bem, desejaria mais cem. Mas não adiantava. Nada ajudou. Só estava piorando.

Aquele imbecil no bar está olhando para nós de novo.

Por favor, fique quieto por cinco minutos. Eu preciso pensar.

Sim, continue olhando, idiota. Vou deixar sua cara sangrando.

Cristo. Ele não calaria a boca esta noite. A intensidade de seus impulsos estava pior do que nunca. Pelo menos ele estava mais inclinado para a violência do que para o sexo. Seus impulsos para brigar eram, de alguma forma, mais fáceis de tolerar do que seus comandos constantes para eu transar. Pequenas vitórias.

Olhe! Ele está de pé. Ele está vindo para nos desafiar. Bom. Prepare-se para o combate.

Ele está indo embora. Fique quieto.

Siga ele.

— Senhor? — A jovem garçonete olhou para mim, com os olhos arregalados de preocupação. Eu não a culpo.

— Não. — Meu olho estremeceu. — Obrigado. — Peguei uma nota de vinte e coloquei sobre a mesa, então me dirigi para a porta.

Isso mesmo. Hora de limpar o desdém da cara daquele babaca.

Ele não estava desdenhando. Você está imaginando coisas. Como sempre.

Estive imaginando meu punho arrancando os dentes dele. Agora eu quero ação.

Uma vez que cheguei ao lado de fora, levei dois segundos para escanear o quarteirão, apenas no caso de o Alfa estar certo e aquele cara estar procurando uma briga. Ele me deixou paranoico. Ansioso.

Meu lobo pode precisar quebrar os ossos de alguém, mas eu não preciso. Eu precisava de ajuda. Não podia adiar mais. O zombeteiro ofensivo estava conversando com uma garota e não prestando atenção em nós, então segui a Magazine Street na direção oposta.

Você está indo para a porra do caminho errado!

Não, eu não estou. Temos coisas mais importantes a fazer do que brigar na rua.

Um rosnado ressoou na minha cabeça.

Oh, sim? Como o quê?

Vamos encontrar uma bruxa.

Você pode ser um covarde, mas não é um idiota. Uma mulher é exatamente o que precisamos para aliviar o estresse.

Eeeee, aqui vamos nós de novo.

De preferência curvilínea. Preciso de algo para me segurar quando estou...

Uma buzina soou quando atravessei a Magazine, a vida noturna ainda estava em alta, mesmo com alguns bares fechando.

Todos os sobrenaturais em Nova Orleans sabiam sobre as irmãs Savoie, embora eu nunca as tivesse conhecido. Elas tinham talentos individuais para ajudar os sobrenaturais necessitados. E, às vezes, humanos. Aqueles que realmente sabiam sobre nossa existência. Eu pagaria qualquer coisa por sua ajuda nesse momento. Eu hipotecaria minha galeria e minha casa, se necessário. Mas também tinha ouvido falar que elas eram justas. Uma delas era uma Quebradora de Feitiços. Ela é quem eu estava procurando.

Chegando na Livros Raros e Cervejaria Ruben, diminuí o passo. A livraria estava fechada àquela hora da noite, é claro, mas outros tipos de clientes dobravam a esquina e desciam o beco. Lindas mulheres humanas penduradas nos braços de homens inumanamente perfeitos que as escoltaram até a entrada dos fundos do A Lanterna Verde. Uma gargalhada gutural saiu de uma linda loira pin-up em um vestido rosa de

látex. Vampira. Ela puxou sua bela presa capturada na noite pelo beco iluminado a gás até a entrada dos fundos.

Encostado na esquina do prédio, aparentemente desinteressado nas idas e vindas, estava um cara alto, de cabelos pretos, fumando um cigarro. Ele não estava apenas encostado na esquina. Ele estava trabalhando para Ruben, o senhor do clã de vampiros de Nova Orleans. Eu sabia o que ele era mesmo estando a vinte metros dele. Uma onda de desejos mais sombrios puxou minha psique e meu corpo.

Alfa soltou um rosnado ronronante com a sensação inebriante que o Ceifador provocou. Nós os chamávamos de ceifadores. Não porque escoltavam almas para a vida após a morte, mas porque carregavam uma aura de escuridão, atraindo impulsos e anseios que as pessoas gostavam de suprimir, de manter sob controle.

Das quatro criaturas sobrenaturais, ceifadores e seus poderes eram os mais misteriosos. Meu primo Nico me disse uma vez que tinha visto seis deles aparecerem em um incêndio em um complexo de apartamentos quando ele morava em Houston. Eles entraram no prédio em chamas sem que os bombeiros os vissem. Sabendo que vidas foram perdidas, Nico pensou que talvez tivessem algo a ver com o transporte de almas após a morte. Quem sabe? Eles nunca deram informações sobre si mesmos, mas por alguma estranha razão, eles sempre pareciam saber muito sobre todos os outros.

Um ceifador era o empregado perfeito para pendurar no canto de um covil de vampiros. A lei sobrenatural era que os anfitriões de sangue deveriam ir voluntariamente para alimentar um vampiro durante a noite. Um ceifador perto da entrada – despertando os desejos reprimidos de um humano por perigo, luxúria e vaidade – definitivamente os tentaria para o submundo dos vampiros.

A maioria dos humanos estavam alheios aos sobrenaturais que viviam entre eles. Até que não estavam. Aqueles em alguns círculos íntimos sabiam sobre nós. Mas eles mantiveram nossos segredos... por medo, respeito ou ambos.

Embora não gostasse de ficar no espaço pessoal de um ceifador, imaginei que se alguém tivesse a informação de que eu precisava, seria ele. Eu não tinha certeza de quem era a quebradora de feitiços, mas aposto que esse cara sabia.

— Ei. Você conhece as irmãs Savoie?

O ceifador – suas feições afiadas e sua inteligência mais afiada ainda pelo olhar de seus olhos castanho-escuros que tudo veem – deu uma longa tragada em seu cigarro antes de responder.

— Não. Não conheço as irmãs Savoie. — Ele me mediu da cabeça aos pés, jogando uma ponta de cinza na calçada. — Mas eu sei sobre elas.

Esperzinho. Quebre o nariz dele.

Cale a boca.

— Você sabe alguma coisa sobre a Quebradora de Feitiços?

Ele me olhou com uma indiferença que soou falsa. Esse cara observou, calculou e guardou tudo com aqueles olhos escuros. Ele, provavelmente, sabia mais sobre as pessoas no bairro boêmio e moderno de Magazine Street do que qualquer outra pessoa.

— A segunda irmã, Eveleen. Ruiva. Personalidade corajosa. Quebra maldições de alto nível. Taxa de sucesso de cem por cento de acordo com o banco de dados da Coven e Guilda das Bruxas. Trabalha de quatro a cinco noites por semana no Caldeirão, do qual as irmãs são coproprietárias. Incluindo esta noite. — Ele olhou para cima e estreitou os olhos como se estivesse tentando se lembrar de algo. — Eu não acho que ela esteja fechando esta noite.

Uau.

— Como você tem acesso ao banco de dados delas?

Ele deu de ombros, recusando-se a responder enquanto examinava a rua, observando os transeuntes com aquele olhar sombreado. Ele terminou de me dar informações.

— Você tem um trabalho e tanto aqui. — Eu acenei para o beco.

Ele soltou uma baforada de fumaça e apagou o cigarro contra a parede de tijolos atrás dele.

— Melhor do que alguns outros trabalhos para os quais os ceifadores são contratados. — Sua voz caiu para um nível baixo e ameaçador.

Alfa rosnou um aviso.

— É mesmo — eu disse mais como uma declaração do que como uma pergunta. Eu conseguia acreditar. E com certeza não queria saber a que empregos ele se referia.

— Parado em uma esquina, fumando cigarros e observando as pessoas por cento e cinquenta dólares a hora? Sim. É um bom trabalho.

Droga. Ruben paga bem. Eu nunca o vi, mas todos o conheciam. Bom saber que ele cuidava bem dos seus funcionários. Eu tinha quase certeza de que Ruben tinha acesso ao banco de dados de informações na cabeça desse cara por esse tipo de valor por hora.

— Acho que te devo uma gorjeta pela informação. — Peguei minha carteira no bolso de trás.

— Não. — Ele sorriu, sua boca larga se curvando mais de um lado. — Saber que um lobo está prestes a entrar no Caldeirão é pagamento suficiente. — Balançando a cabeça e sorrindo, ele olhou para baixo e tirou o maço de cigarros do bolso traseiro da calça jeans.

— Por que diz isso?

Ele acendeu um cigarro, semicerrando os olhos ao tragar. A ponta ficou laranja, suas sobrancelhas franzidas em solidariedade. De repente, tive vontade de socar aquele olhar de pena de seu rosto.

Vá em frente com esse sentimento.

Seu olhar se fixou no meu. Ele deve ter captado um lampejo de lobo em meus olhos. Quanto mais eu ficava aqui, mais

minhas entranhas ferviam com uma agitação urgente e a necessidade de usar a violência. Sangue quente zumbia em minhas veias, me empurrando com mais força. Mudando de um pé para o outro, mantive minhas mãos nos bolsos para não chegar perto dele

O ceifador ficou mais ereto, mas não para me atacar. Isso seria estúpido. Ele podia ser quase da minha altura, mas não tinha ideia de com quem estava realmente lidando. Na verdade, ele provavelmente tinha. Talvez estivesse se preparando para fugir, o que me disse que ele era muito mais sábio do que eu suspeitava.

Pode vir, ceifador.

Ele falou, seu tom uniforme e baixo e cheio de advertência.

— Elas não lidam com lobos. Nunca lidaram.

Eu balancei a cabeça, estreitando meu olhar para a casa da bruxa na rua, precisando mudar minha atenção para o objetivo em questão.

Hmmmm. Uma ruiva. Eu gosto.

Se ela vai nos ajudar, você tem que ficar de boca fechada.

Uma risada sombria retumbou em minha mente.

Certo. Eu não tinha escolha, de um jeito ou de outro. Com um aceno de despedida para o ceifador, caminhei com propósito em direção ao Caldeirão.

Capítulo 2



evie

Isso é a última coisa que eu precisava. Depois de um turno de dez horas, um garoto de fraternidade vomitando em minhas botas e uma garota bêbada cantando uma versão desafinada e super sacana de “Pour Some Sugar On Me” em nosso bar, agora eu tinha um lobisomem me implorando para quebrar um feitiço.

Um belo lobisomem. E, tudo bem, talvez ele não estivesse implorando. Eu não tinha certeza se um homem como ele sabia como implorar, mas o pensamento enviou um arrepio primitivo do topo da minha espinha até o ponto de junção entre minhas pernas.

— Você é Eveleen, certo?

Enquanto a regra inquebrável de *nada de lobisomem* continuava martelando na minha cabeça, seu tom de barítono esfumaçado dizia às minhas partes femininas que era uma regra boba, bem boba.

— É Evie. E sim. Mas eu duvido muito que isso seja um feitiço.

— Mas é.

Ele acabou de rosnar para mim?

— Olha, Lobisomem.

— Mateo.

— Tanto faz. — Pulei na bancada do bar, girei minhas pernas para o outro lado e caí ao lado dele. — Eu gostaria de poder ajudar. Mas temos regras. Nada de lobisomens. Desculpe.

Não importava o quão bonito ele era com aqueles olhos melancólicos e cheios de alma e aquele cabelo escuro rebelde caindo abaixo de sua mandíbula esculpida. Jules me mataria. Tentei ignorar o olhar de dor endurecendo sua expressão quando passei por trás dele. Jules não estabeleceu as leis sem motivo. Ela era inteligente e cautelosa. Tudo em um esforço para nos manter seguras. Desde que nossa mãe renunciou seu domínio sobre Nova Orleans para Jules e fugiu para os Alpes com meu pai para uma merecida aposentadoria, Jules levou seu trabalho muito a sério. É por isso que ignorei o tortuoso aperto de sua boca e a testa franzida e continuei andando.

— Eu pago o que você quiser.

Ele me seguiu enquanto eu virava os banquinhos para cima do bar para que a equipe de limpeza pudesse fazer seu trabalho assim que fechássemos. Atrás do balcão, JJ enxugava os copos, olhando para nós e apreciando o lobisomem. Ele arqueou uma

sobrancelha perfeita com um sorriso. Seus sorrisos podem significar várias coisas. Esse poderia ter dito “não deixe essa bela bunda fora de vista” ou “perigo, não toque nisso”. Eu precisava melhorar a leitura das mensagens subliminares do JJ.

— Olha. Isso não é sobre dinheiro. — Depois que botei o terceiro banquinho de cabeça para baixo no balcão, uma mão gigante estava totalmente em volta do meu antebraço.

— *Por favor.*

Virando-me para ele, meu rabo de cavalo balançou sobre meu ombro. Olhei para onde ele me segurava até soltar meu braço.

— Desculpe — ele resmungou. — Eu só... preciso de ajuda.

Tudo bem, talvez não estivesse acima dele implorar. Na intensidade de seus olhos castanhos-dourados e depois castanhos-frios, eu podia ver que ele, definitivamente, tinha algum tipo de surto sobrenatural. Isso me incomodou, admito. Mas regras eram regras.

Apoiei a mão no quadril e olhei para a rua, ainda agitada pela vida noturna. Fechamos o Caldeirão à meia-noite, mas outros bares e boates da Magazine Street ficavam abertos por muito mais tempo. Mordendo meu lábio, girei de volta para ele.

— Você falou com seu pessoal?

— Meu pessoal?

— Sim, seu clube de lobisomens. Lycans. Sua *família*.

Sua expressão em branco.

— Eu não tenho.

— Não tem?

— Ninguém.

— Ninguém?

— Não estou sendo claro de alguma forma? — Sua carranca se aprofundou e sua voz caiu alguns decibéis em um quase super rosnado. Eu não mencionei que sua mudança de humor sombrio era exatamente o motivo pelo qual Jules impôs sua regra de nada-de-lobisomens.

Mordi o lábio inferior e debati. Ele tinha aquela imobilidade sobrenatural que eu tinha visto os vampiros terem quando estavam hiper conscientes de cada movimento de cada ser vivo na sala. Isso me deixou inquieta. Eu estava prestes a dizer mais uma vez que não poderia ajudá-lo e que ele deveria procurar sua própria espécie quando o cara no canto que tinha tomado muitos de nossos Laranja Sangrenta à Moda Antiga tropeçou e bateu nas suas costas.

O lobisomem o segurou pela garganta e o prendeu em uma mesa com uma velocidade incrivelmente rápida. O estrondo de alerta crescendo dentro do peito do lobisomem arrepiou os pelinhos em meus braços. Então, percebi que não era um aviso. Ele estava matando o cara bêbado.

— Ei, ei, ei. — Eu me aproximei com movimentos lentos, envolvendo minha mão em seu antebraço. Um antebraço bem musculoso e com veias muito boas, devo ressaltar.

JJ saltou sobre o bar e caminhou em nossa direção, vindo rápido demais. O rosnado do lobisomem aumentou, mas seus

olhos permaneceram no cara que ele estava sufocando. Balancei minha cabeça para JJ. Ele parou no meio do caminho, mantendo distância, mas com os olhos na ameaça.

— Calma... calma — eu sussurrei para o homem perigoso prestes a cometer assassinato em nosso bar.

Manobrei meu corpo entre ele e o tampo da mesa e coloquei ambas as mãos em seu peito. Respirei fundo com a vibração furiosa de seu corpo. Ele era quente. E eu não quero dizer apenas gostoso pra caramba. Quero dizer: quente como um vulcão estrondoso derramando lava. Sibilando entre meus dentes, eu joguei uma suave onda de magia nele, como faria para mover um objeto telecineticamente. A onda de magia não o moveu, mas tirou seu olhar mortal do bêbado em minha direção.

— Mateo — eu sussurrei suavemente. — Deixe-o ir. Você não quer machucá-lo.

Com um lampejo de seus olhos dourados e uma sacudida repentina, ele se afastou e soltou o cara. Girando, ele plantou as mãos contra a parede atrás de si e respirou fundo, a cabeça baixa, o cabelo escuro cobrindo o rosto.

Nos poucos segundos que fiz contato físico, senti várias coisas. O mais difícil de engolir era a onda avassaladora de desespero doloroso rasgando o núcleo deste homem. Eu não tinha o dom de ler emoções como minha irmã Clara, mas não havia dúvida de que aquele homem estava sofrendo. De

verdade. E que tipo de bruxa eu era se virasse as costas para ele? Quando eu poderia ser a única que poderia ajudá-lo?

— JJ — eu disse calmamente, apontando para o cara bêbado. — Vá ajudar esse cara a entrar em um Uber e leve-o para casa.

— O que foi isso? — murmurou o bêbado, esfregando o pescoço e tentando se levantar. Ele obviamente não percebeu que quase morreu um segundo atrás.

— Tem certeza de que devo te deixar aqui? — perguntou JJ, cerrando as mãos, lembrando-me o porquê atuou como segurança.

— Sim. — Olhei para as costas largas de Mateo enquanto ele arfava, sugando o ar para dentro e para fora de seus pulmões, seu corpo de quase um metro e oitenta curvado com o que eu só poderia descrever como angústia. Arrependimento. — Ficaremos bem agora.

JJ parou por alguns segundos enquanto apoiava o bêbado com os pés vacilantes e o arrastava porta afora. Violet tinha saído cedo, então sobrou eu e JJ para fechar, então agora eu estava sozinha com o lobisomem. Eu deveria estar com muito medo, mas estranhamente, não estava. Embora ele agisse de acordo com seus impulsos violentos, tudo se originava de uma dor profunda. Exalando um suspiro, eu sabia o que tinha que fazer.

— Mateo?

Lentamente, ele jogou os seus ombros musculosos para trás, o único sinal de que me ouviu. Ele se afastou da parede e limpou a garganta antes de se virar para mim, os braços soltos ao lado do corpo, os olhos baixos.

— Eu sinto muito. Isso foi... inaceitável.

— Sim — eu concordei com uma voz suave. — Foi um grave lapso de controle.

Ele assentiu, finalmente levantando o olhar do chão. Olhos castanhos semi-calmos encontraram os meus. Embora eu esperasse ver a raiva ainda tomando conta dele, encontrei tristeza. Refletiu o que eu senti quando o toquei.

— Isso acontece com frequência? — Perguntei com uma cadência simpática.

— Isso nunca acontece. Isso *nunca* aconteceu antes. Eu preciso... de *ajuda*. — Parecia doer para ele admitir o quanto.

Algo apertou no meu peito.

— Certo.

Eu ofereci um sorriso suave, mas ele não retribuiu, agonia ainda apertando sua boca e olhos. Se eu fizesse isso, provavelmente teria meu traseiro surrado, mas não me importava. Uma lembrança de mamãe surgiu na minha cabeça.

— *Uma boa bruxa vê a verdade, absorve sua bondade e honra sua benção.*

— *Mas como posso honrá-la?* — *Eu perguntei a ela.*

Ela segurou meu queixo e me deu seu sorriso todo-sábio de mãe.

— *Compartilhando com quem mais precisa.*

Eu encarei o lobisomem, minha mente decidida.

— Tudo bem. Venha comigo.

Passei pelas mesas e atrás do bar em direção à saída para o beco. Não precisei olhar trás para ver se ele estava me seguindo. Eu podia *senti-lo*. Este lobo carregava uma aura pesada. Não, não exatamente pesada. Potente era mais preciso. O que o tornava ele, parecia uma chama nas minhas costas. Eu o guiei pela cozinha agora vazia e escura, passando pelo depósito até a entrada do beco. Soltei as chaves penduradas na corrente curta que se estendia pelas alças do meu cinto e abri a porta.

Segurando-a aberta, fiz um gesto para que passasse. Ele o fez, com as mãos agora nos bolsos da frente da calça jeans. Imaginando que ele estava tentando parecer menos ameaçador, eu ri e tranquei a porta atrás de nós. Ele não poderia parecer inofensivo nem se tentasse. Não depois daquela exibição de loucura no bar e não desde que havia uma carga elétrica fervendo em torno de seu corpo como um para-raios que tinha acabado de ser eletrocutado vinte vezes.

— Algo engraçado? — ele perguntou. O rosto carrancudo estava de volta.

— Sim.

— Se importa em compartilhar?

Ele caminhou ao meu lado enquanto seguíamos o beco que separava o Caldeirão da nossa loja da esquina ao lado, a Misteriosa Maybelle. Nossa casa ficava a uma curta caminhada

pela rua lateral que cruzava o cruzamento. A noite ainda estava quente, mas menos úmida quando chegamos ao final de outubro. Deixe-me esclarecer. Parecia menos como nadar em uma sopa e mais como tomar banho em bafo de cachorro. A qualquer momento, teríamos nossa primeira frente fria que, lentamente, mudaria a maré para um clima mais frio, mas aquele momento por-favor-venha-antes-que-derretamos-em-Mordor ainda não havia acontecido.

— Hum. Vamos ver. — A calçada zumbia com alguns festeiros noturnos, as luzes da rua dando uma sensação de segurança. Uma falsa sensação para qualquer pessoa que esbarrasse no cara ansioso ao meu lado. Seu olhar astuto percorreu os pedestres conversando e rindo entre amigos. — Eu tive uma noite de merda no trabalho, então um lobisomem apareceu bem na hora que eu ia fechar, afirmando que colocaram um feitiço nele...

— Eu tenho certeza.

— Me implorando para ajudá-lo, mas eu educadamente digo que não, então ele quase estrangula um de nossos clientes até a morte.

— Eu não o teria matado.

— Você tem certeza? — Eu não estava sendo sarcástica. Estava perguntando a ele seriamente.

Silêncio. Ele desviou o olhar, seus cabelos escuros bloqueando minha visão de seus olhos. Isso era uma pena. Quando parei em frente ao portão de ferro forjado que dava

para a passagem para a nossa porta da frente, ele finalmente me encarou. Medindo-me da cabeça aos pés, seu olhar fixou-se em meus peitos. Eu não tinha certeza se estava olhando para meus seios empinados ou minha camiseta com um gato preto segurando o osso de um braço que dizia *eu encontrei este úmero*.

Pensei que ele poderia, realmente, abrir um sorriso, mas então ele olhou para mim como se eu fosse louca – não é uma situação incomum – e fez aquela coisa trêmula que fez no bar, como se estivesse se livrando de um pesadelo. Não era exatamente o visual que uma garota queria quando um cara gostoso verificava seus dotes.

— Você está bem?

Ele fechou a boca, sua mandíbula apertando com força antes de dizer:

— Você não entende o que não ser capaz de me transformar está fazendo comigo.

Pensei nele dobrando aquele cara sobre a mesa e sufocando-o com uma das mãos.

— Acho que tenho uma ideia.

— Eu *preciso* soltar o lobo.

Aquela expressão agonizante estava de volta. Aquele olhar suplicante. Embora eu não o tenha contado, ele não precisou me convencer de mais nada. Ficou claro para mim que não estava mentindo ou exagerando. Ele precisava da minha ajuda e planejei seguir meus instintos primeiro. Não as regras de Jules.

Com um aceno rígido, abri o portão e conduzi o lobisomem até a varanda e para dentro de nossa casa. Eu devo estar maluca.

Como esperado, uma música suave tocava nos fundos da casa onde Jules estava fazendo sua rotina noturna de relaxamento. Ele me seguiu pelo hall de entrada, passando por um pequeno escritório e um arco que levava à esquerda para a grande sala de estar e nossa cozinha aberta. Continuamos pelo corredor em direção à música. Parecia que apenas Jules estava na casa principal.

Clara e Violet devem estar acomodadas na cama em cima da garagem já que eu não ouvi nenhuma delas bisbilhotando na cozinha. Isadora e Livvy ainda estavam fora da cidade. Então isso deixou Jules sozinha no escritório. Bom. Eu não queria uma audiência para a tempestade de merda que estava prestes a começar.

Antes de chegarmos à porta aberta, parei abruptamente. A melodia rítmica de sua banda folclórica pagã favorita com suas gaitas de foles, flautas, tambores e harpa celta flutuava no salão. Um bom sinal. Se estivesse tocando aquela banda de metal da Mongólia cantando sobre esmagar seus inimigos com sua garganta, então eu o teria empurrado de volta para fora de casa e tentado isso amanhã.

Com uma respiração profunda, olhei por cima do ombro para o homem de pé, uma cabeça mais alto e muito perto.

— Não fale até que eu mande. Ou até ela mandar.

Ele apertou aquela mandíbula perfeita novamente.

— Por que não?

— Porque minha irmã é quem não gosta de trabalhar com sua espécie. E ela é um Sifão.

Ele se encolheu com isso. Sim. Sifões, também chamados de Executores, eram mais poderosos que os Anuladores, bruxas que podiam congelar os poderes de um sobrenatural. Jules poderia fazer muito mais do que congelar poderes. Poderia sumir com ele. Permanentemente. Um Sifão também era o único tipo de bruxa que era mais poderoso que um vampiro com séculos de idade. Daí, a razão pela qual nosso clã de bruxas reinava em Nova Orleans e não Ruben Dubois, o senhor dos vampiros neste distrito.

Visivelmente tremendo, Mateo olhou para a porta aberta. Um lobisomem foi amaldiçoado de uma forma que não podia soltar a besta que perambulava dentro de seu sangue não importa o que acontecesse. Mas ele pode perder a magia que vem com a maldição do lobisomem. A força e a velocidade extras, a longevidade e o dom criativo com o qual todo lobisomem nasceu junto com suas necessidades bestiais.

Entrei no santuário da minha irmã mais velha com um sorriso brilhante no rosto, fingindo meu bom humor o melhor que pude. Ela estava acomodada em seu sofá perto da janela, os joelhos dobrados, um livro aberto no colo virado para cima, uma taça de vinho tinto na mesinha lateral. Seu olhar girou para a porta, passando direto por mim até parar no lobisomem.

Eu levantei minhas mãos em sinal de rendição.

— Tudo bem. Antes que diga qualquer coisa, há uma explicação muito boa para isso.

Ela não se mexeu a princípio. Seu olhar azul-aço se arrastou de Mateo para mim e depois de volta para ele. Com indiferença forçada, ela fechou e colocou o livro de lado, então se levantou e cruzou os braços. Das seis irmãs, ela era a mais baixa e a de menor estatura. Seu corte curto e reto suavizava as bordas mais nítidas de suas maçãs do rosto salientes e queixo pontudo. Mas não ajudou em nada para conter o olhar *mortal* que estava me dando.

— Jules, este é o Mateo. Ele é um...

— Eu sei o que ele é. Por que ele está em nossa casa?

Ela acionou seu tom maternal nível três. Mas pelo menos ela não havia atingido níveis estridentes.

— Ele afirma que há um feitiço impedindo-o de se transformar. — Eu me virei para ele, sua atenção fixa em minha irmã. — Quanto tempo se passou desde a última vez que você transformou?

— Este será o terceiro mês. — Um pouco da angústia havia sumido de sua voz, embora eu não tivesse certeza do que o estava deixando mais à vontade. Certamente não era a representação de rainha má da minha irmã.

Jules apenas olhou e não disse nada, mas eu podia ver as engrenagens na sua cabeça funcionando. Ela estava debatendo se deveria lhe mostrar a porta ou ouvi-lo. Por algum milagre, ela escolheu o último.

— Por que você acredita que é um feitiço? E não uma dormência normal?

Ele soltou um som entre uma tosse e uma risada.

— Eu ouvi falar de lobos ficando dormentes, mas nesses casos, a besta ficava distante e quieta. O meu definitivamente *não está*.

Seus olhos brilharam com aquele ouro ardente novamente, mas ele manteve sua postura não ameaçadora.

— Como assim? — ela perguntou friamente.

— Eu tenho... impulsos primitivos.

Eu mal contive outro arrepio com sua admissão acalorada. E sim, ele rosnou cada palavra. Ele também parecia estar escondendo algo.

— Jules — eu comecei, ficando séria. — Ele lutou para controlar sua violência agora há pouco no bar com um cliente que esbarrou nele. Mais do que diria que é normal para lobisomens. Embora eu reconheça que não conheço nenhum outro lobisomem.

— Eu não quero machucar ninguém — ele protestou. — Isso parece, não sei, como se eu tivesse um bloqueio. Como se meu lobo quisesse sair, mas algo o está mantendo dentro. Não é natural. Um feitiço é a única explicação.

— Ele é um perigo para o público — acrescentei. — E se, não tentarmos pelo menos ajudá-lo, então seremos tão culpadas quanto ele. *Se* algo acontecer.

Deixei Jules deduzir o que pode acontecer. Ele estava totalmente olhando para mim, mas eu me recusei a olhá-lo.

— E o que você sentiu? — ela me perguntou.

Foi aqui que ficou complicado.

— Não tenho certeza. — Quando ele me agarrou no bar, senti *algo*, embora não conseguisse identificar o que era.

— Você o sondou então?

— Não profundamente — respondi suavemente, mal conseguindo admitir que eu realmente estava com medo dele no bar. De jeito nenhum eu iria pedir a ele para olhar em meus olhos e me deixar entrar em sua mente enquanto ele tentava estrangular um de nossos clientes. Contar a verdade a Jules não me ajudaria a convencê-la a ficar do nosso lado no momento.

— Tente novamente — ela ordenou, acenando para Mateo.
— Aqui.

Tudo bem, então. Eu me aproximei para encarar Mateo e soltei uma respiração profunda. Dobrando meus braços nos cotovelos, estendi a mão.

— Estenda seus braços assim e segure os meus.

Ele não questionou o porquê, mas obedeceu rapidamente. Lobisomem inteligente. Quando cruzamos os braços, a onda de calor que emanava de seu corpo ondulou pelas pontas dos meus dedos e palmas da minha mão.

Fixando-me em seus olhos castanhos, que cintilavam em ouro ardente, eu forcei minha magia para frente. Suavemente. Muito gentil. Mesmo assim, um estrondo agitou-se em seu

peito, um rosnado áspero formigando em meus sentidos. Embora soubesse que era um aviso para ter cuidado, não pude evitar a deliciosa sensação que despertou em cada terminação nervosa do meu corpo. Como um relâmpago, ele eletrizou minhas entranhas, espalhando arrepios pela minha pele.

— Calma — sussurrei como faria para um animal ferido ou assustado. — Eu só quero dar uma olhada.

Isso é essencialmente o que eu fiz quando procurava por feitiços. Com pincéis leves, deslizei minha magia para dentro dele, procurando a magia estranha. Normalmente, eu poderia identificar qual tipo de feitiço e que tipo de bruxa lançou esse feitiço em outra pessoa.

Às vezes, nem era lançado na pessoa que estava enfeitiçada, mas ricocheteou em alguém próximo a ela. Isso era raro, mas acontecia. Nesses casos, nem sempre conseguia identificar o feitiço, mas ainda conseguia retirá-lo e evaporar a magia.

Enquanto eu me afundava mais nele, senti... resistência. Não era apenas um bloqueio, um feitiço de outra bruxa, mas mais como um empurrão. Eu não senti os sinais que indicavam um feitiço – o jato elétrico de magia estranha não pertencia a ele. Senti a presença de um ser poderoso, seu lobo, e uma cerca invisível ao seu redor, mas também outra aura me afastando.

Foi tão estranho. Os feitiços normalmente não funcionam dessa maneira. Eles geralmente não eram agressivos por natureza. Bem ali. Como um objeto colocado sobre uma mesa.

Quem colocou este objeto na mesa de Mateo adicionou algo extra ao feitiço. Eu não gostei da sensação disso.

Quando o rosnado de Mateo retumbou mais fundo, soltei e dei um passo para trás. Não porque estava com medo, mas porque não queria irritar a fera.

Por um segundo, tudo que pude fazer foi encarar Mateo. Seu olhar brilhando com ouro derreteu lentamente de volta para aquele marrom escuro. Seu peito subia e descia rapidamente, mas não havia sinal de violência ou raiva. Apenas um olhar de admiração, na verdade.

— E então? — perguntou Jules.

Levando minha atenção de volta para ela, eu disse:

— Definitivamente existe algo lá. Mas não consigo identificar que tipo de feitiço é ou que tipo de bruxa o colocou, mesmo que de propósito. É muito... incomum. — Olhei dela para Mateo. — Para ser honesta, acho que pode ser que eu simplesmente não esteja familiarizada com lobisomens e sua magia. É fácil para eu fazer isso com humanos, outras bruxas e até vampiros. Acho que talvez seu... lobo esteja me expulsando por algum motivo.

Mateo soltou uma risada sem humor.

— Eu não acho que meu lobo está te expulsando. — Seu olhar intenso me perfurou com o que eu só podia supor ser a mais dura verdade. Isso significava que estávamos lidando com um feitiço que eu nunca havia visto antes.

Jules olhou para suas estantes, malditamente cheias com quase todos os livros já escritos sobre seres sobrenaturais – desde as origens históricas até a caça às bruxas da Inquisição Espanhola, artesanato, feitiços e talismãs. Ela não se aproximou e pegou um da prateleira como eu sabia que ela queria, mas olhou para ele fixamente por três minutos inteiros. Então se virou para Mateo, e eu sabia que ela havia tomado sua decisão.

— Você conhece alguém que queira prejudicá-lo? Que guarde rancor de você?

Ele passou a mão pelo cabelo frustrado, despenteando-o ainda mais.

— Não.

— Não é nosso costume trabalhar com lobisomens — ela disse em seu tom de costume.

Ele se encolheu. Ainda calmo, respirou fundo e disse:

— Sim. Evie disse isso. — Ele mudou o peso de um pé para o outro, as mãos curvadas ao lado do corpo. — Mas eu só sou um perigo se este feitiço não for quebrado.

— Eu entendo. — Sua admissão me chocou. Jules era o tipo de mulher que se mantém firme. Ela se aproximou, os braços ainda cruzados, mas soltos e pendurados na cintura. — Não sei se podemos ajudá-lo, mas confio na minha irmã. Se ela disser que você é um risco à segurança, então acredito nela. Eu gostaria de fazer algumas pesquisas e falar com você novamente. — Ela inclinou a cabeça para mim. — Evie terá que fazer algumas pesquisas também.

— Obrigado. — Ele exalou uma respiração irregular, então se virou para mim, sua expressão ruindo em sua intensidade. — Obrigado.

O *obrigado* que ele me deu foi mais profundo e apaixonado. Mais pessoal. Veio tanto do homem quanto do lobo, eu tinha certeza disso.

Sacudindo um arrepio antes que se tornasse visível, eu disse:

— Te levo até lá fora. — Eu girei para a porta antes que Jules mudasse de ideia, então o guiei de volta pelo corredor, pela porta da frente e para o portão.

Colocando minhas mãos nos bolsos de trás da minha calça jeans, balancei para trás na ponta dos meus calcanhares.

— Bem, você tem sorte. Ela estava de bom humor esta noite. Ele soltou uma meia risada.

— Isso era ela de bom humor?

— Não insulte minha irmã — provoquei. — Só eu posso fazer isso.

— Ela toma todas as suas decisões?

— Não. Apenas aquelas que podem me matar se eu não pensar bem. — Inclinei minha cabeça para a direita, meu rabo de cavalo deslocando-se sobre a frente do meu ombro. — Não é fácil, ou sempre seguro, ser uma bruxa hoje em dia. E eu costume...

Apertei meus lábios com força. Por alguma estranha razão, eu estava despejando muita informação para este homem que acabei de conhecer.

Ele se inclinou mais perto, abaixando a cabeça para capturar meu olhar.

— Você costuma o quê?

Deixei escapar uma risada envergonhada com um encolher de ombros.

— Confiar muito facilmente. Querer ajudar demais, às vezes.

Sua boca larga deslizou em um sorriso brilhante, me forçando a admirar seus dentes perfeitamente retos e brancos. Estranho que um lobisomem tenha um sorriso tão bonito. Nenhum dente amarelo ou resquícios de seus assassinatos em qualquer lugar para ser visto. Eu estava começando a me perguntar se ele realmente era um lobisomem. Ele não era nem um pouco assustador ou intimidador.

— Não vejo como isso é um problema. Ser confiável e gentil não é um defeito, Evie. É realmente maravilhoso.

Oh, meu Deus. Sua voz ficou profunda, rouca e grossa quando falou meu nome. Ele o enquadrrou com uma ênfase que retumbou e desceu pela minha espinha.

Soltei um suspiro nervoso.

— Obrigada. — Por que o que mais você diz para algo assim? Tentei não pensar em como minha tendência de ajudar os outros me deixou com o coração partido uma ou duas vezes. Na verdade, foi apenas uma vez, mas não vamos pensar nisso agora.

Mateo assentiu, observando-me novamente com uma leitura vagarosa.

— Eu te devo uma.

— Com certeza.

Ele riu. Eu queria aliviar a tensão pesada entre nós. Além de quebrar seu feitiço, esse cara precisava rir. E precisava de um amigo. Tive a sensação de que ele não fazia o suficiente do primeiro e não tinha muitos do segundo.

— Obrigado. E boa noite, Evie.

Mais uma vez, sua voz mergulhou naquele registro profundo e retumbante do meu nome, então ele se esquivou como se tivesse feito algo errado. Tão estranho. Todos os lobisomens eram um pouco estranhos?

— Boa noite. — Com um aceno de mão em despedida, voltei para a calçada, mais uma vez sentindo seu olhar pesado me seguir até a porta. Quando cheguei à varanda e olhei por cima do ombro, ele havia sumido.

Eu sabia que não iria para a cama sem ouvir, então fui para a cozinha onde escutei Jules se movendo. Com certeza, ela estava servindo outro copo cheio de merlot.

Sentei-me na ilha e coloquei minha bunda em cima do bloco de açougueiro.

— Vá em frente e acabe com isso.

Recostando-se na pia, ela disse:

— Você fez a coisa certa.

Espere, o que?

— Pode repetir?

— Se o que você diz é verdade, então ele é uma ameaça para a sociedade. Isso significa que é nossa responsabilidade ajudar se pudermos.

Era papel das irmãs Savoie manter a paz entre os seres sobrenaturais em Nova Orleans. Nossa família agiu como líder do coven daqui por três gerações, portanto, era nosso papel cumprir as leis.

Na maioria das regiões, era um velho vampiro que era o mais poderoso sobrenatural e tinha esse papel, mas não aqui. Nossa avó Maybelle era uma Sifão, depois minha mãe e agora Jules.

Bruxas e vampiros eram bem-organizados, cada um com suas próprias guildas locais que realizavam reuniões regulares pelo menos duas vezes por ano. Ceifadores eram super reservados. Eles ficavam fora do radar e raramente saíam da linha. Jules disse que um ceifador diferente aparecia em cada uma das reuniões da guilda, então ninguém sabia quem estava no comando deles. Eles eram... estranhos. Os lobisomens eram um bando desorganizado, preferindo principalmente viver sozinhos e fora da rede sobrenatural, ou em matilhas que se moviam de cidade em cidade. Não havia guilda de lobisomem em nenhuma região que eu conhecesse.

Minha família tinha a reputação de ser dura, mas justa, então raramente havia qualquer dúvida sobre nossa autoridade. Mas, como o Tio Ben disse a Peter Parker: “com grandes poderes também vêm grandes responsabilidades”. Talvez seja por isso que Jules mudou tão rapidamente de tom sobre esse

lobisomem. Ainda assim, não era típico dela mudar de ideia tão facilmente.

— Você está falando sério? Eu tinha certeza de que você quebraria seus dez mandamentos ou algo assim. *Nada de Lobisomem* é a regra número três?

Ela revirou os olhos.

— Eu quis dizer para não *namorar* com eles, não ser amiga deles, não se envolver emocionalmente.

— Não, nunca me lembro de ter ouvido essa distinção. Claro, eu nunca tive razão desde que nunca conheci um lobisomem, então é isso. Você não os deixa nem entrar no bar.

— Jesus, Evie. Isso não é verdade. Você é tão dramática. Você age como se eu fosse algum tipo de intolerante a lobisomem.

— Bem...

Ela se aproximou de mim e colocou sua taça de vinho na tábua de carne.

— A razão pela qual eu queria que você e nossas irmãs ficassem longe é porque eles são *perigosos*.

— Não mais do que vampiros.

Seus olhos tempestuosos brilharam com raiva. Eu sorri, sabendo do que se tratava. Bem, mais ou menos.

— Vampiros podem se controlar. A maior parte do tempo.

— Suas narinas dilataram. — Lobisomens não podem. Você se lembra do que eles fizeram...?

— Nos anos 1400? Não, porque eu não estava viva há tanto tempo, mas sim, eu me lembro de suas incessantes aulas de história sobre os lobisomens ajudando os caçadores de bruxas.

— Eles são temperamentais e, muitas vezes, violentos. — Ela soltou um suspiro e suavizou a voz, soando mais como mamãe do que eu acho que ela imaginava. — Diga-me, o que esse lobo fez esta noite no bar que te deixou nervosa? Aliás, qual é o nome dele?

— Mateo. — Então murmurei a contragosto: — Ele quase sufocou um cara.

— Sério? — Ela ergueu as sobrancelhas em falsa surpresa. — Chocante.

— Mas é por causa desse feitiço. — Eu esperava que Jules não tivesse ouvido o tom defensivo da minha voz, embora fosse bastante óbvio.

— E você tem certeza de que é um feitiço — ela acrescentou como uma declaração, não uma pergunta.

— É estranho. Não posso sentir isso do jeito que eu normalmente posso. Mas...

— Mas o que?

— Bem, quando nós tocamos no bar, senti o bloqueio de que ele falou. Seu lobo está preso contra sua vontade, disso tenho certeza. Mas quando o sondei, foi muito mais agressivo. Seja qual for o tipo de magia que exista ali.

— Então, não é um feitiço de baixa qualidade.

— Não — eu concordei. — Algo muito mais complexo. Algo que não reconheço. Ou talvez seja apenas porque não estou familiarizada com lobisomens o suficiente para reconhecê-lo.

— Então você acha que o feitiço deu a ele esses impulsos violentos.

Mais uma vez, uma declaração. Eu dei de ombros.

Jules tomou um gole de vinho antes de acrescentar:

— E quando este feitiço for quebrado, e ele puder se transformar em um monstro sanguinário uma vez por mês, ficará perfeitamente calmo e obediente.

Peguei no buraco puído no joelho da minha calça jeans.

— Talvez não seja obediente.

— Ah! — Ela esvaziou o vinho, enxaguou a taça e a colocou na pia. — Eveleen Marielle Savoie. Me ouça agora. Vamos ajudar esse cara porque é nosso trabalho. Mas você não deve se apegar emocionalmente a este Mateo. Eu sei que você tem um coração mole, mas este não é um dos seus vira-latas que você traz para casa para cuidar.

— Por favor, Jules. Isso é um trabalho.

— Exatamente. Portanto, trate-o como um.

Irritada com seu tom condescendente, perguntei:

— Ao invés de que?

— Ao invés de um de seus pequenos projetos de consertar e melhorar. Como o Sr. Harvey.

Isso de novo. Revirei os olhos.

— Sr. Harvey gostou muito da minha poção de cura.

— Oh, sim. Ele certamente gostou. Aquele elixir de energia que você infundiu com magia finalmente o tirou do luto por sua esposa e o fez perseguir todas as viúvas elegíveis em um raio de seis quarteirões.

— Bem, o elixir funcionou. — Eu deveria ter mantido minha boca fechada. Mas não. Eu só tinha que abrir uma porta para Jules apontar os detalhes do caos que minha intromissão causou.

— Funcionou tão bem que Clara teve que alertá-lo para não invadir seu clube do livro toda semana. A Sra. Ferriday estava ameaçando com uma ordem de restrição, e então ele teve aquele incidente com o viagra.

— Como eu poderia saber que viagra e poções de energia com infusão de magia eram uma mistura perigosa? — Eu rebati defensivamente.

Jules inclinou a cabeça, na verdade deixando escapar uma risadinha enquanto me olhava como se eu fosse um quebra-cabeça que ela não conseguia decifrar.

— Evie. Basta ficar com os animais para seus pequenos projetos. — Ela empurrou o balcão da cozinha, segurando meu olhar com seus olhos cinzentos. — Esse Mateo é um homem. E um lobisomem, o que significa que ele é...

— Perigoso. Eu sei.

Com um arquear de sua sobrancelha e um sorriso satisfeito, ela disse:

— Ótimo. Então estamos na mesma página.

Ela saiu da cozinha e subiu as escadas em um passo rápido. Eu deixei suas palavras afundarem antes de pular do balcão. Nada demais. Eu poderia fazer meu trabalho. Passar algumas horas por dia com o lobisomem, manter distância e não ultrapassar os limites, então quebrar o feitiço e seguir meu caminho. Facinho, facinho.

Capítulo 3



mateo

Acordar com um incômodo matinal brutalmente doloroso tornou-se normal desde o mês passado. Quero dizer, era bom saber que o encanamento funcionava, mas isso era ridículo. Mais um problema agravado por este feitiço.

Eu rolei para fora da cama e me arrastei para o banheiro, suspirando pelo desastre em minha cueca boxer.

Você vai fazer algo sobre isso?

Cristo. Muito cedo para ele.

Porque você pode martelar pregos com esse poste na barraca aqui embaixo.

Eu ia enlouquecer. Certamente ficaria insano se tivesse que ouvi-lo me enchendo tão cedo.

Basta friccionar um pouco para não parecer um maluco na rua. Ou pode encontrar uma mulher de verdade para foder. Você se lembra como é isso, certo?

Cale a boca

E aquela garota ontem à noite? Eu gosto dela.

Eu sei exatamente como você se sente sobre ela.

Ele não parava de reclamar sobre seu cheiro, sua pele, seu lindo rabo de cavalo que ele gostaria de agarrar enquanto a pegava por trás. Eu quase perdi a cabeça só tentando ter uma conversa civilizada com a garota.

Olha, precisamos da ajuda dela, então sugiro que se comporte quando estivermos por perto.

Gargalhadas estridentes ecoaram em minha mente.

A última coisa que quero fazer perto dela é me comportar.

Olhei para o meu reflexo, grato por não parecer tão louco quanto me sentia. Cocei meu queixo com barba. Se eu tivesse um distúrbio de múltiplas personalidades, pelo menos não saberia quando as outras vozes assumiriam o controle. Essa seria a minha ideia de paraíso agora. Mas não, eu tinha que existir no mesmo plano que meu ego animalesco. Ou minha outra identidade. Ou qualquer parte de mim que meu lobo representasse.

Alfa. Meu nome é Alfa, e você sabe disso.

Antes do feitiço, eu só ouvia sua voz durante a transformação mensal. Eu teria memórias fugazes dele assumindo e me conduzindo durante o seu turno. Mas agora que eu não podia deixá-lo sair, ele abriu caminho em minha psique, vivendo ao meu lado cada segundo de cada maldito dia, me torturando com seus comentários contínuos sobre quem

ele gostaria de matar e quem gosta de foder. Que eram praticamente todos os cães vadios ou seres humanos que encontramos. Eu estava exausto com isso. Por ele.

E agora ele se concentrou em Evie. A bruxa confiante e de bom coração que convenceu sua irmã espinhosa a me ajudar. Ela não precisava fazer isso. Eu estava bem ciente da reputação da minha espécie entre outros sobrenaturais. Nós somos aqueles que fomos para a mesa dos excluídos. Mesmo os ceifadores eram mais aceitáveis para bruxas e vampiros do que nós. Sim, eu entendi que meus ancestrais cavaram nossas próprias covas com uma longa história de caça às bruxas e massacres. É por isso que eu estava bem morando e estando sozinho. O que eu não podia suportar era o Alfa sujando minha mente com pensamentos constantes de seus planos lascivos para Evie.

Depois de um banho gelado onde ignorei os resmungos incessantes de Alfa, comi um café da manhã rápido com ovos fritos e linguiça e descí as escadas para o meu estúdio. Minha data de entrega para este último trabalho estava se aproximando rapidamente e eu tinha que encontrar uma maneira de me concentrar mesmo que isso me matasse.

O problema era que era quase impossível canalizar minha musa quando Alfa estava tão presente. Seus impulsos eram violentos e complicados. Meu trabalho em metal, embora intenso no artesanato, exigia uma mão sensual, um toque suave.

Alfa não reconheceria o que era ser sensual ou gentil nem se o acertasse na maldita cabeça.

Ei. Eu posso ser gentil. Vá buscar aquela bruxa ruiva, e vou mostrar a ela como posso bater em sua bunda com delicadeza.

Porra. Alguém me salve.

Coloquei meu capacete de soldador, minhas luvas e tirei a tocha do suporte antes de acender o fogo. Depois de retornar à minha escultura, movi uma dúzia de fios de aço inoxidável para minha mesa de trabalho e depois me sentei em meu banquinho. Com as pinças de solda, levantei um fio de arame galvanizado de doze polegadas e o esquentei com a tocha. Inclinando-me para a junção onde as ondas do mar se fundiam na sereia saltitante, comecei a trabalhar, cobrindo as ondas com arame e movimento.

Acomodei-me em um fluxo, colocando um fio de aço aquecido após o outro, amarrando a cauda da sereia em um padrão intrincado. Então mudei de direção, criando a ilusão de um torso macio e pele sedosa.

Ele realmente calou a boca quando encontrei meu ritmo. Eu tive pelo menos onze minutos de um abençoado silêncio, finalmente caindo no espaço perfeito entre a realidade e a fantasia onde minha musa assumiu.

Suas tetas são maiores.

Eu exaleei um suspiro profundo.

De quem diabos você está falando?

A bruxa. Os dela são maiores. Faça o da sereia parecer com os dela.

— Porra!

Enche uma mão perfeitamente.

Eu não posso acreditar nessa merda.

O que? Você sabe que está pensando nela.

Desliguei a tocha, arranquei meu capacete de soldador e joguei-o na oficina. Enfiando a mão no meu cabelo, contemplei o uso de drogas pesadas. Com a minha sorte, isso só iria entorpecer meus sentidos e torná-lo ainda mais forte.

Por que não paramos de brincar com as mulheres de metal e procuramos uma de verdade? Uma com o cabelo ruivo.

Quando foi a última vez que ele se calou por mais de quinze minutos?

A garota do rabo de cavalo também gosta de nós. Eu sei disso.

Garota de rabo de cavalo? Ela tem um nome.

Não percebi. Eu estava meio distraído.

Evie. É Evie.

Hmmmm. Sim, é isso. Desliza pela língua, não é? Eu gosto dela.

Eu sei que você gosta dela. Mas confie em mim, ela não gosta de você... quero dizer de nós... da mesma forma.

Concordo em discordar.

Espere. Noite passada. Depois que saímos do bar, ele calou a boca por um tempo. Ele não disse uma palavra durante todo o caminho até a casa dela ou mesmo enquanto se encontrava com sua irmã. Agora que pensei nisso, ele não começou suas merdas de novo até depois que saímos e eu passei por um cara musculoso saindo de um clube. Alfa queria que eu batesse nele por ser um homem musculoso.

Ele precisava saber quem era o chefe.

Pensando bem, embora Alfa tenha detalhado cada maneira que ele queria dobrá-la sobre o bar, o zumbido frenético sob minha pele diminuiu no segundo que eu a toquei. Isso ainda não me impediu de quase estrangular aquele bêbado, mas me lembro de me sentir mais leve de alguma forma quando saí da casa dela. Atribui isso a uma possível solução para esse problema, algum alívio, sabendo que as bruxas iriam me ajudar. Mas... e se fosse mais do que isso? E se o sentimento viesse dela?

É isso.

Isso o quê?

Seu desejo está sendo realizado. Nós vamos ver a bruxa.

Meigo. É hora de reivindicar nossa mulher.

Ela não é nossa. Jesus. Você poderia se acalmar? Acabamos de conhecê-la.

Um lobo quer o que quer.

Peguei minhas chaves penduradas na porta, tranquei e rumei para o leste na Magazine Street. Era apenas a alguns quarteirões do pub. Eu sabia que serviam almoço, mas era cedo.

Se ninguém estivesse lá, eu sabia onde ela morava. Ela pode não querer que eu a encha em casa, mas estava desesperado.

Concordo.

O pessoal do café estava acomodado com seus laptops e iPads sob os toldos da cafeteria. Mantive as mãos nos bolsos e a cabeça baixa, tentando evitar qualquer confronto. No mês passado, Alfa me empurrou para uma briga com um cara andando pela manhã. Eu estava na minha caminhonete, entregando minha última comissão no distrito comercial, e esse idiota se sentou na buzina do carro enquanto eu estava estacionado legalmente para descarregar a escultura. Se ele tivesse ficado em seu carro e não tivesse ficado furioso comigo, então não teria terminado com ele na calçada com o lábio sangrando.

Você deveria ter arrancado a garganta dele.

Você está falando sério?

Aquele canalha desprezível precisava ser colocado em seu lugar para sempre.

Sério? Ele merecia morrer? Por gritar com outro motorista? Legal.

Juro que pude sentir um encolher de ombros peludo dentro de mim.

Foi naquele dia que soube que estava em apuros. Eu nunca perdi a paciência e agi com violência. A menos que fosse necessário.

Foi necessário.

Não, não foi, idiota.

*** bufa ***

De qualquer forma, foi quando eu tive certeza de que estava no limite por não me transformar. Desde então, só piorou para controlar os impulsos.

Eu queria que você perdesse o controle do seu pau, porque minhas bolas estão tão azuis que você poderia jogar purpurina nelas e pendurá-las em uma árvore de Natal.

Sim, bem, eu gostaria que você calasse a boca, mas o meu desejo também não foi realizado.

Ainda não, mas talvez em breve. Eu andei mais rápido.

Caminhei até o Caldeirão e espiei pela janela. Droga. Ninguém à vista ainda ou eles estavam na cozinha. Continuei passando pelo bar. Quando cruzei em frente à Misteriosa Maybelle, senti um movimento à minha direita. Era uma espécie de loja psíquica e de cristais. Olhei para dentro, então parei repentinamente. Evie. Ela subiu em uma escada, colocando algo na prateleira de cima na parede dos fundos.

Hum. Ela parece bem por trás.

Entrei, tocando uma campainha na porta.

— Só um minuto — ela gritou.

Ela estava tentando equilibrar uma esfera de vidro com um desenho marmorizado transparente em algum tipo de suporte. Uma bola de cristal decorativa. Não querendo distraí-la, fui até a parede da direita, verificando o que eles vendiam. Havia uma

tonelada de diferentes tipos de cristais coloridos e pedras polidas com nomes como âmbar, obsidiana, ametista, ametrino e aragonita-azul. Havia pequenos cartões de tenda com rótulos que diziam: *para cura das articulações, para ansiedade, para meditação*. Outra prateleira exibia alguns livros à venda. Títulos como: *Guia do Oráculo, Encontre seu Médium Interior e Desbloqueie seus Chakras*.

Eu não deveria ter ficado surpreso que as bruxas administrassem uma loja de feitiçaria e metafísica, mas de alguma forma eu estava. Os humanos não perceberam que havia bruxas *reais* vivendo entre eles. Na segunda prateleira, perto de um mostruário de cartas de tarô, havia até um gato de pelúcia. Eles podem ter encontrado um taxidermista melhor porque o cabelo da coisa parecia áspero e fino, sua espinha projetando-se um pouco longe demais. Eles poderiam, pelo menos, ter pedido ao taxidermista para adicionar um pouco de espuma nesse velho animal de estimação que haviam empalhado.

Mas então o gato de pelúcia lentamente virou a cabeça e olhou para mim.

— Porra!

Mata isso!

— Oh — veio a voz de Evie.

Eu a ouvi descendo a escada, mas mantive meus olhos fixos na aberração. Seus olhos alaranjados e vítreos piscaram. Um de cada vez. De uma forma roboticamente lenta. Fiquei

boquiaberto com o que ele fez a seguir. Ele sorriu. Eu não estou brincando. *Sorriu*. Como se estivesse seriamente bêbado ou chapado.

Abominação do caralho.

— É apenas Z. — Evie manobrou na minha frente e levantou a criatura horrível em seus braços. Ela realmente o aninhou sob o queixo. — Ele é um pouco tímido.

Ele fazia um estranho barulho crepitante, como o motor de um pequeno barco a motor parando e ligando. Ele deve estar doente ou algo assim.

— Ele está bem? — Ele *não* parecia bem.

— O que? Oh! — Ela riu, todo o seu rosto se iluminando. — Sim, seu ronronar é um pouco áspero. Ele é meio velho. — Ela coçou atrás das orelhas dele e seu estranho ronronar ficou mais alto. — Mas ele não é tão fofo?

Não era exatamente o adjetivo que eu estava pensando, mas não queria insultá-la logo antes de pedir um grande favor. Eu precisava testar minha teoria primeiro.

— Será que ele vai morder se eu fizer carinho?

— O Z? De jeito nenhum. — Ela riu. — Ele é manso como um cordeiro.

Um cordeiro enlouquecido e meio morto. Mate isso.

Estendi a mão e acariciei com um dedo sua cabeça estranhamente grande, roçando o topo da mão dela que estava nas costas dele.

Sim. Imediatamente, uma onda de calma estremeceu através de mim. Alívio instantâneo. Como água fria em um dia quente. Eu sabia.

Olhei para sua camiseta branca. Esta tinha a silhueta de um homem e as mãos de uma mulher tocando as pontas dos dedos com #Reylo4Ever escrito em rosa choque. Não pude deixar de notar como as letras avolumavam sobre seus seios. Provavelmente porque Alfa estava constantemente se infiltrando em meus pensamentos. Mas, novamente, ele não disse uma palavra.

Eu olhei para o gato assustador e sorridente e ri.

— Algo engraçado? — Ela recuou um pouco e arqueou as sobrancelhas em preocupação.

— Não. Nada engraçado. — Patético, na verdade. Mas eu não conseguia tirar o sorriso do meu rosto.

— Bem, você tem esse olhar maluco. — Ela pensou que eu era maluco, e acho que era mesmo. — Ainda não temos nada de novo sobre o feitiço.

Eu balancei a cabeça, recuando mais um passo. Mas não muito longe. Eu precisava da proximidade dela.

— Eu vim por outra coisa. Eu gostaria de pedir um favor.

— Outro?

— Sim.

— Tudo bem. — Ela colocou seu gato no balcão, onde ele cambaleou por um segundo antes de se enrolar sem graça em uma bola.

Hesitei, tentando encontrar as palavras certas que não me fizessem parecer uma aberração ou um perseguidor. Nada me veio à mente. Engolindo o pouco de orgulho que me restava, enfiei as mãos nos bolsos da calça jeans e fui em frente.

— Eu gostaria de pagar para você passar um tempo comigo. Seu rosto empalideceu.

— Uh, não tenho certeza de que tipo de bruxas você pensa que somos, mas não somos prostitutas.

Engasguei com minha própria saliva. De alguma forma, Alfa permaneceu abençoadamente silencioso.

— Não, não, não. — Eu levantei minhas mãos em protesto.

— Isso não foi o que eu quis dizer. Eu te asseguro.

— Então o que você quis dizer?

— Quero dizer... — abaixei minha voz — há algo em você que acalma o lobo.

Ela sorriu.

— Como assim?

Passando a mão pelo meu cabelo, tentei descobrir uma maneira de dizer isso sem me fazer parecer completamente louco. Mas realmente não havia uma. Eu teria que dizer a ela a verdade. Se havia alguém que acreditaria em mim e entenderia, seria uma bruxa.

Limpando a garganta, comecei de novo.

— Não são apenas as compulsões animais que me incomodam agora.

Ela encarava. Não disse nada. Apenas ergueu as sobrancelhas como se quisesse me encorajar a continuar. Então o fiz.

— Posso ouvir a voz dele na minha cabeça.

— Dele?

— Do lobo.

Alfa, filho da puta. É Alfa. Apresente-me adequadamente.

Pelo amor de Deus.

— Na verdade, ele tem um nome.

— Qual é?

Exalando um suspiro pesado, olhei para as prateleiras de quartzo e cristais.

— Alfa.

Quando ela não sorriu ou riu, eu olhei para trás. Sua boca bonita estava inclinada para um lado, uma expressão de pura curiosidade aumentando sua testa.

— Eu sei, eu sei. Se eu pudesse mentir para você, mentiria, mas então ele falaria ainda mais alto na minha cabeça, e já é difícil me concentrar do jeito que está.

Ela colocou a mão na bancada, tamborilando com os dedos, depois encostou o quadril nela.

— Ele fala com você o tempo todo?

— O tempo todo.

Suas sobrancelhas se ergueram ainda mais, atraindo meu olhar para o verde profundo de seus olhos. Havia pequenas manchas douradas circulando a pupila e, de alguma forma, eu

nunca as chamaria de avelã. Elas eram de um tom de verde tão chocante, como as novas folhas da primavera. Eu perdi minha linha de pensamento, tentando descobrir exatamente o que me lembravam.

Ela limpou a garganta.

— Como agora mesmo? — Um sorriso divertido vincou em sua boca.

Sacudi de minhas reflexões sobre seus olhos, repreendendo-me por ser um rastejante, então desviei o olhar por um segundo. Balancei a cabeça, tentando parecer casual e normal. O oposto de como me sentia esses dias.

— Ele insistiu que você soubesse o nome dele.

Ela se aproximou e olhou fixamente em meus olhos, como se estivesse tentando olhar através de mim e chegar a ele. Engraçado que ela mostrou zero medo na minha confissão esquizofrênica sobrenatural. Apertei minha mandíbula com força quando Alfa ronronou um rosnado perverso.

Eu sabia. Ela gosta de mim.

— Então ele estava falando ontem à noite?

Eu ri.

— Oh, sim. Ele estava falando sem parar ontem à noite.

— Isso explica muita coisa — ela disse, inclinando a cabeça e me examinando atentamente.

Limpei a garganta, nervoso.

— O que você quer dizer?

— Você parecia, eu não sei, distraído. No limite. E não se ofenda, mas um pouco estranho.

Uma gargalhada escapou de mim antes que eu pressionasse meus lábios com um aceno de cabeça e mais um rompante nervoso em meus cabelos.

— Eu *estava* distraído, no limite, um pouco estranho.

Ela sorriu, então suas sobrancelhas se juntaram.

— Eu estou confusa, então. O que isso tem a ver comigo?

— É difícil de explicar.

— Tente. — Ela cruzou os braços, acentuando seus atributos que Alfa tanto amava.

Nem tente se enganar. Você os ama tanto quanto eu.

Percebendo o quão assustador meu pedido iria soar, eu passei por ela em direção a Z no balcão, enrolado em uma bola irregular.

Alfa se eriçou dentro de mim, soltando com um rosnado baixo e ameaçador que só eu podia ouvir.

Estendi a mão.

Não faça isso.

Ele usou seu tom grave e agressivo comigo.

Acalme-se.

Não toque nessa cria infernal.

Que se foda.

Eu acariciei a cabeça do gato com um dedo. É o *purrrr* do barco a motor mais alto.

— Eu estava tentando trabalhar, e ele simplesmente não parava de falar. Quase não consigo trabalhar desde o mês passado, quando ele ficou ainda mais... bem, só *mais*.

Ela se aproximou de mim, apoiando o quadril no balcão. De short jeans, dei uma olhada em suas pernas longas e bem torneadas. Estranho que Alfa me deixe aproveitar o momento sem gritar obscenidades. Ele realmente era mais dócil com ela por perto.

— O que você faz?

— Desculpe? — Eu empurrei meu olhar para o dela.

— Você disse que não pode trabalhar. Você trabalha com o que?

— Oh. Certo. Sou um artista metalúrgico.

Seu sorriso inclinado se alargou, quase me derrubando. Ela era uma garota bonita. O cabelo ruivo liso que se ia para um tom moreno tornava seus olhos verde-esmeralda ainda mais bonitos. Seu rosto era mais redondo do que oval, fazendo-a parecer muito mais jovem do que provavelmente era. Claro, as bruxas envelheciam lentamente com suas vidas mais longas. Todos os sobrenaturais viviam mais do que os humanos. Não éramos imortais, nem mesmo os vampiros como diziam nos mitos, mas nossa expectativa de vida era muito mais longa do que a dos humanos. Seu nariz era um pouco pequeno com uma pitada de sardas nele. Sua boca era perfeita, seu lábio superior em forma de arco definido. Distrativamente perfeito. Mas foi seu sorriso que a elevou de bonita a bela.

— Talvez eu tenha visto seu trabalho. Onde fica sua galeria?

— Não muito longe. A poucos quarteirões da revista. A Galeria Prometheus.

Seus olhos se arregalaram.

— Eu conheço esse lugar — ela disse animadamente. — Eu olhei as vitrines um pouco. Você fez aquela escultura de Hermes em sandálias voadoras?

Sorrindo, eu balancei a cabeça.

— Sim. Essa acabou de ser vendida na semana passada.

— Uau. Isso é tão legal.

Uma onda de calor subiu pelo meu pescoço com seu elogio.

— Você gosta de arte?

— Sim. — Ela me olhou por um minuto, seus pensamentos parecendo vagar. — Então, como passar um tempo comigo vai te ajudar?

Lambi meus lábios, minha boca, de repente, seca. Sem saber se era nervosismo ou estar tão perto dela ou o quê, tentei explicar isso sem parecer uma completa aberração.

Tarde demais.

— É como eu disse. Estar perto de você o acalma de alguma forma. Deve ser porque você é uma quebradora de feitiços, eu acho. Tudo o que sei é que ontem à noite, quanto mais tempo eu passei com você, mais quieto ele ficava. E desde que entrei, ele se tornou... menos. — Eu me aproximei, tentando controlar o desespero que sentia. — Se você gosta de arte, criarei uma

escultura para você como pagamento. Se você quiser. Ou te pago em dinheiro. Não importa...

Ela levantou a mão.

— Não preciso de pagamento.

— Mas eu precisaria de acesso a você todos os dias. Seu tempo vale alguma coisa.

— O que quer que Jules decida quanto ao pagamento pelo trabalho de quebra de feitiços, será pagamento suficiente.

— Você não decide seus próprios honorários?

— Decido. Temos taxas padrão para trabalhos individuais. Mas isso exigirá a contribuição dela, ao que parece, então o custo será alto o suficiente.

Seja qual for o preço que definirem, isso não me quebraria. O que me quebraria era aguentar mais um dia com a ininterrupta diatribe de obscenidades de Alfa.

— Então você faria isso por mim de graça? — Eu perguntei, incrédulo.

— Farei isso por você como parte do trabalho até quebrarmos o feitiço — ela esclareceu. — E sem ofensa, mas não vou passar o dia todo com você. Que tal duas horas?

Eu bufei e me aproximei. Ela arqueou uma sobrancelha com a minha proximidade. E possivelmente minha agressividade repentina. Eu precisava de mais tempo do que isso para concluir meu pedido a tempo.

Afastando-me, respondi:

— Seis horas.

— *Seis?* Você está louco?

— Para ser honesto. Sim.

Ela ficou boquiaberta um segundo antes de dar a volta no balcão e pegar o celular. Enquanto mandava uma mensagem de texto rapidamente, disse:

— Quatro horas, e é isso. Eu tenho uma vida, Lobisomem.

— Mateo. — Eu estremeci. — Por favor.

Ela enfiou o telefone no bolso de trás e apoiou a mão no quadril.

— Certo. *Mateo*. Mas tenho coisas para fazer hoje. É quarta-feira e tenho um encontro marcado para as quartas-feiras. Então, você vem comigo primeiro.

Por um segundo, fiquei paralisado, me deliciando com o doce som de sua voz rouca dizendo meu nome. Uma coisa tão pequena, mas eu queria ouvi-la dizer isso de novo. E de novo.

Eu gostaria de ouvi-la gritar.

Ele realmente poderia arruinar qualquer momento perfeito. De verdade. Afastando-o, olhei ao redor.

— Você não tem que trabalhar na loja?

— Clara tinha algumas tarefas matinais, então eu deveria cuidar da loja para ela. Mas Violet estará aqui em um minuto. Ela pode assumir para mim.

— Quem é Violet?

Uma mulher magra de cabelo azul, mais alta e menos curvilínea que Evie, mas com a mesma pele clara e formato de rosto, entrou por uma porta nos fundos.

— Bem, bem. Quem é o Sr. Alto, Moreno e Fodedor?

Eu gosto dela. Mas desculpe, querida, nós já estamos comprometidos.

Comprometido com quem, gostaria de saber?

Ele bufou e riu na minha cabeça.

Com a irmã. Quem diabos você acha que eu quero dizer?

Pare de ficar obcecado com Evie. Ela não é minha. Ou nossa. Ou nada disso.

Ela vai ser.

— Mateo, conheça minha irmã, Violet. Ela tem a boca de um marinho. Desculpe por isso. Violet, este é Mateo, nosso mais novo cliente.

Ela cambaleou a um palmo de mim, apoiando uma mão no balcão, me devorando com os olhos.

— Prazer em conhecê-lo, lobisomem. — Ela piscou.

Pobre coisa doce. Ela nos quer. Elas não podem evitar, irmão. Temos o magnetismo animal.

Eu me encolhi.

Ou você é apenas um narcisista além de todas as suas outras boas qualidades.

Sim, é verdade. Eu tenho boas qualidades. Uma consequência de ser um predador de ponta.

Jesus. Ele nem entendeu o sarcasmo.

Evie agarrou meu antebraço e me levou para a porta, aquela onda de êxtase tranquilo gotejando em minhas veias. Eu quase gemi com a sensação boa.

— Prazer em conhecê-la — eu disse por cima do ombro, mas meu olhar estava travado na linda bruxa balançando seu rabo de cavalo na minha frente.

Capítulo 4



evie

Mateo baixou a cabeça enquanto caminhávamos.

— Então, quem é o seu encontro na quarta-feira?

— Bam.

— Quem é Bam?

— Na verdade, são os quadrinhos do Bam.

Larguei seu braço, percebendo que ainda o segurava. Porque eu o agarrei em primeiro lugar era intrigante. Bem, na verdade, não é. Se fosse honesta comigo mesma, eu não gostei quando Violet flertou com ele. Ela flertava com todo mundo. Era apenas o jeito dela. Mas Mateo não precisava do seu tipo de distração. Uma que pode deixar seu lobo excitado. Ele precisava de outro tipo de distração. Uma que combinava com sua natureza artística, por isso era tão perfeito que hoje fosse quarta-feira.

— Você gosta de histórias em quadrinhos?

— Se eu gosto? — Eu bufei e revirei os olhos. — Quadrinhos são vida.

Ele estava em silêncio, caminhando ao meu lado. Quando olhei para cima, seu olhar estava novamente em meus seios. Cristo. Não me interpretem mal. Não me importei com sua pequena obsessão, mas definitivamente estava prestes a chamar sua atenção quando ele perguntou:

— O que é hashtag Reylo?

Primeiro de tudo, ele pronunciou *ree-low*. Em segundo lugar, ele estava aparentemente obcecado com minhas camisetas, não com meus peitos. Terceiro, como diabos ele *não* sabia quem era Reylo?

Parando em frente à Boho Chic Boutique, a loja favorita de minha irmã Isadora, coloquei as duas mãos nos quadris e me posicionei em frente a ele. Para seu crédito, ele realmente parecia preocupado, mesmo que tivesse uns oitenta quilos a mais ou mais do que eu.

— Você só pode *estar* brincando comigo.

— Perdão?

— Você *deveria* se desculpar. Raaaay-lo é o par mais bonito de todos os tempos em qualquer universo de ficção científica, tipo sempre.

Ele me deu um olhar completamente vazio em resposta.

Reunindo paciência, perguntei:

— Você conhece *Star Wars*, certo?

— Claro, eu conheço *Star Wars*. Eu não sou um eremita.

— Poderia ter me enganado.

— Eu assisti uma vez, mas foi há muito tempo.

— Espere um minuto. Você assistiu *uma* vez? Então você já viu um filme de *Star Wars*? E foi isso?

Ele deu de ombros.

— Não gosto muito de filmes de ficção científica. Ou filmes em geral, nesse caso.

— Eu não posso nem acreditar no que estou ouvindo — eu murmurei mais para mim do que para ele.

Era como Chewbacca falando Klingon. Não. Faz. Sentido. *Não surte com ele.*

Da última vez que estive na livraria, ouvi um adolescente pedindo a história em quadrinhos de *Star Wars: A Ascensão dos Sith*. Eu abordei o pobre rapaz e comecei a dar uma palestra sobre minhas teorias sobre a adoração do vilão até que seus olhos vidrassem. Melhor não chegar nesse ponto de novo. Nem todo mundo tem meu tipo de loucura.

— Então — eu perguntei levemente —, o que você faz o dia todo?

— Eu trabalho. E leio.

— E?

— Não sei. Esboço novas ideias. Eu caminho e passeio muito.

— Passear?

— Sim. E caminho.

— Caminhada? Caminha onde? Tudo o que temos são planícies e pântanos infestados de cobras.

Ele riu, mergulhando o queixo mais perto de seu peito, suas madeixas mais longas caindo para frente. Deus, ele tinha um cabelo lindo. Era sensualmente macio. Era óbvio que ele nem tentou, e isso foi tragicamente injusto.

— Se quer saber, eu dirijo mais ao norte entre os projetos ou quando preciso de silêncio para inspiração. Há um lugar ao norte de Baton Rouge. As colinas de Túnica. E geralmente passo os verões em uma cabana no Tennessee.

Eu pensei sobre isso um segundo.

— É claro. Você gosta da floresta.

Ele me deu um sorriso autodepreciativo.

— Eu gosto da floresta.

— Bem, se vamos passar quatro horas por dia juntos — eu disse, marchando pela revista —, então estarei te apresentando o que você está perdendo.

— Não sinto que estou perdendo nada.

— É por isso que você está perdendo.

Mesmo seus olhares de soslaio eram intensos. Ele não parecia estar ciente de quão penetrante era seu olhar. Seus olhares eram como relâmpagos. Quando eu era pequena, costumava esfregar meus sapatos no carpete com muita força e rapidez e depois dar um tapa no braço de Jules. Foi assim que me senti quando ele olhou para mim. Exceto que o choque não foi nada doloroso. Apenas preenchido com algo supercarregado e emocionante.

— Aqui estamos. — Fiz um gesto em direção à pequena vitrine pintada com tinta spray em estilo grafite, Quadrinhos do Bam.

Entramos e o sino tocou na porta. Perto da caixa registradora, Bam estava sentado em seu banquinho atrás do balcão na parede à direita. Seu estilo beatnik¹ nunca combinou com seu cabelo bem cortado e a falta de barba. Sempre achei que ficaria melhor se fosse totalmente hippie. Bam era um cara peculiar, com belos olhos azuis e um sorriso perfeito. Ele brilhou no segundo que olhou para cima e me viu. Então desanimou um pouco quando ele pegou a sombra nas minhas costas.

— Feliz Dia da Corcunda, Bam.

— Para você também, pequena Evie.

Eu odiava quando ele me chamava assim, mas ele me dava um desconto tão fabuloso na minha compra semanal de gibis que eu deixava passar todas as vezes.

Ele se levantou de seu banquinho e deu um tapinha no lançamento de hoje de *Farmhand* no balcão.

— Eu tenho seu bebê todo embrulhado e pronto para você. Vai dar uma olhada hoje?

Decidi que Mateo poderia usar um pouco mais de emoção do que caminhadas na floresta, então optei por olhar.

— Sim. Vou dar uma olhada um pouco.

¹ Estilo anti-materialista.

Fiz um gesto para Mateo me seguir em direção às fileiras de trás.

— Ok, então como você é um artista, precisa ampliar seus horizontes. As ilustrações em alguns deles são absolutamente incríveis.

Olhei por cima do ombro, esperando que ele discordasse de mim, mas seu olhar estava em um dos meus favoritos de todos os tempos.

— Oh! Esse é o *Deadpool: Assassino*. É lá que Wade Wilson está lutando contra a Guilda dos Assassinos em Nova Orleans, é superlegal vê-lo em nossa cidade. De qualquer forma, ele luta contra todos os tipos de vilões. Meu favorito é a velocista empunhando uma faca chamada Colhedora.

Eu agarrei seu pulso e o arrastei para outra estante.

— Mas dê uma olhada nisso. *Vingadores Selvagens*. Tão foda. E Wolverine está de volta! Oh! *Finalmente*.

Meu coração nerd deu uma cambalhota, acelerando muito para ver Wolverine de volta à cena. Peguei a edição que comprei na semana passada e encarei meu adorável e perverso homem na capa.

— Você quer levar esse? — ele perguntou, olhando por cima do meu ombro.

— Eu já tenho.

— Você acabou de tremer?

— Sim. O Wolverine me dá arrepios. — Soltei um beijo para a capa e a coloquei de volta no suporte.

Quando me virei para seguir adiante, Mateo ficou bem na minha frente, seu peito largo bloqueando o caminho. Confusa, olhei para cima para pegar um tom amarelo passando lentamente em seus olhos castanhos. A sutil mudança de cor e a força penetrante de seu olhar sobre mim provocaram uma espécie de arrepio assustador.

— Você está bem? — Eu perguntei, prestes a dar um passo para trás e colocar alguma distância entre nós.

Ele balançou a cabeça e me deu um sorriso tenso, engolindo em seco, seu pomo de adão balançando.

— Claro. Tudo bem.

Rapidamente, ele deu um passo para o lado, juntando as mãos atrás das costas. Eu me perguntei se seu lobo estava sendo tagarela novamente. Se sim, o que diabos ele estava dizendo para fazê-lo parecer selvagem por um segundo?

Eu vaguei corredor abaixo, apontando outro favorito, controlando minha loucura desta vez.

— Agora, esse é incrível também. Eu adoro *Wolverine: Arma H*. É quando eles combinam o DNA do Hulk com o do Wolverine.

— Então, o que você está dizendo é que você gosta de Wolverine.

Ignorando seu sarcasmo, eu segui em frente, muito animada para falar sobre o grande W para alguém novo.

— Há também *O Retorno de Wolverine* e outro dos meus favoritos *O Velho Logan*. Oh! Esse é tão bom. É como nos

desertos no futuro. Você sabe, como *Mad Max* e *Road Warrior*.

Mateo olhou para mim como se eu estivesse falando russo.

— É mesmo. Você não assiste a filmes. Droga. Quer dizer que você não viu a versão mais recente de *Mad Max: Estrada da Fúria*?

Um sutil aceno de cabeça enquanto ele continuava a olhar.

— Você não tem ideia do que está perdendo. Eu me sinto tão triste por você.

Caminhei pelo corredor, apontando alguns dos meus outros favoritos, como *Star Wars: Caçador de Recompensas*, *Oblivion Song: Canção do Silêncio*, *Arma H* e *O Velho Quill*. Sinceramente, não me lembrava da última vez que divaguei tanto. Nenhuma das minhas irmãs gostava de quadrinhos. Como Mateo era quieto e atencioso, ele estava apenas pedindo a versão a todo vapor da minha obsessão. Ou vício.

Quando ele pegou uma edição de *Monsters Unleashed* e se concentrou atentamente na capa ilustrada, deslizando os dedos sobre sua beleza, eu disse:

— Eu tenho essa, se você quiser pode pegar emprestado.

— Acho que vou pegar uma dessa para mim.

Juro que devo ter parecido o Gato Cheshire, ou o Chapeleiro Maluco, ou os dois juntos. Vi uma edição de *Guardiões da Galáxia*, meu cérebro indo em outra direção.

— Sabe, eu vi essa garota em um cosplay de Gamora no Wizard World no ano passado. Juro que pensei que era na verdade a atriz Zoe Saldana.

— O que é o Wizard World?

— Mateo, sério? — Ele poderia realmente ser tão ignorante sobre o mundo exterior? Quão solitário ele deve ser. Quero dizer, com certeza ler era ótimo. Caminhadas eram boas. Mas ele tinha amigos? Quem estava permitindo que ele vivesse nesta cidade e ainda não o arrastou para o Wizard World? Suspirando pesadamente, eu disse: — É a grande Comic Con que acontece todo mês de janeiro no Centro de Convenções.

— Oh, sim. Tenho um amigo que vai, às vezes. Não sabia que era esse o nome.

— Então você nunca foi?

Ele balançou sua cabeça.

Então eu balancei a minha.

— Você não sabe o que está perdendo. É onde as aberrações e os geeks do mundo se unem.

Rindo, ele disse:

— Sim, acho que me encaixaria.

Suspirando, eu o virei em direção ao caixa.

— Tenho muito a te ensinar, jovem padawan².

² Referência à Star Wars: A expressão passou a significar jovem aprendiz, mas, na verdade, abrange ainda mais coisas. Para alcançar o posto de Padawan, era preciso que os jovens estivessem prontos para acompanhar o Mestre em estudos mais rigorosos e missões.

Ele me lançou um daqueles sorrisos de boca fechada que me deixaram toda arrepiada.

— Converti um, Bam — eu gritei enquanto caminhávamos em direção à frente.

— Ah, é? — Ele pegou o quadrinho de Mateo. — Este é um dos seus primos de fora da cidade?

A última vez que trouxe um cara comigo para a loja, era meu primo Drew, visitando de Lafayette no coração do país Cajun. Ele e seu irmão, Cole, viviam com outro feiticeiro chamado Travis, todos membros do Coven Acadiana. Eles visitavam algumas vezes por ano.

— Não. — Eu ri, olhando para o homem bagunçadamente bonito parado mais perto do que o necessário por cima do meu ombro. — Não é meu primo.

Eu notei que ele havia roçado em mim mais de uma vez para ser um acidente, mas também senti que ele precisava disso. Ele confessou seu problema com seu lobo, então percebi que qualquer feitiço com que eu nasci o ajudou apenas por estar perto de mim. Então o toque ampliaria a calma de que ele precisava. Infelizmente, ele não parecia tão calmo agora. Na verdade, parecia absolutamente tenso.

— Aqui — ele disse, passando seu cartão de crédito para Bam. — Eu vou pagar o dela também.

— Você não precisa...

— É o mínimo que posso fazer.

Sua voz estava mais áspera do que quando entramos. Na verdade, seu maneirismo também havia mudado. Onde antes ele parecia descontraído e despreocupado, agora era todo olhar ardente, ombros rígidos e voz retumbante. Deve ser o empurrão de seu lobo. A carga elétrica que estava emitindo nas minhas costas me disse que eu estava no caminho certo. Olhei por cima do ombro, mas seu olhar estava fixo em Bam, que por acaso estava demorando para passar o cartão de crédito.

Eu estava com medo de que Bam estivesse protelando, então ele provou isso perguntando:

— Vocês dois estão namorando?

Bam estava sendo um pouco intrometido. Agora não era hora de me pedir informações, porque era óbvio que Mateo não estava com disposição para bater papo.

O problema era que Bam tinha uma queda por mim, e é por isso que eu nunca estava disponível para uma xícara de café ou “algo para comer” quando ele pedia. Várias vezes. Ele era legal e eu gostava dele, mas Maybelle, minha avó, sempre dizia: “não cague onde você come”. Sabendo que Bam tinha a melhor coleção de quadrinhos de Nova Orleans, e também sabendo que eu era extremamente inconstante quando se tratava de homens, decidi que era melhor manter nosso relacionamento platônico. Algumas semanas de namoro e algum sexo decente, possivelmente até bom, não valia a pena em troca de eu perder o acesso a seus quadrinhos. Era muito mais valioso.

— Não estou namorando — eu disse rindo, então me inclinei para a frente no vidro e abaixei minha voz para um sussurro, olhando em volta com um olhar conspiratório.

Bam se inclinou para frente também, muito mais perto do que o necessário para a minha farsa de segredo.

— Esse cara aqui é um lobisomem, sabe. E eu sou uma bruxa. Ele me pagou para quebrar seu feitiço. Agora ele está condenado a me seguir e cumprir minhas ordens até que eu decida quebrá-la.

Bam olhou para mim por vários segundos e então explodiu em uma espécie de risada estrondosa. Muito burro.

— Oh, pequena Evie. — Ele estendeu a mão e puxou meu rabo de cavalo. — Você tem a imaginação mais insana, querida.

O calor intenso nas minhas costas fez os pelinhos da minha nuca se arrepiarem. Não precisei me virar para confirmar que Mateo não estava satisfeito por eu ter confessado a verdade. Só fiz isso porque sabia que Bam nunca acreditaria em mim, e foi engraçado. Ou pelo menos eu pensei que era.

Enquanto Bam passava o cartão de crédito, dei uma olhada por cima do ombro. Sim, ele era todo olhos de fogo e narinas dilatadas. Dei de ombros com um sorriso. Quando Bam entregou o cartão de crédito, Mateo se inclinou para frente, pressionando seu peito contra meu ombro, para pegá-lo de volta.

Eu captei sua carranca antes que ele a suavizasse em uma expressão em branco.

— Você está bem? — Eu sussurrei.

Aqueles olhos expressivos seguraram os meus, piscando para afastar qualquer emoção feroz que eles tinham um segundo antes.

— Tudo bem.

— Se você está dizendo. — Coloquei nossa sacola de gibis novos debaixo do braço. — Obrigada, Bam. Vejo você na próxima semana. — Então eu saí com o lobisomem em meus calcanhares.

Capítulo 5



evie

Mateo e eu nos separamos na loja. Eu precisava checar e ter certeza de que estava tudo bem antes de encontrá-lo em seu estúdio por várias horas. Desde que Isadora e Livvy foram embora, estávamos nos revezando para ajudar Clara com a Maybelle. No segundo em que entrei pela porta, meus ouvidos foram agredidos por uma versão estridente e horrível de “Defying Gravity” do musical *Wicked*. Sim. Clara estava aqui em algum lugar.

Clara era minha irmã mais doce. Sol e felicidade o tempo todo. Sem brincadeira. Era gentil demais. E eu quero dizer isso *como uma falha*. Certa vez, ela quase foi morta ao levar comida para os sem-teto sob a ponte interestadual. Ela regularmente entregava sobras; sanduíches de pepino, scones de limão e biscoitos franceses ou qualquer outra guloseima que tivessem em sua reunião semanal com o Clube de Leitura Chá da Tarde que ela organizava.

No final da tarde, ela se viu no meio de um tiroteio de gangues que invadiram os barracos. Antes que pudesse usar qualquer magia para detê-los, ela foi nocauteada. Felizmente, ela acordou completamente ilesa, exceto por um galo na testa. Ela nunca soube o que aconteceu com os atiradores. Mas com o que Clara ficou mais preocupada? Seus amigos sem-teto que tiveram que viver em meio a tanta violência. Essa era Clara.

Então sim, ela era possivelmente a pessoa mais altruísta que já conheci. Dotada de beleza e todos os tipos de atributos maravilhosos. Mas cantando? Santa mãe de Deus. Ela era uma cantora horrível. Curiosamente, sua irmã gêmea, Violet, tinha uma voz incrível para cantar. O problema era que Clara adorava cantar. Especificamente músicas de shows da Broadway. Isso a deixava feliz. Então, é claro, fingimos que não era uma tortura ouvir suas performances musicais desafinadas e improvisadas. Nós aguentávamos e deixávamos ela fazer o que queria porque é assim que agimos. Mesmo Violet – a mais brutalmente direta de nós – nunca apontou a cantoria terrivelmente ruim de sua irmã gêmea.

— Clara! — Eu chamei, porque não podia vê-la da frente da loja.

Ela saiu da sala de armazenamento na parte de trás, carregando duas caixas empilhadas cheias de novas cartas de tarô.

— Ei! — Ela sorriu. Seu cabelo dourado estava trançado e torcido no alto da cabeça. Ela parou de repente a alguns metros

de distância e engasgou, olhando para mim com interesse entusiasmado. — Uau. Você tem a mais adorável aura azul ao seu redor hoje. — Ela disse isso como se estivesse elogiando meu cabelo ou meus olhos ou algo assim. Como se eu tivesse feito algo de propósito para deixar minha aura toda bonita.

— Eu pensei que sempre tive uma aura azul? — Dei um passo à frente e peguei uma das caixas.

Ela riu como se eu tivesse dito algo ridículo.

— Você tem. — Ela examinou a luz invisível em volta dos meus ombros que só ela podia ver. — Mas hoje está praticamente vibrando. Batendo como um coração. E está tão, tão azul. — Ela piscou rapidamente, em seguida, sorriu para mim antes de ir para a prateleira da frente para o nosso mostruário de cartas de tarô.

Eu segui.

— Eu não sabia que as auras podiam bater como um coração.

— Oh, sim. Elas podem pulsar, vibrar, girar e até mesmo se tornar viscosas.

— Ai, credo. Isso soa nojento.

Colocamos as caixas no chão e começamos a puxar os pacotes individuais de dentro para colocá-los na prateleira.

Ela se ajoelhou para começar na fileira de baixo.

— Normalmente não é um bom sinal.

Clara era uma Aura. Não deve ser confundido com a luz brilhante e pulsante que via ao redor dos outros. Uma Aura era

uma designação de bruxa, o que significava que ela não só podia sentir as emoções como uma empática, mas também projetar as suas próprias nos outros. Era um tipo legal de magia, especialmente quando Violet estava de mau humor. Clara dava um choque nela com um pouco de suco de felicidade para fazê-la parar de pensar. Era especialmente engraçado quando Violet realmente *queria* ter sua própria festa de piedade e continuar sugando a alegria do cômodo, mas Clara nunca deixava.

— Então, você tem muito inventário para abastecer hoje?

— Não são bonitos? — Ela ergueu um baralho, a capa contornada em folha de ouro e exibindo uma bela mulher com um cetro.

Eu balancei a cabeça, acostumada com a linha de pensamento rebelde de Clara.

— Você tem muito estoque novo para cuidar?

Ela levou seu tempo organizando os novos decks perfeitamente espaçados.

— Não muito. Preciso infundir um pouco de magia nos novos cristais e tenho alguns feixes de sálvia para embrulhar com fita. Mas é isso. Por quê?

— Bem, é o meu dia para ajudá-la e tenho algo que preciso fazer.

Seus olhos azul-celeste se fixaram em mim enquanto ela puxava a segunda caixa em sua direção.

— O que você tem que fazer?

Acho que não poderia deixar de contar a ela.

— Lembra do lobisomem que Jules e eu estávamos falando no café da manhã? Ele pediu um favor.

Ela se ajoelhou, empilhando a próxima fileira.

— Que tipo de favor?

Cristo. Eu não podia mentir para minhas irmãs, embora não tivesse certeza se Jules concordaria com isso.

— Ele me pediu para passar algumas horas por dia com ele.

— Peguei uma caneta de pena de seu suporte de estanho, uma das bugigangas não mediúnicas que vendíamos na loja, e a girei no ar.

— É por que o lobo interior dele gosta da sua companhia?

Colocando a caneta de volta em seu suporte, eu olhei para o topo de sua cabeça loira.

— Como assim?

Ela colocou o último dos novos baralhos na fileira do meio e se levantou.

— Aposto que Mateo fica mais equilibrado quando você está por perto. Mais calmo.

— Como você sabia disso? Isso é exatamente o que ele me disse.

— Parece lógico. — Ela me deu aquele sorriso conhecedor de Clara. — Mas eu também posso ler isso em você.

Colocando a mão no meu quadril, eu fiz uma careta.

— Como você pode ler isso de mim? Isso não faz sentido.

— Ler o que de você? — Jules entrou pelo corredor que levava ao pátio dos fundos, que se conectava ao Caldeirão.

Droga.

Levantando as duas caixas vazias, Clara dirigiu-se ao caixa.

— O lobisomem que Evie está ajudando precisa de sua companhia para acalmar seus nervos.

Jules fez uma careta, cruzando os braços em seu casaco branco de chef.

— Que diabos isso significa?

— Que o mantém estável — explicou Clara. Mas isso aparentemente não estava claro o suficiente.

— Evie, do que ela está falando?

— Não é grande coisa. — Encontrei-a junto à caixa registradora onde a Clara abriu a gaveta e começou a organizar o dinheiro. — Mateo perguntou se eu poderia passar algum tempo com ele em seu estúdio para que pudesse se concentrar no trabalho. Como Clara disse, aparentemente eu acalmo seu lobo de alguma forma. Nada estranho nem nada.

Jules arqueou uma sobrancelha.

— Tem tanta coisa estranha acontecendo, mas eu acredito em você. E para ser honesta, faz sentido. Sua magia de quebradora de feitiços pode contrabalançar os efeitos de sua maldição. Na verdade, pode ser uma boa ideia você passar mais tempo com ele.

Espera o que? Chocante.

— Sério?

— Sim. Eu estou querendo saber se você pode sentir alguma coisa em sua galeria ou na sua oficina sobre o feitiço. Ou sobre a bruxa que colocou nele.

Clara fechou a caixa registradora e se inclinou sobre o balcão, com as palmas das mãos voltadas para baixo.

— Precisamos fazer uma boa roda de bruxas antes que Evie tente quebrar o feitiço.

— Verdade — eu concordei. A roda de uma bruxa amplifica nosso poder. Isso me daria um bom impulso de magia.

Jules mordeu o lábio, seu olhar tempestuoso direcionado para fora da vitrine da frente.

— Mas antes disso, precisamos que Violet veja isso. Peça a ela para ver o que pode descobrir. Qualquer informação nos ajudará.

Colocando minhas mãos nos bolsos de trás do meu short jeans, eu disse:

— Você não acha que posso fazer isso? Quebrar o feitiço?

Eu não queria que minha insegurança surgisse, mas aconteceu. Encolhi-me com a mansidão em minha própria voz. Eu nunca falhei em quebrar um feitiço, mas falhei em outras áreas. E falhei em perseguir meus sonhos por medo de fracassar. Sim. Essa palavra com f era a única que me fazia estremecer.

— Nem por um segundo, Evie. — Jules parecia incomodada com meu momento de dúvida. Como se fosse idiotice. — Mas pelo que me disse, isso é algo novo. Algo com o qual você nunca

lidou. Quanto mais informações tivermos, mais chances teremos de sucesso.

Isso fazia sentido.

— Parece bom, então. — Eu me virei para Clara. — Você está bem sozinha hoje? — De repente, percebi uma coisa. — Espere, onde está Violet? Ela pode ajudar se você precisar.

Clara acenou com a mão no ar.

— Ela saiu de novo.

A expressão pensativa de Jules se transformou em uma careta.

— Para onde diabos ela continua desaparecendo?

— Não sei. Você? — perguntei a Clara.

— Não. — Ela sorriu, puxando uma caixa embrulhada do armário abaixo do registro. — Mas está tudo bem.

Jules zombou.

— Você não está preocupada?

— Nem um pouco. O que quer que ela esteja fazendo, não está prejudicando seu bem-estar, disso tenho certeza.

Se alguém soubesse disso, seria Clara.

Jules bufou, virando-se para a porta enquanto murmurava:

— Eu simplesmente não gosto de segredos.

Clara abriu a caixa com cristais lacrados de plástico dentro.

— Pobre Jules. Sempre se preocupando com as coisas erradas.

— O que você quer dizer? Ela se preocupa com *tudo*.

Ela riu.

— Verdade.

— Bem, se você ficar bem, eu vou embora.

— Sem problemas. — Ela despejou uma bolsa de plástico com ametistas roxas na palma da mão e fechou os dedos em volta delas. Então uma pulsação de sua magia chiou no ar, um brilho fraco emanando de sua mão e dedos enquanto bombeava um feitiço de alegria neles. — Vá cuidar do seu lobisomem. Eu vou ficar bem sozinha.

— Tudo bem, então. — Com isso, eu me dirigi para a porta.

— Mas ele não é meu lobisomem — gritei por cima do meu ombro.

Sua risada me seguiu porta afora.

Capítulo 6



mateo

Ela me disse que tinha que parar na loja e então me encontraria no estúdio mais tarde. De jeito nenhum eu tentaria trabalhar novamente na minha escultura atual sem ela lá, mas eu poderia fazer outro trabalho. Passando pela porta da frente da galeria, acenei para Missy atrás do longo balcão contra a parede de tijolos ao longo da parte de trás da galeria.

— Bom dia. Alguma novidade?

— Bom dia, Sr. Cruz! Ainda não, mas Kyle ligou para dizer que estava trocando algumas pinturas esta tarde.

Sua saudação super brilhante me irritou ainda mais hoje, e eu sabia o porquê.

— Gostaria de tomar um café antes de ir para o estúdio? — Seu sorriso brilhante irradiava.

Missy trabalhava para mim há dois anos e conhecia minha rotina, mas eu estava longe de estar seguindo a minha rotina.

Bem longe. Se eu fosse honesto, estava fora do meu maldito controle.

— Café seria ótimo. Estarei no escritório esta manhã por um tempo.

Caminhei pelo estúdio, notando um marcador de VENDIDO em uma das pinturas de mídia-mista de Sandra. Eu não tinha vendido muito do meu próprio trabalho na galeria, mas a porcentagem de comissão dos artistas que alugavam meu espaço mantinha o lugar funcionando. Minha renda real vinha de comissões privadas e as demandas chegavam mais rápido. Mas, diabos, eu estava trabalhando muito mais devagar com o Alfa constantemente na minha bunda.

Sempre me culpando, não é? Talvez você tenha perdido seu talento.

Você não perde sua criatividade.

Tem certeza disso? Porque seu novo trabalho é uma merda.

O que diabos você sabe sobre arte?

Eu sei que os peitos de sereia precisam ser maiores.

Caminhei pelo corredor e entrei em meu pequeno escritório, depois me acomodei na mesa. Olhei para as faturas empilhadas ordenadamente na minha caixa de entrada, mas minha mente se desviou assim que comecei a folheá-las.

Bam. Que tipo de nome era Bam? *Você está brincando comigo?* Que tipinho. Ele era muito bonito e elegante para administrar uma loja de quadrinhos. Esses caras não deveriam

ser desgrenhados e barbudos usando camisetas tie-dye?
Quando ele tocou o cabelo dela...

Devia ter puxado o braço dele para fora do ombro.

Jesus. Você pode, por favor, ir embora por cinco malditos minutos?

E é melhor ele manter os olhos na cabeça antes que eu os tire com uma colher.

Uma colher? Quem é você?

Um grunhido.

Eu sou o Alfa. Já não discutimos isso? Você está ficando gagá ou algo assim? Você tem apenas cem anos.

Para um lobisomem, isso significava que eu estava no auge, mas ele me fez pensar. Eu definitivamente estava perdendo a cabeça.

— Aqui está, Sr. Cruz.

Missy enfiou a cabeça com a xícara de café perfeita, como sempre. Eu tentei fazer com que ela me chamasse pelo meu primeiro nome, mas ela tinha dezoito anos quando a contratei e não conseguia lidar com a familiaridade, o que estava bom para mim. Seus olhares persistentes me avisaram desde o início que ela tinha uma paixonite. Quando percebi isso, parei de pedir que me chamasse pelo meu primeiro nome. Melhor manter essa barreira levantada. Ela era apenas um bebê.

Você sabe quem é uma mulher?

Por favor, não agora.

Evie.

— Obrigado, Missy — eu consegui dizer.

— Você está bem, Sr. Cruz? Você parece estressado ultimamente. Há algo que eu possa conseguir para você?

Evie.

Pare!

— Não, Missy. Apenas algumas coisas em minha mente.

Você tem que se controlar.

Esse é o problema. Eu não estou no controle. Ainda não.

Mas eu estarei.

Juro, se eu te desse rédea solta, eu teria uma série de ISTs até domingo.

Lobisomens não morrem de doenças. Eu vou aproveitar minhas chances.

O inferno que você vai. Eu ainda estou no comando.

Por enquanto.

Um arrepio primitivo percorreu meu corpo. Sua ameaça de assumir o controle me abalou com um medo real. Toda a minha vida, eu estive no controle total da besta. Exceto nos meus primeiros dias.

Assim que o lobo começava a me coçar por dentro todo mês, eu arrumava minhas coisas e ia para a floresta, longe dos humanos por uma semana ou mais. Era uma queimação controlada, a liberação purgando os impulsos animais que viviam dentro de mim.

Mas este feitiço. Cristo. Assim que ele se fundiu com a minha psique, invadindo meus pensamentos em um fluxo

constante, comecei a temer o que aconteceria quando eu finalmente pudesse soltá-lo. Eu também estava com medo de não voltar a mim mesmo se ele assumisse. Os impulsos, necessidades e pensamentos não eram apenas de Alfa. Eles se tornaram meus também. Eu reduzi minha necessidade de sangue comendo principalmente bife semi-cru vários dias por semana.

Na transformação, eu caçava até a sede de sangue diminuir. A luxúria carnal eu conseguia lidar bem fora da transformação, graças a Deus. O problema era que eu não era o cachorro que Alfa queria que fosse. Eu era um monogâmico em série, tendendo a manter uma mulher por um período de tempo antes que ela se cansasse de mim ou vice-versa. Caroline mudou-se há cerca de três meses atrás, depois que ela me deu um ultimato para levar nosso relacionamento para o próximo nível. Eu nunca fui para o próximo nível. Eu não podia. Nunca.

Se eu fosse, chegaria um momento em que teria que explicar a ela por que tinha que fazer uma viagem de uma semana sozinho na floresta uma vez por mês, e com o tempo ela perceberia que eu não envelhecia. Quero dizer, eu envelheço, mas não na mesma proporção que um humano. Eu estava no começo dos cem, mas parecia ter trinta. E eu ficaria assim por mais cinquenta. Não. Melhor manter uma mulher por alguns meses ou um ano e seguir em frente. Eu poderia conseguir tudo o que precisava apenas assim.

Então, onde está nossa próxima possibilidade? Sua mão só pode ajudar por um tempo. Precisamos de carne. Pele quente. Aquela bruxa selvagem.

Não vai acontecer.

— Oh, Missy — eu gritei para o corredor onde ela havia desaparecido.

— Sim, senhor? — Ela voltou para a porta.

— Estou esperando alguém. Evie Savoie. — Não consegui evitar o tom áspero da minha voz com a mera menção do nome dela. — Você me avisa quando ela chegar?

— Sim, senhor. — Ela se abaixou com os olhos arregalados.

Pobre garota. Ela notou meus humores bruscos, mas continuou doce e educada como sempre.

De volta a Evie. Por que não ela?

Você é um completo idiota? Porque ela está nos ajudando a nos livrar desse feitiço.

Então.

Então?

Eu coloquei minha cabeça em minhas mãos, meu joelho pulando a cento e quarenta quilômetros por minuto. Uma risada rouca retumbou no meu peito. Foi a risada do Alfa, mas saiu de mim.

De verdade. Você precisa se retirar, Alfa.

Língua estrangeira. Não sei o que você está dizendo.

Você sabe exatamente o que estou dizendo. Não a perseguiremos. Fim de discussão.

Você a quer.

Eu quero que ela nos ajude, sim. Quebre essa maldita maldição para que possamos voltar ao normal.

Uma risada áspera. Mais uma vez, saiu do meu peito, ecoando nas pequenas paredes do escritório. Tirando sarro de mim.

E lá estava. Outro tremor de medo percorreu meu corpo e apertou meu peito com uma pontada aguda. Aquele sempre presente sinistro *e se* pairava por perto.

Eu não estava apenas preocupado com a próxima transformação e o que o lobo faria para saciar seu desejo por sangue e violência. Eu temia que ele assumisse o controle total. Temia o que ele faria se eu me deixasse levar para a cama com uma mulher agora.

Especialmente uma que eu...

Eu folheei até a próxima fatura, nem mesmo vendo o que estava no papel, meu joelho saltando novamente com o rápido toque do meu calcanhar.

Deus, você a quer, porra?

A saudação feliz da voz de Missy veio da galeria da frente quando alguém entrou.

— Sim, estou aqui para ver o Mateo.

Evie. Uma estranha sensação de embrulho agitou-se em minha barriga, uma sensação aquecida que zumbiu ao longo de minha pele. Eu não reconheci a sensação. Tudo o que sabia era que estava de pé e eles se moviam. Homem e besta precisavam

estar perto dela, e não havia nada no vasto mundo que eu pudesse fazer para negar isso.

Sua proximidade era tudo que eu precisava. Sim. Eu poderia manter todos os pensamentos e desejos nefastos sob controle.

Pode tentar.

Ela estava apertando a mão de Missy com um sorriso caloroso quando entrei. Aquele sorriso. A maneira como seus olhos brilharam – de fato, brilharam – transformando-a de bonita em etérea, irradiando algum tipo de aura angelical. Atordoados. Eu estava fodidamente atordoados, perplexos, perplexos pela força de seu maldito sorriso. Eu realmente estava perdendo a cabeça. Eu estava meio obcecado por essa garota depois de conhecê-la há menos de vinte e quatro horas.

Não há meio-termo, irmão.

Ansioso para trazê-la de volta ao estúdio para que eu pudesse começar a trabalhar e parar de me fixar em seu sorriso celestial, fiz uma apresentação apressada.

— Missy, esta é minha... Evie. Evie, minha assistente, Missy.

— Prazer em conhecê-la — disse Evie antes de eu direcionar ela com uma mão em suas costas em direção ao corredor. O breve roçar me lavou com calma. Ela arqueou uma sobrancelha por cima do ombro. — Com pressa?

— Sim. Eu preciso trabalhar.

— Sem problemas. — Ela deu um tapinha na mochila de couro sobre um ombro. — Eu trouxe coisas para fazer enquanto você trabalha.

— Incrível.

— Mas você só tem três horas e quinze minutos restantes.

— O que você quer dizer?

— Quatro horas por dia. Esse era o acordo. Passamos pelo menos quarenta e cinco minutos na loja do Bam. E como eu disse, não vou ficar sentada só olhando em algum estúdio suado.

Eu estava praticamente empurrando-a pela porta no final do corredor e saindo pelo pequeno pátio de tijolos que ligava minha galeria ao meu estúdio e apartamento. Enquanto caminhávamos pelo pátio, Evie girou abruptamente em torno de mim em direção à peça central do meu pátio.

— Uau — ela sussurrou.

Centrado em um quadrado de um pequeno jardim de tijolos, que eram principalmente plantas verdes em meados de outubro, sem flores tão tarde da estação, estava uma das minhas primeiras peças que eu já fiz. Era Hades, alto como o deus do submundo, ele estava com um pé de sandália virado para a frente, sua túnica flutuando em uma brisa invisível, uma mão segurando seu cetro de duas pontas, a outra descansando na cabeça de um cão infernal na altura da cintura.

Evie circulou a peça, seu olhar de admiração me puxando para mais perto. Mas eu não disse uma palavra quando ela fez uma segunda passagem, estendendo sua mão delicada e traçando o braço do deus que segurava o cetro em forma de garfo.

— Como... como você faz o metal parecer que está se movendo? — Ela balançou a cabeça. — Quero dizer, parece que a capa dele está ondulando ao vento. É insano. — Ela desviou sua atenção da escultura para mim, uma expressão de puro espanto escrita em seus olhos sorridentes e boca levemente erguida.

Eu não sabia como responder. Outros artistas e críticos me questionaram mil vezes sobre meus métodos de construção. Por alguma razão, não consegui encontrar as palavras para responder.

Ela deixou seus dedos passarem pela cabeça do cão e então caminhou ao meu encontro.

— Você é muito bom, não é?

Uma injeção de adrenalina pulsou em minhas veias com sua admiração escancarada. Pela maneira como havia tocado o metal. Engolindo em seco, dei dois passos até a porta e a abri para ela.

— Depois de você.

Ela atravessou e entrou na minha oficina, olhando para a porta fechada que levava ao meu apartamento no andar de cima, mas depois observou os arredores do meu espaço de trabalho.

Ela assobiou e então riu.

— Alguém é doido por limpeza.

Tentei ver o que ela via, notando minha mesa de trabalho com tudo em seu lugar, exceto o capacete ainda no chão onde eu o havia deixado esta manhã. Eu peguei.

— Gosto das coisas em ordem.

— Percebi. — Ela deu uma longa olhada ao redor da sala. Segui seu olhar, percebendo que não tinha sequer uma cadeira para ela se sentar.

— Ah, merda. — Me dirigi para a porta que dava para o andar de cima do meu apartamento. — Esqueci de pegar uma cadeira para você.

— Não se preocupe — ela disse, já deslizando para o chão contra a parede. — Eu prefiro me esticar no chão de qualquer forma.

— Tem certeza? Eu posso...

Ela acenou com a mão, já abrindo o zíper de sua mochila e tirando a revista em quadrinhos que comprou esta manhã.

Nós compramos.

Sim. Pequeno preço a pagar para tê-la aqui. Essa foi a primeira vez que Alfa falou desde que ela chegou. E a pressão mental que eu sentia de seu empurrão constante havia derretido no segundo em que ela estava a centímetros de mim.

Ainda quero encontrar aquele Wolverine e desafiá-lo para um combate mano-a-mano.

Sim. Você já disse isso na loja de quadrinhos.

Aquele homem-animal acha que pode conquistar nossa Evie? Ele não tem ideia com quem está lidando.

Olha quem estava chamando quem de homem-animal.

Como eu te disse, Wolverine não existe

Mas ela beijou sua imagem e disse que ele lhe dá arrepios.

Sério, era como falar com um homem das cavernas.

Só nós podemos dar-lhe arrepios.

— Tudo bem, então — eu disse, focando em Evie. — Então você está bem?

— Estou bem. — Ela olhou por cima da borda de sua revista em quadrinhos e sorriu antes que seu olhar voltasse para as páginas.

Aqueles olhos. Eles pareciam verde musgo no espaço sombrio do meu estúdio. *Pare de ficar obcecado!*

Eu não estou obcecado. Estou tramando. Planejando.

Eu não estava falando com você.

Então agora você está me ignorando, mas falando sozinho? Se recomponha, irmão.

Você é inacreditável.

Sim, eu sou. Extraordinário, na verdade. E assim que encontrar aquele Wolverine, vou provar.

Revirando os olhos, caminhei para o lado oposto e levantei a porta da garagem, que dava para a entrada estreita onde minha caminhonete estava estacionada. A porta aberta deixava entrar a luz do sol e o ar fresco para que a sala não ficasse abafada com o cheiro de metal derretido e o calor da tocha.

— Você se importa se eu colocar música? — Eu perguntei.

Seus olhos se moveram para mim por cima da revista em quadrinhos novamente. Com um encolher de ombros, ela disse:

— Este é o seu lugar, Mateo. Faça o que for necessário. — Ela bateu no relógio. — Você tem três horas restantes.

Com isso, me movi rapidamente, colocando meu celular na prateleira ao lado do meu alto-falante Bose sem fio e apertei o play na lista de reprodução número três. Uma vez que as luvas, o capacete e a tocha estavam em mãos, sentei-me em meu banquinho de trabalho em frente à escultura e comecei a trabalhar.

Jesus. Eu não podia acreditar como isso parecia fácil. Era como se sua presença sussurrasse para minha musa, canalizando minha energia em minhas mãos e dedos para fazer o trabalho para o qual foi feita. Respirando fundo, inclinei-me mais perto e deixei a música me levar para aquele lugar onde apenas a arte importava. Pela primeira vez em dois meses, consegui fazer isso sem dar uma espiada no Alfa.

Porra, eu poderia precisar de mais de quatro horas por dia. Mas, por enquanto, eu aceitaria qualquer coisa que ela me desse.

Capítulo 7



evie

Doce Mãe de todas as coisas sagradas. Como eu ia me sentar aqui e olhar para aquilo quatro horas por dia e não me afogar em uma poça da minha própria baba?

Eu estava bem nos primeiros trinta minutos, completamente imersa em minha nova história em quadrinhos. Mas depois de esboçar um pouco no meu tablet, por acaso olhei para cima enquanto tocava “Seven Devils” de Florence & the Machine e quase tive um ataque cardíaco.

Ele estava trabalhando nesta escultura legal, mas simples, de uma sereia saindo da água, com as mãos apoiadas em uma rocha, os braços esticados, o leque de sua cauda levantando-se em um arco atrás de si. Não era apenas sua habilidade com metalurgia, onde ele magicamente derretia pequenas hastes de metal em obras de beleza tridimensionais de várias camadas, mas observando o homem fazê-la.

Tão focado. Tão intenso. Ele estava curvado agora, sua camiseta puída como uma segunda pele em suas costas e torso. Na verdade, eu podia ver a definição total de seus músculos oblíquos enquanto se curvava e esticava os braços para trabalhar. Ele colocou a tocha e o capacete de lado, ainda usando luvas de proteção e usando algum instrumento de metal para moldar os seios dela. Seus dedos enluvados pressionaram e acariciaram a inclinação superior para marcar sua clavícula, tornando-se mais definidos sob seus dedos talentosos. Minha pele formigou com a consciência de como aquelas mãos seriam em mim.

E por que eu estava pensando nisso?

Nada de lobisomem. Nada de lobisomem. Nada de lobisomem.

Talvez se eu repetisse o suficiente e de forma rápida, isso se infiltraria em meu subconsciente e faria efeito. Mas agora, meu corpo e cérebro estavam dizendo a Jules que ela e suas regras poderiam se danar.

Ele se levantou de seu banquinho, então ergueu a tocha e uma nova haste de metal com as pinças. Ele derreteu as pequenas barras de aço e as colocou em camadas ao longo da formação de seu rosto, a parte mais incompleta. A partir de agora, ela tinha uma mandíbula e uma camada esquelética para o crânio. Sem cabelo ainda. Mas ele se movia com tanta facilidade e confiança que eu sabia que ele podia vê-la em sua mente. Mais uma vez, ele colocou a tocha de lado para poder

usar aqueles dedos para acariciar sua mandíbula e moldar o metal amolecido ao redor de sua orelha.

Seu cabelo havia caído para trás enquanto inclinava o rosto para focar, a boca ligeiramente aberta em concentração. A música pulsava e o suor escorria por seus antebraços musculosos. Seus bíceps apertaram com cada pressão de seus dedos, as veias em seus braços proeminentes do sangue bombeando forte no estúdio aquecido. Então, ele me enganou totalmente.

Ele voltou a trabalhar em sua boca, alisando e pressionando, passando a ponta do polegar ao longo do lábio inferior. Sua concentração intensa, a maneira como esculpia com movimentos rápidos e hábeis de seus dedos, a beleza inacreditável que ele criava com nada mais que aço, calor e talento, eu estava completamente hipnotizada. Admirada. E se tivesse que admitir, com um pouco de ciúmes.

É isso.

Enfiando meu tablet na mochila, subi pela parede e me afastei, indo em direção à porta.

— Onde você está indo?

Ele parou com as mãos no ar, cobrindo o seio dela enquanto olhava para mim com um olhar de horror. Cristo. Minha proximidade era tão importante que ele parecia estar em pânico com a ideia de eu ir embora? Lambi meus lábios. Seus olhos castanhos intensos caíram para os meus lábios e então se levantaram novamente.

Apontando o polegar por cima do ombro, eu disse:

— Apenas indo ao banheiro e uma pausa para me esticar.

Você tem um banheiro na galeria?

Ele balançou a cabeça lentamente, sua expressão mudando para preocupação.

— Não demore.

Tão mandão.

— Eu não vou.

Deslizei pelo pátio, notando que sua escultura de Hades permanecia como uma sentinela, observando-me passar. Dei-lhe uma pequena saudação e continuei. Encontrei um banheiro em frente ao escritório no corredor. Depois disso, me aventurei na galeria em vez de voltar direto para a oficina.

Sua assistente, Missy, estava ao lado de um casal que admirava uma escultura com metade do tamanho da sereia em que ele trabalhava nos fundos. Era uma representação de um soldado grego com uma espada pendurada em uma das mãos. Ele encarou uma linda mulher em uma estola, segurando uma de suas mãos. A outra descansou em seu peito enquanto ela olhava em seus olhos.

Missy estava respondendo às suas perguntas.

— Foi logo antes de o rei Leônidas partir para a batalha nas Termópilas. Este foi o último momento em que ele olhou para sua esposa, a rainha Gorgo.

— Fascinante — disse o homem de meia-idade —, como ele capturou suas expressões faciais com metal assim.

— É, não é? — Missy estava obviamente orgulhosa do trabalho de seu chefe, seus olhos brilhando de adoração. — Sr. Cruz cria peças únicas. Ele nunca cria o mesmo personagem grego duas vezes.

— Nunca? — perguntou a mulher, apertando uma mão delicada com uma pedra de diamante no braço do marido. Pelo menos, presumi que fosse o marido dela.

— Não Senhora. Ele quer que cada colecionador tenha um verdadeiro original.

— Impressionante — acrescentou o marido.

— Ele é. — Ah, cara. Parecia que Missy tinha um pouco de adoração por seu chefe, como se ele fosse um herói. Não podia culpá-la. — Você está interessado nesta peça, Sr. Cooper?

Ele mordeu o lábio, olhando para a escultura com os braços cruzados por um minuto inteiro antes de assentir.

— Sim, vamos levá-la. Mas nós somos de fora da cidade. Dá para embalar para viagem? Voamos para casa no domingo.

— Com toda certeza. — Missy girou ao redor deles, sua saia evasê queimando com a virada enquanto ela passeava de volta para o balcão, seus lindos cachos saltando em seu ombro. — Deixe-me fazer uma ligação e cuidaremos disso para você.

Eles a seguiram para pagar a compra, sua esposa sorrindo com a alegria que viu no rosto do marido. Ela pegou a mão dele e levou as mãos unidas à boca dele. Ele roçou os lábios na parte de trás dos nós dos dedos, antes de soltá-lo e cuidar de Missy. Uma pontada de... algo apertou meu coração. Era uma coisa tão

pequena. Um momento fugaz entre duas pessoas que obviamente se amavam há muito tempo. Não foi um toque pegajoso e carente, mas um toque rápido e cuidadoso que dizia muito. Um tipo de amor profundo e conhecedor.

Ele picou dentro do meu peito. Eu tinha trinta e oito anos, embora parecesse mais jovem, e ainda não tinha experimentado nada parecido com o que aquele casal tinha. Claro, eu tive muitos namorados no passado, principalmente humanos, que eu sempre terminava antes de ficar muito sério. Não havia como eu me contentar com um humano. Se ele aceitasse o fato de que eu era um sobrenatural, ainda não queria sobreviver sem ele por algumas centenas de anos. Eu só tive um relacionamento sério. E acabou porque, bem, ele simplesmente não me entendeu.

Derek havia se mudado para Nova Orleans para terminar sua residência como médico. Meu primo Drew de Lafayette o apresentou a mim e minhas irmãs para que ele tivesse alguns contatos no mundo das bruxas. No começo, ele era maravilhoso. Tão gentil e atencioso com meus interesses e meus outros hobbies. Bem, para ser completamente honesta, minha arte não era um hobby. Era um sonho. Ele achou cativante minha obsessão por quadrinhos e desenhos peculiares. Suas palavras, não minhas. Mas depois de um ano, ele começou a insinuar que eu deveria começar a ser mais séria, o que significava me vestir mais como uma adulta e fazer coisas mais adultas, como ir a coquetéis chatos de coven com ele.

Eu tentei. Eu realmente tentei. Mas quando ele finalmente me disse que eu precisava parar de agir como um adolescente e me tornar o tipo de parceira que ele queria para sustentar seu estilo de vida no escalão superior da sociedade no mundo das bruxas, tive que deixá-lo ir.

Eu ri, embora ainda doesse, lembrando-me do olhar de choque em seu rosto perfeito quando terminei com ele. E quero dizer perfeito, como um Michelangelo impecável. Ver aquele mármore sereno quebrar em descrença era mais cômico do que doloroso. Ele não podia acreditar que eu – a pseudo-artista e garçonete imatura – estava desistindo de toda a maravilha magnânima que era o Dr. Derek Charles Sullivan, aristocrata rico e feiticeiro respeitado. Não importa o fato de que ele usou os meus contatos e da minha família para ser introduzido naquela sociedade que tanto queria. Às vezes, eu pensava que era tudo o que ele queria de mim em primeiro lugar.

Na verdade, ele me enviou um cartão eletrônico de aniversário alguns meses depois que terminamos, desejando-me felicidades e informando que não tinha ressentimentos após o término. Pfft. Sério? Mas *então* notei que ele se certificou de enviar o cartão eletrônico de seu e-mail profissional, a assinatura carimbada com seu título na parte inferior, *Chefe do Coven, Grande Baton Rouge*. Ele subiu a escada do coven e assumiu o controle de Baton Rouge e arredores em menos de três meses depois que terminamos. Ele estava basicamente me mostrando

o que eu perdi depois de deixá-lo. Isso só me deixou grata e mais certa de que terminar foi a coisa certa a fazer. Mandar aquele maldito cartão para esfregar na minha cara gritava alto e claro que ele não era para mim. Que idiota. Fiquei aliviada por me livrar dele.

O mundo das bruxas era um pequeno círculo, então nossa escolha de cônjuges era praticamente microscópica. Daí, a razão pela qual minhas irmãs e eu ainda éramos solteiras, agora na casa dos trinta. Bem, na verdade Jules tinha quarenta e dois anos, embora parecesse mais jovem do que todas nós, com seu tamanho de duende.

Era disso que se tratava a Reunião Anual da Guilda e Coven. Era para ser uma reunião de cabeças de coven para compartilhar o status atual de cada região. Jules sempre arrastava uma ou mais de nós com ela. Cada cabeça levava uma comitiva para o coquetel final para encerrar a Cimeira, que resultou em mais de um casamento ao longo das décadas.

Felizmente, Jules parou de me implorar para ir por razões óbvias e sempre foi gentilmente dispensada. A última coisa no mundo que eu queria era ter o Dr. Derek se vangloriando de mim com uma loira de pernas de modelo em seu braço.

Não é que eu sentisse falta dele. Nem remotamente. É que ele me fez sentir mal por causa dos meus sonhos. Me fez sentir pequena. Menor. E porque eu ainda tinha que ir e realizar esses sonhos, não queria ser lembrada do meu fracasso. Era como se seus comentários sobre minha lamentável tentativa de ser uma

artista tivessem aberto buracos em minhas velas, e eu não pudesse me aventurar em águas abertas caso ele estivesse certo e eu acabasse afundando e me afogando.

Então mantive esses sonhos perto do peito, recusando-me a ir muito longe da minha zona de conforto. Jules sabia, mas não me pressionou. Eu iria para ele quando estivesse pronta.

E ficar aqui, olhando para o talento insanamente belo de Mateo em impressionantes obras de escultura, me deu vontade de me enrolar em posição fetal e esconder esses sonhos para sempre. Talvez Derek estivesse certo. Talvez eu fosse uma piada.

— Evie?

Eu me virei e engasguei de surpresa, não tendo ouvido ele andar atrás de mim. Ainda suado, mas agora com o cabelo preso em um rabo de cavalo curto, alguns fios soltos, ele fez uma careta.

— Você me assustou pra caralho.

Ele entrou no meu espaço pessoal.

— Você está bem?

Olhei ao redor, percebendo que o casal já havia saído e Missy nem estava atrás do balcão. Eu estava parada em um canto da galeria, olhando para uma pintura a óleo de um carvalho em cores abstratas por não sei quanto tempo.

— É claro. — Minha voz era muito aguda, quase esganiçada.

— Por que eu não estaria?

— Não sei. — Ele avançou ainda mais perto, olhando com muita intensidade.

Senti um bom cheiro de seu perfume natural misturado com suor e algum tipo de sabonete masculino que fez minha pulsação disparar. Old Spice? Certamente, Old Spice não poderia cheirar tão bem e me fazer querer lambê-lo.

— Hum, eu estava apenas admirando esta pintura. — Eu apontei, tentando desviar seu olhar excessivamente observador de mim.

Ele olhou para a paisagem, brilhando em vermelhos ardentes, laranjas e amarelos.

— Essa é uma das peças de Sandra.

— Sandra?

— Uma das artistas que aluga espaço na galeria para expor seus trabalhos. — Sua atenção voltou para mim, uma carranca vincando sua testa novamente. — Você parece no limite ou algo assim.

— De jeito nenhum. — Engoli em seco e dei um passo para trás, então olhei para o meu relógio. — Olhe. Eu tenho uma tonelada de coisas para fazer antes do meu turno esta noite.

— Eu pensei que você disse que não tinha que trabalhar hoje à noite.

— Oh, bem, sim. Jules disse que precisava de mim no último minuto. — Dei de ombros, nunca tendo sido uma grande mentirosa.

— Minhas quatro horas ainda não acabaram. — Ele parecia completamente triste.

A culpa me deu um soco no estômago e me chamou de idiota total. Eu não podia abandoná-lo por causa de minhas próprias inseguranças, só porque eu estava me sentindo um fracasso enquanto ele era incrível em todos os sentidos – exceto por se transformar em um monstro uma vez por mês quando não estava enfeitiçado.

— Hum. Sim. Certo. Bem, vamos acabar logo com isso. — Eu caminhei de volta para sua oficina e sentei no chão como antes, arrancando meu tablet antes mesmo de ele entrar atrás de mim.

Mas não trabalhei na minha arte como deveria. Minha inspiração murchou mais rápido do que o ego de Derek na noite em que terminei com ele. Concentrei-me em minha própria miséria e covardia enquanto lia alguns quadrinhos no aplicativo do *Webtoon* pela próxima hora até meu tempo acabar. E eu certamente *não* espiei o lobisomem sexy enquanto ele criava uma beleza inimaginável com pequenas hastes de aço.

Não. Nem uma vez.

Capítulo 8



evie

— Quatro horas. — JJ disse isso como se estivesse repetindo um diagnóstico de fungo; meio descrente, meio desgostoso.

— Sim. Então? — Dei de ombros e limpei o bar pela terceira vez, minhas mãos se movendo sem parar desde que entrei no turno há duas horas.

— Pensei que Jules não gostasse que vocês trabalhassem com lobisomens.

— Eu também. Mas, aparentemente, é mais uma política de agir com cuidado do que não trabalhar com lobisomens. Uma espécie de área cinzenta.

JJ balançou a cabeça enquanto passava um cartão de crédito na caixa registradora, me deu um de seus olhares, então marchou até o bar para passar o recibo e o cartão para o cliente sentado lá no final.

— Ele não acha que é uma boa ideia — disse Charlie, bebendo sua Sangria de Maçã Venenosa com um longo canudo.

Charlie era o melhor amigo de JJ. Ele estava sempre impecavelmente vestido e não tinha filtro. Ele também era um dos poucos humanos que sabia o que éramos.

— É só trabalho.

Ele sorriu.

— Você fica tão fofa quando mente.

— Eu não estou mentindo.

— Viu? Tão fofa.

JJ caminhou de volta, fazendo aquela sobrancelha acusadora.

Isso era ridículo. Eu plantei uma mão no meu quadril.

— O que?

— O que você quer dizer com o quê? — Ele cruzou os braços musculosos sobre o peito perfeito. — Eu o vi perder o controle na outra noite. Por uma fração de segundo, pensei que ele fosse estripar você.

— Oh, por favor. — Acenei com a mão na frente do meu rosto como se isso fosse uma conversa maluca. Mesmo enquanto me lembrava do lampejo amarelo em seus olhos na loja de Bam. — Ele só poderia fazer isso se realmente se transformasse em lobo. E esse é o problema. Ele não pode.

O que significava que eu estava totalmente segura, certo?

O olhar de JJ se estreitou.

— Eu também vi um olhar diferente em seus olhos na outra noite.

— Diga — disse Charlie, bebendo sua sangria com as sobancelhas levantadas.

Eu me aproximei.

— Diferente como?

— Do tipo faminto — disse JJ. — Não por sangue.

— Você está imaginando coisas. Ele precisa de ajuda. Jules liberou, e isso é tudo.

— Isso é tudo?

— Sim. — Evitei seu olhar que tudo vê examinando minhas mesas. Inferno, se eu não soubesse que ele era humano, eu o consideraria um vampiro com sua intuição supersônica.

— Então, o que você fez com suas quatro horas hoje? — JJ perguntou casualmente, acenando para um novo cliente que se sentou em um banquinho.

Charlie riu.

Eu lancei um olhar para JJ.

— Você disse a Charlie?

— Não é segredo.

— Era privado — eu gritei.

— Talvez — acrescentou Charlie com um ar superior. — Mas a verdadeira razão pela qual não quer que ninguém saiba é porque você tem tesão pelo seu lobisomem gostoso.

Viu. Sem filtro.

— Tanto faz. — Dei de ombros. — Ainda não nos encontramos hoje. Vamos nos encontrar depois do meu turno. — Esfreguei uma mancha inexistente no topo do balcão.

JJ riu muito conscientemente, pegando o copo vazio de Charlie do bar.

— Espere. Eu preciso atender ele.

Ele foi até o novo cliente, pegou um chope e o entregou, depois voltou para o meu lado.

— Entããã — ele pronunciou a palavra com um sorriso. — Por que vocês não puderam se encontrar até depois do anoitecer? E onde você está gastando suas quatro horas esta noite?

— Você pode fazer muita coisa em quatro horas, querida Evie. — Charlie jogou uma nota no bar.

Revirando os olhos, informei-os com minha voz sensata:

— Clara precisava de minha ajuda para reabastecer as prateleiras da loja, então Jules precisava de mim para fazer algumas tarefas na cozinha. Quer dizer, eu tenho responsabilidades, JJ.

Ele olhou para cima e para a esquerda, murmurando para si mesmo:

— Se meus cálculos estiverem corretos, você teria levado cerca de três horas. Fui eu quem entregou as caixas na loja. A remessa de Clara não demoraria muito, nem as tarefas de cozinha de Jules. Então você o estava evitando de propósito hoje ou só queria esperar para encontrá-lo esta noite por algum outro motivo nefasto.

— Bingo. — Charlie sorriu.

Maldito seja!

— Você está tão errado. — Ele estava tão certo. — Eu tenho uma vida própria. — É verdade, mas eu estava evitando totalmente Mateo. Honestamente, nem tinha certeza do porquê exatamente. Eu só precisava de um pouco de espaço.

— Tenho certeza que sim — ele disse sarcasticamente, compartilhando um olhar com Charlie. Dei um soco no braço de JJ.

— Ai. — Eu apertei minha mão, sentindo como se tivesse acabado de bater em uma parede de tijolos. — Você precisa desacelerar nos treinos, Sr. Universo.

— Blasfêmia. Cala a sua boca. — Charlie girou em seu banquinho em minha direção. — Seu físico é a isca perfeita como meu companheiro.

JJ o ignorou, mantendo seu foco em mim.

— Pare de tentar me distrair. O que você faz depois de horas com ele? — Sua expressão ficou séria, severa até. Ele tinha cara de irmão mais velho, embora não fôssemos parentes de forma alguma e eu fosse muito mais velha que ele.

— Tudo bem. Fazemos sexo selvagem e lupino à luz da lua.

— Quem está fazendo sexo selvagem e lupino? — Violet praticamente apareceu do nada bem atrás de mim no bar.

Eu pulei em seu esgueirar sorrateiro.

— Ninguém — eu soltei.

Ela sorriu.

— Ah, Evie. Vá, garota!

— Eu estava brincando! Eu nunca...

— Ah, sim, ela iria — disse Charlie.

Violet estalou a língua. Seu cabelo na altura dos ombros agora estava roxo escuro.

— Bem, você está louca por não levar ele para dar uma voltinha. Os artistas são sempre bons de cama. Confie em mim.

— Ela piscou para mim e se virou para JJ. — Duas cervejas Abita Ambers e um Grim³ e Tônica.

Ele assentiu e abriu o refrigerador.

Ignorando sua pergunta, mudei de assunto.

— Gostei do fúcsia. Por que você mudou tão cedo?

Vestindo uma blusa preta de alças finas, ela encolheu os ombros como uma orquídea azul e preta.

— Acho que não sou o tipo de garota que consegue usar rosa.

Eu bufei.

— Se alguém pode usar rosa, é você. O que? É muito alegre para você?

— Foda-se, Garotinha.

Violet era a única que ainda me chamava daquele apelido de infância. Ainda não sei como o herdei já que eu era a segunda mais velha depois de Jules. Sua atitude atrevida mudou de farol baixo para alto em um piscar de olhos. Ela sorriu como um demônio e se inclinou sobre os cotovelos.

³ Piadinha com os ceifadores.

— Então, o que há com você e aquele lobisomem? Jules não vai dizer nada como de costume. — Ela balançou as sobrancelhas.

— Abaixе essas sobrancelhas. Estou apenas ajudando-o com... bem, não tenho certeza de como descrevê-lo.

— Eu sei. — JJ deslizou as duas cervejas para Violet, enfiando um canudo na bebida mista. — Aparentemente, este lobisomem é amaldiçoado, incapaz de se transformar em lobo nos últimos dois meses. *E...* — ele se inclinou para perto com um brilho conspiratório —, ele precisa estar perto de Evie para acalmar a fera interior, então eles estão... — ele citou no ar —, passando um tempo juntos. — Ele sorriu como o demônio conspirador que era. — Todos os dias. Por horas.

Violet cacarejou como um demônio, e agora ambos estavam balançando as sobrancelhas. Crianças ridículas.

Com um suspiro exasperado, eu disse:

— Não é assim.

— Por que não? — perguntou Violet. — Seria assim se eu fosse você.

— Igualmente — disse Charlie.

— Isso é um trabalho. Isso é *tudo*. Fim da história. — Virei meu rabo de cavalo enquanto me concentrava em limpar a bancada novamente. — Ele é um lobisomem. — E ele não gostava de mim assim.

— Foi o que você disse — acrescentou JJ.

Violet me lançou um olhar de quem está brincando, depois passou para JJ, que riu. Eles poderiam me enganar o quanto quisessem. Mateo era apenas um cara que eu estava ajudando. Um trabalho. Talvez uma espécie de amigo. Mas isso é tudo.

Revirei os olhos, apoiando uma mão no meu quadril.

— Se as duas vadias terminaram, temos clientes para atender.

— Sim — disse JJ, cantarolando com apreço enquanto olhava de soslaio por cima do meu ombro e mordia o lábio inferior. — E você acabou de ganhar um novo.

Na mesa do canto dos fundos, Mateo estava sentado com um cardápio na mão. A visão inesperada dele me deixou estúpida por um segundo, meu pulso martelando forte e rápido. Ele olhou para cima e pegou meu olhar, me dando um aceno de olá. Lambi meus lábios e sorri com um pequeno aceno. Havia tensão na linha de seus ombros e uma expressão tensa em seu rosto, mas mesmo assim ele parecia feliz em me ver. Não, ele parecia aliviado.

JJ se aproximou e sussurrou:

— Parece que alguém mal podia esperar até que você terminasse seu turno.

— Cale-se. — Eu me empurrei para fora do bar e me endireitei, cambaleando em meus sentimentos rebeldes de excitação ao ver suas feições perfeitas e taciturnas sob a luz fraca do abajur. Não havia problema em ficar animada com o encontro com um amigo. Era totalmente normal. Talvez estar

tão ofegante não fosse, mas eu simplesmente ignoraria isso no momento.

— Preciso tanto de um desses para mim — disse Charlie com um suspiro. — Boa noite, senhoras. — Ele acenou para nós três, então se dirigiu para a porta.

Larguei o pano no balcão, ignorando os dois idiotas rindo atrás de mim, e fiz meu caminho entre as mesas até a mesa dos fundos.

Eu não podia deixar de notar a maneira como seus olhos castanhos sensuais comiam cada centímetro de mim enquanto eu me aproximava. Tentei firmar minha respiração e colocar meu sorriso casual no lugar. Eu estava falhando miseravelmente, mas convoquei minhas melhores habilidades de atuação.

— Oi. Eu não esperava você tão cedo.

— Eu precisava... — Ele esticou uma mão sobre a mesa como se fosse me tocar, então se afastou e agarrou o cardápio como se fosse um bote salva-vidas. Olhando para baixo, ele limpou a garganta, mas ainda estava enferrujado e áspero quando disse: — Eu precisava ver você. Estar perto de você. — Ele estremeceu. — Eu sei que isso soa muito assustador.

— Muito assustador.

Ele olhou para cima, horrorizado. Mas então ele relaxou quando me pegou sorrindo.

— Entendo. Eu tenho feito algumas leituras sobre lobisomens.

— Você tem?

— Eu sei como sua mágica funciona.

— O que você quer dizer?

A magia das bruxas era muito complexa. Cada bruxa continha pontos fortes, talentos que uma poderia ter, mas outra não. Mesmo vampiros e ceifadores tinham níveis de potência em sua magia. Embora alguém pudesse nascer com tanta velocidade que parecia que eles desapareciam em vez de se moverem tão rápido, era diferente para os lobisomens. Todos nasceram com o mesmo nível de magia, a mesma maldição. E com essa maldição veio um dom criativo.

— Bem, eu li que, do jeito que sua mágica funciona, você não pode usar o dom sem a maldição. Ou seja, não pode trabalhar criativamente se não puder expurgar o lobo regularmente. Então faz sentido que minha magia como quebra-feitiço de alguma forma entorpeça o feitiço que foi colocado em você. É simplesmente natural. — Ele olhou atentamente. Dei de ombros. — Pelo menos é assim que vejo.

— Eu acho que você está certa. — Sua mão passou pela mesa novamente, mas ele parou e sussurrou: — Você se importa se eu a tocar?

Perdi todas as minhas palavras por um minuto enquanto contemplava aquela mão larga com dedos longos e calos ásperos me tocando... em todos os lugares. Quando ele começou a recuar, obviamente pensando que minha falta de resposta e o

queixo caído era uma rejeição, eu puxei minha mão para frente e cobri a dele, curvando meus dedos sob sua palma.

Ele me deu um aperto forte, fechou os olhos e sorriu. Soltando um suspiro pesado, ele os abriu novamente.

— Obrigado.

— Está tudo bem. O toque sempre amplifica a magia e deixa muito mais forte que só estar próximo. Tudo bem se você precisar, sabe, me tocar de vez em quando.

Não, isso não parecia nem um pouco sujo. Mas falando sério, ele poderia me tocar em qualquer lugar, a qualquer hora. Não haveria queixas da minha parte. Seus olhos brilharam dourados por uma fração de segundo, o que me lembrou...

— Então, como Alfa está hoje? Ele está incomodando você?

O sorriso torto de Mateo se abriu para iluminar todo o seu rosto.

— Constantemente.

— Bem, diga a ele que eu disse para se comportar.

— Ele te escuta. Mas ele nunca quer se comportar. — O sorriso de Mateo escorregou, seus olhos se fundiram. De repente eu estava ciente de seu polegar calejado acariciando o topo da minha mão.

— Certo. — Dei-lhe um aperto e soltei, olhando para o bar onde JJ preparava três coquetéis enquanto me olhava como um perseguidor louco. Também notei mais clientes sentados em minha seção. — Então, o que posso pegar para você?

Ele se endireitou, olhando para o menu novamente.

— Hum, uma de suas cervejas artesanais está bom. Escolha uma boa para mim.

— Com certeza.

Eu me virei e anotei o pedido de bebida para os dois rapazes e uma garota sentados na mesa atrás dele, então corri de volta para o bar.

— Dois Grave Diggers, um Martini Mordidela de Aranha e uma Cerveja de Bruxa. Certifique-se de pegar uma das Cervejas na parte de trás do refrigerador, onde está gelado.

— Então — ele começou com o tipo de pausa dramática que JJ gostava de empregar enquanto servia uma dose de tequila em cada copo para os Grave Diggers. — Ele não aguentou esperar até fechar para vê-la, não é?

Enfiei os canudos do coquetel dos Grave Diggers e os coloquei na minha bandeja redonda.

— Acho que sim — eu disse com indiferença. — Ou ele só queria uma bebida depois de um longo dia de trabalho.

Ele riu novamente, me dando seu sorriso megawatt, o tipo que fazia todos os garotos bonitos fazerem fila para ele.

— E é por isso que ele está atirando punhais em mim agora.

Olhei por cima do ombro, pegando o olhar sombrio de Mateo para JJ. Eu me virei para encarar JJ enquanto ele colocava a cerveja e a caneca gelada na minha bandeja, então equilibrou o martini por último.

Ele apoiou os dois braços no bar e se inclinou para frente, falando baixo para que só eu pudesse ouvi-lo.

— Lembra que tipo de regra você me disse que era?

Eu tive que realmente pensar na parte anterior da nossa conversa.

— Tenha cuidado, Evie. Jules pode ter dado permissão para trabalhar com esse lobo, mas uma coisa que conheço bem são os homens. E esse olhar? — Ele olhou por cima do meu ombro, depois de volta para mim. — Esse olhar é perigoso.

Determinada a fingir que seu aviso não teve efeito sobre mim, me virei rapidamente e manobrei pelas mesas, servindo a mesa atrás de Mateo antes de colocar sua cerveja na caneca diante dele.

— Está com fome? — Meu coração deu um pulo triplo com essa pergunta aparentemente inocente.

Seus olhos castanhos examinaram meu rosto, então voltaram para o menu. Ele limpou a garganta:

— O que tem de bom?

— Bem, Jules é uma cozinheira de matar, então praticamente tudo.

— Sua irmã é a chef aqui?

— Sim. Uma mulher de muitos talentos.

Ele não respondeu, parando por tempo suficiente para torná-lo estranho antes de deixar cair seus lindos olhos castanhos de volta para o menu.

— Então você e suas irmãs realmente foram para o tema das bruxas, hein?

— Bem, para o menu de bebidas, sim. — Eu ri. — Se esconder à vista de todos e tudo mais. Jules é um pouco mais séria sobre sua comida.

— Percebi. Vou querer as ostras Cajun grelhadas na brasa e o po'boy de carne assada.

— Já está saindo.

A multidão atrasada entrou, enchendo todas as minhas mesas e me mantendo abençoadamente ocupada. Não consegui superar o que JJ havia dito. Claro, Mateo era perigoso. Ele era um maldito lobisomem. De alguma forma, porém, quando olhei para aqueles olhos castanhos calorosos, não senti que estava em perigo. Eu senti como se estivesse com um amigo. Talvez esse fosse o problema. Ele parecia inofensivo para mim, quando eu sabia que uma fera estava enjaulada em algum lugar.

Verifiquei Mateo como faria com qualquer cliente, trazendo-lhe outra cerveja antes que ele fechasse a conta e permanecesse na mesa, obviamente esperando que eu terminasse. Ele se manteve ocupado com um bloco de desenho e lápis.

Quando ocasionalmente olhava em sua direção enquanto servia bebidas ou voltava da cozinha, seus olhos sempre se desviavam de seu esboço e me agarravam por alguns segundos desconfortáveis. Então eu forçaria minha atenção em outro lugar e fingiria que o calor subindo pelo meu peito e pescoço não era causado por seu olhar hipnótico e escuro.

Paguei minha última conta no caixa e entreguei o cartão de crédito para o casal em um balcão próximo ao estande de Mateo.

— Muito obrigada — eu disse antes de me aproximar lentamente dele.

Ele me viu chegar, sem vergonha, me acolhendo. Ele estava atraído por mim? Eu pensei assim antes, então percebi que estava apenas admirando meu gosto peculiar em camisetas. Os olhares quentes que lançava em minha direção podiam fazer os joelhos de qualquer garota virar geleia. E eu definitivamente era uma delas. Eu tinha planos para nós esta noite, mas agora pensei que talvez fosse uma má ideia. Minha imaginação luxuriosa estava fugindo de mim. Ele estava sentado naquela mesa por três horas. Tecnicamente, eu só devia a ele mais uma hora. Aproximei-me de sua mesa, imaginando o que deveria fazer. Talvez eu devesse...

— O que está girando nessa sua cabeça? — Sua boca se contraiu de um lado.

— O que você quer dizer?

— Parece que você está planejando sua fuga.

— Eu? Não! Quero dizer, isso é tão bobo. — Sim, definitivamente. Talvez não seja minha fuga, mas certamente repensando uma noite de filmes aconchegantes no sofá juntos. Especialmente depois de três horas de olhares constantes e demorados, cujo significado eu não conseguia decifrar. — Do que eu teria que escapar?

Ele enfiou seu bloco de desenho em uma bolsa carteiro preta, então se desenrolou para fora da mesa, colocando sua bolsa no ombro. Foi então que me lembrei de como ele era alto. Eu não era uma mulher baixa, mas ele me fazia sentir significativamente menor. Ele tinha um peito largo e ombros com músculos magros, não volumosos, mas havia um poder contido em seu corpo. Eu sabia disso desde que vi imagens de lobisomens em sua forma de besta. Nunca encontrei um vivo, ou provavelmente já estaria morta. Eles eram os verdadeiros monstros da noite, aqueles sobre os quais as mães alertavam seus filhos. *Não se desvie do caminho, Chapeuzinho Vermelho.* Porque se esse tipo de lobo pegasse você durante a lua cheia, seria isso. Como minha avó Maybelle me disse uma vez: “fim de jogo”.

Olhei para Mateo e engoli em seco, realmente internalizando que tipo de monstro ele seria quando finalmente quebrássemos o feitiço. Seu olhar caloroso se aguçou, como se soubesse o que estava passando pela minha cabeça.

— Tem certeza disso?

Sobre o que estamos falando?

— Certeza sobre o quê?

— Se você gostaria ou não de fugir.

— Tenho certeza. — Eu não parecia ter certeza. — Tenho uma maratona de filmes planejada para nós em minha casa hoje à noite.

Seus ombros se enrijeceram, e não pela menção de uma maratona de filmes. Seu olhar havia se deslocado por cima do meu ombro em direção ao bar onde JJ polia os copos e nos observava.

— Eu não acho que seu namorado gostaria disso.

— Meu namorado? — Olhei para JJ novamente, então joguei minha cabeça para trás e ri. — Ele não é meu namorado.

A carranca de Mateo suavizou apenas ligeiramente quando olhou para o bar.

— Eu acho que ele quer ser.

Era isso. Ele era adorável. E toda a minha ansiedade desapareceu como a névoa da manhã. Eu enganchei meu braço em volta dele e o levei em direção à porta.

— Não. Ele definitivamente não quer. Ele é mais um irmão mais velho. E se vale de alguma coisa, ele prefere ser seu namorado. Não o meu.

Finalmente, a nuvem se dissipou de seu rosto carrancudo e ele me abençoou com um sorriso deslumbrante.

— Ele não é o meu tipo.

Ele abriu a porta para que eu passasse primeiro. Eu me virei e agarrei seu braço novamente, meu rabo de cavalo balançando.

— Oh? Qual é o seu tipo?

Porque eu perguntei isso!

Eu esperava que ele me desse alguma resposta sarcástica, mas em vez disso ele olhou para mim e me puxou para mais perto de

seu lado. Meus dedos envolvendo seu adorável bíceps flexionado, ele sussurrou suavemente, perto do meu ouvido:

— Me pergunte outro dia. Não em uma noite como esta.

Eu sorri para ele como se tivesse contado uma piada, porque suas palavras eram tão enigmáticas. Eu queria perguntar o que ele quis dizer. Tipo, o que havia de tão especial esta noite? Minha curiosidade me disse para ir em frente e perguntar, mas a tensão de sua mandíbula e o longo passo que ele deu em direção à casa me disseram que era melhor fazer o que ele disse e perguntar outro dia. Pela primeira vez, ouvi meu lado sensato.

Capítulo 9



mateo

— Só me dê um minuto. Ainda estou processando.

Evie saltou em seu assento ao meu lado no sofá, com as pernas dobradas debaixo de si, sorrindo como uma louca. Uma pessoa loucamente adorável.

— Você adorou, não é? Isso te surpreendeu, certo?! — Ela fez o gesto com as mãos como se o cérebro explodisse.

— Sim. Isso meio que aconteceu.

— Eu sabia! — Ela deu um pulo e correu para a cozinha, gritando: — Precisamos de mais pipoca! — Eu ouvi o zumbido de sua pipoqueira sendo conectada e os grãos sendo despejados. Ela reapareceu no arco que ligava a sala à cozinha. — Embora... — ela olhou para o relógio, uma pequena pitada no meio da testa — já passou das nossas quatro horas, e tenho certeza de que você tem que começar a trabalhar de manhã cedo.

— Não vou dormir até descobrir o que acontece em *O Retorno de Jedi*. Então você pode me expulsar se quiser, mas vou levar seu DVD para casa comigo.

Seu rosto se iluminou como uma maldita árvore de Natal. Ela juntou as mãos sob o queixo e fez uma pequena dança estranha no lugar antes de patinar em suas meias e desaparecer em direção à pipoca. Não pude deixar de rir de sua empolgação desconcertante com minha resposta à *O Império Contra-Ataca*. Mas sério, Vader era o pai de Luke? Eu nunca imaginaria isso.

Como se ouvisse meus pensamentos, ela gritou da cozinha:

— Não acredito que você nunca soube que Darth Vader era o pai dele. Como pode não ter ouvido isso ao longo dos anos?

— Ela voltou um minuto depois com sua tigela de pipoca em forma de capacete do Storm Trooper e se sentou com a tigela entre nós.

— Como eu disse, eu realmente não assisto TV, nem nada disso.

— E, aparentemente, você segue zero sites e redes sociais da cultura pop.

Dei de ombros.

— Na verdade, não.

— É como se você nem existisse no mundo moderno. — Ela voltou a se levantar e caminhou até o aparelho de DVD para trocar os filmes. — É meio irreal, Mateo.

Eu estremeci, amando meu nome em seus lábios.

Eu gostaria de outra coisa minha em seus lábios.

Droga. Ele ficou quieto por duas horas inteiras. Eu quase tinha me esquecido dele.

Não se preocupe, irmão. Eu sempre estarei aqui por você.

Para me irritar pra caralho, sim.

Ela derrubou o DVD no chão e se abaixou para pegá-lo.

Por favor, não.

Hmmm. Deus. Droga. Sua bunda curvilínea caberia perfeitamente em minhas mãos.

Nós tivemos essa conversa. Pare de falar dela assim.

Antes que eu pudesse reprimi-lo, um estrondo agressivo vibrou em minha garganta. Evie pegou o disco e virou a cabeça, a preocupação estampada em seu rosto.

— Você está bem? — ela perguntou baixinho.

Eu me encostei no sofá, desviando meu olhar dela para pegar um punhado de pipoca.

— Uhum. Tudo bem — abafei-me com a boca cheia de pipoca.

De jeito nenhum eu deixaria Alfa transar com uma mulher enquanto estivesse sob esse feitiço. Sem contar o que ele me pressionaria a fazer quando meu sangue fervesse. Especialmente uma mulher tão doce, suave e bonita como Evie.

Doce e suave, certo. Aposto que ela é deliciosa e apertada também.

Cale-se!

Fechei os olhos para focar e empurrá-lo para trás. Às vezes funcionava, especialmente quando Evie estava por perto. Quando ela trocou os discos e se sentou, eu me senti quase normal. Mesmo que minhas calças parecessem mais apertadas.

— Você tem certeza de que está bem?

— O que? Ah, sim. Tudo bem.

Seu olhar foi para a minha perna. Eu estava batendo o pé de novo. Segurando meu joelho, me estabilizei e me concentrei nos créditos de abertura, fingindo não perceber que ela me olhava com preocupação. Nós dois nos acomodamos, observando juntos em silêncio.

Infelizmente, Alfa tinha me dado nos nervos. Ou Evie tinha. Não sei, mas meu coração batia forte. Ela se reposicionou no sofá, com as pernas dobradas embaixo de si, o corpo inclinado para mim contra o encosto do sofá. O cheiro dela – feminino, algo como talco, floral – invadiu meus sentidos. Tudo que eu podia fazer era pensar em como seria bom tê-la em volta de mim, embaixo de mim, em cima de mim. Tocá-la foi como ser atingido por um raio elétrico, mas me chocando como uma pedra ao mesmo tempo. O tremor secundário foi uma pulsação acelerada que me fez temer que meu coração fosse saltar do peito. E ao mesmo tempo, ela acalmou minha fera. Foi a sensação mais louca que eu já conheci.

Antes desta noite, nunca tinha me sentido assim... tentado. Eu estava bem em ficar ao lado dela em público e até na minha galeria ou na minha oficina. Mas aqui, em seu sofá, na

penumbra com a casa adormecida, dava ideias a um homem. Ideias muito ruins.

Ideias fantásticas pra caralho. Siga com elas.

No momento em que Leia estrangulou Jabba, o Hutt, eu estava fechando meus punhos e respirando pela boca para evitar o cheiro dela. Ela estava me deixando louco. Literalmente.

De repente, a luz da cozinha acendeu, e uma linda loira entrou na sala de estar, cabelos longos roçando sua cintura. Pus-me de pé.

— Ei! — ela guinchou.

Evie ficou de pé também. Mas provavelmente por causa do meu movimento repentino, não pela jovem que obviamente era sua irmã parada ali, olhando com olhos azuis arregalados. Ela parecia idêntica àquela de cabelo azul, Violet. Exceto... agradável. Ela não tinha um sorriso cínico ou esmalte preto.

— D-desculpe, Evie. Não sabia que você tinha companhia.

— Está tudo bem — eu disse, enfiando as mãos nos bolsos para evitar parecer perigoso. — Eu... eu deveria ir.

— O que você quer dizer? — perguntou Evie. — Não estamos nem na metade.

— Você estava certa. Tenho muito o que fazer pela manhã. Está ficando tarde. Já impus a você tempo suficiente.

Ela bufou.

— Se você estivesse impondo, eu lhe diria...

Isso eu acreditava. Ela pode parecer com linhas bonitas e arestas suaves, mas não toleraria nenhuma merda. Ela

definitivamente não iria querer um lobisomem meio enlouquecido fazendo um avanço agressivo para ela em seu sofá.

Passando a mão pelo meu cabelo, sentindo-o ir em todas as direções, eu disse:

— Mesmo assim. Eu devo ir.

— Você não precisa ir por minha conta — disse a loira.

— Esta é minha irmã, Clara. Clara, este é o Mateo.

Clara sorriu e, por um segundo, pensei ter literalmente visto um feixe de luz ao redor de seu rosto de porcelana.

— Você é o lobisomem.

— Sou. Eu estou indo.

— Você está se sentindo bem? — ela perguntou, se aproximando.

— Perdão?

— Você tem uma aura muito... — ela inclinou a cabeça — errática agora.

— Errática? — Evie apoiou as duas mãos nos quadris.

Soltei uma risada nervosa.

— Faz sentido. Estou me sentindo meio errático.

— O que isso significa? — Evie olhou entre nós.

Quando Clara se aproximou de mim, recuei meio metro. Ela congelou e ergueu as mãos como se afastasse um cão selvagem. Eu ri de novo, mas parecia mais maníaco.

— Você sente que está prestes a se transformar, Mateo?

Sua voz era baixa e suave, calmante. Isso me deixou com raiva. Eu não estava prestes a transformar. Não dessa forma. Ela se aproximou ainda mais, o cheiro dela enchendo minhas narinas. Um rosnado vibrou em minha cabeça, mas eu me recusei a deixar Alfa ter qualquer voz nesta sala. Evie iria me expulsar e se recusar a me ajudar a consertar essa porra de maldição. E que maldição. Eu estava seriamente perdendo o controle.

— Não — eu disse tão calmo e uniformemente quanto pude, mas saiu rosnado do mesmo jeito. — Não estou prestes a me transformar. Eu só preciso ir embora.

— Talvez eu possa ajudar — interrompeu Clara, suas feições mais parecidas com as de um elfo do que as de sua irmã gêmea, sua voz mais doce.

Ela parece uma maldita fada. Tirando as asas.

Sem minha resposta, ela atravessou a sala e agarrou meus dois antebraços. Quase tropecei para trás, mas ela me segurou firme, embora eu tivesse o dobro de seu tamanho e peso.

— Aí está. — Sua voz tinha uma qualidade semelhante a um sino de vento, mas eu mal conseguia ouvi-la com o som apressado em meus ouvidos e a inundação avassaladora de completa euforia bombeando em minhas veias. Depois de não sei quanto tempo, ela me soltou. — Isto é melhor? — Ela sorriu, o que tornou seu rosto angelical.

— Sim. — Minha voz soou enferrujada. — Muito melhor. Obrigado.

O limite da insanidade havia recuado, substituído por uma paz feliz e uma espécie de euforia vertiginosa.

— O que você é?

Ela sorriu mais brilhante.

— Eu sou uma Aura. Você já ouviu falar delas?

— Sim. Você pode dar... — Eu apontei meu dedo entre nós, para frente e para trás. — Fazer isso. O que você acabou de fazer.

Ela riu.

— Será apenas temporário. Pelo que Evie nos disse, você não voltará a si mesmo até que o feitiço desapareça. Mas espero que isso o faça se sentir melhor por um tempo.

— Obrigado. — Arrisquei um olhar para Evie, que parecia... chateada.

— Vou te mostrar a saída. — Evie marchou para o DVD player e ejetou o disco.

Saí da sala de estar e descii o corredor até a porta da frente, onde a abri e esperei por Evie, sugando uma lufada de ar que não tinha seu cheiro inebriante. Ela se aproximou alguns segundos depois e me entregou o DVD *O Retorno de Jedi*.

— Vá em frente e termine quando tiver tempo. — Ela cruzou os braços, sua carranca suavizando um pouco. — Você tem certeza de que está bem? — A preocupação afastou sua irritação.

— Sim. Estou bem agora.

Sua carranca reapareceu.

— Você ainda quer se encontrar amanhã?

— Claro que quero. Por que não?

— O feitiço de Clara pode cuidar de você ao longo do dia.

— Ela ergueu o queixo. — Pode não precisar da minha presença para, você sabe, se concentrar ou algo assim.

Ela olhou além de mim, observando um casal indo em direção a Magazine e a vida noturna em pleno vapor.

— Evie. — Eu me aproximei, chamando sua atenção de volta para mim. — Eu ainda preciso estar... — *com você, perto de você* — ao seu redor.

Dentro de você.

Acenei com a mão segurando o DVD em um círculo.

— Você sabe, nosso acordo.

— Eu não esqueci nosso acordo. Estou apenas dizendo...

— Às nove está bom? Ou você tem que trabalhar na loja?

— Não, eu não costumo trabalhar na loja. Clara cuidará disso. Essa é realmente a coisa dela com Isadora. Violet e eu trabalhamos no bar. Livvy lida com toda a contabilidade e marketing. Jules cuida da cozinha.

— Então, às nove?

— Claro.

Ela se moveu para fechar a porta, seu humor havia caído desde o meu pequeno episódio quando eu obviamente a assustei.

Antes que pudesse fechá-la completamente, coloquei minha mão nela para detê-la.

— Obrigado, Evie.

Ela olhou para cima através de cílios escuros, e eu juro que aquele feitiço bombeou uma nova onda de felicidade em minhas veias.

— Pelo que?

Eu sorri.

— Por me mostrar *Star Wars*.

— *Uma Nova Esperança* — corrigiu. Ela não sorriu, mas suas feições se suavizaram. — E *O Império Contra-Ataca*. — Ela olhou para o DVD na minha mão. — Se você não terminar o terceiro, não podemos mais ser amigos. — Ela disse isso com uma cara completamente séria.

— Nós somos amigos?

— Claro que sim, seu idiota.

— Amigos. — Eu recuei e abri a porta, sorrindo como um, bem, um idiota. — Incrível.

— Boa noite. — Sua boca se curvou quando ela fechou a porta.

— Bons sonhos, Evie.

Enquanto caminhava pelas ruas, me deleitei ao perceber que Evie era minha amiga. Eu queria ser mais, mas não havia como confiar em meu lobo para permitir que *mais alguma coisa* acontecesse. Não agora. Ainda não. Mas talvez depois que esse feitiço fosse quebrado e eu estivesse de volta ao controle... Apenas talvez.

Eu sabia que a sensação de euforia bombeando em minhas veias durante todo o caminho para casa e pela manhã, já que

não conseguia dormir por horas, tinha pouco a ver com o feitiço da Aura. E tudo a ver com Evie.

Capítulo 10



evie

— Eu fiz algo errado? — Clara passou uma colher sobre a caixa aberta de sorvete Tutti-Frutti apertada contra o peito.

Olhei para a irmã mais doce do mundo inteiro.

— Não — eu respondi, bufando. Embora tentasse não ser uma criança petulante, não conseguia evitar. Eu não era uma dessas pessoas que conseguia disfarçar meus sentimentos. Disseram-me mais de uma vez que tudo o que eu estava pensando ou sentindo estava claramente escrito em todo o meu rosto.

— Então por que você está com raiva de mim?

— Não estou com raiva de você, Clara. — Eu definitivamente parecia louca, bastante furiosa na verdade, o que só me fez rosnar de frustração.

— Eu interrompi alguma coisa? — Ela arqueou uma sobrancelha loira escura e enfiou uma colherada do sorvete da cor do arco-íris na boca.

— Pffff. — Abri a geladeira e examinei os recipientes da cozinha do Caldeirão. Jules frequentemente trazia para casa as sobras, tudo o que não dava para a cozinha e garçons ou JJ. Abrindo um para encontrar seu fettucine de lagostim, coloquei no micro-ondas. — Não havia nada para interromper. Então não se preocupe com isso.

— Você quer que haja algo para interromper? Ele é um...

— Eu sei, eu sei. Ele é um lobisomem. Não há necessidade de me dar a mesma palestra que JJ fez.

— Não. Eu ia dizer que ele é um cara legal.

Eu girei em minhas meias e inclinei minha cabeça. Não o que eu estava esperando.

— Legal?

Ela sorriu.

— Totalmente legal. — Ela virou a colher no ar para gesticular. — Bem, exceto pela besta assustadora que ele está segurando. Acho que ele quis me comer quando o toquei. — Ela deve ter visto algum tipo de reação no meu rosto. — Ah, não Mateo. Seu lobo, quero dizer. Mas Mateo, ele é muito doce.

— Doce.

Ela engoliu outra colherada de Tutti Frutti.

— Totalmente doce.

Eu não sabia o que dizer sobre isso. Sim. Ele era doce. Completamente. E lindo e loucamente talentoso. E adorável em quão pouco ele sabia sobre cultura pop. Quero dizer, quem, na era moderna, não sabia que Darth Vader é o pai de Luke

Skywalker?! Mateo. Ele é quem não sabia. Era absolutamente ridículo. E totalmente fofo como o inferno. Eu tinha que admitir que observar sua reação de queixo caído foi o ponto alto de todo o meu mês. Talvez do meu ano inteiro.

— Você está sorrindo. Então você não está mais com raiva de mim?

Depois de tirar o prato do microondas, peguei um garfo na gaveta.

— Clara, não estou com raiva de você.

— Você estava quando lancei um feitiço de felicidade em Mateo. Veja, você está fazendo aquela cara carrancuda de novo.

Eu girei um pedaço gigante de fettucine no garfo e enfiei na boca para evitar responder.

— Muito maduro. — Ela sorriu e largou a colher na pia e colocou o sorvete de volta no freezer. — Você quer saber o que eu acho?

Eu mastiguei, engoli, então enfiei outra mordida excessivamente grande na minha boca.

— Estou com fome — consegui murmurar com a boca cheia. Sim. Eu era. Super madura. Comendo meus sentimentos.

— Eu acho que você gosta desse lobisomem.

Tentei zombar, mas meio que engasguei com o macarrão. Clara pegou minha tigela, colocou-a no balcão e deu tapinhas nas minhas costas até que consegui engolir e inspirar profundamente.

— E porque você gosta dele, realmente não gostou que sua irmã o ajudasse da maneira que você o ajuda. Porque é óbvio que sua magia para quebrar feitiços tem um efeito positivo sobre ele, assim como minha magia. Faz com que ele precise de você de alguma forma. — Ela passou a mão pelas minhas costas. — Você só ficou com um pouco de ciúme. E tudo bem. Você gosta dele.

Abri a boca para protestar, mas então percebi com quem eu estava falando. Clara podia ler as pessoas melhor do que qualquer um que eu conhecia. Tinha a ver com seu dom como Aura. Ela simplesmente sabia, merda, o que as pessoas estavam pensando e sentindo e, caramba, ela estava totalmente certa. Eu estava morrendo de ciúmes! O que era tão estúpido.

— Somos apenas amigos — eu admiti suavemente.

— Amigos — disse Clara, como se experimentasse uma nova palavra que nunca ouvira. Ela devolveu minha tigela de fettucine. — Isso funciona, eu acho.

— Você acha?

— Você não quer ser amiga dele?

— Claro, quero ser amiga dele.

— Então não vejo problema.

— Não há problema.

— Então por que está comendo fettucine à meia-noite e rosnando para mim?

— Por que você está comendo sorvete à meia-noite?

— Evie — ela disse com uma risada que dizia que eu estava sendo ridícula. Porque eu estava. — Você sabe que eu gosto de doces. Não há limite de tempo para minha necessidade de sorvete Tutti Frutti ou tortas de limão. Ou um turtle cheesecake. Simplesmente acontece. — Ela deu de ombros com um sorriso como *se fosse um fato*. E meio que era.

Isso era verdade. Clara tinha um desejo sério por todas as coisas açucaradas. Como ela permanecia tão magra e esbelta era um mistério para mim. Ela e Violet eram mais magras do que o resto de nós, como nosso pai. Não importava quantas tortas ou pastéis consumisse, ela permanecia igual. Eu não me importava com minhas curvas, mas posso dizer com certeza que esse fettucine estava indo direto para a minha bunda. Eu não me importava. Eu precisava desses carboidratos mais do que de uma bunda não-gorda.

— Todo mundo precisa de amigos, Evie. Especialmente ele.

— Especialmente ele, como?

— Além disso, amigos são os melhores parceiros. — Ela me deu um beijo na bochecha. — Boa noite.

— Por que você diria isso? — Ela riu e fechou a porta quando eu disse ainda mais alto: — Eu nunca disse nada sobre parceiros.

Pela janela, observei-a se arrastar de volta para o apartamento da garagem.

Foi quando notei Z agachado no balcão olhando para mim. Peguei-o com minha mão livre e coloquei a parte superior de

seu corpo sobre meu ombro. Ele me deixou carregá-lo como eu queria, nunca lutando.

— Eu não, Z. Eu nunca disse uma maldita coisa sobre serem parceiros. Quero dizer, ele é fofo e tudo mais. Eu admito isso totalmente. — Z começou a ronronar enquanto eu o segurava com uma mão e equilibrava meu lanche noturno de fettucine para dois no corredor até meu quarto no primeiro andar.

— Quero dizer, ok, ele é gostoso mesmo. Não vou negar isso de jeito nenhum.

Z soltou um miado áspero.

— Exatamente. Isso não significa que eu queira dormir com ele. Eu vejo caras gostosos todos os dias no bar. Eu não quero pular em cima deles nem nada. — Z não disse nada. — Clara está certa. Amigos são bons.

Coloquei Z no pé da minha cama. Depois de tirar minhas roupas e vestir minha camisa de dormir e shorts com duendes verdes bebendo cerveja, devorei o macarrão, escovei os dentes e pulei na cama.

— O que devo ler esta noite, Z? — Mas ele já estava enrolado em uma bola e dormindo.

Examinei os livros na minha mesa de cabeceira. Sim, livros. Eu deixei de lado meus quadrinhos nas últimas noites em favor de algumas leituras leves como *Os Demônios da Noite*, *A Besta de Gevaudan* e *Lobisomens: A História da Origem*. Eu invadi a biblioteca de Jules, na esperança de obter algumas informações sobre o problema de Mateo. A leitura da noite passada sobre o

lobisomem em Gevaudan me deu pesadelos, então decidi voltar ao livro das origens esta noite. Os fatos eram bons. E não muito assustador. Certo?

A primeira parte listava os fundamentos da vida de um lobisomem; pontos fortes e fracos. Alguns eu conhecia. Alguns não. Como a necessidade de equilibrar a maldição da besta e o dom das artes que habitavam todos os lobisomens.

O fato mais interessante que aprendi ontem à noite, que absolutamente *não* mencionei a Mateo, foram os impulsos carnais de um lobisomem. Sua necessidade de sexo e sangue era a maldição do lobo dentro deles. Dizia que eles soltavam a fera pelo menos uma vez por mês para caçar e satisfazer seu desejo por sangue. Também aprendi que alguns se transformavam mais de uma vez por mês, conforme necessário. Eles não dependiam da lua cheia para mudar, embora muitos sentissem o desejo mais forte neste momento.

Mas foram os fatos listados sobre o impulso sexual dos lobisomens que *realmente* me deixaram com os olhos esbugalhados. Palavras como *necessidade insaciável, união violenta e brincadeiras agressivas na cama*, e finalmente *perseguir sua presa até conquistá-la*. Em primeiro lugar, uau. Essa pequena nota me deixou toda formigando. Mas então eu fiquei tipo... hein? Eu não tinha visto nenhuma evidência da natureza sexual agressiva de Mateo, tipo, de jeito nenhum. O que me lembrou que estávamos apenas fazendo um trabalho juntos e éramos amigos. Só porque os lobisomens tinham

libidos superquentes não significava que eles queriam transar com qualquer garota. Então a verdade é que Mateo não me via *assim*.

Tudo bem. Nada demais. Eu estava lá para fazer um trabalho, para quebrar esse feitiço. Eu precisava falar com Jules sobre o plano dela logo. Esta noite, eu mergulharia em mais uma aula de história.

Na capa do livro no meu colo, os olhos do lobisomem, estreitados em fendas e encapuzados, brilhavam em um amarelo misterioso. Um arrepio desceu pela minha espinha quando um lampejo do Mateo no sofá surgiu em minha mente. Quando o ouvi rosar, olhei para trás, pegando o brilho de ouro ardente em seus olhos. Foi fugaz, meros segundos. Mas santo cannoli, por um breve momento, eu não estava olhando para Mateo. Estava olhando para seu lobo. E a maneira como ele estava olhando para mim transformou meus joelhos em geleia. Se não tivesse se recuperado tão rápido, eu poderia ter pedido para ele sair. Mas ele estava tão agitado e nervoso que não consegui expulsá-lo. Tudo o que eu queria fazer era distraí-lo do que quer que o estivesse incomodando.

Graças a Deus Clara lançou seu feitiço de alegria nele, porque eu com certeza não ajudei muito. Isso me irritou mais do que tudo. Pensei que minha presença era o que sempre o acalmava, mas esta noite ele estava mais agitado do que nunca. Eu não conseguia entender.

Suspirando, abri o livro na história da origem. Eu sabia que tinha a ver com uma bruxa que odiava seus algozes e o havia punido com uma maldição, mas, honestamente, não era nada que me interessasse muito. Até agora. Deslizando sobre o capítulo seis, encontrei o que estava procurando.

Ethelinda, descendente de ciganos, foi uma das muitas bruxas fugitivas da Inquisição espanhola. Quando finalmente capturada e colocada nas masmorras de tortura por seus crimes de bruxaria, ela foi atormentada por um oficial em particular, o capitão Diego Ortega. Ele era um notório caçador de bruxas e se vangloriava por torturar suas vítimas antes de finalmente matá-las. Suas táticas brutais para forçar Ethelinda a soltar os nomes de outras bruxas e onde outros covens estavam escondidos só serviram para inflamar sua necessidade de vingança. Ao ser ameaçada com uma Dama de Ferro caso não obedecesse, ela conjurou uma maldição moribunda:

“Homens são bestas, capitão. Que assim seja. Sangue do seu sangue, até o fim dos tempos, amaldiçoará seu nome e pagará seu crime. Em cada coração, a beleza habitará ao lado da besta, só o homem pode dizer quem vai governar e quem vai festejar. Eu o amaldiçoo, capitão Diego Ortega, e todos os seus parentes do sexo masculino.”

Com o feitiço girando no ar, ela se pressionou contra as pontas da Dama de Ferro aberta, amarrando o feitiço com seu sangue e sua morte.

Uau. Isso foi um maldito feitiço sério. Não dizia que tipo de bruxa ela era. Que presente especial tinha. Cada bruxa tinha um poder particular, embora todos nós tivéssemos algum nível de telecinesia e habilidades intuitivas com a natureza. Continuei lendo.

A reviravolta irônica na história de Ethelinda foi que Diego não parou com sua caça às bruxas. Pelo contrário, ele se tornou ainda mais temido como o caçador de bruxas mais implacável durante a época da Inquisição, vasculhando o campo, especialmente na forma de besta. Ele deu rédea solta ao seu lobo e devorou todas as bruxas que caçou, tornando-se a verdadeira besta que Ethelinda afirmava que era.

Depois, havia ilustrações em preto e branco de mulheres, obviamente bruxas, roupas meio rasgadas, cortes e mutilações. Que nojo. Muito parecido com o que estava no livro de *A Besta de Gevaudan*. Fecho o livro com uma palmada rápida.

— Tudo bem. E isso foi uma leitura leve o suficiente para a noite.

Aparentemente, um dos filhos de Diego mudou-se para a França em algum momento, alguns séculos depois, para a região de Gevaudan. Seus parentes com a maldição se espalharam. Foi muito arrepiante quando recebi esse tipo de evidência de que alguns lobisomens realmente deixaram suas bestas assumirem o controle. Desliguei o abajur e me aconcheguei nas cobertas.

Eu não conseguia imaginar Mateo como um animal sanguinário, rastreando bruxas e matando-as. Eu simplesmente não conseguia ver. Ele era, como Clara disse, um cara legal.

— De jeito nenhum — murmurei em meu travesseiro, caindo no sono.

...

A lua estava cheia e linda, brilhando em uma piscina na noite quente de verão, as estrelas brilhando na água como vaga-lumes. Isso me encheu de todos os bons sentimentos enquanto eu inalava uma respiração profunda e envolvia meus braços em volta de mim. A única parte estranha era um zumbido baixo e vibrante no ar.

Um galho estalou atrás de mim. Girando, procurei nas sombras, mas não encontrei nada. Inicialmente. Então, ali, dois pontinhos de ouro brilhantes me prenderam no lugar. O dono daqueles olhos ferozes saiu da escuridão para o luar, todos os três metros dele em uma forma medonha e monstruosa. Focinho alongado, dentes em forma de faca, garras negras do comprimento de um dedo penduradas em suas longas mãos deformadas. Percebi, quando ele se aproximou, que o resto dele estava coberto por manchas esparsas de cabelo preto, peludo apenas nos cumes de seus ombros e costas.

Aquele zumbido baixo retumbou mais fundo, mais alto. Não era um zumbido, mas um rosnado vibrante vindo da besta que

se aproximava. Algum instinto de sobrevivência me disse para nunca fugir de um predador e caçador, mas caramba, meu cérebro desligou e meu corpo assumiu. Sem pensar, me virei e corri direto pela piscina rasa, espirrando água em minha longa saia.

Minha saia? Eu não usava saias. Mas aparentemente eu usava em pesadelos horríveis. Pois mesmo através da névoa de pensar que isso parecia muito real, eu sabia que estava sonhando. Isso não era real. Mas o medo que fazia meu coração disparar era definitivamente muito real.

Corri cegamente para a floresta, saltando sobre troncos caídos, esquivando-me do mato, olhando por cima do meu ombro para o lobisomem me caçando, sua respiração saindo em bufos guturais.

— Isso não é real. Isso não é real — eu murmurei mais e mais para mim mesma. — Acorde, Evie. — Olhei para trás, pegando aqueles olhos dourados muito perto para me confortar. — Acorde, porra!

Um galho baixo me atingiu no rosto, ardendo com muita realidade. Que diabos foi isso?

De repente, ouvi o rasgo e senti o nó da minha saia antes de cair no chão. Rolei e observei a besta agora de quatro, aproximando-se, seus olhos amarelos se estreitando em mim.

— Isso não é real, isso não é real — murmurei, paralisada enquanto ele rastejava sobre meu corpo.

Caí sobre os cotovelos, hipnotizada e horrorizada por sua cabeça gigante, maxilar caído e olhos dourados. Ele pressionou uma mão gigante ou pata ou qualquer outra coisa no centro do

meu peito, me jogando no chão, garras negras cavando minha blusa para picar minha pele. Minha blusa? Eu não usava blusas. Eu balancei minha cabeça quando sua boca escancarada fez algo realmente estranho. Isso, quero dizer, ele... sorriu?

— Eu sou definitivamente real, baby. — Sua voz era como a de Mateo, mas mais profunda, tipo muito mais profunda, como abismos-no-meio-da-terra mais profundos. Ele pressionou seu focinho na minha orelha e lambeu a coluna do meu pescoço. — Melhor não esquecer, linda bruxa.

...

Acordei sobressaltada, o sol do meio da manhã entrando pela minha janela. Ofegante, olhei para minha camisa de dormir e senti meu pescoço, pensando que poderia haver marcas de garras. Tão estúpida. Apenas um sonho. Olhei para o meu relógio do Wolverine, suas mãos com garras apontando para dez e doze. Parecia que eu tinha acabado de dormir segundos atrás, mas dormi muito por horas.

— Que diabos?

Meu telefone vibrou na mesinha. Eu o puxei para o meu colo, meus olhos ainda embaçados de sono e meu coração ainda batendo com o emocionante – não, não emocionante, mas aterrorizante, Evie, foi TERRÍVEL – sonho que eu tinha acabado de ter. Mateo mandou várias mensagens desde as nove da manhã, quando eu deveria estar na casa dele. Tínhamos

trocado números de telefone, mas ainda não havíamos trocado mensagens de texto. Mas mensagens entre amigos, certo? Voltei para o início.

Mateo: *Onde você está?*

Mateo: *Você está bem?*

Mateo: *Liguei para a Misteriosa Maybelle. Clara disse que você ainda estava dormindo. Me mande mensagem quando você acordar.*

Eu: *Estou de pé!!! Desculpe. Dormi demais. Vou pegar o café da manhã e depois estarei aí.*

Antes que eu pudesse tropeçar no banheiro, meu telefone vibrou na minha mão.

Mateo: *Deve ter sido um sonho muito bom. Vejo você em breve.*

...

— Que porr...? Como ele...? — Mas não, lobisomens não eram psíquicos. Apenas as bruxas tinham essa habilidade. Algumas delas.

Eu ri da minha insanidade e do meu subconsciente ridículo por conjurar um sonho que fez muito mais do que me aterrorizar. Me atormentou, para ser exata. Meio que um sonho excitante, se eu fosse totalmente honesta comigo mesma. Sim, agora, o que um psiquiatra diria sobre isso?

Sim, bom, veja bem, Dr. Freud, eu era uma camponesa correndo pela floresta porque um lobisomem sanguinário me perseguia. E quando me pegou, ele estava se preparando para me rasgar, ele lambeu meu pescoço em vez disso e eu gozei na minha calcinha de camponesa. O que é isso? Sim, um antipsicótico de alto miligrama seria agradável.

Chega de leitura noturna sobre lobisomens. Era isso.

Enquanto tomava um banho gelado, não pude deixar de me perguntar como seria a voz de Alfa na cabeça de Mateo. De alguma forma, tive a sensação de que já sabia.

Capítulo 11



mateo

Evie estava loucamente quieta hoje. Ela me garantiu que estava bem, mas estava trabalhando em seu tablet com a caneta como uma louca. Me ignorando completamente. Isso também me fez pensar no que diabos estava trabalhando. Mas a maneira como fechava o arquivo ou apertava o tablet contra o peito quando eu passava por ela para pegar um pouco de água no frigobar ou encontrar outra ferramenta, me dizia que era particular. Acho que ainda não éramos esse tipo de amigos. Ainda assim, seu comportamento era estranho, e o jeito que ela estava olhando para mim era... estranho.

Muito.

Ninguém estava perguntando a você.

Você realmente quer saber por que ela está agindo de forma estranha?

Eu soltei um suspiro.

Prenda-a e foda ela.

Sim, isso vai funcionar.

Com certeza funcionaria.

Você é tão insano que não posso acreditar que é realmente uma parte de mim.

Acredite. Eu sou a sua cara-metade.

Isso foi tão ridículo que nem me preocupei em responder. Afastei-me da escultura de sereia e apaguei minha tocha. Tirando meu capacete, olhei para ela e circulei, certificando-me de que não havia arestas que eu perdi, precisando das soldas completamente lisas. Mas não. Era exatamente como eu pretendia. Eu não podia acreditar, mas realmente cumpri meu prazo. Por um maldito dia. E tudo por causa da garota na cadeira de futon que arrastei escada abaixo para ela.

Eu notei que ela preferia sentar-se em tudo, menos em uma maldita cadeira. Mesas de bar, balcões, pisos. Qualquer coisa, menos móveis de verdade, feitos para colocar sua bunda.

Hum. Sua bunda.

Continuando. Eu não a queria sentada no chão duro da minha garagem por horas enquanto esperava por mim. Mesmo agora, ela não se sentava na cadeira como uma pessoa normal. Ela estava de lado com as duas pernas penduradas sobre um braço, o tablet encostado em suas coxas dobradas. Ela nunca fazia nada do que eu esperava, o que achei estranhamente intrigante. E minha amiguinha intrigante merecia uma recompensa por me ajudar a terminar esta encomenda.

Depois de guardar todas as minhas ferramentas, olhei para o relógio. Nosso tempo ainda não acabou. Dando uma volta, ela imediatamente fechou a capa do tablet e sentou-se.

— Terminou? — Perguntou em sua voz alegre.

Eu realmente gostei de sua voz alegre. Não a arisca que usou quando chegou aqui hoje. Eu disse que não me importava que ela estivesse atrasada. Ela acenou para mim, mas de alguma forma estava agindo de forma diferente. Agora ela parecia quase de volta ao normal. Apenas... quieta.

— Quero levar você a algum lugar para comemorar.

Ela olhou para cima.

— O que estamos comemorando? — Então ela enfiou o tablet na mochila.

— Terminei a encomenda e devo muito disso a você.

Ela se levantou e enfiou a mão no bolso de trás da calça jeans, o que apenas acentuou a camiseta justa. Hoje era um desenho do Deadpool andando de bicicleta com uma cesta cheia de flores, segurando um guarda-chuva como Mary Poppins com a frase *O que Deadpool faria?* escritas abaixo.

— Oh, pare, você não me deve nada — ela disse com um sorriso fácil. O que quer que a estivesse incomodando antes parecia ter desaparecido agora.

— Evie. Quando digo que não teria como terminar a tempo sem você, estou falando sério.

Ela deu um passo para trás com um encolher de ombros, um lindo rubor cobrindo suas bochechas de rosa.

— Bem, estou feliz por poder ajudar.

— Vamos. Quero te levar a um lugar.

— Onde? — Seus olhos verdes se arregalaram. — Não! Não me diga. Adoro surpresas.

— Não é tão excitante — eu assegurei a ela, embora algo me dissesse que ela pensaria que fosse.

Peguei minhas chaves no chaveiro na parede e a levei para fora da porta aberta da garagem.

— Nossa, Mateo. Agora você está jogando fora sua surpresa. Não faça isso. Me deixe pensar que vai ser espetacular.

Eu sorri e franzi a testa ao mesmo tempo, fechando a porta da garagem atrás de nós.

— Então você vai achar que vai ser algo grande. Eu não quero que fique desapontada.

Ela me empurrou no ombro e parou quando avistou minha caminhonete.

— Uau! Vintage?

Sorrindo com sua apreciação, respondi:

— Um Chevy 1954, clássico. Eu mesmo o restaurei.

Ela contornou para o lado do passageiro, seus dedos deslizando ao longo da pintura azul brilhante enquanto admirava meu orgulho e alegria.

— Muito impressionante.

— Obrigado.

Subi no banco do motorista enquanto ela pulava do outro lado.

Ela admirou o estofamento de couro bem cuidado, deslizando os dedos sobre o assento. Eu tive que desviar o olhar, a visão de suas mãos errantes arrastou minha mente para a sarjeta.

— Eu posso te prometer isso — ela disse. — Qualquer homem capaz de restaurar uma beleza antiga como esta não poderia me decepcionar com sua surpresa. — Ela sorriu vertiginosamente. — Estou tão chocada, porque não pensei que você fosse capaz de surpresas.

— Uau. Ai — eu disse enquanto ligava o motor.

Ela jogou a cabeça para trás com uma risada gutural. O arco de seu pescoço fino fez meu pulso disparar. O agradável estrondo de sua risada aumentou ainda mais rápido. Eu me forcei a desviar o olhar e mandei uma mensagem para meu amigo, Scott.

Ela meio que me encarou em seu assento.

— Tudo bem. Me dê uma dica.

— Não. — Eu me concentrei em sair da unidade. — Cinto de segurança — eu a lembrei, então me dirigi para Metairie.

Ela colocou o cinto de segurança.

— Ah, vamos, só uma diquinha.

— Não.

Ela colocou o polegar e o indicador a cerca de um milímetro de distância e apertou os olhos.

— Apenas um pedacinho, pequenininho.

Meu Deus, ela era tão fofa.

— Nem mesmo um pequenininho.

Ela riu de novo e notou que estávamos entrando na interestadual.

— Então, diga-me algo sobre você, Sr. Cruz.

— O que você quer saber?

— Sua família. — Sua voz suavizou. — Você disse que não tinha ninguém aqui em Nova Orleans quando nos conhecemos, mas tem algum em outro lugar? Ou isso é um assunto delicado? Não quero me intrometer.

Eu deslizei meu olhar para ela.

— Sim, você quer se intrometer.

Ela me recompensou com um lindo sorriso por provocá-la.

— Mas está tudo bem — eu continuei. — Nasci em San Antonio, Texas. Tenho um pai bastante orgulhoso, um avô teimoso e um primo idiota com quem cresci.

Ela sorriu mais brilhante.

— Eu já os amo. Me diga mais. Por que você não mora e trabalha lá?

Concentrando-me em desviar do tráfego e na saída que se aproximava, percebi que queria contar a ela a verdade, em vez da mentira que contei à maioria das pessoas, que era minha obra de arte vendida melhor em um centro cultural como Nova Orleans. Embora seja verdade, não foi a razão pela qual me mudei de casa. Depois de uma pausa, quando pude senti-la me observando, esperando pacientemente, eu disse a ela.

— É o lobo dentro de mim. Não posso ficar perto de outro lobisomem dominante por muito tempo sem... sem querer lutar contra ele.

Segurei o volante com força, com medo do que ela pensaria de mim depois dessa conversa. Foi difícil admitir algo tão vergonhoso, que me faltou o controle. Foi também o que me levou a procurar a ajuda de Evie, para que pudesse recuperar o controle que me escapava. Eu nunca quis que o lobo tomasse conta de mim como da primeira vez.

— Você quer dizer seu pai? Ou seu primo?

— Meu pai. — Um empurrão rígido do meu queixo. — Essa é a coisa sobre lobisomens. Especialmente aqueles com tendências alfa. E eu certamente sou um alfa entre minha espécie.

Certo, porra.

— Você quer dizer... você e seu pai não se davam bem?

Entrei à direita para descer na Clearview Parkway.

— Não. Na verdade, nos damos bem. Quero dizer, ele me ama como seu filho. E eu o amo. Mas nossos lobos? Ambos são alfas. E quando surgiu a necessidade de transformar, nós dois nos tornamos agressivos um com o outro.

Engoli em seco com a memória, o incidente que aconteceu logo antes de eu decidir que era melhor me mudar.

Como se ela pudesse ver o que eu estava pensando, perguntou:

— Aconteceu alguma coisa?

— Sim. Podemos dizer que sim. — Eu virei em direção ao restaurante do Scott. — A primeira lua cheia depois do meu aniversário de dezoito anos, eu, hum... — Passei a mão pelo meu cabelo. — Eu ataquei meu pai logo depois que me transformei. Ele ainda estava em forma humana.

— Oh, não, Mateo. Você o machucou?

A dor picou meu peito.

— Não muito. Fisicamente, de qualquer forma. Eu agarrei seu peito e... ele nem se mexeu para me bater de volta. Apenas olhou para mim como se não pudesse acreditar. Inferno, eu não podia acreditar.

Lembro-me tão claramente, que a expressão de decepção queimou em meu cérebro. Eu fugi naquela noite depois que ele me deu aquele olhar. Minha vergonha me afugentou.

— Eu fui embora. Minha transformação durou dias em que não me lembrava de quase nada. Acordei quase uma semana depois na margem do Rio Grande. — Eu estava nu e ensanguentado por matar coelhos e veados, tendo encontrado duas carcaças de veado por perto, até mesmo um leão da montanha. Fiquei completamente selvagem por quase uma semana. — Depois disso, fui para casa, pedi desculpas a ele e à minha mãe, fiz as malas e fui embora.

Desci a rua em direção a uma faixa de novos restaurantes da moda, um restaurante de sushi e frutos do mar em ambos os lados do restaurante Scott.

Querendo aliviar o clima, admiti:

— Você adoraria meu avô.

— Ah, é?

Ela me observou, mas eu mantive meus olhos na estrada.

— Quando cheguei à puberdade, que infelizmente também é quando um lobisomem começa a sentir seu lobo se aproximando, eu costumava rosar o tempo todo. Por nenhuma razão. E o vovô, que morava conosco e cozinhava a maior parte das refeições, me encontrou rondando a cozinha enquanto ele preparava o jantar. Ele me deu um tapa no nariz com uma espátula como se eu fosse um cachorro e disse: “Mateo Francisco Cruz. Se você rosar mais uma vez, não haverá empanadas para você por um mês inteiro.”

Evie riu.

— E eu acho que você se comportou depois disso, hein, Mateo Francisco?

Eu não me importava com a provocação dela.

— Sim. Vovô sempre conseguia me colocar na linha.

— E quanto ao seu primo?

— Saí de casa antes de ele atingir a puberdade e sua transformação começar. Nós nos damos bem, embora ele possa ser um idiota arrogante às vezes. Nico pensa muito em si mesmo. — Eu ri, pensando no garoto espertinho que se tornou um homem arrogante. — Faz um tempo que não o vejo. Ele está viajando para o oeste há alguns anos.

Engoli a pontada de arrependimento por não poder viver mais perto do meu pai. Mesmo agora, minha irritação aumentava quando passávamos muito tempo juntos.

— Então a puberdade é difícil para um lobisomem? — ela perguntou provocando.

— A puberdade é a porra de um pesadelo.

Ela riu quando finalmente encontrei um lugar na rua.

Fiquei feliz por me afastar do meu passado triste. Mas então ela disse:

— Sinto muito, Mateo. Não consigo imaginar como é não estar perto da sua família.

Eu dei a ela um sorriso.

— Não se desculpe. É assim que as coisas são para nós. Parte da maldição. Eu gosto de ficar sozinho. Não é um fardo nem nada. E agora, quando eu visito nos feriados e casamentos e outras coisas, está tudo bem. Embora todos nós ainda sintamos falta da mamãe. Ela era humana, sabe, e já se foi há algum tempo.

O olhar de Evie se entristeceu.

— Eu sinto muito.

— Não sinta. Ela viveu uma vida plena. Eu sempre me sinto mal porque ela se preocupava comigo, sabe? — Dei de ombros.

— Por que ela se preocupava?

Estiquei meu braço sobre o encosto de cabeça de seu assento e olhei por cima do ombro enquanto dava ré para estacionar.

— Ela era mãe. Antes de morrer, ela queria me ver encontrar uma garota, sossegar, ser cuidado. Não ficar sozinho. — Eu ri.

— Por que isso é tão engraçado?

— Não é engraçado. É só... — Coloquei a caminhonete no estacionamento e desliguei, olhando para fora do para-brisa. — Eu não preciso que cuidem de mim. A maioria dos lobisomens são solitários. Apenas parte da composição do nosso DNA. Alguns se movem em bandos, mas esses caras tendem a ser idiotas totais. Criminosos, normalmente. — Um lampejo de Nico correndo com um bando de idiotas em particular veio à mente. Essa foi a única vez que eu forcei contra ele, lobo a lobo, mas tinha que ser feito. Eu não me arrependi. — De qualquer forma, eu sempre soube que deveria ficar sozinho. Mas não estou sozinho. Estou feliz com a minha vida. Mamãe, Deus a tenha, ela se preocupou por nada.

Eu finalmente olhei para Evie, esperando aquele olhar de pena que minha mãe sempre me lançava, não acreditando em mim quando dizia que estava bem sozinho, uma e outra vez. Mas não era assim que ela estava olhando para mim.

— Entendo. Quero dizer, eu entendo — ela disse, mordendo o lábio pensativamente. — Às vezes, minhas irmãs me deixam louca, mesmo que eu não consiga me imaginar vivendo sem elas. Mas... eu entendo. Embora não tenha o seu, você sabe, coisa de alfa, entendo que você goste de ficar sozinho.

Querida, mal posso esperar para te mostrar a minha coisa de alfa.

— Vamos. — Olhei por cima do ombro dela. — Vamos comer.

— Onde?

Apontei para a janela dela à direita.

— Na churrascaria Gotham City, é claro.

Ela engasgou, arremessando seu rabo de cavalo quando virou a cabeça tão rápido.

— Oh. Meu. *Deus*.

— Eu sei que é DC Comics, e você parece preferir a Marvel, mas pensei que iria gostar deste lugar. Meu amigo Scott é o dono.

— Espere, espere, espere. — Ela fechou os olhos por um longo segundo e ergueu as duas mãos à sua frente, com as palmas para fora. — Você sabe a diferença entre DC e Marvel?

— Xiu. — Eu acenei para ela. — Eu não sou tão ignorante.

— Por favor, case comigo.

Meu coração acelerou, então eu soltei uma gargalhada.

— Vamos. Tem mais dentro.

Ela saiu antes mesmo que eu pudesse chegar ao seu lado, meus instintos me dizendo para abrir a porta para ela.

— Tem *mais*?

— Muito mais. Segure sua calcinha. Você está prestes a ser surpreendida.

Vou segurar a calcinha dela caso a perda.

Ela enganchou o braço no meu, agora um movimento familiar dela quando caminhávamos juntos, o que parecia

estranhamente... maravilhoso. O que me fez sentir melhor do que o feitiço que sua irmã lançou sobre mim ontem à noite foi o sorriso radiante que Evie me lançou, uma súbita onda de prazer que eu não esperava. Por quê? Porque eu coloquei lá.

Capítulo 12



evie

— Eu quero o Santo Hambúrguer de Bat-bacon. — Eu admirei o menu e queria espancá-lo e fazer dele minha vadia. Foi a coisa mais legal que eu já tinha visto. — Como eu nunca soube deste lugar?

Nosso garçom Joe riu, mas foi Mateo quem respondeu.

— Você só não é tão legal quanto eu.

Eu zombei tão alto que a garota da mesa ao lado se virou e me deu um olhar esquisito.

— Vindo do cara que nem sabia que Darth Vader era o pai de Luke?

Mateo sorriu, imperturbável como sempre pela minha crítica ao seu pobre conhecimento da cultura pop. Ele examinou o cardápio.

— Você quer dividir algumas batatas fritas do Demolidor?

Meu olhar caiu de volta para a lista de comida mais incrível da história dos menus.

— Batatas fritas do Demolidor?

— Ali. — Ele estendeu a mão e apontou para o final do meu menu. Não pude deixar de notar a veia protuberante envolvendo debaixo de seu antebraço até o topo de seu pulso.

Argh! Por que eu era uma safada por antebraços? Existia algo como pornografia de braço? Ou pornografia masculina? Porque se houvesse, eu precisava de uma assinatura mensal, para ontem.

— Elas são cobertas de queijo pepper jack e jalapenos.

— Parece gostoso.

— Elas são picantes.

— Eu gosto de picante — eu disse, limpando minha garganta.

Mateo virou-se para o garçom.

— Eu vou querer um Golias de Gotham. E você pode nos trazer uma barca do Esquadrão Suicida para um aperitivo?

— Claro. Já volto com seus chás gelados.

Devorei a decoração do restaurante, a arquitetura em estilo industrial que combinava com o estilo elegante e urbano dos quadrinhos da DC. Mas o que mais me chamou a atenção foram as enormes obras de arte a carvão penduradas nas paredes. Quero dizer, os quadrinhos foram feitos para serem renderizados em cores vivas e variadas, mas esses desenhos em preto e branco a carvão eram de tirar o fôlego.

— Você gosta da obra de arte? — ele perguntou.

— É insana. Quero dizer, olhe para aquele.

Havia um intitulado *Relógio do Cavaleiro das Trevas* pendurado na parede do canto atrás de Mateo. Era tão alto quanto uma de suas esculturas. A capa de Batman arqueada, seu corpo preenchendo toda a tela. Mas quase camuflado nas asas da capa estava o contorno e os pontos de luz de Gotham City.

— Muito bom, certo?

Eu bufei.

— Muito bom? Eu morreria para conhecer o artista.

— Não há necessidade disso — disse alguém parando ao lado de nossa mesa. — E aí cara. — Um cara alto, mas barbudo, com piercings na sobrancelha e tatuagens nos braços estendeu a mão e apertou a mão de Mateo. Então ele se virou e se ofereceu para apertar o meu. — Você deve ser Evie?

Não pude esconder minha surpresa.

— Você sabe meu nome? — Olhei para Mateo enquanto apertava a mão do cara.

Ele riu e acenou para Mateo.

— Desde cerca de trinta minutos atrás, sim.

— Evie, este é Scott Berard. Ele é dono do Gotham Grill, que também é sua própria galeria.

— Cara, você cozinha *e* é artista?

— Não. Meu tio é o chef e dirige o restaurante. Eu só possuo o prédio e, bem, a marca e a decoração.

Soltei um suspiro de alívio.

— Claro. Eu teria que me divorciar de Mateo e arrastar você para Las Vegas.

Ele riu novamente.

— Bem, antes de cancelar esses planos, considere que eu faço uma omelete ruim. — Ele piscou antes de balançar para trás, braços cruzados, acentuando toda a tinta preta girando em seus bíceps. — Então, quando você se casou, cara? — ele perguntou acusadoramente. — Você não me contou?

— Oh, não. — Mateo se inclinou para frente com uma risada nervosa, cotovelos sobre a mesa, olhar deslizando de mim para Scott e depois de volta para mim. — Não somos casados. Isso é apenas Evie sendo... Evie.

— Ah. Peguei vocês.

Inquieta com o guardanapo no meu colo, limpei minha garganta quando o calor subiu pelo meu pescoço. Fui eu quem disse isso como se Mateo e eu fôssemos algo. Bem, mais do que algo, então sobrou Mateo para nos socorrer. E Jesus, eu odiava pausas desconfortáveis. Felizmente, o súbito constrangimento não pareceu incomodar Scott.

— Então, Mateo me mandou uma mensagem dizendo que você é uma fã da DC?

— Então Mateo mentiu como um cachorro. — Ufa. A estranheza se foi.

— Não, eu disse que ela era fã de quadrinhos — corrigiu Mateo.

— Oh, inferno. Você é uma daquelas fanáticas da Marvel, não é?

— Culpada — eu disse com orgulho, com uma sobrancelha arqueada e um queixo altivo.

Scott soltou um suspiro exagerado.

— Você está perdoada. Já que você parece ter bom gosto para artistas. — Ele deu a Mateo um sorriso malicioso, o que fez minhas entranhas fazerem todos os tipos de coisas malucas e derretidas.

Ele ainda tinha a impressão de que Mateo e eu éramos um casal. Desta vez, antes que Mateo pudesse corrigi-lo, o garçom apareceu e deixou nossos chás gelados, ambos com limão. Salva! Obrigado, Joe com o corte militar.

— Bem, vou deixar vocês aproveitarem sua refeição. Mas ei, ainda estamos fazendo o estande do Festival do vodu, certo? — perguntou a Mateo.

— Tenho tudo reservado. Farei com que Missy lhe envie uma mensagem com os detalhes.

— Legal. Prazer em conhecê-la, Evie.

— O prazer é meu — eu disse sinceramente.

Ele se afastou e eu tomei um longo gole do meu chá gelado, esperando que Mateo não se sentisse estranho agora com todo o meu desastre de piada de casamento/divórcio. Aparentemente, isso não o incomodou porque ele me deu um sorriso brincalhão e perguntou:

— Então, foi uma boa surpresa?

— Esta foi a surpresa mais épica de todos os tempos.

— Épica?

— Definitivamente.

— E você gosta da arte dele?

Revirei os olhos.

— É muito boa. E fodona.

Ele brincou com o canudo em sua bebida, mexendo o gelo ao redor, o olhar passando rapidamente de seu copo para mim.

— Melhor que a minha? — Sua voz ficou mais suave, embora ainda me olhasse de forma brincalhona.

— Você está com ciúmes de que eu possa gostar mais do trabalho dele?

Ele espremeu a fatia de limão que estava na borda do copo em seu chá, deixou-a cair e lambeu o polegar.

— Talvez.

Pisquei algumas vezes, tentando não me distrair com sua boca e seus dedos.

— Você está com ciúmes. Oh, cara. Talvez eu devesse desenhar isso.

Seus olhos escureceram perigosamente. Sexy, brincalhão, perigoso.

— Você torturaria seu próprio amigo que acabou de lhe dar a surpresa mais épica de todas?

— Num piscar de olhos. — Eu deslizei meu olhar de volta para o gigante, carvão Batman. — Hmm. Acho que Scotty tem habilidades incríveis.

— Scotty?

— Sim. Somos melhores amigos agora.

— Desde quando?

— Desde que nos relacionamos com omeletes e arte.

Ele tomou um grande gole de chá gelado e o colocou de volta na mesa. Com uma lambida rápida de seus lábios que senti um zunido entre minhas pernas, ele então disse:

— Scotty não é o único com habilidades incríveis, sabia?

E de repente, a temperatura disparou de AC-arejado para Mordor⁴-escaldante. Desviei os olhos e tomei um gole do meu chá, precisando me afastar disso, seja lá o que for isso. Mateo venceu. Ele era muito melhor em provocar do que eu.

— Você sabe que sua arte é insanamente boa, certo?

— Sim. Mas quero saber o que você acha. — Ele se inclinou para frente novamente, a parte superior do corpo meio que engolindo o espaço da mesa. Seus bíceps inchados estavam lindos em sua camiseta. — O que *você* acha da minha arte? — ele disse baixo e sensualmente profundo.

Meu estômago começou a subir para o trampolim e dar uma cambalhota tripla, enquanto eu tentava encontrar uma resposta que não soasse tão gutural e estúpida-sexy. Porque o lado brincalhão de Mateo parecia perigosamente com um flerte. Mas não poderia ser isso, certo? Eu tinha noventa por cento de certeza de que ele ficou muito satisfeito quando acidentalmente

⁴ Referência ao Senhor dos Anéis.

o coloquei na zona de amigo ontem à noite. Eu realmente não queria, mas simplesmente saiu da minha boca estúpida. Então ele era todo “amigo” e “incrível”. E eu fiquei tipo, *porra, o que eu acabei de fazer?* Mas então Clara disse que amigos eram uma coisa boa, embora ela fizesse aquele comentário esquisito sobre amigos e amantes. E então meu coquetel noturno de ler horror de lobisomem – quero dizer história – com fettucine carregado de carboidratos de alguma forma me deu sonhos psicosssexuais sobre o lobo de Mateo. Então aqui estava eu, encarando o meu amigo Mateo parecendo adorável demais com aquele sorriso bobo no rosto, tentando desesperadamente não fazer papel de idiota, como dizer a ele que queria me casar com ele de *novo* e...

— Aqui está a barca do Esquadrão Suicida.

Graças a Deus! Salva por Joe novamente. Eu amava o Joe. Ele era o melhor garçom do mundo inteiro.

— Cuidado. — Mateo colocou o guardanapo no colo enquanto eu fazia o mesmo. — Elas estão superquentes.

— Bem, sim, eu meio que entendi isso de toda aquela coisa de fritar na frigideira.

— Tudo bem, espertinha. Eu quis dizer quente de picante.

Peguei um garfo e espetei um camarão grande e suculento ao molho vermelho amanteigado, depois mergulhei-o no molho aioli de limão e abacate ao lado.

— Hmmm. — Fechei os olhos na primeira mordida. — Isso é incrivelmente delicioso. — Quando os abri, Mateo estava congelado com o camarão a meio caminho da boca. Ele piscou

fortemente, em seguida, enfiou uma parte em sua boca também.

— Claro que é. — Ele mastigou, então pegou seu chá, olhando para outro lugar. Sua mandíbula se apertou com força a cada mordida.

Peguei outro grande, o rabo do tamanho de um jumbo grande demais para caber na minha boca com uma mordida. Depois que eu mordi desajeitadamente ao meio, Mateo olhou para cima e sorriu para mim.

— O que é tão engraçado?

Ele olhou para o meu rosto e riu.

— O que?

Ele pegou o porta-guardanapos, que era cromado prateado e brilhante como um espelho, e o segurou na minha frente. Aparentemente, na minha tentativa de não encher demais a boca, enfiei o nariz no molho vermelho que cobria o camarão.

Fui pegar um guardanapo limpo no porta-guardanapo, mas ele já estava estendendo a mão por cima da mesa.

— Venha aqui, Rudolph.

Com um golpe rápido, ele limpou, embora eu tenha me aproximado do porta-guardanapos para checar novamente. Tudo enquanto ele continuou a rir de mim.

— Você não viu isso — eu bufei para ele.

— Eu definitivamente vi isso.

— Bem, lá vai meu registro de perfeição aos seus olhos. Suponho que devemos dispensar essa amizade aqui e agora. Como você pode continuar a me adorar depois dessa tragédia?

— Não se preocupe, Evie. Eu ainda vou adorar você — ele me provocou. Sim, definitivamente um provocador. Mesmo assim, suas palavras se enrolaram em minha barriga como um pãozinho de canela quente saindo do forno e derretendo com a mesma doçura.

Nossa comida seguiu logo depois. Obrigado, Joe. De novo. Talvez eu queira me casar com ele também, antes que o almoço termine. Então fiquei maravilhada com Mateo comendo dois hambúrgueres duplos de meio quilo. Médio raro, lembre-se. Bruto. Mas novamente, lobisomem. Então eu entendi. Meu hambúrguer estava bem cozido. Crocante e deliciosamente suculento por dentro. E as batatas fritas do Demolidor? Santas bolas de merda. Que refeição.

— Eu posso vender meu primogênito para receber essas batatas fritas na minha porta todos os dias. — Caminhei na frente dele em direção à saída, feliz por ter usado meu jeans elástico porque estava muito cheia. Meu bebê-comida precisava de espaço para crescer.

— Feliz que você gostou — ele disse atrás de mim antes de segurar a porta aberta e me deixar entrar primeiro.

— Sua surpresa ganha pelo menos quatro estrelas de ouro.

— Quatro? De quantos?

Revirei os olhos.

— De cinco, é claro.

— Por que só quatro?

— Ah, Mateo. — Inclinei minha cabeça e dei a ele meu olhar abençoado-seu-pobre-coração. — Se fosse uma hamburgueria com tema da Marvel, você teria cinco estrelas perfeitas.

— Bem, então. — Ele destrancou a caminhonete e abriu minha porta, não me dando muito espaço para passar por ele. E assim que eu me esquivei dele, ele acrescentou perto do meu ouvido: — Vou ter que pensar em outra maneira de conseguir essas cinco estrelas.

Ele deu um puxão firme no meu rabo de cavalo, o que enviou um formigamento delicioso que percorreu meu corpo até os dedos dos pés. Quando ele fechou a porta e contornou o capô, percebi que estava em um grande, grande problema. Amigos não devem fazer seus dedos se curvarem com um puxão platônico de rabo de cavalo. Abençoado seja meu pobre coraçãozinho.

Capítulo 13



evie

— Senti sua falta! — Isadora murmurou para mim da mesinha que mantínhamos no canto da cozinha. — Clara está cuidando da loja sem mim?

— Sim, não se preocupe. Eu a tenho ajudado entre os turnos. Violet também, se quiser acreditar.

— Sério? Ela não está escapando como sempre?

— Eu não escapo! — Violet gritou atrás de mim enquanto entrava na cozinha, então colocou a cabeça na minha frente, preenchendo a tela. — É, eu disse a você que não estou me esgueirando. Esgueirar-se implica que há vergonha envolvida. E não há vergonha no que estou fazendo.

Isadora revirou os olhos verde-grama, do mesmo tom dos meus.

— Então por que você não nos conta o que está fazendo?

— Quando eu estiver pronta. — Violet piscou para mim e entrou na cozinha, onde Jules estava mexendo no camarão ao

molho de Louisiana. Então voltou, enfiando a cabeça com cabelo azul na minha frente novamente. — Se você quer algo interessante para discutir, pergunte a Evie sobre o lobisomem que vem para o jantar de domingo.

— Vá embora. — Eu empurrei Violet no ombro.

— Que lobisomem? — Isadora se aproximou animadamente, seu rosto de olhos grandes e cabelo loiro preenchendo a tela. — Você tem um lobisomem? Vindo para o *nosso* jantar de domingo?

— Não. Ele não é *meu* lobisomem. — Embora, ultimamente, eu tivesse esse desejo irreprimível de que ele fosse. — E você e Livvy não estarão aqui — comentei. — Então, o que é mais uma boca para alimentar? Jules está acostumada a cozinhar para nós seis.

Jules fez um barulho descontente do fogão.

— Além disso — eu continuei —, ele realmente está vindo para discutir como planejamos quebrar seu feitiço, então eu apenas o convidei para jantar antes.

Violet estava lá de novo, colocando sua cabecinha no meu caminho.

— Também para que Evie possa passar seu tempo mínimo de quatro horas por dia com ele. — Ela balançou as sobrancelhas e se dirigiu para a despensa.

— O que diabos estamos perdendo? — perguntou Isadora. — Por que toda a emoção acontece quando partimos?

— Não é tanta emoção — eu a assegurei, mesmo enquanto minha barriga fazia um arabesco nervoso e girava.

— Alguém viu Fred passar por aqui? — perguntou Violet da despensa.

Jules colocou a tampa de volta em seu pote Magnalite e apoiou a mão no quadril, a colher de pau na outra mão.

— E por que diabos eu teria visto Fred passar por aqui?

Violet a olhou, inexpressiva, então disse lentamente como se fosse para uma criança:

— Porque você tem olhos e pode tê-lo visto andando. — Ela usou dois dedos e caminhou no ar para demonstrar.

— Ele não tem permissão para entrar em casa, espertinha, e você sabe disso.

— Ainda não entendo essa regra. Z é permitido na casa.

— Z é treinado para usar a areia.

Voltei minha atenção de volta para Isadora, que estava com a cabeça inclinada, ouvindo Jules e Violet conversando.

— Bem, nada mudou aqui. Diga a Livvy que sinto muito pela falta dela.

Ela sorriu grande.

— Com certeza vou.

— Ei, prima! — A cabeça de Drew apareceu na tela ao lado de Isadora, toda a pele bronzeada e olhos azuis brilhantes.

— Ei, Drew. Vocês estão cuidando das minhas garotas?

— Você sabe. Cole levou Livvy a um Gumbo Cookoff no centro da cidade. Travis e eu estamos prestes a levar esta aqui para baixo.

— Não as desgaste. Elas têm um voo para pegar amanhã à tarde.

Isadora e Lizzy saíram cedo para visitar mamãe e papai, decidindo visitar nossos primos antes de se aventurarem no exterior, na Suíça.

Drew revirou seus olhos azuis.

— Não se preocupe. Nós entendemos. Como está NOLA?

— Alto, lotado, quente como o inferno. Nada de novo.

Ele riu, seu sorriso branco brilhante tão contagiante. Ele era o feiticeiro mais bonito do planeta, disso eu tinha certeza. E ele sabia disso.

— Bem, esperamos nos divertir totalmente em nossa próxima viagem para compensar as demandas desses dois. Eles exigem muita manutenção.

Isadora o empurrou com o ombro. Revirei os olhos.

— Minhas irmãs não exigem muita manutenção. Bem... talvez Isadora.

— Ei! Eu não preciso! — ela protestou, então ficou envergonhada. — Bem, não muito.

Todos rimos, até a Is. Porque ela era a rainha das listas e a culpada por agendar paradas para fazer xixi.

— Vocês estão prontas para ir? — perguntou Travis, sua forma gigante chegando atrás deles antes de abaixar sua cabeça loira de areia à vista. — Bem, se não é a bonita Eveleen.

— Não faça isso, Travis! Não... — Mas ele começou a cantar mesmo assim, desafinado e horivelmente.

— Eveleen, Eveleen, Eveleen, Evelee-eeen! Please don't take my heart away just because you can⁵.

Sim. Ao som de “Jolene” de Dolly Parton. Foi uma piada de mau gosto, mas o idiota não conseguiu se conter. Toda. Droga. De. Vez.

Isadora riu enquanto arregalava os olhos para mim. Drew e Cole eram nossos primos. Travis não era. Ele era apenas o feiticeiro supergostoso que vivia com eles. Ele era apenas um flerte ridículo, mas nunca o considere nada além de um amigo desde que ele morava com Cole e Drew. Eu teria gostado de namorar um cara gostoso como Travis, mas é isso. Eu sabia que Travis era o tipo de cara com quem eu teria muita diversão e definitivamente sexo gostoso, então teríamos terminado. E haveria aquele constrangimento estranho toda vez que nos víssemos. Além disso, eles moravam a duas horas e meia de distância, então sair com ele nem era uma boa opção.

Isso ainda não o impedia de ser um flertador insano sempre que o via.

⁵ Em tradução literal: “Por favor, não leve o meu coração embora só porque pode”.

— Oi, Travis. — Acenei.

— Ei, linda. Quando vamos nos casar de novo?

— Não vamos.

— Você tem certeza? — Ele sorriu, subindo rapidamente de bonito para gostoso.

— Tenho certeza.

— Tudo bem, então. — Ele suspirou pesadamente como se eu realmente o tivesse colocado para fora. — O mínimo que você pode fazer é me guardar uma dança na Festa da Guilda do Coven. Não vou aceitar um não como resposta.

— Certo. — Eu balancei minha cabeça, sorrindo para seu flerte implacável. — Eu guardaria, exceto que eu não vou a essas coisas com Jules. Não mais.

Drew franziu a testa.

— Mas você tem que ir para essa. Vocês estão sendo as anfitriãs.

Um pico de adrenalina disparou em minhas veias, correndo como uma chama em meu sangue. Olhei para Jules, que estava me dando seu olhar de “oh merda”. Eu raramente via porque Jules não precisava desse visual. Seu rosto de cadela em repouso era praticamente o que usava noventa por cento do tempo. Mas agora, ela sabia que tinha estragado tudo.

— Eu posso explicar.

— Uh-oh — disse Is.

— Vista algo sexy — acrescentou Travis. — Sem alças.

— Ligaremos quando pousarmos na Suíça. — Izzy me mandou um beijo e desligou o aplicativo de videochamada antes que os caras pudessem se despedir. Isso porque Isadora sabia que uma tempestade de merda estava prestes a acontecer.

— Por que diabos estamos sendo as anfitriãs disso? — perguntei a Jules, desligando o aplicativo e contornando o balcão em direção a ela.

—a Eu ia te contar, mas só precisava do momento certo.

— Não existe um momento certo.

— A reunião tem girado em torno de outros covens há anos, e é a nossa vez. Não posso dizer a todos os líderes que não podemos ser anfitriãs porque você ainda está chateada com seu ex.

— Não estou chateada com ele. Eu terminei com *ele*, lembra?

— Bom. Então não há razão para evitá-lo.

— Você pode levar nossas outras irmãs. Elas serão o suficiente para brincar de anfitriãs com você. Você não precisa de mim lá.

— Evie. — Jules suspirou e colocou seu cabelo liso e escuro atrás de uma orelha. — Vai parecer estranho se minha irmã mais próxima não estiver lá. Especialmente desde que você tem evitado a reunião por *anos*. Eles podem suspeitar de problemas em nossa liderança. Não podemos permitir isso.

Droga. Encostei as costas no balcão e cruzei os braços. Ela estava certa. Não havia dúvida de que Jules era a bruxa mais

poderosa de toda a região de Nova Orleans, mas se houvesse alguma suspeita de que havia tensão em nossa casa, o que poderia levar a resultados voláteis para os covens de bruxas, seria uma má notícia. A Guilda inteira poderia nos investigar, nos interrogar e colocar outras bruxas no poder.

Não vou dizer que Jules é uma maníaca por controle, mas Jules é uma maníaca por controle. Não importava se nos investigassem, mas o que eu diria? *Não, minha irmã e eu estamos bem. Estou apenas sendo uma criança imatura e não quero ficar olhando para a bunda arrogante do meu ex a noite toda em um coquetel.*

— Você não tem que ir para as reuniões do coven. Basta fazer uma rápida aparição no coquetel para que possa sorrir e cumprimentar o resto da Guilda, então você pode ir embora.

Isso não soou tão mal. Então por que meu estômago deu um nó só de pensar nisso? Eu sabia exatamente por que, é claro, mas não queria pensar nele. Ou a maneira como ele me usou para conseguir o que queria, o tempo todo me menosprezando pelo que eu queria.

— No máximo uma hora — ela implorou e então acrescentou em sua voz maternal —, Evie, por favor. Vamos.

A campainha tocou. *Mateo*. E assim, todos os pensamentos sobre o babaca do Derek se foram. Estudei minhas feições para que Jules não visse como eu estava animada com o homem à nossa porta.

— Tudo bem — eu bufei a contragosto. — Uma hora.

Então saí da cozinha e praticamente corri para a porta da frente. Eu a abri e quase engasguei com o ar. Eu me acostumei com a sua beleza alta e absolutamente deslumbrante de Mateo em seus jeans desbotados e camisetas justas, mas essa versão dele me deixou um pouco fraca. E por um pouco, quero dizer que, de repente, tive que agarrar o batente da porta para me manter em pé. Em uma camisa verde jade de mangas compridas que, de alguma forma, tornava seus olhos castanhos mais suaves, bonitos e hipnóticos pra caralho, e vestindo jeans azul escuro que se ajustavam muito bem em suas coxas musculosas e, sem dúvida, em sua bela bunda – uma vez que conseguisse dar uma boa olhada por trás, eu confirmaria isso – ele parecia um completo sonho. Se isso não bastasse, seu cabelo escuro e ondulado estava preso em um pequeno rabo de cavalo, exceto por uma mecha perfeita e fina que balançava no ângulo mais sensual no canto externo de seu olho direito que o transformava de superquente a deus do sexo. E o cheiro dele! O que estava usando? Algum tipo de colônia de feromônio de lobisomem? Onde vende? Eu poderia comprar o suficiente para tomar banho nisso?

Olhei para mim mesma em shorts jeans e minha mais nova camiseta do Wolverine, sentindo-me totalmente mal-vestida. Para o meu próprio jantar de domingo.

— Você não precisava se arrumar — eu disse, enquanto queria cortar minha própria língua no segundo que disse. Porque ele vestido dessa maneira me deu vontade de colocá-lo

na mesa de jantar em vez do camarão ao molho de Louisiana de Jules.

Amigos-amigos-amigos. Amigos-amigos-amigos. Talvez se eu cantasse o suficiente na minha cabeça, isso iria afundar.

— Eu não queria parecer um maltrapilho para sua família.

— Bem... — Soltei um suspiro enquanto o olhava uma última vez. — Objetivo alcançado.

Ele desviou o olhar, um rubor enchendo suas bochechas. Ele estava corando? Eu queria comê-lo.

— Posso entrar? — ele perguntou com um sorriso tímido.

Percebi então que estava parada ali, bloqueando sua entrada, olhando. Olhando, realmente. Provavelmente babando. Eu precisava carregar um lenço comigo hoje em dia para evitar tal constrangimento.

— É claro. Entre.

Ele me entregou uma garrafa de merlot quando entrou.

— Mateo. Você é dos bons. Amaciando minha irmã, hein?

Ele colocou as duas mãos nos bolsos da frente, um gesto inocente que parecia fazer para fazer seu corpo alto e musculoso parecer menos ameaçador. Lobisomem bobo.

— Eu sei que ela não estava adorando essa ideia em primeiro lugar, de me ajudar, então pensei que não faria mal.

— Homem inteligente. E é exatamente o merlot que ela mais ama. Como você sabia? Você a está perseguindo? — Eu fiz uma careta.

— Não. — Ele apontou para o nariz. — Eu encontrei qual ela estava bebendo naquela noite em que a conheci. Bastou passear pelo corredor do vinho.

— Esse é um olfativo impressionante.

— Eu posso ser bastante impressionante às vezes.

— E tão humilde.

Quando o cutuquei com o ombro, ele olhou para baixo com um sorriso tímido. Uma mecha solta de cabelo caiu para frente, então ele a colocou atrás da orelha antes de travar meu olhar novamente. Aqueles olhos castanhos quentes me mantiveram cativa como sempre.

Distraíndo-me do súbito calor que passou entre nós, eu disse alegremente:

— Contanto que você não a esteja perseguindo, então.

— Se eu fosse perseguir alguém, seria você, Evie.

Enquanto nós dois ríamos, havia um fio de nervosismo ondulando entre nós. Quando levantei os olhos quando passamos pela sala, seu sorriso sumiu, sua expressão mudou, escurecendo tão rápido que quase perdi. Um arrepio primitivo percorreu meus ossos, então estávamos de pé ao lado da mesa da sala de jantar e seu sorriso educado apareceu novamente. A sala de jantar dava para o pátio de tijolos e se abria para a cozinha.

— Bem-vindo, Mateo — disse Jules.

— Ele trouxe vinho — eu disse alegremente, passando para ela.

— Obrigada. — Seu rosto realmente suavizou quando viu o rótulo. — Isso foi gentil da sua parte. Vá em frente e sente-se.

— Oi, Mateo — disse Clara docemente, entrando pela porta dos fundos da cozinha. — Bom te ver de novo.

— Bom te ver também.

— Você pode sentar aqui — eu disse, apontando para o assento que Isadora geralmente ocupava ao meu lado. — Vou pegar seu prato.

— Onde está Violet? — perguntou Jules.

— Ela estava bem atrás de mim. — Clara apontou para a porta que ela havia deixado entreaberta.

E foi aí que o inferno começou.

Capítulo 14



mateo

Putá merda!

O borrão de movimento e o súbito guincho das fêmeas me abalou tanto que nem pensei. Agarrei Evie pela cintura e pulei de volta para a sala de estar, observando uma faixa preta, seguida por um galo inchado. Então Violet passou zunindo.

— Droga, Fred!

A faixa preta, que reconheci rapidamente como o gato Z de Evie, moveu-se mais rápido do que pensei ser possível para o velho saco de ossos. Ele pulou no balcão da cozinha, deixando o galo grasnando e cacarejando com raiva lá de baixo. O gato ficou sentado olhando, seu rabo se contorcendo era o único sinal de que ele estava agitado com a perseguição.

— Violet! — gritou Jules. — Se aquele galo perder uma pena na minha cozinha, vou torcer o pescoço dele e fritá-lo para o jantar.

Violet ofegou, então pegou o galo do chão e o puxou para perto de seu peito.

— Nem diga essas coisas. Fred vai ficar...

Ela parou, segurando seu galo que por acaso estava usando uma gravata borboleta roxa de bolinhas, então virou seu olhar para mim. Foi quando notei que todos pararam e estavam olhando para mim. Foi também quando percebi que estava rosnando. Bem, Alfa estava rosnando. Eu também estava segurando Evie em um aperto mortal em volta da cintura e na frente de seus ombros, pressionando-a contra mim com uma força insana.

— **Afaste-se.** — A voz profunda e áspera de Alfa retumbou na minha garganta e saiu da minha boca.

Clara engasgou. Jules deu um passo à frente, as palmas das mãos voltadas para mim ao lado do corpo, os dedos abertos.

Ah, porra.

Isso mesmo. O Papai está com a garota dele.

Pare de rosnar, filho da puta, antes que lancem um feitiço ou algo assim. Deixe Evie ir.

Assim que a ameaça acabar.

Não há ameaça, seu Neandertal.

Eu a protegerei de todas as criaturas imundas.

É um galo e um maldito gato!

— Espere — implorei a Jules, minha voz quase de volta ao normal, esperando que ela não me acertasse com sua magia antes que eu pudesse controlá-lo.

Depois de mais um bufo áspero, o rosnado em meu peito parou.

Meu pulso estava acelerado. Não. Esse não era meu. Era de Evie. Eu podia ouvi-lo e senti-lo tamborilando contra o meu antebraço que ainda estava pressionado na parte superior do peito dela. A batida rápida de seu coração me fez querer inclinar minha cabeça para baixo e lamber seu pulso. E então o resto dela.

— Sinto muito — eu disse a ela, soltando-a tão rápido que ela tropeçou. Agarrei seu braço para estabilizá-la. — Desculpe.

— Está tudo bem — ela sussurrou e me deu um olhar de pena, embora houvesse um fio de apreensão em sua voz. Pensar que eu o havia colocado ali me enojava.

— Eu não tinha a intenção... — O que eu não tinha a intenção? Agarrá-la ao primeiro sinal de perigo e colocar ela junto ao meu corpo como se fosse minha? Permitir que Alfa assumisse o controle e assustasse as bruxas que estavam tentando me ajudar? Quem eu estava enganando? Eu estava perdendo o controle sobre ele. Devagar, mas estava.

E os olhares que suas irmãs estavam me dando, especialmente Jules. Não é bom. Felizmente, a atenção voltou-se para Violet quando o gato soltou um uivo.

— Tire esse maldito galo daqui — ordenou Jules, aço em sua voz. Se era para mim ou para a irmã dela, eu não tinha certeza.

— Estou te avisando, Violet. Ele está a dois passos de virar uma torta de galinha.

— Ele é um galo. Não é uma galinha. — Violet fez uma careta, silenciando o pássaro cacarejante.

— Ele vai ter o mesmo gosto.

— Ignore-a, Freddie — Violet sussurrou para ele.

— *Agora*, Violet — disse Jules com aborrecimento desenfreado, apontando para a porta.

— Vou pegar um pouco de leite para Z — disse Clara, rapidamente servindo um pires e levando-o para a dispensa, seu olhar passando rapidamente para mim com o mesmo olhar simpático que Evie tinha me dado um segundo atrás.

Quando ambas saíram para cuidar dos penetras, Jules voltou seu olhar cinza para mim.

— Sinto muito, Mateo. Percebo agora que mesmo pequenos contratempos podem fazer com que seu lobo se esforce.

Ela ainda não viu nada.

— Não. Eu que sinto muito. — Engoli em seco contra a vergonha de perder a cabeça e agir como um psicopata possessivo por nada.

Jules acenou com a mão na porta por onde Clara e Violet saíram com os animais.

— Não costuma ser assim.

— Normalmente é muito mais caótico — disse Evie, sua voz elevando-se alegremente, embora um brilho de triste compaixão ainda brilhasse em seus olhos.

Jules olhou para Evie.

— Só quis dizer que normalmente não temos animais de curral correndo pela cozinha na hora do jantar.

Evie murmurou: *Sim, temos.*

Olhei para baixo, estudando meus sapatos sem motivo, afastando a vergonha. Evie se aproximou e cutucou meu cotovelo com o dela.

— Está tudo bem — ela murmurou só para mim. — Você deveria ver o show de horrores que este lugar é quando todas as minhas irmãs estão aqui.

Ela estava tentando aliviar o que havia acontecido, o que apreciei, mas apenas provou para mim o quão mal eu realmente estava. O perdão rápido de Evie foi um longo caminho para suavizar meu constrangimento desajeitado por agarrá-la como um maníaco para protegê-la de um galo e um gato meio morto.

— Sente-se — disse Jules, soando mais curta do que educada. Seu olhar pesado e observador disparou alguns alarmes. Ela aparentemente não era tão indulgente. Compreensível. Enquanto Evie caminhava até o fogão para servir nossos pratos, Jules perguntou baixinho: — Isso acontece muito? Seu lobo assumindo o controle do homem assim?

Não havia razão para negá-lo.

— Só desde este feitiço. Eu *sempre* estive no controle antes disso.

— Sempre? — Ela perguntou com um arco cético de sua sobrancelha.

— Sim — eu disse um pouco agressivamente, forçando-me a manter a calma. — Sempre.

— Você já machucou alguém fisicamente desde que este feitiço foi colocado em você?

Pressionando meus lábios, eu não queria dizer a ela a verdade. Mas eu certamente não iria mentir.

— Apenas uma vez. — Como se apenas um incidente de violência estivesse bem. Limpando a garganta, eu disse a ela: — Eu tinha uma entrega para um cliente e estava estacionado legalmente no lado da rua. Mas um cara com muita raiva da estrada saiu e pulou na minha frente, gritando e me xingando por bloquear sua vaga de estacionamento.

— O que você fez?

— Foi uma reação rápida. Instintivo. Eu dei um soco no nariz dele.

Pode crer que sim.

— Entendo.

Coloquei um guardanapo no colo e sustentei seu olhar examinador para que ela não pensasse que eu estava escondendo alguma coisa. O que eu não estava.

— Sou capaz de manter as coisas sob controle na maior parte do tempo.

— Exceto quando se é assustado. — Ela acenou com a cabeça novamente para a porta onde suas irmãs haviam saído um minuto atrás.

— Exatamente.

Ela olhou por cima do meu ombro, onde Evie estava, então disse baixinho:

— Minha irmã pode cuidar de si mesma, mas esteja avisado de que terei que intervir se você a ameaçar de alguma forma.

Sentindo aquele aviso como um bloqueio em meus ossos, meus músculos se contraíram com o perigo.

— Eu entendo. Não esperaria nada menos.

Ela assentiu com a cabeça, seus lábios pressionando um sorriso tenso, dizendo-me que estava feliz por termos concordado com o assunto.

Evie voltou para a mesa e colocou um prato na minha frente.

— Sirva-se de pão francês. — Ela apontou para a cesta no centro da mesa, seu olhar passando rapidamente entre mim e Jules, obviamente captando a vibração tensa.

Jules saiu para preparar dois pratos e colocá-los em lugares vazios na mesa, seus lábios ainda comprimidos em uma linha apertada. Não era preciso ser um gênio para detectar que a tensão tinha menos a ver com a cena de circo do animal e mais a ver com minha repentina agressão possessiva em relação à irmã dela. Conquistar Jules seria um grande empreendimento. A irmã de Evie era importante para ela, então eu tinha que tentar.

Eu pensei em levar essa amizade com Evie para o próximo nível uma vez que esse feitiço fosse quebrado, mas agora estava me perguntando se Jules tentaria impedir até mesmo a amizade.

De repente, desejei que Clara se apressasse e voltasse. Algo sobre sua mera presença amenizava qualquer vibração ruim.

Qual delas é ela? Aquela que mijá purpurina e caga arco-íris?

Nem mesmo o entretendo agora.

— Então, de onde ele tirou o nome Z?

Violet e Clara entraram em fila naquele momento. Violet bufou enquanto se sentava.

— É a abreviação de Gato Zumbi.

— Gato Zumbi? — Peguei uma colher de camarão, molho de tomate picante e arroz branco.

Clara sorriu, pegando uma fatia de pão francês.

— Z é especial. Ele tem trinta anos.

Olhei para Evie.

— Trinta? Como isso é possível?

Ela sorriu timidamente.

— Nossa irmã Isadora é uma Condutora.

Uau. Eu já tinha ouvido falar sobre elas antes, mas nunca havia conhecido nenhuma. Esse tipo de bruxa poderia transferir energia de qualquer fonte para outra. Aparentemente, até energia para prolongar a vida de um gato.

— Sim — acrescentou Violet. — Evie tentou chamá-lo de Oliver uma vez, mas Isadora o apelidou de Gato Zumbi depois que ela começou a dar-lhe “tratamentos”.

Evie revirou os olhos para as asas aéreas de Violet.

— Você é tão hipócrita. Quantos anos Fred tem agora? Hum, deixa eu ver...

— Cale a boca, Garotinha.

— Mateo, de onde vem sua inspiração para sua arte? — perguntou Clara, completamente do nada. Mas meio que parecia o estilo dela.

— Hum, principalmente mitologia. E história.

— Isso é interessante. Algum motivo em particular? — Ela tomou um gole de chá, suas sobrancelhas curiosas levantadas.

— Na verdade, não. Eu sempre fui atraído por isso.

— Eu não acho que isso seja totalmente preciso. — Sua acusação foi pronunciada com tanta doçura que eliminou a aspereza da grosseria.

Eu abri minha boca para dizer a ela que sabia o que queria, mas então uma súbita onda de memória me trouxe de volta. Mamãe estava deitada na cama comigo, abraçada, lendo a história de Perseu para mim. Fazia tanto tempo que eu não pensava na memória há anos.

— Minha mãe — eu admiti. — Ela gostava dos gregos. Acredito que foi aí que tudo começou para mim.

Clara sorriu brilhantemente.

— Bem, isso é adorável.

Evie me deu um sorriso, muito menor e mais torto, mas foi o suficiente para aliviar a tensão remanescente em meus ombros.

— O camarão ao molho de Louisiana é delicioso — eu disse a Jules.

Jules assentiu, dando uma mordida em sua tigela.

— Obrigada.

Violet olhou para o relógio.

— Sim, bem, isso é bom e tudo mais, mas precisamos acelerar. Tenho um compromisso às três horas.

— Com quem? — Jules injetou algum veneno em sua pergunta. Fiquei feliz por não estar mais voltado contra mim.

— Não é da sua conta. Você não é minha mãe, Juliana.

Uma corrente elétrica ondulou no ar, arrepiando os pelos dos meus braços. Alfa soltou um grunhido profundo com a presença repentina de magia.

— Não, mas tudo que afeta este coven precisa passar por mim.

— Isso não afeta o coven — Violet retrucou.

— Por que você está sendo tão...?

— Oh, pelo amor de Deus, Jules. Você não pode controlar tudo e todos. — Violet revirou os olhos. — Largue disso.

Clara estendeu a mão e colocou a mão no antebraço de Violet, um pulso de luz amarela brilhou e então se foi. Quase como o flash de uma câmera, mas as câmeras não deixavam um chiado de eletricidade no ar. A magia de Clara zumbia contra meu peito do outro lado da mesa, uma vibração agradável. Estranho.

— Não se preocupe — disse Violet, de pé com seu prato vazio. — Eu não estou brava. Apenas pronta para colocar a mão na massa. — Então seu olhar penetrante pousou em mim. — Se você terminou, Lobisomem. Vamos fazer isso.

Jules apareceu, depois Clara, levando os pratos para a pia. Evie se levantou e pegou meu prato vazio também. Com um encolher de ombros, ela disse:

— Desculpe. Elas geralmente não são tão idiotas.

— Sim, somos — disse Violet, passando pela sala de estar e saindo para o corredor em direção aos fundos da casa.

— O que nós vamos fazer? — Levei o meu copo e o de Evie para a pia atrás dela.

— Violet é uma Vidente. Ela quer examiná-lo para ver se consegue encontrar a bruxa que colocou esse feitiço em você.

— Então você tem certeza de que isso não foi algum tipo de acidente? Como magia residual, um feitiço destinado a outra pessoa que ricocheteou em mim?

Ela me encarou na pia, uma expressão sombria que não tenho certeza se já tinha visto antes. Exceto, talvez, quando contei sobre minha familiar.

— Não. Desde que passei um tempo com você e com o que li, este é um feitiço amarração. Alguém quis fazer isto para você.

Ouvir a confirmação disso me chocou profundamente. Quem me enfeitiçou gostaria de sufocar meu lobo, me fazer literalmente perder a cabeça? Porque era isso que ia acontecer se este feitiço não fosse quebrado.

— Vamos — disse ela, pegando minha mão e me levando de volta para a sala de estar.

Apertei sua mão delicada gentilmente, seu toque me aterrando com aquele bálsamo doce e familiar que eu desejava a cada segundo de cada dia. Ela me conduziu pelo mesmo corredor da primeira noite em que nos conhecemos. Logo antes de nos aproximarmos do escritório de Jules, ela soltou minha mão. Uma dor aguda picou dentro do meu peito, mas não a agarrei novamente.

— Sente-se aqui — disse Jules, apontando para um grande encosto ao pé de uma longa mesa de centro de mogno.

Eu sentei. Violet estava sentada no chão do lado oposto, uma tigela de madeira polida cheia de água à sua frente. Evie pegou uma tesoura e caminhou em minha direção.

Que porra? Ataque!

Apertei cada músculo do meu corpo, agarrando as poltronas com força brutal. Eu tive que me lembrar que era Evie.

— Está tudo bem — disse ela com um sorriso, levantando a outra mão para descansar no meu ombro enquanto olhava para mim. — Eu só preciso de alguns fios para Violet. Prometo não danificar seu lindo cabelo.

Não foi o que ela falou, e sim o tom suave de sua voz e o toque suave de sua mão em meu ombro até meu cabelo que me acalmaram.

Fiquei perfeitamente imóvel enquanto ela cortava apenas alguns fios, caminhava até Violet e os jogava na tigela de água.

Evie colocou a tesoura na estante e voltou para o meu lado. Ela se encostou na lateral da cadeira, seu calor maravilhosamente próximo, e colocou a mão no meu ombro oposto. Alguém pode até pensar que estava envolvendo o braço em volta de mim em uma espécie de abraço, mas eu sabia bem. Ela estava me acalmando com o toque.

— Relaxe — ela sussurrou para mim. Então eu tentei.

Clara acendeu uma vela alta e fina e colocou-a no centro da mesa, depois sentou-se à esquerda de Violet. Jules estava ocupada acendendo um bastão de incenso. Ela sussurrou algo, em seguida, deu uma volta completa ao redor da mesa, depois ao meu redor, depois atrás de Violet antes de enfiar o bastão em uma pequena tigela de areia preta à direita da tigela de adivinhação. Ela se sentou em frente a Clara.

Violet estava sentada, de pernas cruzadas, com os olhos fechados o tempo todo. Agora, ela os abriu, seus olhos azul-celeste brilharam com uma luz sobrenatural enquanto olhava para a tigela. Com um redemoinho de seu dedo pintado de roxo acima da tigela, a água se moveu em um círculo. Eu podia ver os poucos fios do meu cabelo no topo, afundando lentamente enquanto a pequena tigela ondulava ao redor.

No segundo em que meu cabelo afundou na água, um pulso agudo de energia perfurou o ar. Veio de Violet. Alfa rosnou apesar da força calmante de Evie ao meu lado.

— Shhh — ela sussurrou. — Você está seguro.

Eu sabia que estava seguro e essas bruxas estavam aqui para me ajudar. Mesmo assim, a magia na sala parecia uma ameaça, e eu não fazia ideia do porquê.

— Mostre seu mestre — Violet sussurrou para a água.

A água girava e girava enquanto ela circulava o dedo no ar acima da superfície da água, cada vez mais rápido, imagens que pareciam passar rapidamente nas ondulações. Violet estalou os dedos. A água congelou como se estivessemos assistindo a um programa de televisão e alguém pausasse.

Acima da água parada, havia uma gota suspensa no ar. Abaixo disso, na superfície da água vítrea, havia uma imagem da minha obra de arte na galeria. Um busto de Medusa, seus cabelos como serpentes vivas sibilando para um inimigo.

Violet estalou os dedos e a água girou novamente, tão rápido que parte dela escorregou pela borda.

— Mostre-me seu mestre — ela ordenou mais alto, sua voz caindo para um registro não-natural quando estalou os dedos novamente.

A água congelou como antes, mas desta vez a imagem era minha trabalhando no meu estúdio sem camisa. O foco do quadro era meu torso nu, meus braços e músculos das costas flexionados enquanto eu trabalhava em uma escultura. Muitas vezes eu trabalhava sem camisa nos meses de verão, quando o calor era insuportável. A mão de Evie apertou meu ombro.

Que diabos era isso? Não fui eu quem colocou esse feitiço em mim. Por que estava mostrando imagens minhas e do meu trabalho artístico? Não fazia sentido.

Quando Violet estalou os dedos novamente, a água rodou em um frenesi, ondulando descontroladamente como se uma fera surgisse sob a superfície. Ela colocou a palma da mão no ar voltada para baixo em direção à tigela.

— Chega — ela sussurrou com uma ameaça gutural. — Mostre-me a porra do seu mestre.

A água rodou e saiu da tigela, saindo de seu suporte, ainda circulando insanamente rápido. O borrão de uma imagem dentro da água, um traço cinza e vermelho. Meu lobo? Sangue? O que foi isso?

— Mostre-me! — A voz de Violet vibrou com agressividade.

Clara saltou com a força. Evie apertou meu ombro com tanta força que pude sentir suas unhas cravando.

A imagem sangrou preta, tornando a água barrenta. Com um súbito crepitar de magia, a tigela girou no ar e caiu de cara para baixo com um baque audível. A água negra apagou a vela, e o incenso queimando sibilou quando se extinguiu.

Violet ofegou, franzindo a testa para a bagunça, os punhos cerrados sobre a mesa. Clara estendeu rapidamente as duas mãos e colocou-as no braço da irmã, sua pele se iluminando com aquele brilho dourado como na outra noite quando lançou aquele feitiço feliz em mim.

Jules virou um olhar carrancudo para mim.

— Alguém definitivamente quer te machucar, Mateo.

— Não faço ideia de quem.

Violet se levantou rapidamente, afastando Clara, dizendo a ela:

— Estou bem. — Então seu olhar elétrico se moveu para mim e Evie. — Seja quem for, ela é uma vadia forte.

— Você quer dizer bruxa — disse Evie, calma como sempre.

— Não, quero dizer vadia. Ela não só lançou um feitiço de ligação sobre ele, como também amarrou a porra do próprio feitiço para que não possamos ver. Ela não quer que ninguém veja. Se for ela. Poderia ser um ele por toda a porra que eu sei.

— Violet... — começou Clara.

— Eu estou bem — ela retrucou, então mais gentilmente para sua irmã gêmea. — Sério. Não se preocupe comigo. Vocês deveriam estar todos preocupados com esse lobisomem. Esta é uma bruxa poderosa, seja quem for. De qualquer forma, tenho que ir. — Ela ergueu as mãos e bateu contra o jeans. — Essa bagunça.

— Vou limpar tudo — disse Clara. — Pode ir.

Violet não esperou. Ela saiu bufando. Clara sorriu para Jules.

— Vou pegar algumas toalhas.

Jules apontou seu olhar cinza para mim.

— Você não conhece ninguém que possa lhe fazer mal?

Frustração rasgou através de mim.

— Eu te disse. Não tenho inimigos.

— Temo que tenha — ela retrucou.

Inclinando-me para a frente com os cotovelos nos joelhos, penteiei o cabelo com as mãos.

— Olhe. Eu não conheço ninguém. Eu já disse a você.

— E os rivais de negócios?

— Rivais de negócios? Eu sou um artista. Em um mercado raro de metalurgia. Os outros artistas que conheço nem têm a mesma clientela. Nosso trabalho é diferente.

— Que tal uma ex-namorada? — ela perguntou.

Evie se encolheu ao meu lado, tirando a mão das minhas costas onde havia deslizado quando me inclinei para frente. Eu queria pegar a mão dela e colocá-la de volta em mim, sentindo a separação como um osso quebrando.

Pensei em Caroline, mansa e meiga como uma ovelha que gaguejou um pedido de desculpas para que fôssemos morar juntos. Eu a dispensei tão rápido que fez sua cabeça girar, então cortei todos os laços. A última vez que ouvi, ela já tinha começado a namorar um dentista em Metairie, então ela obviamente não estava com o coração partido.

— Não. — Eu balancei minha cabeça. — Eu só namorei humanas de qualquer forma.

— As humanas contratam bruxas para lançar feitiços o tempo todo.

Ficando cada vez mais frustrado, reformulei:

— Não deixo namoradas se apegarem.

Jules zombou.

— Você é um cara muito atraente, Mateo. Bonito e com um negócio próspero. Um artista sensível. Algumas mulheres ficaram muito apegadas. Quer você queira ou não.

Quando levantei os olhos do buraco no chão, percebi que ela estava olhando por cima do meu ombro, para Evie, não para mim.

— Acredite em mim quando digo, não é uma ex-namorada. Eu termino muito antes que possam se apegar. Antes que elas possam ter seus corações amarrados nisso. Eu sou solitário, ok. Sim, eu amo sexo pra caralho, mas prefiro com alguém que eu conheço, não uma ficante aleatória. Mas eu sempre termino assim que a novidade passa. Posso prometer a vocês que as mulheres nunca terão chance comigo.

Senti Evie ficar rígida atrás de mim. Eu sabia que soava como um bastardo de coração frio, mas era a verdade. E eu não ia deixar sua irmã pensar por um segundo que uma das mulheres tímidas e submissas que namorei no passado poderia ser a culpada aqui. Seria apenas perda de tempo encontrar o alvo real.

Jules ferveu por um segundo, aparentemente pensando sobre minhas palavras.

— Isso nos ajudaria se soubéssemos que tipo de bruxa lançou esse feitiço. Especialmente porque Evie nunca tentou quebrar o feitiço em um lobisomem.

Olhei para trás para encontrar Evie encostada na estante, evitando meu olhar. Eu queria forçá-la a olhar para mim, mas Jules continuou falando.

— Vamos realizar o feitiço na noite de lua cheia na próxima semana. Acho que tentar o feitiço de quebra no momento em que seu lobo mais desejar sair seria o melhor. Especialmente agora que sabemos que temos uma bruxa poderosa do outro lado deste feitiço de ligação.

Eu balancei a cabeça, deixando minha mandíbula fechada. Algo sobre toda essa experiência me deixou irritado. Mas a única coisa que realmente me deixou chateado foi o fato de Evie ter se afastado de mim, e eu não sabia por quê. Bem, mais ou menos. Eu falava sobre as mulheres como se fossem descartáveis, e isso me fazia parecer um idiota. Mas era assim que a vida tinha sido para mim. Do jeito que eu queria. Até agora.

Evie caminhou em direção à porta, ainda evitando meu olhar.

— Vamos. Vou lhe mostrar a saída.

Me mostrar a saída? O inferno que ela faria.

Diga a ela.

Ela vai falar comigo, gostasse ou não.

E se falar não funcionar, tenho ideias melhores.

Capítulo 15



evie

Quando chegamos à porta da frente, eu havia erguido uma fortaleza de pedra, completa com ameias e um fosso cheio de crocodilos, ao redor do meu coração bobo e mole. Sim, Mateo me disse que não tinha relacionamentos, mas algo sobre a maneira como disse que *as mulheres nunca têm chance comigo* apagou o inferno que havia queimado quando ele disse que *eu amo sexo*. Eu tive que deixar de lado o pequeno indício de esperança de que *poderíamos* nos tornar um *nós*.

Sempre havia a opção – depois de quebrarmos esse feitiço, é claro – de termos um relacionamento puramente sexual por alguns meses. Eu poderia fazer isso. Sexo arrasador com Mateo, então... e depois? Então ele me jogaria no meio-fio como suas outras namoradas para que eu não ficasse muito apegada. Porque vamos encarar os fatos, eu já estava ficando apegada. No momento, eu adorava ficar com ele. Se deixássemos o sexo atrapalhar tudo, não teríamos nem a amizade. E caramba, eu

realmente gostava dele como amigo. Mas... sexo gostoso, quente e pegajoso com Mateo?

— Você ao menos me ouviu?

— O que? — Eu rebati de volta para o homem girando meu cérebro em mingau.

De pé na varanda, ele riu, mas sua expressão era tensa. Eu não o culpei. Aquele show de merda no escritório foi assustadoramente intenso.

— Venha tomar um café comigo. O French Truck Coffee faz um ótimo café expresso.

Olhei para o meu relógio, nem mesmo olhando as horas.

— Não. Eu deveria ler mais um pouco. Parece que tenho muito trabalho pela frente com esse seu feitiço.

— Mas ainda temos duas horas restantes.

Dei de ombros.

— Apenas meio cansada.

— Cansada? Ou com raiva?

— Por que eu ficaria com raiva?

— Não sei. Me diga você.

— Eu não estou com raiva.

— E você é uma mentirosa de merda.

— Bem, agora estou com raiva. — Eu cruzei meus braços.

— Para sua informação, sou uma mentirosa fenomenal.

— Ah, é? Prove.

— Tipo, como?

Ele deu um passo mais perto, com as mãos nos bolsos da frente.

— Finja que está feliz e venha tomar um café comigo.

Ele estava usando aquele tom gentil com o olhar de cachorrinho perdido em seus olhos. Porra, ele jogou sujo. Mesmo que estivesse resmungando sobre a besteira de eu-sou-um-ser-solitário, eu realmente não pude resistir a ele. Então levantei a ponte levadiça, deixando meus crocodilos famintos estalarem em seu fosso, e disse:

— Tudo bem.

Ele estendeu o braço. Eu me acostumei a enganchar meu braço no dele enquanto caminhávamos. Agora, eu estava olhando para ele como se fosse uma víbora venenosa pronta para atacar. Ele sorriu, inclinando a cabeça.

— Uma mentirosa tão ruim — ele sussurrou.

Inspirando e expirando profundamente, deslizei meu braço no dele e deixei que me conduzisse pela calçada até a rua. Eu poderia ser uma atriz incrível quando me concentrasse, então fiz exatamente isso. Passeando levemente ao lado dele como sempre fazia.

— Então, o jantar foi agradável, certo? — Injetei um pouco mais de sarcasmo do que o necessário.

Senti um estrondo de riso através de sua caixa torácica até meu braço, mas não o ouvi.

— Encantador. Eu nunca tive uma apresentação animal antes do jantar. Foi um toque legal.

— Nosso objetivo é agradar. Especialmente com um convidado tão ilustre como você.

Continuamos andando, mas ele ficou em silêncio por um segundo. Acho que poderia ter contido um pouco da amargura em minha voz. Mas tudo bem! Eu não era uma boa mentirosa! Feliz agora?

— Evie. Eu te irritei.

SIM!

— *Não*. De jeito nenhum.

Ele grunhiu.

— Então o fato de eu ter mencionado minhas namoradas anteriores não tem nada a ver com isso.

— Mateo, o que você faz com outras mulheres é problema seu.

— Hmmm. Certo. — Ele flexionou o braço, apertando seu domínio sobre mim. — Olha. Sei que pareci um idiota, mas fiquei frustrado, certo? Sua irmã estava seguindo a pista errada. E eu disse a você antes que nunca fiquei com uma mulher por muito tempo.

— Sim. Você me disse. Isso é bom.

— Eu não sou um completo idiota, Evie. Eu sou honesto e direto.

— Não duvido nem por um segundo.

— Então você só está com raiva porque o quê? Por que eu sou honesto?

Eu estava sendo uma idiota. Ele estava certo. Eu soltei um suspiro e nos puxei para uma parada, inclinando-se para ficar na frente dele enquanto uma tropa de mulheres que faziam compras desfilava, suas sacolas ocupando a maior parte da calçada.

— Eu não estou brava com você. — E agora era verdade de alguma forma. Como eu poderia ficar com raiva dele por ser quem era? Ele ainda era o mesmo Mateo. Honesto, genuíno e enlouquecedoramente bonito. Eu só tinha uma imagem muito mais clara de onde as mulheres estavam em sua vida. Este meu pequeno ataque histérico provou uma coisa para mim. Prefiro ser sua amiga de longa data do que sua garota temporária. Eu sorri e estendi a mão para cumprimentá-lo. — Amigos?

Ele olhou com tanta intensidade que pensei que tivesse perdido o foco. Seus lábios se separaram para falar, mas nada saiu. Depois de uma piscada lenta, ele pegou minha mão e me puxou contra ele em um abraço de lado, envolvendo o outro braço em volta da minha cintura. Sua voz era áspera, sua boca perto do meu ouvido.

— Amigos.

Me deixei encostar a cabeça em seu ombro por alguns segundos, sabendo muito bem que precisaria de um fosso duplo. Antes que pudesse mergulhar no calor e no perfume da perfeição, eu me afastei. Caminhamos sem nos tocar, mas em um silêncio mais satisfeito.

Uma brisa fresca varreu a rua, causando arrepios nas minhas pernas nuas. Cruzei os braços, percebendo que o tempo estava finalmente mudando para o outono. Ainda bem que outubro estava quase acabando.

Em pouco tempo, estávamos entrando no café amarelo brilhante, French Truck Coffee. Ele segurou a porta aberta para mim e entramos.

— O jantar foi por sua conta, então o café é por minha — disse ele. — Alguma coisa em particular?

— Adoro o Crosstown Espresso.

— Entendi.

Enquanto ele estava na fila, encontrei uma mesa para dois e me acomodei. Como estava muito ocupada observando as pessoas, não percebi quando Mateo começou a conversar com uma mulher na fila atrás dele. Ela falava animadamente com uma mão, o outro braço carregado com uma bolsa Saint Laurent enorme e uma sacola de compras Pilot and Powell. Eu tropecei naquela loja uma vez quando Livvy estava procurando algo para vestir em um baile de Mardi Gras. Nós tropeçamos de volta depois de olhar para uma das etiquetas de preço.

A mulher devia estar na casa dos quarenta anos, cabelos loiros bem penteados passando dos ombros e os maneirismos de alguém de boa educação. Alguém acostumado ao dinheiro e a todas as coisas maravilhosas que pode trazer. Olhei para a minha camiseta e shorts enquanto ele esperava com ela que seus, quero dizer, *nossos* cafés estivessem prontos. Eu me

contorci no meu lugar, não feliz com o quão natural ele parecia ao lado de uma mulher como aquela. Então tive a terrível sensação de que, talvez, ela fosse uma de suas amantes que ele havia deixado ir.

Não. Eu estava sendo paranóica. Ridícula. Ele sorriu para ela com um carinho genuíno.

Ele caminhou até mim com ela ao seu lado. Ela carregava seu café em uma xícara para viagem.

— Evie — disse ele, colocando nossos expressos na mesa. — Esta é Sandra Blake, uma das artistas que expõe na minha galeria.

Eu era uma total idiota. Eu estendi minha mão com um sorriso.

— Você pinta as paisagens abstratas?

Ela pegou minha mão e deu um aperto genuíno, não fraco, feminino. Isso me fez gostar dela e me sentir ainda mais como um idiota.

— Culpada, receio. — Ela não era apenas uma mulher bonita como eu pensava de longe, mas era deslumbrante. Estrutura óssea de morrer e uma tez impecável que era simplesmente pecaminosa para uma mulher com mais de trinta anos. — Gostaria de ter mais originalidade como Mateo aqui, mas sou daquelas que pinta o que vê.

— Como os impressionistas — acrescentei.

— Sim. Você conhece arte. — Ela me deu um sorriso gentil.

— Bem, eu conheço meus artistas. — Olhei para Mateo e disse a ela: — Seu trabalho é lindo. — E eu quis dizer isso. Ela pintou as silhuetas tão familiares à Louisiana, mas em cores brilhantes e com pinceladas ousadas e intensas.

— Você é muito gentil, Evie. Mas obrigada.

— Você deve ter uma bela casa.

— Sim, mas devo tudo ao meu Gene, que Deus o tenha. Você e Mateo deveriam vir tomar chá comigo algum dia.

Eu ri para mim mesma, pensando em Clara e seu clube do livro semanal, onde eles tomaram um chá da tarde e terminaram seu último romance histórico. Os membros de seu clube do livro eram todas mulheres humanas com mais de sessenta anos. Ela adoraria Sandra Blake.

— Isso seria bom, obrigada.

— Bem, eu não vou te segurar. — Ela se virou para Mateo.

— Então eu posso enviar a Missy meu pedido de comissão?

— Claro — respondeu ele, um sorriso suave curvando seus lábios. — Mas Sandra, vamos apenas fazer um acordo sobre o aluguel do espaço da galeria. Não me sinto à vontade para cobrar de você.

Ela acenou com a mão com dedos de diamante.

— Por favor. Você vai me faturar o valor total, e isso é tudo. Seu tempo é valioso. — Ela se inclinou e ele se curvou para o beijo superficial na bochecha que ambos pareciam familiarizados. — Vocês dois, crianças, aproveitem o domingo. Prazer em conhecê-la, Evie.

Então ela saiu pela porta e Mateo se acomodou na minha frente.

— Uau — eu disse. — Não tenho certeza do que esperava de seus colegas artistas na galeria, mas com certeza não era ela.

— Como assim?

Eu congelei por um minuto, tentando encontrar as palavras.

— Não me diga — ele brincou. — Você está esperando que todos eles sejam boêmios, tatuados e perfurados até o enésimo grau. Como seu *melhor amigo*, Scotty.

— Bem, eu não diria isso, mas... — Tomei um gole do expresso. — Hmmm, isso é delicioso. Melhor beber antes que esfrie.

Ele riu, tomando um gole e me olhando por baixo de seus cílios escuros antes de colocar o copo na mesa e dizer:

— Eu acredito que você é uma fanática por artistas, Evie.

— Eu não sou! Eu só, quero dizer, ela não parece o tipo de artista que estou acostumada por aqui. Mas ela é boa.

— Sim. Ela é realmente talentosa. Na verdade, ela foi a primeira artista que conheci na área em outra exposição no centro da cidade. Eu disse a ela que estava procurando comprar uma galeria, mas queria que outros artistas se juntassem para alugar espaço para exibição. Ela investiu para tirá-lo do papel até que eu pudesse pagá-la de volta. Suas conexões conseguiram outro artista, meu amigo Kyle, a bordo. E com alguns outros como Scott, que exibem de vez em quando, mas não regularmente, consegui me sair muito bem.

Sorri, feliz por ver que Mateo teve sucesso aqui depois de se sentir forçado a deixar sua família e casa. Mas não consegui manter minha boca fechada quando perguntei:

— Então, você e ela alguma vez...?

— Alguma vez o quê?

— Você sabe. — Eu dei o sinal de mão universal que significava preencher os espaços em branco. Nesse caso, insinuei sexo.

— Eu e Sandra? — Ele parecia quase chocado. — De jeito nenhum. — Ele riu e franziu a testa ao mesmo tempo.

— Por que está tão chocado? Ela é uma mulher muito atraente.

— Ela é. Mas ela começou como minha parceira de negócios. Quaisquer pensamentos que eu possa ter tido nessa área terminaram há muito tempo.

— Então você está admitindo que *tinha* tesão por ela.

Seu olhar pesado e sorriso torto me disseram que ele sabia que eu estava pescando muito nisso. Meu ciúme estava aparecendo como um estúpido farol brilhante. Farol do tamanho do Batman.

— Sim, ela é uma mulher muito atraente. — Ele colocou um antebraço sobre a mesa, inclinando-se mais perto, sua voz mergulhando intimamente. — Mas ela é apenas uma amiga.

— Como nós.

— Não. — Ele piscou fortemente, seu olhar à desviando para a minha boca. — Não como nós. Somos muito bons amigos.

Boca seca, eu precisava beber meu café e calar a boca.

— Bem, um brinde a Sandra Blake. — Eu levantei minha xícara.

Ele bateu o dele no meu.

— E aos bons amigos — ele disse baixo e suavemente e com completa adoração enquanto levantava o copo de volta aos seus lábios, seus sonhadores olhos castanhos fixos nos meus.

Eu sorri e bebi, sabendo muito bem que o calor na minha barriga não tinha nada a ver com o café e tudo a ver com o meu muito bom amigo, de desmaiar e de derreter o coração.

Capítulo 16



mateo

— Eu tenho outra surpresa para você — eu disse a ela do outro lado do bar do Caldeirão.

— O que! — Seu olhar de pura alegria me tirou o fôlego. Era engraçado como ela sempre inclinava a cabeça levemente para o lado quando sorria assim. Seus olhos amendoados se enrugavam como se tivesse um segredo. Não, como se compartilhassemos um segredo. Eu queria envolvê-la em um abraço e levantá-la do chão, enterrar meu rosto em seu pescoço, mas isso seria meio louco.

Ela cutucou meu cotovelo.

— É melhor do que o Gotham City Grill?

— Não tenho certeza. Pode ser.

— Você não tem certeza? — Ela estendeu a mão para trás e apertou o rabo de cavalo, então soprou uma mecha solta que havia caído em seu rosto.

Mais uma vez, meu instinto foi tocá-la, colocar aquele cabelo ruivo atrás da orelha, traçar sua pele com a ponta dos dedos, sentir a maciez de sua pele.

— Como você pode não ter certeza? A surpresa é sua!

— Sim — eu desviei o olhar por um segundo, fechando meus dedos em punhos, desejando não a tocar. — Mas não tenho certeza se você já esteve lá antes, então pode não ser tão emocionante.

— Oh, agora estou *super* intrigada. — Ela contornou o bar, pegando sua jaqueta de couro marrom de um gancho. — Estou usando roupas apropriadas?

Observei seu jeans skinny apertado, seu Converse rosa e uma camiseta de manga comprida com Deadpool usando uma máscara de Jason.

— Você está perfeita. — De fato, ela estava. — Quantas camisetas do Deadpool você tem?

Ela sorriu e ignorou minha pergunta.

— Seja o que for que você planejou, não deve estar relacionado ao Halloween.

— Por que não? — Eu a protegi de um grupo turbulento de caras empurrando em direção ao bar onde JJ estava servindo bebidas rapidamente.

— Porque é Halloween, idiota. — Ela me deixou colocar meu braço em volta de seu ombro e empurrar em direção à saída. — E você não está fantasiado — ela acrescentou.

— Isso não significa que não seja relacionado ao Halloween.

— Saímos para a rua, cheios de festeiros. — Eu não posso acreditar que você conseguiu sair hoje à noite.

— Ah! — Ela pulou um passo, o rabo de cavalo balançando alto, as mãos enfiadas nos bolsos da jaqueta. — Estamos em rotação anual para a noite de Halloween. Por causa do tema do nosso pub, tendemos a atrair grandes multidões nesta época do ano. E nenhuma de nós quer trabalhar com as pessoas loucas por festa. Este ano, Violet e Clara puxaram os palitos pequenos. E Belinda, nossa outra garçonete, está lá. Elas podem lidar com isso.

Abri a porta do passageiro da minha caminhonete estacionada na rua. Ela deu um pequeno sorriso e pulou para dentro. Corri para o meu lado, mais animado do que pensei que estaria esta noite. Talvez fosse porque na semana passada Evie estava mais retraída. Ela se juntava a mim no estúdio todos os dias, como prometido, mas não estava se envolvendo tanto comigo. Mesmo que tenha dito que estava tudo bem depois que o interrogatório de Jules deu errado, eu senti que algo estava errado. Eu esperava que meus planos para esta noite pudessem trazê-la de volta para mim. Na semana passada, ela se deitou no chão ou se aconchegou no futon, com a cabeça abaixada e focada no tablet enquanto trabalhava com a caneta, me ignorando. Eu deveria ter me concentrado mais em minha nova escultura, mas Evie se tornou um bálsamo para meus

pensamentos maníacos e uma centelha para pensamentos mais novos e sensuais.

Eu tinha minhas suspeitas sobre o que ela estava fazendo, mas não tinha encontrado o momento certo para perguntar a ela sobre isso. Não havia dúvida de que ela estava sendo reservada, encerrando seu trabalho rapidamente sempre que eu me aproximava. Não importa. Seu foco intenso me permitiu vislumbres sem censura dela em profunda reflexão. Foi perfeito para ajudar com a minha nova encomenda.

Sandra havia enviado os parâmetros, o que permitiu mais licença criativa de minha parte do que a maioria das vezes. Seu pedido era simples: uma mulher jovem e bonita com um vestido esvoaçante e um manto com capuz e uma expressão que transmitisse esperança, força e amor. Ela deu os requisitos de tamanho e o prazo que esperava se eu pudesse fazer isso acontecer. Fora isso, ela apenas escreveu, *quero uma peça bonita e poderosa. Siga sua musa, Mateo.*

Com isso, Sandra abriu a porta para que eu criasse o que estava gravado em meu cérebro, e possivelmente em meu coração, há pouco tempo. Ter acesso à minha musa viva e respirando para esta escultura, observá-la diariamente, marcar suas expressões, canalizar sua beleza suave em calor e aço galvanizado, parecia o paraíso.

Você sabe o que mais seria a porra do paraíso?

Nem mesmo você pode me derrubar, Alfa. As coisas parecem muito boas agora.

Era quase como se o feitiço tivesse sido congelado ou parado. Os pensamentos febris e a ansiedade diminuíram consideravelmente. Alfa manteve a boca quase totalmente fechada quando eu estava perto de Evie.

Isso é porque eu gosto dela.

Isso não é nenhuma notícia.

Eu também quero transar com ela.

De novo. Nada que eu não soubesse.

Apenas espere. Está chegando a hora. Punheta não vai ajudar por muito mais tempo. Eu preciso de carne.

O último foi pontuado por um estrondo sobrenatural que aguçou meus sentidos e disparou um arrepio de medo na minha espinha. Foi quando ouvi o rosnado estrondo enchendo a cabine.

— Você está bem? — perguntou Evie ao meu lado.

— Oh, desculpe. Sim. Tudo certo.

— Apenas Alfa sendo mal-humorado de novo?

Ela gosta de mim.

— Sim — respondi com uma risada nervosa, passando a mão pelo meu cabelo. — Eu acho que ele está um pouco irritado com tantas pessoas por aí.

— As pessoas o deixam nervoso?

Isso é engraçado. Ninguém me deixa nervoso.

— Não exatamente. — Eu não tinha certeza se poderia colocar isso em palavras. Foi como a sensação que tive quando chegou a hora de me transformar, um empurrão em direção ao

animal. Como ser empurrado nas costas por algo grande e primitivo. — Acho que é apenas a energia no ar.

— Talvez porque a lua cheia esteja quase chegando.

— Pode ser. — Olhei para ela e guardei meus pensamentos para mim.

Ela ficou quieta por um minuto enquanto nos aproximávamos do City Park.

— Temos a cerimônia de quebra de feitiço na próxima semana. — Ela olhou pela janela como se para evitar olhar para mim.

— Você está preocupada em quebrá-lo?

— Não. — Ela balançou a cabeça antes de olhar para frente.

— Eu posso fazer isso.

— Então, o que é?

A multidão crescente clareou o suficiente para ver as placas do tamanho de uma faixa marcando para onde eu a estava levando.

— Oh, meu Deus! O Festival vodu! — Ela desabotoou o cinto de segurança e se lançou sobre o assento para me abraçar.

— Uau! — Eu ri, dando-lhe um abraço de um braço só enquanto manobrava por uma rua lateral para encontrar estacionamento.

— Mateo! Eu não posso acreditar. — Ela saltou de volta para o seu lado.

— Então você nunca foi?

— Sim. Mas foi há alguns anos. — Ela está radiante quando fala: — Violet é a única que gosta de shows tanto quanto eu, mas por alguma razão sempre surge algo no Halloween.

— Pode ser todo o negócio das bruxas.

— Ha, ha. Que cara engraçado. — Ela riu. — Mas você provavelmente está certo. De alguma forma, sempre há alguma porcaria maluca acontecendo no mundo mágico nesta época do ano.

Eu tive que estacionar alguns quarteirões abaixo. Nós pulamos para fora. Ela estava realmente pulando, tonta de excitação. Eu não conseguia parar de sorrir, enquanto esperava que ela me encontrasse na beira da rua. Quando começamos a andar, a coloquei do lado distante da rua. Alguns motoristas não davam a mínima para os pedestres. Se eles não desviassem a tempo, seriam atingidos.

Vou transformar o carro deles em pó se tentarem bater em mim ou na minha mulher.

Ok, Hulk. Faça isso.

— Eu nunca imaginei que você fosse um cara de show — ela disse animadamente, vertigem em sua voz.

— Eu tenho um estande aqui todos os anos. Vamos parar por lá primeiro.

— Você precisa trabalhar nisso?

— Missy cuida das vendas. Eu, Kyle e Scott sempre deixamos nas mãos dela. Aparecemos para verificar as coisas.

Mas um de nós sempre ajuda a desmontar a barraca todas as noites.

— Que legal. Espero que você esteja pagando horas extras para ela trabalhar durante todo o fim de semana do festival.

— Ela é bem paga por seu trabalho árduo e merece. Mas vamos voltar ao seu pequeno comentário e às minhas preferências de shows. — As costas da minha mão roçaram a dela, enviando um chiado de consciência ao longo da minha pele. — Sabe, tem muita coisa que você não sabe sobre mim.

Ela sorriu.

— Oooh, grande homem misterioso.

Eu balancei minhas sobrancelhas provocativamente.

Ela riu de uma forma gutural que me fez querer agarrá-la e beijá-la pra caralho.

Finalmente! Isso é um começo. *Siga esse sentimento.*

Eu balancei minha cabeça para me livrar dele. Mais e mais, os pequenos empurrões de Alfa soavam como o bom senso, e isso me incomodava pra caralho.

— Vamos jogar Duas Verdades e uma Mentira. — Ela lançou um olhar provocador para mim, sem perceber meus pensamentos descarrilados.

— Duas verdades e uma mentira? — Eu coloquei minha mão na parte inferior de suas costas quando um carro barulhento passou a toda velocidade.

— Sim. Eu lhe digo duas coisas que são verdadeiras e uma mentira sobre mim. E você adivinha qual é a mentira. Depois trocamos.

— O que eu ganho se eu ganhar?

Ela riu.

— O que você quiser.

Oh, meu doce bebê. Papai está pronto.

— Dentro da razão — acrescentou ela. — Mas pode acontecer um empate.

— Ok. — Olhei ao redor, procurando por carros. — Você vai primeiro.

A música bombeava nas proximidades. Outro carro subiu a rua. Eu envolvi uma mão em torno de seu quadril e a puxei para perto, então a soltei quando eles passaram. Eu não queria ser pegajoso, mas também não conseguia me conter. Minha natureza primitiva parecia estar avançando esta noite. E não havia dúvida de que meu lobo pensava em Evie como minha para proteger.

Porra, certo.

Ela levou um minuto antes de finalmente dizer:

— Minha lembrança favorita do meu pai é quando ele usava o avental da minha mãe e cantava “I Will Survive” de Diana Ross enquanto assava biscoitos de Natal. — Ela olhou para mim. — Essa é a memória número um. — O brilho suave da luz da rua brilhava sobre seu perfil. — Um menino na escola

primária me deu um soco no estômago quando derrubei seu almoço.

Mate. Ele. Encontre ele e rasgue membro por membro.

Exagero.

Essa é a palavra mais estúpida da língua inglesa.

— Minha irmã Violet deu um soco nele e fez seu nariz sangrar — acrescentou ela, em seguida, pulou um passo. — E, finalmente, minha irmã Violet ganhou um contrato de gravação para uma música que ela escreveu no colégio, mas recusou porque achava que a carreira de cantora não era desafiadora ou gratificante o suficiente. Ok, qual é a mentira?

Eu pensei por um segundo.

— Acho que a segunda é a mentira. — Eu esperava que sim, porque pensar em algum idiota batendo nela, mesmo na escola primária, me fez ver vermelho.

— Droga. Sim! Você adivinhou.

— Uma mentira muito criativa, no entanto.

— Na verdade, a maior parte era verdade. Benny Davidson era um valentão. Mas foi Jules quem deu um soco no nariz dele.

— Sério? — Eu cerrei minhas mãos, tentando esfriar minha reação exagerada a uma memória antiga de um pequeno idiota que machucou minha garota. A minha garota? Que porra? Eu tinha que tirar Alfa da minha cabeça. — Então ela não é só de latir e não morder, sua irmã? — Eu adicionei.

— De jeito nenhum — ela riu.

Tome nota. Benny Davidson está oficialmente na minha lista de prioridades.

Ah, é? Quem mais está aí? O cara que teve raiva de mim no trânsito no mês passado?

Aquele babaca é o número três.

E o cara que passou na nossa frente no Subway na semana passada? Ele definitivamente merece morrer por atrasar nosso bife com queijo.

Não. Estou lhe dando um passe.

Quem é o número um então?

Estou guardando esse lugar para quando alguém realmente me irritar.

Então você só ficou moderadamente chateado com os outros até agora.

Isso mesmo. Mas está chegando a hora em que todos pagarão. Assim que eu puder me transformar e você sair do meu caminho.

Um arrepio percorreu meu corpo, o medo, a necessidade e o desejo pela minha próxima transformação prometendo perigo. Mais um motivo para esfriar meus jatos nessa veia possessiva que eu estava sentindo muito forte.

— Sua vez — disse Evie. Ela olhou para mim. — Você está bem?

— É claro. — Forcei um sorriso. — Vamos ver. — Eu pensei um minuto. — Ok. Meu primo Nico se juntou a uma gangue

de motociclistas de lobisomens. Mas ele lutou contra o líder pelo status de alfa e perdeu, então ele deixou a gangue.

— Uau. Isso é incrível.

— Memória número dois. — Eu pisquei. — Meu avô me ensinou a fazer tortas de carne. Fiquei tão bom que ganhei três concursos, incluindo o primeiro lugar no San Antonio Amateur Bake-off, categoria Savory. Duas vezes.

— Ahhhh, cara. — Ela balançou o dedo indicador para mim. — Você é bom nisso.

— Número tres. Certa vez, passei um ano na selva do Alasca, vivendo da terra.

Ela sorriu para mim.

— Essa última é óbvia. Estou surpresa que você tenha passado apenas um ano.

Eu a cutuquei com tanta força que ela perdeu o equilíbrio. Mas agarrei seu antebraço e puxei-a rapidamente para o meu lado, nós dois rindo. Deixei minha mão deslizar relutantemente, as pontas dos dedos roçando sua pele.

Ela olhou para mim com o canto do olho, então limpou a garganta.

— Ok. Deixe-me pensar. Tudo o que sei sobre seu primo é que você disse que ele é um idiota arrogante. Então, esse tipo de personalidade se juntaria a uma gangue de motociclistas? Porque não tenho certeza se ele gostaria de receber ordens de alguém.

Dei de ombros e deixei meu rosto o mais inexpressivo possível.

— Mas se ele também desafiou o alfa, isso parece se alinhar mais com o cara superconfiante que descreveu. No entanto, talvez você esteja tentando usar psicologia reversa em mim.

— Grande capacidade analítica. Não sabia que esse jogo era tão complexo.

— *Oooooou* — ela arrastou em exagero — você me deu uma mentira um tanto plausível como verdade e uma verdade ridícula como mentira. Depende de quais táticas psicológicas está usando, na verdade.

— Eu assando tortas de carne premiadas... não, premiadas com o primeiro lugar... é ridículo? Estou tão magoado. — Eu espalmei meu peito e dei a ela uma cara triste.

— Por favor.

— Pare de protelar. Eu quero uma resposta.

Ela estreitou seu olhar para mim com desconfiança quando paramos na pista de quatro pistas que tínhamos que cruzar para entrar no City Park. Eu arqueei uma sobrancelha para ela e esperei.

— Ok. A história sobre Nico é a verdade e aquela história da torta só pode ser mentira.

Uma onda louca de excitação percorreu meu corpo, como uma injeção de adrenalina. Por que eu estava tão animado que ela estivesse errada?

Porque agora você ganha uma recompensa.

— Errado. — Eu sorri como um vilão. — Meu primo entrou para a gangue, mas saiu depois que eu dei uma surra nele e disse para ele parar de ser um idiota de merda, não porque perdeu um desafio para o alfa.

— Você está brincando comigo?

— De jeito nenhum.

— Você bateu no seu primo? Você não parece o tipo de cara que usaria violência para ganhar uma discussão.

Oh, bebê. A violência é minha amada amiga.

Seu sorriso escorregou, como se tivesse ouvido Alfa. Eu sabia que ela não podia. Ela tinha acabado de esquecer que eu era um lobisomem por um minuto.

— Como disse antes, eu mantenho meu temperamento sob controle. Mas Nico não entenderia nada além de força bruta na época.

— Espere um segundo. Então isso significa que você é realmente um padeiro premiado com torta de carne?! — Ela estava gritando tão alto que eu me aproximei e cobri sua boca com a mão de brincadeira.

Não era para ser segredo, mas minha outra mão estava em sua nuca nua. A pressão de seus lábios contra a palma da minha mão. A pulsação de seu coração sob meus dedos. A proximidade dos nossos corpos. Deus, eu senti como se estivesse me afogando na sensação de algo tão inocente quanto isso. Eu estava com tantos problemas. Seus olhos verdes dilataram, e tudo que conseguia pensar era como seria se eu

retirasse a palma da minha mão e a substituísse pela minha boca.

Alfa não disse nada, mas seu rosnado ronronante foi o suficiente.

Contando de dez até zero, consegui falar sem soar como se tivesse engolido uma lata enferrujada.

— Acredite, Evie. Como eu disse, há muitas coisas que você não sabe sobre mim.

Tirei minhas mãos dela e me afastei. Ela o encarou por um minuto, com a boca parcialmente aberta. Talvez em estado de choque, porque não havia como negar a carga disparando no ar segundos antes.

Ela limpou a garganta e olhou para o tráfego cada vez mais escasso.

— Bem então. Acho que em breve você vai fazer torta de carne para o jantar.

— *Eu* ganhei o jogo. Isso significa que eu recebo a recompensa, não você.

— Mateo Francisco Cruz. — Sua insolência estava de volta. Felizmente. — Você não joga no ar um detalhe como esse e não me permite ser a juíza de suas habilidades premiadas. Você vai me fazer uma torta de carne.

Eu agarrei a mão dela e a conduzi através da rua depois que os carros diminuíram.

— Se você vai me implorar, Evie — eu disse, piscando para ela —, vou te dar minha torta de carne.

Capítulo 17



evie

Eu estou muito perdida. Sim, eu queria comer sua torta de carne, sem dúvida. E eu não estava imaginando coisas. Definitivamente havia algo acontecendo esta noite. Ele estava todo melhores amigos em um segundo e, de repente, no próximo segundo, olhava para mim como se eu fosse um daqueles hambúrgueres duplos de Gotham. Mas talvez isso fosse tudo culpa de Alfa?

Isso fazia muito mais sentido. Quero dizer, eu não era cega sobre ele estar fisicamente atraído por mim. Eu conhecia aquele olhar, embora houvesse poucos homens capazes de me fazer estremecer de desejo quando olhavam para mim. Mas ele não agiu de acordo com esses sentimentos, e isso foi o melhor.

Definitivamente o melhor. Porque ser amigo era melhor do que nada. E depois de alguns meses de sexo alucinante, era isso que teríamos quando ele me largasse.

— Aqui.

Ele me parou perto do portão de entrada e tirou do bolso dois braceletes de plástico roxo; nossos tíquetes de entrada. Ele envolveu um em volta do meu pulso, seus dedos acariciando a parte macia de baixo enquanto ele ajustava perto da minha pele, mas não muito perto. Sem muito esforço, ele arrancou o excesso sem me machucar. Mateo parecia tão à vontade, tão calmo o tempo todo, que às vezes eu realmente esquecia que ele era um lobisomem. Mas então ele fazia pequenas coisas assim, e eu me lembrava. Humanos, nem mesmo bruxas, podiam quebrar aquele tipo de plástico como se fosse um palito de dente.

— Ingressos VIP? — Estudei a pulseira e arqueei uma sobrancelha para ele.

Ele apenas sorriu, me deixando formigando, enquanto colocava o seu.

— O que Loa quer dizer? — Eu perguntei, notando a palavra em letras estranhas na pulseira.

Nossas cabeças estavam inclinadas, eu olhando para minha pulseira, ele colocando a dele.

— Loa significa *espírito* na religião vodu. Aquele que você chama para pedidos especiais. — Sua voz era baixa e rouca enquanto ele olhava para mim de cabeça baixa. O marrom derretido se alargou com um toque de ouro sob seus cílios. — Então, se você tiver algum pedido, esta noite é a noite para fazer. — Ele pegou minha mão e nos levou para dentro.

Mais uma vez, pesei as duas opções, amigos ou amantes temporários, me perguntando se valia a pena cruzar essa linha.

Então ele entrelaçou seus dedos nos meus e apontou seu sorriso radiante para mim, puxando-me para uma fileira de tendas montadas no parque.

Sem chance. Eu sentiria falta disso. Eu não sabia como, mas Mateo se tornou essencial para minha vida. Eu gostava de tê-lo por perto todos os dias. Eu sentiria falta dele se ele não estivesse. E isso me chocou pra caramba.

— Nossa, nunca vi tudo isso antes. — Passamos por tendas com todos os tipos de obras de arte, a maioria fechando as coisas durante a noite.

— Dê uma olhada. — Ele apontou para uma tela gigante com algum tipo de transmissão ao vivo de uma praia incrivelmente bela com águas cristalinas e peixes prateados nadando ao redor. A visão continuou girando de um foco na água para a terra. Notei uma garota pequena parada ao lado com um fone de ouvido de realidade virtual.

O vendedor estava atrás de um painel de controle. Ele tocou alguma coisa e a praia desapareceu, agora um castelo escuro em meio a uma tempestade que se aproximava. A garota que usava o fone de ouvido avançou, a porta do castelo se aproximando. Quando abriu por conta própria, um fantasma horrível apareceu.

Todos assistindo, inclusive eu, pularam. A garota com o fone de ouvido gritou e pressionou as mãos sobre a boca sorridente. A multidão também riu. Ela estendeu a mão para o

ar. Na tela grande, o fantasma horrível evaporou em névoa. Ela congelou, olhando para um conjunto de escadas bambas.

— Faça isso! — gritou um cara magro ao lado dela. — Vamos lá, Lacey. Não seja uma fracote.

Ela golpeou o ar ao seu lado, mas seu amigo pulou fora de alcance.

— Vamos, Lace — disse outra garota. — Vá ver o que tem lá em cima.

Mateo sorriu para mim e me puxou. Havia outros estandes legais que pareciam estar abrindo enquanto os estandes de artes e oficinas estavam fechando. Passamos por um simulador de videogame com ação ao vivo e uma tela gigante na frente dos dois jogadores. Eles ficaram na frente de algum tipo de monitor de vídeo que rastreou seus movimentos enquanto apontavam chutes e socos no ar. Na enorme tela da televisão, dois oponentes musculosos estavam imitando suas ações enquanto lutavam entre si.

— Vou te matar, cara — disse o jogador de boné virado para trás.

— Em seus sonhos, mano.

Seguimos em frente enquanto seus amigos e a multidão os aplaudiam. A atmosfera era divertida e festiva, as bandas tocando nos três palcos separados à distância.

— Eu não vi nada disso da última vez. Violet e eu só viemos pelas bandas.

Percebi que ele estava segurando minha mão de novo, mas muito casualmente, como se fizéssemos isso o tempo todo. De alguma forma, parecia que sim, mesmo que eu estivesse ciente de cada vez que ele me apertou com mais força, nos movendo no meio da multidão. Seus pequenos toques constantes esta noite continuaram aumentando minha adrenalina, meu coração batendo mais rápido do que o normal.

— Existem todos os tipos de fornecedores na indústria de música e vídeo que exibem sua nova tecnologia aqui. Venha conferir.

Ele parou em uma tenda marcada como Loa VIP Lounge. Examinaram nossas pulseiras e entramos. Havia cadeiras e sofás macios espalhados, uma barra de dinheiro no canto com especiais para VIPers, água grátis e estação de refrigerante, até mesmo alguns lanches preparados. Em um canto, havia uma leitora de tarô inclinada sobre suas cartas, apenas o lenço envolvendo o topo de sua cabeça visível. Algumas pessoas ficaram ao redor, bloqueando parcialmente minha visão enquanto a observavam fazer uma leitura para uma garota loira.

— Você quer uma leitura? — ele perguntou com um sorriso.

Eu balancei minha cabeça em uma risada.

— Se eu quisesse uma, pediria a Violet para fazer. Ela é muito mais precisa.

— Você é uma esnobe sobre leitoras de tarô. — Ele me cutucou na barriga. Em vez de fazer cócegas, apenas aumentou minha consciência dele, de suas mãos em mim.

Eu esfreguei o local e bati em sua mão.

— Não. Mas... tudo bem, talvez eu seja.

— Então você não acredita em leituras?

— Claro que acredito. Eles são completamente reais. Com a bruxa certa ou psíquico humano de qualquer forma.

Ele acenou com a cabeça, seu olhar demorando onde eu ainda tinha minha palma espalmada no meu estômago. Essa consciência intensificada disparou para o cosmos, seu olhar varreu meu corpo, meu rosto, fixando-se pesadamente em meus olhos.

Seus olhares eram como uma carícia tangível, varrendo-me. Mas, em vez de satisfazer, era o tipo de toque fantasma no qual eu poderia me viciar. Seu olhar pesado me fez imaginar como suas mãos talentosas se pareceriam se traçassem onde seus olhos me seguiam. Meu pulso batia mais forte, tamborilando na minha garganta. De repente, o ar frio da noite não foi suficiente para impedir que o suor umedecesse meu pescoço.

— Você quer uma bebida? — Sua voz baixa e rouca bombeou meu sangue ainda mais rápido. — Água? Cerveja?

Um aceno apertado.

— Uma cerveja gelada parece bom. — Um pouco de álcool para aliviar a tensão me faria bem agora.

— Preferência?

— Qualquer Abita, se tiverem.

Ele assentiu e se dirigiu ao bar. Eu vaguei até a leitora de Tarô, incapaz de me impedir. Quanto mais perto chegava, eu sentia o chiar da magia no ar.

Oh. Ela era uma bruxa *de verdade*. Não apenas uma médium humana. Isso, eu tinha que ver. Enquanto manobrava pela multidão, reconheci as feições marcantes de Beryl. Seus dreadlocks foram domados para trás com um lenço roxo enrolado no topo de sua cabeça, as pontas caindo em um ombro. Não pude deixar de sorrir quando seus olhos âmbar encontraram os meus. Ela sustentou meu olhar por um segundo, depois voltou para terminar a leitura.

Beryl era a amiga mais próxima de minha mãe há muito tempo. Não houve um momento em que não me lembro dela estar em nossas vidas, aparecendo para passar um tempo com minha mãe em seu escritório, que agora era o escritório de Jules. Beryl foi quem ensinou a nós, meninas, as melhores ervas para fazer nossos próprios bastões de borrão. Ainda posso ouvir suas instruções afiadas sobre como embrulhar a lavanda e o louro, o cedro e a sálvia, a erva-doce e a mirra.

Raramente a víamos ultimamente, a menos que mamãe estivesse na cidade. Mantendo sua personalidade profissional, ela fingiu não me conhecer quando me aproximei. A carta da Carruagem estava virada para cima na frente da garota.

— Portanto, agarre-se à oportunidade. Quando chegar, vá. Você está destinada a fazer esta jornada.

— Será como uma viagem de verdade? Como férias? — A garota de olhos arregalados perguntou.

Apertei os lábios para não rir. Beryl estava evitando chamá-la de idiota. Esta era uma cliente pagante, então ela teve que mostrar mais contenção do que faria comigo ou com minhas irmãs.

— Possivelmente. Fique de olhos abertos — Beryl disse a ela.

Então ela jogou a carta de volta no baralho, misturando-as com velocidade sobrenatural. Notei algumas cartas se embaralhando entre outras por conta própria. Beryl era uma vidente como Violet, mas sua magia se derramava mais através das cartas do que da tigela de adivinhação, como acontecia com minha irmã.

— Isso é tão legal — murmurou um dos amigos da loira enquanto observavam Beryl embaralhar. — É como mágica ou algo assim.

— É totalmente isso — disse outro amigo.

— Vocês estão cheios de merda. Tudo cheio de truque e merda — disse o cara de óculos esperando por eles. — Vamos para o palco.

Ele me deu vontade de rir acima de tudo porque era totalmente real, como o amigo dela disse. Aquela garota tinha uma jornada chegando. Beryl nunca errava.

O grupo se afastou. Uma morena pulou na cadeira, mas Beryl ergueu a palma da mão, as pulseiras em seu pulso tilintando.

— Ainda não, minha querida. Primeiro, ela. — Apontou para mim.

— Mas eu estava aqui primeiro — a morena fez beicinho.

Beryl lançou um olhar fulminante para a garota.

— Quando o Espírito fala, devemos ouvir. O Espírito quer mandar uma mensagem para ela.

A pequena reunião de cerca de cinco cabeças viradas para mim. Acho que a última vez que Beryl leu as cartas para mim, ela pegou a carta dos Arcanos Maiores, O Louco. Isso foi logo antes de eu começar a namorar Derek. Não dei atenção ao aviso dela, e olha onde isso me levou. Um ano de sexo medíocre e um duro chute na minha autoestima.

— Não estou aqui para uma leitura, madame Beryl — eu disse, sorrindo para uma mulher que havia jantado em nossa casa centenas de vezes.

— Eu não estou pedindo. — Ela estalou um dedo, suas pulseiras tilintando novamente. — O Espírito exige. Você deve ouvir.

Com resignação e revirando os olhos, sentei-me na cadeira. Eu sabia que ela precisava da minha mão sobre a mesa, então virei minha palma direita para baixo, os dedos abertos como ela instruiria se eu não fizesse isso. Ela estreitou um olhar maternal para mim, sentindo minha insolência através da minha postura corporal e movimentos.

Inspirando e expirando profundamente para liberar minha ansiedade, deixei-a saber que estava me abrindo para ela. Caso

contrário, ela causaria uma cena contando muitos segredos sobre como o Espírito pensava que eu era obstinada e desobediente, como normalmente me dizia.

— Ambas as palmas, querida — ela ordenou.

— Ah, qual é, Beryl.

— Ambas — ela retrucou.

Ignorei os sussurros daqueles que assistiam e pressionei ambas as palmas das mãos na mesa. Ela queria ter certeza de que eu estava aberta. Certo. Eu estava aberta agora. *Veja*, eu parecia dizer com um movimento de minhas sobrancelhas para cima, franzindo minha testa.

Ela começou a embaralhar as cartas novamente em suas mãos, com seus dedos longos e marrons. As cartas se moviam mais rápido, muitas se movendo sem o toque dela, flutuando entre si com uma velocidade assustadora. Com um baque retumbante, ela achatou o baralho na mesa com a palma da mão, sacudindo as velas de chá na mesa.

A morena esperando ao meu lado guinchou, agarrada a sua amiga. Foi quando minha respiração ficou forte, muito alta em minha cabeça, tudo muito quieto, como som sugado para o vácuo. Beryl não movia a palma da mão, os olhos penetrantes no convés virado para baixo, a testa franzida. Oh, inferno. Isso não era bom.

— Vire a carta, Beryl.

Quando ela ergueu a palma da mão, a carta virou sozinha, sua magia tão sintonizada com as cartas que elas faziam o que

deveriam, quer usasse telecinese ou não. Algo me disse que as cartas estavam no comando agora, não ela. Ou o Espírito estava. Especialmente quando ela virou a carta da...

— Morte — murmurou Beryl.

A morena e sua amiga engasgaram, com os olhos arregalados. Mas eu não surtei. Eu sabia que essa carta tinha mais de um significado além do óbvio. Beryl sabia que eu entendia, mas ela tinha que continuar apresentando seu show para os espectadores.

— A morte não é apenas sobre finais. É sobre começos também. Pode significar nascimento e renascimento. Mudança e transformação. Poderia haver um novo começo ou uma mudança em sua vida, querida?

— Talvez — eu sussurrei, e ainda assim meu olhar estava preso ao esqueleto em trajes de cavaleiro, montado em um cavalo branco e carregando a flor branca de cinco pedais.

Isso poderia significar minha parte na transformação de Mateo? Poderia ser um novo começo em meu sonho secreto que mantive perto do meu coração e ainda estava com muito medo de perseguir? Eu não sabia. Todas eram possibilidades, mas então tudo que eu conseguia focar era a cabeça do esqueleto, minha respiração ficando mais rápida quando uma frieza tomou conta de mim, como ser beijada por um anjo negro. Esta carta não foi apresentada como uma interpretação elevada de renovação. Era uma mensagem diretamente do cavaleiro esqueleto no cartão.

Em um borrão fugaz, o cavaleiro se moveu, o cavalo galopando no lugar, a bandeira da flor branca ondulando em uma brisa inexistente. O cavaleiro esqueleto virou a cabeça de sua caveira para mim, sua boca se abrindo em um grito sem som. Os cabelos da minha nuca se arrepiaram. Então, de repente, a carta parou, voltou ao desenho original imóvel, o cavalo de perfil. Quando voltei a olhar para Beryl, percebi que ela também tinha visto. Devíamos ser as únicas. O que isso significa?

— Eveleen — ela sussurrou, mas então eu o senti.

A presença acalorada de Mateo nas minhas costas enviou arrepios de consciência ao longo da minha pele. Meu corpo apenas sabia quando ele estava perto, desejando que se aproximasse. Beryl estava com as palmas das mãos espalmadas sobre a mesa. O baralho se embaralhou sozinho, as cartas flutuando alto no ar. Os observadores ofegaram. Mas eu mantive meu olhar nas cartas, flutuando de volta para uma pilha ridiculamente igual. Como uma faca saindo das mãos de um assassino, uma carta voou para fora do baralho, virou e caiu abaixo da carta da Morte. Fechei os olhos ao vê-lo, respirando fundo.

— Amantes — disse Beryl, sua carranca suavizando-se em um olhar acusador.

Olhei para o cartão com um homem nu e uma mulher estendendo os braços um para o outro.

— Cuidado com a carta dos Amantes, querida — disse ela, olhando para o homem que eu sabia que estava atrás de mim. — A carta dos Amantes pode indicar que você está em uma encruzilhada. Não se pode seguir os dois caminhos — disse Beryl, seu olhar apenas em Mateo parado bem atrás de mim. — Estude suas opções e faça a escolha mais sábia. — Finalmente, ela olhou para mim, uma centelha de – o que foi – medo cruzou seu rosto? — Lembre-se de que o Espírito lhe deu duas cartas de uma só vez por um motivo.

Eu não poderia dizer, *Oh, Beryl. Isto é ridículo*. Porque para uma Vidente, o Espírito não era bobo. Era a força orientadora que deu a ela verdadeiras mensagens do mundo metafísico. Eu balancei a cabeça.

— Obrigada, madame Beryl.

Fui tirar uma nota do bolso de trás, mas ela balançou a cabeça.

— Vá, querida. Não posso pegar nada por essa leitura, e você sabe disso.

Beryl trabalhava como leitora de tarô para turistas por dinheiro, sim. Mas quando o Espírito assumiu o controle, ela dizia que não podia aceitar dinheiro pela mensagem. Deve ser dado e aceito livremente.

Com um aceno rígido, levantei-me e virei-me para Mateo, cuja expressão sombria era dura e fixa na mesa.

— Vamos — murmurei, pegando um dos Longneck Abita Purple Haze dele.

— Eveleen — veio a voz mais suave de Beryl. Quando olhei por cima do ombro, ela disse: — tenha cuidado.

Não foi nenhuma surpresa que seu olhar pousou em Mateo novamente. Não poderia ser mais claro, *não foda com o lobisomem! Perigo, perigo!* Tipo, eu realmente morreria se o fizesse? Era essa a mensagem? Essa é a única coisa sobre as leituras de tarô. Eu sempre tinha mais perguntas do que respostas depois. Eu preferia a piscina divinatória de imagens hardcore de Violet.

Mateo me seguiu para fora da barraca onde parei para beber um terço da minha cerveja.

— Você a conhece?

Passei as costas da mão nos lábios, onde pingou uma gota de cerveja.

— Ela é uma das melhores amigas da minha mãe. Conheço ela desde sempre.

Ele grunhiu e deu um gole na cerveja também, olhando para a barraca. Eu esperava que ele comentasse as cartas na mesa ou dissesse mais alguma coisa sobre Beryl, mas não disse nada. Sua carranca profunda me disse que suas rodas estavam girando, no entanto.

— Vamos. — Ele apontou para uma fileira de estandes de exibição.

Eu andei ao lado dele, nós dois bebendo nossas cervejas bem rápido em silêncio enquanto avançávamos. Eu não conseguia nem absorver muita coisa ao meu redor, ainda digerindo o que

diabos estava acontecendo com Beryl, até que paramos em frente a uma tenda de doze por doze. Missy estava embrulhando um familiar desenho a carvão fosco em vermelho escuro. Uma das obras de Scott.

— Ah, oi! — Ela sorriu docemente para Mateo. — Eu estava apenas encerrando as coisas. Kyle já colocou o seu na van.

A mesa estava quase limpa, com apenas alguns cavaletes vazios. Me aproximei do último ainda apoiado. Era abstrato de cores vivas com linhas de contorno pretas duras. A princípio, parecia uma explosão de raios de sol irregulares, como vidro quebrado, mas olhando mais de perto, notei os tons sutis de azul entre os vermelhos e dourados ardentes. Os azuis juntos formavam o rosto de uma mulher, embora os pedaços de cor estivessem espalhados. Era uma espécie de ilusão de ótica.

— Uau, isso é legal.

— Obrigado, moça bonita.

Eu me virei e quase pulei para fora da minha pele. Um cara alto e esguio estava atrás de mim, seu rosto pintado como um rei vodú, o esqueleto branco contra o preto. Seu visual estava completo com uma cartola preta alta e um casaco de veludo vermelho com cauda. Seus olhos eram verdes elétricos, quase brilhando na luz sombria ao redor da tenda, obviamente lentes de contato. Embora parecesse sobrenatural, não havia indício de magia real emanando dele.

— Jesus, Kyle — disse Mateo, parando mais perto de mim, com a mão mais uma vez na parte inferior das minhas costas.

Sem pensar, eu me inclinei para ele. Ele esfregou um pequeno círculo com a palma da mão. — Que diabos é esse traje?

Ele riu, seu grande sorriso branco brilhando contra o preto pintado em torno de seus lábios.

— Sou o porteiro da casa assombrada. — Ele fez um movimento com a cabeça. — Temos uma mini versão da Casa Assombrada do Sétimo Círculo para anunciar para a grande no centro da cidade. Quem é sua garota?

— Esta é Evie. Evie, este é Kyle Montgomery. — Mateo não se preocupou em protestar que eu não era sua garota desta vez, e eu não tinha certeza de como me sentia sobre isso.

Ele estendeu uma mão de dedos longos, que parecia super assustador com ossos de esqueleto pintados de forma complexa nas costas.

— Prazer em conhecê-la, Evie. — Ele sorriu. — Bem assustador, hein?

Eu ri em uma exalação de ar que eu não tinha percebido que estava segurando.

— Sim. Você parece real, no entanto. Como um verdadeiro sacerdote vodu.

— Apenas me chame de Papa Legba.

Ele piscou antes de se virar para Missy, que estava nos observando e fazendo as malas ao mesmo tempo. Ela já havia limpado toda a mesa, exceto pela pintura de Kyle que eu estava admirando.

— Você está bem com o resto? — ele perguntou a Missy.

— Sim. Tudo certo. Você está com minhas chaves?

Ele passou por eles.

— O policial no portão disse que tudo bem, mas não demore muito.

— Sem problemas. O carrinho tem rodas. Eu cuidarei disso.

— Tem certeza disso? — Mateo perguntou a ela.

— Vocês agem como se eu não pudesse cuidar das coisas. Não cuidei sempre de tudo para você, Mateo? — Ela parecia um pouco exasperada, dirigindo-lhe um olhar penetrante.

— Se você tem certeza.

— Vá. Eu prometo que consigo. — Ela acenou para eles, guardando a pintura de Kyle em uma bolsa. Ela a colocou no ombro e segurou o carrinho sobre rodas. — Vá se divertir. — Ela me deu um sorriso tenso e saiu.

— Ela é mandona — disse Kyle.

— Missy? — Mateo parecia chocado. — Ela nunca é mandona.

— Você não conhece a Missy que eu conheço então. — Ele sacudiu o que quer que estivesse pensando e se virou para nós.

— Ei, por que vocês dois não vêm conferir nossa casa mal-assombrada?

— Estávamos nos preparando para ir até o palco.

— Ah, vamos lá, cara. A menos que você esteja com medo.

Mateo revirou os olhos, o que o deixou adorável. Eu nunca o tinha visto fazer uma cara como a minha antes. Ele abaixou a cabeça na minha.

— O que você acha? — O peso de sua mão em meu quadril me chocou por um segundo.

— Sim. — Eu sorri para Kyle, incapaz de encontrar os olhos de Mateo agora. — Eu amo casas assombradas.

Capítulo 18



evie

Kyle havia nos deixado na entrada e desaparecido lá dentro por alguns minutos antes de retornar. Seu sorriso parecia mais sinistro com a pintura facial de esqueleto, e eu estava recebendo muitas vibrações estranhas com as imagens repetidas de esqueletos esta noite. De repente, eu estava repensando se deveríamos ir para casa mal-assombrada, mas não ia admitir o quão assustada estava. E eu realmente amava casas assombradas. Então, por que eu estava tão no limite?

— Vocês podem entrar — disse Kyle, apontando para nós com uma bengala com a ponta de ouro na mão. — Não se irrite, Cruz.

Mateo deu-lhe um empurrão violento que fez Kyle recuar um passo. Ele apenas soltou uma gargalhada alta.

— Você tem parceiros de negócios realmente interessantes.

— Evita que as coisas fiquem monótonas. — Ele sorriu para mim enquanto me empurrava à frente dele com uma mão na minha cintura.

— Ah, então eu vou primeiro?

Ele sorriu.

— As damas sempre vão primeiro.

— Oh, meu Deus. Mateo, você está realmente com medo?

Ele riu, mas foi meio ofegante, já que estávamos agora a cerca de um metro da entrada escura.

— Não é que eu tenha medo. É apenas...

— Não se preocupe. — Agarrei sua mão entre as minhas, puxando-o pela porta arqueada. — Eu protegerei você.

— Eu aposto que você vai.

Entramos em um túnel escuro como breu, sons de terror à distância, mas aqui estava quieto. Agarrei-me ao braço de Mateo, rindo para mim mesma.

— Você estava dizendo que ia me proteger? — ele sussurrou em meu ouvido.

Eu apenas continuei rindo para mim mesma, me preparando para o primeiro...

— Ahhhhhh!

Uma criatura sombria que se misturou com a parede saltou com os braços levantados. Eu gritei, então joguei minha cabeça para trás rindo enquanto puxava Mateo através de uma porta de malha para a próxima cena. Suas mãos se moveram sobre mim, uma em meu pescoço para agarrar meu ombro em um

aperto frouxo. A outra passou da minha cintura até o quadril, espremendo e disparando minha adrenalina para a estratosfera. Com a euforia adicional da casa mal-assombrada, eu me senti quase chapada. Completamente embriagada por Mateo, e eu não queria que parasse. Tenho certeza de que estava viciada.

Caminhamos por uma espécie de cemitério, a névoa e o portão de ferro forjado cercando as criptas acima do solo. Passamos pela primeira, esperando que algo saltasse das sombras, mas ninguém o fez. Passamos por outra à direita, mas nada. Quando passamos pela terceira, cinco zumbis saíram cambaleando da boca da cripta.

Não apenas pulei e praticamente rastejei pelo corpo de Mateo, mas empurrei um zumbi para trás com um soco telecinético. O cara caiu de bunda para trás, então se sentou, balançando a cabeça.

— Porcaria. Vamos! — Eu arrastei Mateo para além dos zumbis.

— Você fez isso? — ele murmurou em meu ouvido, seus lábios roçando a concha.

O calor se acumulou no meu meio.

— Não pude evitar! — Eu gritei sobre os sons de trovoadas vindos da sala ao lado. — Ele chegou muito perto. Simplesmente aconteceu.

Ele agarrou minha cintura com as duas mãos, puxando meu corpo para perto dele para que eu pudesse ouvi-lo acima do barulho.

— Seja boazinha, bruxinha.

Eu não tive uma resposta inteligente porque meu cérebro havia deixado o prédio e meu corpo queria se esfregar contra ele como um gato. Ele me empurrou pela porta ao lado, onde havia de fato uma simulação de uma tempestade ao nosso redor. Nenhuma chuva, mas uma névoa fina e ventos fortes açoitando as árvores falsas carregadas de musgo ao longo de um caminho sinuoso. Havia olhos espiando no escuro, piscando e desaparecendo. Eles eram como cães. Então um uivo irrompeu e foi levado pelo vento.

— Oh, merda — eu disse, percebendo que tipo de criaturas estavam nesta “floresta” pela qual passamos.

Olhei por cima do ombro para Mateo, que havia diminuído o passo. Seus olhos escuros brilhavam com aquele fogo interior. O brilho feroz de seu lobo, de Alfa. Porra. Seu lobo estava se preparando para lutar contra um oponente.

— Vamos. — Eu o puxei com mais força, puxando-o ao longo do caminho iluminado.

Mas quando o cara em uma fantasia de lobisomem pulou na nossa frente, sabia que estaríamos na merda se eu não fizesse algo rápido. Eu me virei abruptamente e passei meus braços em volta da cintura de Mateo por baixo de seu casaco. Seu corpo era uma parede de aço, um rosnado assassino retumbando em seu peito.

— Mateo — eu disse. — Está tudo bem.

Ele não me ouviu, seu olhar agora sobrenatural no lobisomem falso fazendo todos os tipos de rosnados estúpidos e ruídos uivantes, golpeando o ar com suas garras falsas. Esse cara estava prestes a ser espancado e não sabia disso.

— Não é real. — Eu empurrei a mão no cabelo de Mateo e puxei, forçando seu olhar para baixo para que olhasse para mim. — Não é real. — Eu balancei minha cabeça. — Ele é humano. Você sabe disso. Desencana.

Eu queria que ele estendesse a mão com sua magia, para sentir que não havia perigo. Seu corpo tenso relaxou um pouco, seu olhar estreito, avaliando, sua cabeça inclinada. Com uma profunda fungada no ar, seu corpo relaxou ainda mais, mas não totalmente. Sempre podíamos sentir outras criaturas sobrenaturais. Mateo foi capaz de substituir seu lobo e reconhecer isso pelo que era. Felizmente, o falso lobisomem deu mais um pequeno uivo e saltou de volta para a floresta falsa. Movimento inteligente, cara.

Puxei Mateo junto, sabendo que tínhamos que estar chegando ao fim. Seu corpo praticamente vibrou com a magia, emanando uma eletricidade crepitante que eu não tinha sentido nele antes. Sua pele estava febril. Precisávamos sair dessa maldita casa mal-assombrada. Isso tinha sido uma má ideia.

Caminhamos pelo covil de um cientista louco, onde criaturas deformadas andavam mancando, acorrentadas e em celas, tentando nos tocar. Eu nem estava em fase,

completamente focada em encontrar nossa saída. Eu podia ver o arco final à frente, através de mais uma porta.

— Quase lá — murmurei mais para mim mesma, sentindo a tensão ondulando do lobisomem atrás de mim.

Enquanto caminhávamos pela última porta, que tinha um formato estranho e cerca de um metro de profundidade, uma porta de madeira se fechou à nossa frente. Virei-me para ver um painel de madeira fechar atrás de Mateo. Então reconheci a forma; um caixão. Estávamos de pé em um caixão enorme e virado ao contrário. Eu me virei enquanto as pessoas batiam nas paredes externas, nos cercando com gritos e gargalhadas maníacas. Tudo parte da vibração assustadora de uma casa mal-assombrada. Exceto o que os fantasmas do outro lado não sabiam era que agora eu estava presa em uma caixa muito pequena com um lobisomem alterado.

Não foi o medo que aumentou minha pulsação de zero a sessenta em um milissegundo. Era a parede de aço atrás de mim e a carga sexual saindo dele como um cabo de força caído.

— Mateo?

Suas mãos ásperas agarraram meus pulsos e pressionaram minhas palmas contra a porta à nossa frente. Eu estava respirando rápido e forte.

— Mateo? — Minha voz tremeu agora.

Senti sua cabeça afundar, mas ele não tinha me tocado além de colocar minhas mãos na parede, seu corpo duro uma parede de calor nas minhas costas.

— **Não. Se. Mova.**

Putá merda. A voz dele. Era algo como cascalho e ferrugem. Profundo e feroz. Eu não estava mais falando com Mateo e sabia disso. Dedos longos contornaram a frente da minha cintura, então viajaram para baixo sobre meu jeans até que ele segurou minha vagina em um aperto possessivo. Sem se mover, apenas segurando.

Eu pulei.

— Oh, meu Deus!

— **Shhh.**

Sua outra mão agarrou meu rabo de cavalo e puxou minha cabeça para trás e para a direita com um forte puxão. Não o suficiente para me machucar, mas o suficiente para me fazer obedecer.

Então senti o calor de sua respiração logo abaixo da minha orelha. E sua língua. Porra, sua língua. Ele traçou uma linha na coluna da minha garganta, inclinando-se para o meu ombro, onde fincou os dentes. O suficiente para beliscar. Seu corpo estava alinhado com o meu, suas coxas nas minhas, seu pau duro contra a fenda da minha bunda, seu peito largo em meus ombros.

— **Fodidamente deliciosa.** — Novamente, aquela voz áspera que não era Mateo, mas também era, vibrou contra mim. Uma voz que cheirava a coisas devassas e travessas.

As pessoas tentando nos assustar do lado de fora se transformaram em nada. Seus gritos estúpidos apenas

amplificam a sensação que corria dentro desse caixão, esta caixa de necessidade escura e lobisomem gostoso.

Sua língua lambeu uma linha até que ele me deu uma sucção forte logo abaixo da minha orelha em um gemido profundo e estrondoso. Mordi o lábio inferior, mas ainda não consegui conter o gemido de... de quê? Prazer? Temor? Ambos?

— **Sim** — ele rosnou na voz de Alfa. — **Minha garota é gostosa pra caralho.** — Ele raspou os dentes ao longo do lado do meu pescoço, como marcar papel com uma faca, delineando onde pretendia fazer sua marca. — **Aposto que você tem um gosto bom em todos os lugares.** — Ele esfregou a mão onde me segurava entre as minhas pernas. Um arrepio percorreu meus dedos dos pés. Por um segundo, eu honestamente me perguntei se ele planejava *realmente* me comer. Então ele apertou meu rabo de cavalo com mais força, pressionou o nariz na minha pele e inalou profundamente. — **Porra, vai ser bom quando eu finalmente me afundar em você.**

Eeeeeee, meus joelhos dobraram. Eu me empurrei contra a parede, meus instintos de luta ou fuga me socando no estômago. Ele pressionou seu corpo com mais força, me mantendo ereta e presa com muita facilidade. Sua mão no meu cabelo apertou.

— Mateo?

Uma risada áspera contra o meu ouvido.

— **Ele saiu do prédio, querida.** — Ele pontuou isso com a rocha em sua pélvis e moendo seu pau duro contra a minha bunda.

— Alfa... por favor...

Uma bufada quente contra o meu pescoço.

— **Sim, você vai dizer muito isso.**

Ele soltou meu cabelo e passou seus longos dedos ao redor para segurar a frente da minha garganta. Congelei. Este foi o momento em que soube que estava em perigo. A necessidade do lobo por sangue e carne era quase a mesma de acordo com minhas leituras noturnas. Eu poderia empurrá-lo através da sala telecineticamente, mas *não* quando estava fechada em um caixão com ele. Se eu o empurrasse com minha magia agora, poderia fazê-lo perder a cabeça e me machucar.

— **Você quer saber qual é a pior coisa?** — ele perguntou, todo rouco e carnal.

Ele passou a ponta áspera de seu polegar ao longo do meu pulso. Sua mão entre minhas pernas se moveu, deslizando seus longos dedos para trás e para frente antes de me segurar novamente, mantendo um aperto firme e possessivo. Essa experiência insana parecia mais íntima do que qualquer sexo que já tive.

— O que? — Eu perguntei, descansando minha testa contra a porta de madeira, os sons de batidas e risadas do lado de fora diminuindo lentamente. Graças a Deus. Quase acabando.

— Quando eu vejo um cara olhando para você, querendo você... eu quero rasgar a garganta dele. **Empurrá-lo para o chão...** — Seu hálito quente estava em meu ouvido, atijando as chamas que lambiam meu sangue. — **E reivindicá-la para que todos possam ver. Então o mundo saberá que você é *minha*.**

Eu vi pontos por um segundo, superestimulados e nublados com luxúria e uma pequena quantidade de histeria. Ok, talvez não tão pequeno.

— **Mas Mateo, aquele covarde, ele nem cogitou a ideia.**

— Eu gosto de Mateo — sussurrei com uma respiração trêmula.

— **Me dê uma noite e você gostará mais de mim.**

O peso e o calor dele, a sensação inebriante de sua boca na minha pele, seu domínio sobre mim, estava prestes a me fazer entrar em combustão espontânea quando a porta se abriu e nós dois cambaleamos para o ar vazio. Nenhuma das pessoas que estavam batendo e gritando no caixão estava lá. Sem sequer olhar para trás, porque eu não podia, corri em frente para a saída, sugando uma respiração profunda quando finalmente estávamos do lado de fora e de pé na grama, o ritmo otimista de uma banda tocando nas proximidades.

Inspirei e expirei por alguns segundos, tentando apagar a marca quente de suas mãos em minha garganta e partes femininas. Agora eu sabia por que Mateo estava tão preocupado com Alfa o assumindo. Ah, Merda. Mateo?

Eu me virei para encontrá-lo. Por um segundo, pensei que ele tinha fugido, mas não, lá estava ele com as duas mãos pressionadas contra um carvalho, os braços rígidos, a cabeça baixa. Parecia como na primeira noite em que o conheci, quando perdeu o controle com aquele cliente e quase o sufocou até a morte. Ele recuou dessa forma, obviamente tentando recuperar o controle. Eu sabia que ele ficaria envergonhado porque Mateo não gostava de perder o controle. Ele provavelmente ficaria humilhado com o que acabara de acontecer. Eu não estava envergonhada. Eu estava – bem, inferno – estava excitada. Pergunto-me o que um psiquiatra diria sobre isso.

Bem, Doutor, aparentemente eu fico excitada por estar presa e indefesa, com as mãos de um lobisomem sedento de sangue em volta da minha garganta e na minha boceta sem minha permissão. Isso é normal?

Eu estava começando a me perguntar se meu fascínio pelos bad boys dos quadrinhos era uma coisa saudável. Agora, eu precisava consertar o que aconteceu comigo e Mateo, porque não havia dúvida de que ele estava com alguma dor emocional agora.

Eu me aproximei. Quando pressionei uma mão gentil em suas costas, ele se encolheu. Eu me afastei.

— Mateo. — Suguei outra lufada de ar, sabendo que ele estava de volta. Se não fosse, não acho que ele estaria me

bloqueando. Alfa me colocaria no chão e... Ok, não vou por aí. *Pare* de pensar nisso. — Mateo, está tudo bem.

— *Não*. — Deus, essa voz. — *Não* está tudo bem.

Putá merda. Ele estava com muita dor.

— Sim. Está sim. Quero dizer, provavelmente deveríamos ter pensado no que poderia acontecer naquela casa mal-assombrada.

Ele não respondeu, ainda rígido como sempre. Ele virou a cabeça para o céu noturno.

— Eu me perdi, Evie.

A angústia em sua voz. Isso me cortou tão profundamente que meu coração se apertou.

— Não por muito tempo — tentei tranquilizá-lo com um tom suave e amigável.

Finalmente, ele se virou para mim. Eu estremeci com a agonia gravada nas linhas apertadas de seu rosto, a miséria em seus olhos.

— *Temos* que quebrar esse feitiço. Eu poderia machucar alguém. Poderia ter machucado você ou... pior.

Ele lambeu os lábios, olhando para os meus, então desviou o olhar, o desespero encharcando suas feições. Ele não diria isso, mas eu sabia com o que ele estava preocupado. E não íamos ignorar o enorme elefante na sala. Como Eleven disse em *Stranger Things*: “amigos não mentem”.

— Você acha que Alfa teria feito o que queria comigo? — Perguntei levemente. Sim, ele poderia, mas tenho certeza de que não teria resistido. E isso dizia muito sobre mim.

Ele bufou e fechou os olhos com força, espetando as duas mãos em seu cabelo até que agarrou a parte de trás de sua cabeça.

— Ele não teria me machucado — eu disse.

De alguma forma, eu sabia que isso era verdade, embora Mateo parecesse acreditar no contrário. Quero dizer, não estou dizendo que não considere por um segundo que ele me agarrou um pouco forte demais em torno da garganta, mas quando Alfa me contou sobre sua pequena fantasia, ele não mencionou me machucar. Veja bem, eu não queria que ele matasse estranhos aleatórios por olharem para mim, mas eu tinha quase certeza de que ele não teria *me* machucado.

Mateo finalmente encontrou meu olhar, sua sobrancelha arqueada e meio grunhido cheio de cinismo.

— Ele teria... — Ele se interrompeu, apertando sua mandíbula com tanta força que ouvi algo estalar.

— Não. Você está errado. Eu sei disso.

— Você *não* sabe, porra. O que ele quer.

Na verdade, ele foi meio explícito, mas não achei que repetir isso ajudaria agora.

Ele balançou a cabeça, parecendo impotente e furioso ao mesmo tempo.

— Ele teria feito o que quisesse. Sem sua permissão. Ele é a porra de um animal, e ele é uma *parte* de mim. Deus, quando penso...

Meu pulso batia insanamente rápido. Não por medo, mas por alguma outra emoção me dominando enquanto eu observava Mateo desmoronando em si mesmo, odiando a si mesmo. Dei um passo na frente dele e peguei sua mão gentilmente entre as minhas. Desta vez, ele não recuou.

— Ei — eu disse suavemente. Ele olhou para mim e engoliu em seco. Apertei sua mão. — Nós vamos consertar isso. Eu prometo.

Ele balançou sua cabeça.

— Sinto muito se te assustei. Você tem que saber que eu nunca te machucaria. Mas, Alfa? — Ele engoliu em seco, seu pomo de Adão balançando. — Não tenho ideia do que ele faria.

— Está tudo bem. — Eu me aproximei, segurando seu ombro e dando-lhe um aperto para que olhasse para mim e esperançosamente visse a verdade em meu rosto. — Estou bem. Estamos bem. Certo?

Depois de vários segundos dolorosos absorvendo a agonia em seus olhos, puxei-o para fora das sombras. Ele ainda não tinha me respondido, mas estava me deixando conduzi-lo, e isso era bom o suficiente.

— Você prometeu me mostrar algumas bandas incríveis, Mateo.

— Sim — ele concordou asperamente, sua boca se curvando de um lado. — Eu prometi.

— Então pare de fazer beicinho e venha.

Não, ele não estava fazendo beicinho. Ele tinha motivos para estar estressado, para ter medo do que poderia ter acontecido. Mas eu não podia deixá-lo pensar nisso e se culpar mais. Não foi isso que os amigos fizeram.

Enquanto nos dirigíamos para o palco, eu tinha certeza de duas coisas. Um, eu tinha que quebrar esse feitiço porque, dois, ele tinha boas razões para estar com medo.

Capítulo 19



mateo

Eu era uma merda de um fracote.

Sem argumento por aqui.

Na manhã seguinte ao Festival Vodou, mandei uma mensagem para Evie e disse a ela que deveríamos fazer uma pausa até a noite de lua cheia, quando faríamos a cerimônia de quebra de feitiço, seja lá o que isso implicasse.

Espero que seja um bando de bruxas dançando nuas na floresta.

Cale-se. Você é a razão pela qual entrei nessa tempestade de merda em primeiro lugar.

Eu? O que eu fiz?

Ele realmente parecia completamente inocente. Totalmente sem noção.

Você assustou muito Evie, idiota, e eu nunca vou te perdoar por isso.

Um ronco áspero.

Ela não estava com medo. Eu posso te prometer isso. Ela estava pronta para um passeio selvagem. E você nos impediu de novo.

Eu não poderia argumentar com ele. Desde aquela noite, quando ele teve controle por aqueles poucos minutos angustiantes, quando eu experimentei um medo verdadeiro, de tremer os ossos, eu me proibi de ver Evie. Essa punição autoimposta era pura tortura. Alfa não só era proeminente em meus pensamentos constantemente sem ela por perto, mas eu... eu sentia falta dela.

Senti falta de seu sorriso malicioso, sua boca inteligente, o balanço de seu rabo de cavalo quando ela andava, seus jogos provocantes, seu rosto bonito.

Sua bunda apertada e cheia de curvas.

Eu não tinha certeza do que Evie pensou quando eu disse a ela: *vamos esperar até a cerimônia de quebra do feitiço para nos vermos novamente*. Ela mandou uma mensagem de volta, preocupada sobre eu ficar para trás no meu trabalho atual para Sandra. Mas eu disse a ela que alguns dias não me matariam.

Eu era um maldito mentiroso.

Eu senti como se estivesse morrendo lentamente. Dolorosamente. Cada hora parecia um milênio. É por isso que tomei banho, me vesti e andei de um lado para o outro em meu apartamento, tentando me convencer a não ir ao Caldeirão, sabendo que ela estava escalada para atender esta noite.

Por que você está debatendo essa merda? Você sabe que vai.

Eu não deveria.

Você total e foddidamente deveria. Ela quer que a gente vá. Ela sente nossa falta.

Ela provavelmente está agradecendo a Deus por eu ter dado a ela um alívio por alguns dias.

Quero dizer, ela não tinha me mandado nenhuma mensagem desde que eu a disse que precisávamos de uma pausa.

Se bem me lembro, você mandou uma mensagem para ela dizendo: *preciso ficar longe de você por um tempo.*

Isso não soou bem do jeito que ele colocou. Quero dizer, eu mandei uma mensagem, mas também disse a ela que era porque estava preocupado com o que tinha acontecido naquela casa mal-assombrada. Ela disse que entendia, então veio o silêncio. Nada. Por três dias. Eu estava morrendo. Ela estava? Ela sentia minha falta?

Você estragou tudo. Ela seguiu em frente.

Ela não pode seguir em frente quando não há nada para seguir em frente. Nós somos apenas amigos.

Continue dizendo isso a si mesmo. Enquanto isso, coloque suas malditas botas e vá procurá-la.

Esta tinha sido a minha vida por três dias. Eu até evitei Missy, sabendo que estava voltando lentamente para o cara nervoso e maníaco que era quando conheci Evie. Eu não tinha percebido o quanto eu realmente precisava dela para acalmar a fera.

Blá, blá, blá. Blá, blá, blá. Foda-se. Vamos lá.

Tudo bem!

Calcei minhas botas, peguei meu moletom preto e saí. Com as mãos nos bolsos, atravessei a multidão noturna que percorria a calçada. O clima frio empurrou as pessoas para fora de suas casas e para as ruas. Eles vagavam de um lugar para outro, rindo e curtindo a companhia dos amigos. Isso me deixou sozinho.

Eu parei no meu caminho. Quando isso aconteceu? Eu nunca estive sozinho. Eu era um solitário declarado, um solteirão feliz e um introvertido extremamente satisfeito. Desde quando essa pontada de solidão se infiltrou em minha vida?

Vou te dar um palpite. Começa com *E* e termina com *E*.

Sem chance.

Você é tão lento. Se recupere.

Eu não queria pensar muito sobre isso. Agora, tudo que eu conseguia pensar era...

Gostosa pra caralho, bruxa curvilínea.

Jesus. Eu andei mais rápido, esperando pelo amor de todas as coisas sagradas que ele calasse a boca assim que a alcançasse. Agora eu estava me movendo como um homem em uma missão. Não me surpreendeu que duas jovens saltassem do meu caminho, lançando-me olhares malucos, enquanto eu disparava pela calçada. Eu não pude evitar. Agora que tinha desistido, eu tinha que chegar até ela o mais rápido possível.

O medo de que ela tivesse tido mais tempo para pensar sobre a casa mal-assombrada e todas as coisas fodidas que Alfa havia

dito a ela me fez perder a cabeça. Eu tinha ouvido cada palavra e sentido cada sensação quando ele estava no controle. Não consigo imaginar o que se passava na cabeça dela quando a tratamos daquela forma. Disse essas coisas.

Ela gostou.

Se alguém a afastou, esse alguém é você, idiota.

Aquela bruxa fica deitada na cama todas as noites, sonhando com o que aconteceu naquele caixão. Ela estava tão preparada e pronta que eu pude sentir o cheiro dela.

Excelente. Agora ele me fazia pensar em Evie se tocando em sua cama, e eu estava duro como um martelo.

Gargalhadas estridentes ecoaram na minha cabeça.

Passei pela multidão do lado de fora da Livros Raros do Ruben em direção à entrada do beco do A Lanterna Verde. O vampiro que dirigia a livraria, a masmorra atrás dela, e o clã de vampiros de Nova Orleans, Ruben Dubois, era um homem reservado. Talvez mais reservado do que eu. Eu nunca tive relações com os vampiros, mas conhecia suas assombrações. Parecia que os negócios estavam crescendo em sua masmorra esta noite, onde os humanos podiam se misturar e brincar com os belos imortais. Na verdade, os vampiros não eram mais imortais do que eu, mas viviam mais do que a maioria dos sobrenaturais.

— Com licença. — Passei pelo cara alto e magro fumando um cigarro e encostado em um poste de iluminação a gás na

esquina da entrada do beco. Uma onda repentina de melancolia tomou conta de mim, como ser beijado pelo vazio.

Afaste-se, ceifador de merda.

— Você quebrou aquele feitiço? — perguntou o ceifador, seus olhos escuros pousados em mim enquanto dava uma tragada em seu cigarro.

— Ainda não — eu disse por cima do ombro antes de perceber que nunca disse a ele que precisava quebrar um feitiço naquele dia em que o conheci.

Seguindo em frente, o sentimento melancólico desapareceu. Aparentemente, os vampiros contrataram um ceifador para ajudar nos negócios. Fez sentido. Sua aura me poderia tornar o tipo certo de humano mais suscetível aos prazeres de sua masmorra. Se eu não tivesse tido aquela epifania sobre minha própria solidão alguns quarteirões atrás, eu culparia o ceifador. Mas eu não podia. A verdade é que, pela primeira vez, eu não estava contente comigo mesmo. Eu ansiava por ela.

Acelerando os últimos quarteirões, diminuí a velocidade e exalei um suspiro trêmulo quando avistei o Caldeirão, o dedilhar de um violão vindo de dentro. Abrindo a porta, entrei. O lugar estava bem lotado, os estandes e mesas cheios. Havia alguns bancos vazios no bar, então parei em um e me sentei, tentando encontrar Evie no meio da multidão. Meu pé estava batendo, meu joelho balançando como um louco enquanto eu procurava freneticamente por ela.

— O que posso pegar para você?

Eu pulei. JJ ficou na minha frente, carrancudo com as duas mãos apoiadas no bar.

— O que quer que você tenha em estoque.

— Importado ou nacional?

— Eu não me importo.

Ele saiu para servir minha cerveja. Continuei examinando a sala, o pânico começando a tomar conta. Eu precisava vê-la ou iria enlouquecer.

JJ largou a caneca gelada.

— Você está procurando por Evie?

— Ela está trabalhando hoje à noite? — Tentei soar casual, mas tenho certeza de que parecia tão desesperado quanto me sentia.

Bem quando fiz a pergunta, Evie saiu correndo pela porta de vaivém que dava para a cozinha, carregando uma bandeja cheia de comida. Eu juro, uma onda de adrenalina e alívio passou por mim tão rápido que meus membros ficaram moles. Coloquei minha cerveja de volta no balcão e esfreguei as palmas das mãos suadas na calça jeans.

— Ei. — JJ sacudiu minha atenção de volta para ele e seus braços cruzados. — Preciso saber quais são suas intenções com Evie.

Eu quase ri, mas percebi que ele estava falando sério. Arqueei uma sobrancelha e mordi o lábio para não dizer a ele que o que Evie e eu fizemos não era da conta dele.

Ele se inclinou mais perto, uma mão no bar.

— Se você está planejando foder e esquecê-la, eu preciso saber, pois lobisomem ou não, vou chutar o seu traseiro.

Tudo bem, certo.

O cara tinha muitos músculos e se portava de um jeito que dizia que não era só para se exibir.

Eu balancei minha cabeça.

— Esse não é o meu plano.

— Então qual é o seu plano?

Eu ri e bebi um gole de cerveja.

— Honestamente, eu não sei. Mas posso lhe dizer que isso não inclui de forma alguma ferir a Evie.

— Tudo bem então. — Ele estendeu sua grande mão para eu apertar. — Então eu sou JJ. Prazer em conhecê-lo.

Eu balancei, de alguma forma feliz que Evie tinha esse grande irmão cuidando dela.

— Mateo.

— Eu sei. — Ele acenou com a cabeça por cima do meu ombro.

Assim que me virei, Evie apareceu ao meu lado, com um sorriso torto em um dos cantos da boca. Eu tive o desejo mais louco de me inclinar e beijá-la.

— Ei! Não esperava vê-lo até amanhã. — Ela colocou a bandeja no balcão e JJ a levou de volta para a cozinha. Não havia nem mesmo um pingo de estranheza ou constrangimento vindo de Evie pelo que aconteceu da última vez.

— Eu só precisava... quero dizer...

O que eu quis dizer? Pense, pense, pense. Merda, eu não tinha pensado exatamente no que diria a ela. Eu só precisava estar perto dela, vê-la, beber de seus olhos bonitos, seu sorriso mais bonito. Santo inferno, eu estava olhando para sua boca novamente. Pare! *Porra*, o que eu disse?

— Eu queria passar por aqui e olhar para você, quero dizer, ver você. Sair contigo. — Essa foi a sequência de palavras mais estúpida que eu já juntei.

Ela riu. Meu coração disparou.

— Você simplesmente não poderia viver sem mim, não é?

Você não tem ideia, caralho.

Eu balancei minha cabeça, sorrindo para ela e tão malditamente feliz agora que poderia começar a cantar. Ela não me odiava. De alguma forma, ela não me odiava. Incapaz de resistir, estendi a mão e passei meus dedos em torno de seu pulso fino e depois para baixo em sua mão. Com um aperto rápido, eu disse:

— É tão bom ver você.

Devo ter parecido uma adolescente triste e deprimido, mas não pude evitar. Ela usava uma camiseta rosa com a princesa Leia segurando uma arma que dizia: *não mexa com uma princesa*. Ela era adorável demais para descrever em palavras.

Ela bufou com um sorriso doce.

— Ouça, só falta mais uma hora no meu turno, então posso ficar com você um pouco.

— Legal. — Eu a deixei ir, o que tomou cada grama do meu ser, então ela voltou para suas mesas.

Virando-me para trás no meu banquinho, eu a observei descaradamente. Eu adorava o jeito que ela sorria e ria com os clientes. Adorava ver como seus clientes eram atraídos por ela quando falava. Eu não poderia culpá-los. Ela era magnética. Divertida, sedutora, linda, hipnotizante. Eu estava tão longe, e nem tinha notado como isso aconteceu. Quando isso começou?

Em um segundo, eu estava pensando que sermos amigos estava bom, então pensei que talvez sermos mais do que amigos pudesse funcionar, e agora eu tinha certeza de que não poderia passar um dia sem ela em minha vida. Eu a queria, não apenas como minha amante ou minha amiga, mas como minha primeira e única.

Ela conversou com uma morena, fazendo alguns gestos com a mão enquanto contava uma história, depois as duas jogaram a cabeça para trás de tanto rir. Meu olhar se aguçou na curva suave de sua garganta. Deus, eu estava tão perdido. Eu não iria sobrecarregá-la esta noite, no entanto. Não tão depois daquele pesadelo na casa mal-assombrada. Mas eu poderia assegurá-la de que estava de volta ao normal e Alfa estava bem contido. Esperançosamente, eu poderia tocá-la um pouco mais e alimentar minha necessidade de seu perfume doce e sua intimidade suave.

Eu tinha ouvido vagamente um cantor dedilhando uma peça instrumental no fundo, mas então ouvi uma voz familiar falar no microfone do pequeno palco no canto.

— Espero que gostem da minha interpretação de “Black Hole Sun”. Aqui vai.

— Você deve estar brincando comigo — sussurrei para mim mesmo, olhando para meu primo Nico no palco. — Que diabos?

Observei-o cantar uma versão lenta e assombrosa da favorita dos anos 1990, esvaziei minha cerveja e subi em direção ao palco. Ele captou meu olhar no meio do caminho, sorrindo para mim com um aceno de cabeça. Engraçado, eu não tinha percebido outro lobisomem nas proximidades quando entrei. Aparentemente, eu estava tão obcecado por Evie que nem percebi. Claro, a magia eletrizando o ar dela, Violet e Jules na cozinha meio que anulou minha consciência dele. Até agora.

Ele dedilhou o último riff quando finalmente o alcancei. Eu não o via desde o Natal, três anos atrás, em San Antonio, desde que ele se afastou de casa por um tempo.

Ele se inclinou em direção ao microfone.

— Dez minutos de pausa e já volto.

Um grupo de senhoras já altas e não muito longe do palco choramingou. Mas então ele as deu sua piscadela e sorriso característicos, e eu juro que elas quase desmaiaram. Ele tirou o violão para descer e me envolveu em um abraço fraterno com um tapa nas costas.

— O que diabos você está fazendo aqui? — Eu perguntei, não com raiva, mas em estado de choque.

— Bom ver você também, mano. — Ele coçou a nuca.

Eu balancei minha cabeça em descrença, sorrindo para este bastardo louco.

— É ótimo ver você, Nico. Mas pensei que ainda estivesse em Austin.

Seu pequeno sorriso não revelava nada.

— Eu queria uma mudança de cenário.

— Então, Nova Orleans?

— Por que não? Tudo o que você faz é se gabar de ser o melhor lugar do mundo.

Seu olhar se arrastou atrás de mim de volta para a mesa das senhoras. Quando olhei, notei Violet servindo outra rodada de coquetéis de frutas. Violet lançou um olhar mortal para Nico, então seguiu em frente com um movimento brusco de seus quadris.

— Você a conhece? — Eu perguntei, um pouco perplexo.

— Na verdade, não. — Ele riu, o que poderia significar qualquer coisa para Nico. Tipo, eles ficaram juntos uma noite e ele a conhecia intimamente, ou passou por ela na rua e a seguiu até aqui para fazer alguma caça. Ele era um cara simpático, mas difícil de ler, mantendo todas as suas emoções externas amigáveis e descontraídas. Dessa forma, você nunca sabia realmente o que ele estava pensando.

— Você sabe que ela é uma bruxa, certo?

Seu olhar estava sobre ela novamente, mais quente do que antes.

— Eu sei.

Querendo afastá-lo da porra de Violet, eu resmunguei:

— Ainda não consigo acreditar que você está aqui em Nova Orleans e nem me ligou.

Ele encolheu os ombros.

— Achei que encontraria você.

— Há quanto tempo você está por aqui?

— Pouco.

Isso era tão foddidamente Nico. Se eu não soubesse que ele nasceu com sangue espanhol nas veias, igual ao meu, juraria que era nômade. Ele vagava por onde queria, e a vida parecia fácil para ele. Ainda assim, havia um brilho mais pesado em seus olhos quando os lançou para a irmã de Evie.

— Você vai me dizer como você conhece Violet?

Isso chamou a atenção dele. Ele voltou para mim.

— Como você a conhece? — Havia um rosnado ameaçador em sua voz, que eu sei que ele não pretendia revelar, e um brilho possessivo em seus olhos.

Na verdade, joguei minha cabeça para trás e ri.

— O que é isto? Quero dizer, como?

Seu olhar escuro e avaliador continuou preso em mim. Eu levantei minhas mãos em sinal de rendição.

— Confie em mim. Eu não tenho nenhum plano para ela. Mas a irmã dela... — Acenei com a cabeça para Evie, que estava

pulando de mesa em mesa, seu rabo de cavalo balançando. — Eu definitivamente tenho planos para ela.

E sim, eu ouvi o som gutural do meu próprio lobo em minha voz quando fiz minha reivindicação. Eu posso não ter feito isso de verdade com Evie ainda, mas eu, com certeza, precisava que esse lobisomem na sala soubesse, parente de sangue ou não.

Seu sorriso fácil estava de volta.

— Ela é bonita.

Recue. Ela é nossa.

Dessa vez eu concordei com ele.

— Então, quanto tempo você está aqui? — Acabei de perceber que ter Nico aqui foi um golpe de sorte. Eu não era de falar sobre meus problemas, mas talvez ele já tivesse ouvido falar desse tipo de feitiço antes.

Ele encolheu os ombros.

— Há um tempo.

— Você tem muitos shows marcados?

Ele assentiu.

— Eu também tenho alguns outros negócios para cuidar.

Seu sorriso não diminuiu, mas um lampejo de fogo em seu olhar me disse que seus negócios não eram tão bons assim. Nico andou com um bando ruim por um tempo e fez alguns inimigos ao longo do caminho. Eu nunca tinha interferido muito. Uma vez que ele estava fora daquela maldita gangue de

lobisomens, não bisbilhotei mais do que o necessário. Afinal, ele era um homem adulto.

— Você está bem, certo? — Perguntei, sabendo que ele saberia ao que eu me referia.

Seu sorriso se esticou, exibindo o sorriso que fazia as mulheres largarem a calcinha para ele.

— Estou ótimo, primo. — Ele acenou de volta para o palco.
— Melhor voltar para isso. Vamos conversar mais tarde?

Ele me deu um tapinha no ombro e retomou seu lugar na banquetta.

— Me mande uma mensagem amanhã.

Eu vaguei de volta para o bar, me perguntando o que tinha trazido Nico daquele jeito. Pode não ser nada, apenas meu primo, o viajante, vagando para uma nova cidade como sempre. Eu também me perguntei como conheceu Violet e por que diabos ela já parecia odiá-lo. Eu também sabia que Nico não iria me contar. Para um cara tão tranquilo, ele era um bastardo reservado.

As pessoas pensavam que eu era um solitário, mas na verdade permaneci em um lugar e tinha amigos, plantei algumas raízes. Eu era fodidamente sociável para um lobisOMEM. Nico não era um solitário; era um andarilho. E assim suas conexões eram tênues e em constante mudança.

Mas esses pensamentos desapareceram quando a multidão começou a diminuir e a hora passou e finalmente Evie se aproximou de mim com um sorriso que me matou.

Capítulo 20



evie

— Que tal uma bebida antes de irmos? — Subi no banquinho ao lado de Mateo.

Eu precisava de um pouco de coragem líquida, tinha que admitir. Ver Mateo depois de três dias de privação foi como injetar na minha corrente sanguínea uma injeção de algo efervescente e fantástico. E agora eu precisava de uma dose real de algo para me acalmar. Especialmente quando ele olhou para mim do jeito que olhava. Eu já estava meio bêbada com os sorrisos ardentes e os olhares de pálpebras pesadas que ele tinha atirado em mim a noite toda.

Eu estava nervosa. Não tinha certeza do porquê, mas eu podia sentir que algo fundamental havia mudado desde que o Alfa havia se rebelado na outra noite. Eu também podia sentir algo vindo.

— Uma Cerveja de Bruxa? — perguntou JJ.

— Não. Laranja Sangrenta à moda antiga. — JJ me deu um de seus olhares. Aquele maldito sempre viu demais, então me virei para Mateo. — Você quer uma? JJ é um mixologista fabuloso. Ele faz seus próprios licores de ervas e marina as suas próprias cerejas. *Incrível*.

JJ revirou os olhos e começou a fazer sua mágica. Sim, embora humano, seus talentos atrás do bar nos tornaram famosos por toda a cidade.

— Hum, claro — disse Mateo, uma carranca beliscando sua testa por um segundo.

— Eu vi você conversando com nosso novo cara da música ao vivo. Jules acabou de contratá-lo e quase desmaiei porque ele é um lobisomem. É como se ela tivesse a mente aberta e tudo, e isso está me assustando um pouco. De qualquer forma, você o conhece?

Ele riu, provavelmente da minha falação sem parar. JJ deslizou duas de suas bebidas maravilhosamente potentes na nossa frente, espetando a minha com um canudo de uma forma que dizia *beba devagar*.

— Eu o conheço. Na verdade, você também. Mais ou menos.

— Hum? — Olhei para o lobisomem dedilhando e cantando uma música do Evanescence, sua versão masculina soando sexy como o inferno.

Três anéis de prata largos atraíram minha atenção para seus dedos longos e masculinos movendo-se sem esforço sobre as

cordas. As mãos de um músico. Vestindo uma camiseta preta que destacava seu peito bem tonificado e bíceps bronzeados, bem como um pouco de tinta preta espreitando e girando em seus antebraços, ele se comportava como um homem que sabia que sua gostosura havia conquistado muitas mulheres. Se eu tivesse conhecido esse cara antes, não o teria esquecido. Confie em mim. Curiosamente, sua gostosura ainda não se comparava à de Mateo, mas isso provavelmente tinha mais a ver com meu coração estúpido do que com meus olhos.

— É Nico — disse ele, enganchando a bota no degrau inferior da minha banquetta, o joelho pressionando contra a parte externa da minha coxa.

— Seu primo? — Peguei o canudo da minha bebida e joguei em um guardanapo antes de tomar um bom e profundo gole. JJ poderia chupar isso. Eu não iria devagar esta noite. A proximidade de Mateo já estava fazendo coisas rodopiantes e esvoaçantes na minha barriga. — O idiota arrogante?

— O próprio. — Ele tomou um gole muito mais vagaroso de sua bebida, seu sorriso sobre a borda do copo me deixando quente e derretida, mais potente do que o Bourbon.

— Você não me disse que ele estava vindo.

— Eu não sabia. — Ele olhou para o palco e depois para mim. — Típico do Nico.

— Bem, acho que você quer, sabe, ficar com ele hoje à noite? Em vez de ficar comigo, quero dizer.

Ele balançou a cabeça tão rápido que meu pulso disparou novamente.

— Ele está trabalhando até fechar, tenho certeza. Amanhã nos encontraremos. — Ele apoiou o braço nas costas da minha cadeira, inclinando-se. — Hoje à noite, eu quero ficar com você.

A compreensão de que ele sentia minha falta tanto quanto eu sentia dele começou a afundar. O incidente na casa mal-assombrada me assustou. Mas não pelas razões que ele pode ter pensado. Eu poderia lidar com seu lobo. Eram esses sentimentos de intensa atração que me mantinham acordada à noite, girando aquela memória sensual no caixão em repetição constante, era o que mais me assustava. Ele poderia se sentir da mesma forma?

Eu brinquei com o canudo do coquetel no guardanapo, enrolando-o sob a ponta do meu dedo indicador.

— Faz apenas três dias.

Com uma expressão grave, ele se aproximou e disse baixinho:

— Faz uma eternidade.

Ele examinou meu rosto como se precisasse memorizá-lo. Como se estivesse procurando por algo. Uma resposta a uma pergunta. Lambi meus lábios, seu olhar seguindo o movimento. A seriedade de suas palavras e sua expressão, a fome escurecendo seus olhos, me disse que eu definitivamente não estava sozinha em minhas fantasias noturnas. Eu não conseguia respirar.

Tomei outro gole profundo da minha bebida, a canela e o uísque perdurando em minha língua, atirando bravura em minha garganta. Olhei para o vidro e sussurrei:

— Com certeza parecia.

Ele passou a mão por trás do meu rabo de cavalo, as pontas dos dedos deslizando ao longo da minha nuca em movimentos lentos e tentadores. Da mesma maneira suave, mas segura, que fazia quando estava traçando os detalhes de uma de suas esculturas, pressionando e formando até que ficasse perfeito sob suas mãos hábeis. Como se fosse precioso e importante. Como se *eu* fosse preciosa e importante.

Nico dedilhou o começo de uma música que reconheci. Eu não conseguia me mover, paralisada pelo intenso furacão de prazer que me devastava por dentro, destruindo todas as minhas dúvidas e inseguranças sobre Mateo. No momento em que Nico começou a cantar a versão do Nirvana de “The Man Who Sold the World”, eu estava cantarolando de desejo.

Mateo se levantou, sua presença uma parede de beleza tentadora ao meu lado. Eu ainda estava olhando para o bar quando ele sussurrou perto do meu ouvido:

— Venha dançar comigo.

Ele apertou minha nuca, em seguida, deslizou aquela mão até a minha e me puxou para fora do banco. Eu bebi o resto da minha bebida antes que ele me puxasse através da multidão para um pequeno espaço perto do palco que servia como nossa pista de dança quando precisávamos de uma. Havia apenas um outro

casal a usando, mas eu realmente não me importava. Estava prestes a balançar nos braços de Mateo e pressionada contra seu corpo. E enquanto tinha experimentado essa intensidade de Alfa, eu estava pronta para ver como Mateo iria me segurar.

Após aquele último incidente e nossa pausa de três dias em nossa “amizade”, pensei que Mateo ficaria hesitante, cuidadoso e me puxaria para um abraço seguro e platônico.

Jesus. Nem mesmo perto.

Uma mão deslizou ao longo das minhas costas e envolveu o lado oposto do meu quadril, me esmagando contra seu corpo duro. A outra pousou entre minhas omoplatas, as pontas dos dedos roçando a pele acima da minha camiseta. Fiquei tão chocada com a intensidade de seu aperto que apenas enrolei meus dedos ao redor dos passadores em sua cintura, precisando de um segundo para me ajustar.

Sua boca estava na minha têmpora, suas palavras suaves, íntimas e sinceras.

— Nico e eu costumávamos tocar essa música várias vezes.
— Eu não conseguia falar, então apenas o ouvia. —
Honestamente, era como nossa trilha sonora naqueles dias de aprendizado sobre nós mesmos quando o lobo surgiu.

Sua mão entre minhas omoplatas subiu e envolveu com ternura a base do meu pescoço, o peso sensual catapultando meu coração para o espaço. Deslizei minhas mãos ao redor de sua cintura. Nico cantou com emoção pesada, os olhos fechados.

Os lábios de Mateo roçaram minha têmpora enquanto falava.

— Foi assim que me senti, sabe. Como essa canção. Quando a transformação vinha, era como passar por meu lobo na escada, como ver um velho amigo e passar por ele com um aceno de cabeça. Eu contava com ele para cuidar de nós, para expurgar suas necessidades sombrias sem nos foder, sem perder o controle total.

Sua mão segurou minha nuca, parecendo diferente de quando Alfa me agarrou pela garganta no caixão, mas também assustadoramente semelhante. Possessivo e seguro.

— Exceto aquela vez com meu pai, ele manteve sua parte no trato, Evie. Mas na outra noite... — Seus braços flexionaram, apertando ao meu redor. — Ele me empurrou para fora e a manipulou, disse coisas para você de uma maneira que eu nunca faria.

Inclinei minha cabeça para que ele pudesse me ouvir, sua boca ainda roçando meu couro cabeludo.

— Estou bem. Você não me machucou.

— Me escute. Eu tenho que dizer isso. — Ele respirou fundo antes de continuar. — Não é que o que ele disse não era verdade, que não era algo que eu não queria. Meu lobo é uma parte de mim, Evie.

Emoções. Tantas emoções. Um bando de borboletas voou em minha barriga. Então ele continuou falando, e meu cérebro fracassou.

— Eu nunca agiria de acordo com esses desejos... a menos que você quisesse.

Ele estava realmente dizendo isso? Graças a Deus eu estava em seus braços, porque meus joelhos dobraram, meu corpo flácido contra ele. Seus braços me apertaram com mais força, pressionando meu corpo contra seu peito. Sua mandíbula roçou minha testa quando inclinei meu rosto em direção ao seu pescoço, inalando uma respiração profunda dele. Ele cheirava a frutas cítricas, sabonete e homem bonito. Mateo. Sua mão na minha nuca deu um pequeno aperto, sua boca contra minha têmpora.

— E eu nunca machucaria você. Não de propósito.

— Eu sei. — Recuei e o olhei, impressionada com a adoração absoluta em seu olhar acalorado. Eu queria aquele olhar em mim pelo resto da minha vida. A percepção me deixou sem sentido por uma fração de segundo antes que eu garantisse a ele: — Você não me machucou.

Sua mão deslizou da minha nuca para o meu queixo.

— O que estou dizendo é que quero que você... — Ele balançou a cabeça, fechando os olhos por um segundo. — Nos últimos dias, continuei rezando para não estar sozinho nisso. Esperando que você também queira mais do que amizade. — Seus dedos se curvaram mais fortemente em mim. — *Por favor* — ele implorou —, diga-me que não estou sozinho.

Engoli em seco, a espessura na minha garganta tornando difícil responder. A adrenalina disparou pelo meu sangue como

um raio. Inclinei minha cabeça mais alto, falando contra sua mandíbula de granito, a nuca fazendo cócegas em meus lábios.

— Você não está sozinho. — Minha voz estava rouca de emoção. Meu coração martelava uma nova batida, ansiando por ele para acompanhar o meu ritmo, para harmonizar com o meu corpo, para derreter contra a minha carne, e me fazer dele. Não havia nada além do desejo comovente zumbindo ao longo da minha pele, vibrando através da carne até os meus ossos.

— Porra, graças a Deus — ele murmurou contra mim, exalando uma respiração instável.

Por mais um minuto, ele me trouxe mais perto. Nem mesmo uma fina fatia de ar entre nós, nossos corpos alegremente pressionados juntos em perfeito alinhamento. Seu coração batia contra o meu peito, respondendo ao meu. Eu sorri ao saber que não fui a única a perder a cabeça por causa disso.

Ele sussurrou:

— Mas estou com medo.

Eu finalmente olhei para cima. O medo patinou em seu rosto, apertando sua mandíbula.

— Do que você tem medo?

Ele soltou uma risada.

— Na próxima vez, não poderei empurrar Alfa de volta.

— Você vai.

— Que você vai mudar de ideia e não vai me querer desse jeito.

— Eu não vou.

— *Cristo*. — Ele segurou meu rosto, pressionando sua testa na minha. — Evie — ele suspirou com um gemido, ainda balançando para qualquer música que Nico estava tocando agora, tendo mudado para outra. Eu não conseguia ouvir nada além de Mateo e meus pensamentos altos gritando coisas como SIM e GRAÇAS A DEUS.

Eu não conseguia me concentrar em nada além do milagre das palavras saindo da boca de Mateo. Ele me queria. *Argh*. Era quase demais para eu lidar. Meu olhar estava fixo em seus lábios largos e sensuais, imaginando a devastação que aqueles lábios fariam ao meu corpo, deixando-me um naufrágio de desejo e plenitude. De repente, fiquei muito ciente de que precisava de um horário na depilação o mais rápido possível.

— Evie. — Um aviso sutil. Quando olhei para cima, seus olhos estavam inundados de calor, suas pupilas dilatadas cheias e escuras. — Precisamos esperar até que o feitiço seja quebrado para seguir com isso. Eu não confio nele.

Eu não precisava perguntar quem era *ele*. Era mais do que aparente o quão pouco ele confiava no lobo. Amanhã à noite. Eu poderia esperar tanto tempo. Pode ser. Mesmo que eu quisesse dizer a ele que estava bem com tudo o que Alfa tinha dito, exceto rasgando as gargantas dos caras que olharam em minha direção, eu não achava que agora era o momento certo.

— Acho que devemos testar um pouco os limites. — Apertei minhas mãos ao redor de seu pescoço, deleitando-me

com a sedosidade de seu cabelo nas costas de meus dedos e o fato de que estava tudo bem para mim agora.

— O que você quer dizer? — Ele também não conseguia tirar os olhos da minha boca. Então isso não seria difícil.

Dei de ombros.

— Eu acho que você deveria me beijar.

Pausa. Sua garganta trabalhou, então ele lambeu os lábios. Amarelo rolou em seus olhos, prometendo que Alfa estava presente e me observando. Muito ciente do meu pedido. Ao invés de instilar medo, provocou uma fome desesperada que crepitou ao longo da minha pele, me aquecendo em lugares baixos e deliciosos. Eu queria o que quer que Mateo e Alfa tivessem a oferecer.

— Só para ver se temos alguma química juntos. Quero dizer, podemos querer ser apenas amigos se não houver nada. Sabe?

De jeito nenhum, haveria bombas e explosões acontecendo quando seus lábios estivessem nos meus. Ele parou nosso balanço, suas mãos agora em meus quadris, os dedos se fechando com força.

— Não tenho certeza se é uma boa ideia. — Mas ele já estava respirando rápido. Nós estávamos fazendo isso.

— Você acha que eu não posso lidar com o lobo mau? — Eu arqueei uma sobrancelha desafiadora, envolvendo meus braços apertados ao redor de seu pescoço e pressionando meus seios em seu peito. Outra avalanche de ouro cobriu seus olhos, um olhar penetrante de prazer. E fome selvagem. Eu abaixei minha

voz para o que eu esperava que fosse um sussurro sexy. — Você diz ao Alfa que se ele não se comportar, não receberá nenhuma recompensa. — Eu deslizei uma mão sob seu cabelo, roçando minhas unhas ao longo de sua nuca. — Ele não é o único com garras.

Seus olhos se fecharam em um gemido, uma carranca apertando entre as sobrancelhas. Eu tinha certeza de que ele iria protestar de novo, mas então soltou minhas mãos de seu pescoço, entrelaçou seus dedos nos meus e pressionou as costas da minha mão em seus lábios antes de sair da pista de dança, puxando-me atrás dele.

Estávamos voltando para o bar, mas então ele virou à esquerda no corredor que passava pelos banheiros e um armário de suprimentos, não parando até abrir a última porta da despensa. No segundo que entramos, eu estava fora do chão, minha bunda em cima do refrigerador de cerveja, sua pélvis pressionada entre minhas pernas, suas mãos segurando minhas coxas. E então, sua boca. Sua maldita boca linda pairou sobre a minha.

Jesus.

Era um pincel quase imperceptível, uma varredura lenta e arejada. Inclinei-me para a frente com um gemido, procurando sua boca, precisando de um beijo duro e ardente. Mas ele rapidamente se afastou fora de alcance. Levantando a mão, ele deslizou os dedos em volta da minha nuca e me segurou com firmeza.

— Deixe-me guiar, Evie — ele rosnou contra a minha boca, sua voz tão profunda e sombria que eu choraminguei. Um comando suave, mas definido, de Alfa, não de Mateo. Ele precisava de controle. Entendi.

— Uh, tudo bem.

Eu tinha certeza de que parecia uma idiota louca por luxúria, mandíbula aberta, pulso acelerado, meus olhos fixos em sua boca. Um sorriso provocador se espalhou por seu rosto uma fração de segundo antes de ele se inclinar novamente.

Então ele finalmente colocou aqueles lábios sensuais em um bom uso. Sugestões mais arrebatadoras e lentas. Sua boca me persuadiu gentilmente, mas suas mãos me seguraram com força. Eu arrastei minhas mãos em seu cabelo escuro e sedoso. Isso foi o suficiente para ganhar um gemido e um pouco de sua língua. E alguma agressividade.

Sim!

Eu me senti como o Incrível Hulk tentando sair da minha pele, mas em vez do Hulk zangado, era o Hulk com tesão. Eu cantarolei no primeiro gosto dele, o sabor de uísque e canela e dominância queimando em meus sentidos. Eu acariciei minha língua dentro de sua boca e raspei minhas unhas em seu couro cabeludo.

— Porra. — Sua mão na minha coxa apertou, então ele me empurrou para frente até que estivesse entre minhas coxas, pressionado contra mim.

Ah, sim, sim, sim. Isso é divino.

Arqueando minhas costas, pressionei meus peitos contra seu peitoral e prendi meus tornozelos logo acima de sua bunda perfeita. Ele não conseguiria fugir nem que tentasse. Eu apenas aguentaria como um macaco. Mas ele não estava tentando fugir. Não. Seus beijos entorpecentes se transformaram em contusões, do tipo de derreter o cérebro. Um gemido gutural retumbou de seu peito para o meu, colocando minhas garotas em alerta máximo. Meus mamilos os saudaram com gosto. Eu me esfreguei contra ele, precisando de fricção, realmente não dando a mínima se estava agindo como uma gata no cio. Ele não parecia se importar.

— Evie, Evie. — Outro impulso de sua língua, em seguida, um beliscão do meu lábio com os dentes. — O que você está fazendo comigo? *Cristo*.

Eu não me reconhecia, meu desejo cego por ele me guiando como um trem de carga em chamas. Um beijo dele tinha desbloqueado uma megera enrustida que queria e precisava apenas dele. Mateo era a chave. Alfa era o tapete de boas-vindas. E eu estava amando passar por essa porta, levando meu lobisomem ao limite. Eu queria que ficássemos juntos.

Suas mãos estavam por toda parte. Ele apertou sua pélvis contra mim. *Uau!* Seu pau estava duro e pronto e bem ali. Fazia muito tempo, então minha garotinha estava ficando muito animada sobre onde isso estava indo. Eu realmente ia fazer sexo sobre refrigerador de cerveja na despensa do bar? Inferno sim, eu ia!

Eu puxei sua camiseta para cima o suficiente para deslizar uma das minhas mãos sobre seu abdômen esculpido. Ele sibilou em uma respiração e agarrou meu pulso.

— Evie, nós deveríamos...

A porta da despensa se abriu, deixando entrar a luz do corredor. Nós dois viramos nossas cabeças para a porta, nossos corpos e braços ainda emaranhados um no outro. Violet ficou lá com um sorriso maldoso no rosto, uma mão no quadril.

— Aí está você, irmã. — Ela absorveu a cena com indiferença casual. — Sério, odeio acabar com isso, mas já está na hora.

Olhei para ela, piscando, tentando lembrar que dia era.

— Hora de quê?

Ela bufou.

— Jules disse trinta minutos. — Então ela fechou a porta.

Deixei minha testa cair em seu peito. Ele deslizou suas palmas quentes para cima e para baixo nas minhas costas, uma mão subindo para a parte de trás da minha cabeça abaixo do meu rabo de cavalo.

— Você tem planos para esta noite? — ele murmurou no topo da minha cabeça.

Quando finalmente consegui pensar através da névoa excitada em meu cérebro, lembrei-me do que Violet estava falando.

— Só precisamos fazer uma roda hoje à noite.

Eu me afastei, capturando a confusão brilhando através da luxúria escurecendo sua expressão, sua respiração ainda saindo difícil.

— Como uma roda de bruxas — eu expliquei, ainda me recuperando da necessidade não satisfeita. — Para energia.

Lambendo os lábios, ele massageou suas mãos nas minhas costas com movimentos suaves.

— Vocês fazem isso com frequência?

Eu nunca tive um amigo que não fosse uma bruxa e já não soubesse o que era isso. Claro, eu tinha amigos humanos, mas além de JJ, nenhum deles sabia o que realmente éramos, então essa informação era privilegiada. Havia uma espécie de contentamento aquecendo minha barriga ao compartilhar essa parte de mim com Mateo.

Eu soltei o aperto mortal que meus tornozelos tinham em sua bunda e deixei meus pés balançarem para baixo. Desculpe, refrigerador de cerveja. Nada de sexo para você. Ou para mim, infelizmente.

— Fazemos isso mensalmente, na verdade. Ajuda a centralizar nossa magia, a rejuvenescer.

Ele recuou, mas não muito longe, deslizando as mãos dos meus ombros até minhas mãos, onde as segurou.

— Eu não sabia que as bruxas tinham que fazer isso.

— Nem todas fazem. Minha irmã Isadora é uma Condutora, então sua magia permite que ela mova energia a

qualquer hora e de qualquer coisa. O resto de nós precisa de uma pequena ajuda em grupo.

Ele esfregou os polegares no centro das palmas das minhas mãos, e eu juro, instintivamente apertei minhas coxas contra seus quadris na onda de choque que pulsou entre minhas pernas. Eu não fazia ideia de que o centro da palma da minha mão era uma zona erógena. Na verdade, tenho certeza de que não era. Era só ele. Qualquer coisa que ele fizesse com aquelas mãos me deixava louca. A maneira como me tratou em nossa sessão de amassos deixou minha imaginação totalmente delirante, pensando em como ele lidaria bem comigo na cama.

Eu limpei minha garganta e meus pensamentos rebeldes.

— Mas você está certo. Queremos ter certeza de que estamos energizadas para amanhã à noite.

Ele agarrou minha cintura e me levantou do refrigerador para ficar na frente dele. Pegando minha mão, ele me puxou em direção à porta.

— Deixe-me acompanhá-la até a sua casa.

Com muita relutância, eu o segui. Nico ainda estava tocando no palco ao canto. Ele e Mateo trocaram um daqueles acenos de cabeça viris, então abrimos caminho pela multidão e saímos pela porta. Caminhamos em silêncio, virando à direita em nossa loja na esquina. Somente quando Mateo abriu o portão, e o segurou aberto para eu passar, que ele disse algo.

— Então, acho que temos uma boa química juntos.

— Desculpe?

Ele riu, me puxando para uma pausa na varanda da frente.

— Você queria testar nossos limites, lembra?

— Oh, certo.

— Você concorda?

Dei de ombros, fingindo indiferença.

— Sim. Acho que podemos tentar.

— Só uma chance.

— Claro. — Eu apertei meus lábios para evitar que o sorriso se soltasse, porque era praticamente impossível ir com calma depois da minha explosão de luxúria e sentimentos no nível do Monte Vesúvio no armário de dispensa.

— Hum. Então, em uma escala de morna a escaldante, como você avaliaria nossa química?

Eu fiz um bom show fingindo avaliar onde iríamos parar, apertando um olho.

— Eu diria talvez como um fogo brando.

Ele mordeu o lábio, tentando não sorrir, porque sabia que eu era uma grande mentirosa.

— Entendo. — Ele soltou minha mão e se afastou, colocando alguns passos entre nós. — Talvez seja melhor não tentarmos e apenas manter isso... — ele gesticulou entre nós com uma mão —, legal e platônico. O que você diz?

Pulei sobre ele e envolvi minhas pernas em sua cintura. Ele cambaleou para trás, rindo, seus ombros batendo na parede ao lado da porta, uma palma na minha bunda, a outra sob minha coxa.

— Nem pense nisso, Sr. Lobisomem — eu disse, nariz com nariz antes de esmagar minha boca na dele.

Ele ainda estava rindo até que eu deslizei minha língua ao longo da dele e apertei minhas pernas em torno dele. O calor elétrico chiou na minha espinha. Ele chupou minha língua e gemeu, descendo para beijar meu pescoço. Eu arqueei para ele, dando-lhe *todo* o acesso que ele queria.

— Sr. Lobisomem precisa dar o fora daqui — ele abafou em minha pele. — Você está me matando, mulher.

Sua voz era afiada com um rosnado. Empurrá-lo nesta área não era uma boa ideia. Por mais que eu quisesse arrancar suas roupas, não queria que Alfa aparecesse. Por um lado, ele me assustou pra caralho. E segundo, eu não suportava ver aquele olhar de desamparo nos olhos de Mateo como vi depois do desastre da casa mal-assombrada. Eu me endireitei e captei um lampejo de brilho dourado antes que seus olhos esfriassem para castanho novamente. Sim, hora de ser uma boa menina. Desembaraçando minhas pernas, voltei para a varanda e segurei seu rosto, nós dois arfando.

— Vejo você amanhã à noite. — Dei um beijo de boca fechada em seus lábios devastadores.

Ele pressionou sua testa na minha, olhos fechados por um segundo.

— Amanhã à noite. Nós quebramos essa maldição.

— Então sua vida pode voltar ao normal.

— De volta ao normal — ele repetiu, pegando meu olhar e segurando-o. — Exceto que você ainda estará nela.

Eu sorri, dei um beijo em seus lábios e me afastei em direção à porta da frente.

— Vou mandar uma mensagem com os detalhes pela manhã. Tenho certeza de que Jules tem um plano detalhado e um gráfico codificado por cores para acompanhar meu feitiço.

Ele riu e enfiou as duas mãos nos bolsos da calça jeans, engoliu em seco e lambeu os lábios com um aceno profundo.

— Amanhã, então. — Ele desceu os degraus e galopou em direção ao portão da frente enquanto eu abria a porta.

— Ei, Mateo!

Ele parou e se virou para mim.

— Lava derretida.

Sua testa se franziu na carranca mais fofa.

— O que?

— Na balança. — Dei-lhe um sorriso e fiz o gesto de explosão com uma mão. — Atividade vulcânica e sísmica.

Seu sorriso desapareceu, substituído por um olhar quente que me fez apertar minhas coxas juntas. Então ele levou dois dedos aos lábios e os apontou em minha direção antes de sair andando pela rua.

Hmph. Um lobisomem grande e mau acabou de me mandar um beijo. Essa foi a coisa mais sexy e fofa que já vi.

E agora enfrentar o pelotão de fuzilamento. A menos que eu conseguisse que Violet ficasse de boca fechada e não contasse a Jules. De alguma forma, eu sabia que isso não iria acontecer.

Capítulo 21



evie

— O que!

— Eles estavam praticamente arrancando as roupas um do outro — disse Violet, verificando suas unhas, com uma nova cor, agora em preto Vampsterdam. Eu tirei seu novo esmalte do balcão da cozinha esta manhã para que Jules não lhe fizesse um novo buraco em sua bunda. Mas agora eu estava planejando *acidentalmente* derramar o roxo Berry Fairy Fun da semana passada na tábua de carne de Jules. — Se eu não tivesse interrompido, eles definitivamente estariam fodendo naquele freezer.

— Nós não teríamos f... — Cerrei os dentes antes de explodir: — Você é a irmã mais chata do planeta, sabia? — Peguei uma almofada com minha magia e a lancei no rosto de Violet.

Ela caiu de costas no sofá, rindo como uma maldita hiena. Não, quero dizer literalmente, ela soava como um burro

zurrando ou uma hiena quando ria com força total. Era tão pouco atraente, mas estranhamente cativante. Exceto quando ela estava rindo às minhas custas. Como agora.

— O que eu perdi? — Clara entrou, abraçando Z contra o peito e usando seu vestido de verão branco transparente.

— Evie está transando com aquele lobisomem — disse Violet.

— Eu não estou!

Mas eu estaria em breve. Se tudo correu bem.

— Tudo bem, tudo bem — disse Jules, completamente irritada, sua carranca maternal permanentemente fixa. — Chega, Violet. Sente-se, Evie.

Jules e eu repassamos o plano para amanhã à noite, esperando Violet terminar seu turno e fechar com JJ. Tudo estava bem e elegante até cinco minutos atrás, quando ela entrou pela porta e disse:

— Evie está transando com Mateo.

— Em primeiro lugar — eu disse, voltando a sentar na cadeira estofada ao lado do sofá —, Mateo e eu não estamos transando.

— Ainda — acrescentou Violet com um menear de sobrancelhas.

— E se transarmos, isso não é da conta de ninguém além da nossa. — Apontei o último para Jules. Ela pode ser minha irmã mais velha e mais sábia e toda essa merda, mas não era minha

dona e não podia ditar com quem eu poderia ter um relacionamento.

Jules manteve seu olhar que tudo vê em mim, movendo-se sobre meu rosto por vários segundos antes de tomar um gole de seu vinho tinto e suavizar suas feições de volta à calma-como-o-Mar-Morto.

— Você tem razão.

— Tenho?

— Ela tem? — Violet se inclinou para frente com choque e admiração iluminando seu rosto.

— Olha, Evie. Você é obviamente uma mulher adulta e pode fazer o que quiser. Minha única preocupação era, e ainda é, a natureza volátil dos lobisomens. — Ela fez uma pausa e inclinou a cabeça em minha direção. — No entanto, notei como você está diferente ultimamente. Você parece tão... — Ela acenou com a mão, procurando a palavra, como se pudesse arrancá-la do ar.

— Feliz — disse Clara.

Desde quando eu não era feliz? Refleti sobre a observação de Clara, que me emocionou e me entristeceu ao mesmo tempo.

— Eu não era feliz antes?

— Claro que você era — disse Jules. — Mas algo mudou.

Isso realmente meio que me irritou. Eu não era o tipo de garota pessimista. Se alguém era emo, era Violet, ou ansiosa, era Isadora.

— Estou sempre feliz.

— Na verdade, não — respondeu Clara. — Você é uma pessoa muito contente, Evie, é verdade. Nada a incomoda ou a irrita. Você é a mais equilibrada de todas nós. Mas também é verdade que ficou mais viva desde que você e Mateo se tornaram amigos.

Clara estava certa. Eu estava sorrindo para tudo e rindo com muita facilidade ultimamente.

— Tudo o que estou dizendo — interrompeu Jules —, é que se você está feliz por estar com ele, então, é claro, não vou impedi-la. Eu apenas estou pedindo para ter cuidado. Especialmente com este feitiço. Ainda não sabemos com o que estamos lidando.

Pelo menos eu sabia como era seu alter ego. Eu não ia mentir e fingir que Alfa não podia ser perigoso. Embora tivesse certeza de que ele nunca me machucaria, eu tinha quase certeza de que poderia e machucaria outra pessoa se conseguisse ultrapassar Mateo em um ambiente descontrolado. Era apenas mais um motivo para ajudar Mateo a se livrar desse maldito feitiço. Ele precisava se transformar para ir a floresta onde Alfa poderia correr e caçar para o conteúdo de seu coração lupino.

— Tudo bem. Aviso entendido alto e claro. Agora, vamos colocar essa roda em movimento.

Jules assentiu, aparentemente contente agora que tinha me dado seu conselho maternal sobre o assunto. Saímos para o pátio. Clara deixou Z lá dentro.

— Fred está em sua cerca? — perguntou Jules.

— Sim. — Violet suspirou. — Eu verifiquei duas vezes, não se preocupe.

Sempre garantimos que os animais estivessem presos porque a quantidade de energia que conjurávamos poderia causar danos a outras criaturas vivas. Quero dizer, tudo isso era positivo, tipo de energia vital, mas nunca sabíamos se um choque rebelde poderia causar um ataque cardíaco em Z ou Fred. Melhor prevenir do que remediar.

Abrimos o portão de ferro forjado envolto em hera que dava para o jardim dos fundos. O espaço fechado se projetava do canto de trás da casa – silencioso e fora do caminho. Jules riscou um longo fósforo e acendeu as velas em cada canto enquanto nos sentávamos ao redor da roda de bruxa marcada com giz no centro. Bem, Jules, Violet e eu sentamos, mas Clara permaneceu de pé no topo da roda da bruxa rabiscada com a estação, Yule. Violet sentou-se ao lado dela no Samhain, embora o Yule também fosse o mês de seu aniversário. Eu ocupei o lugar oposto em Midsummer com Jules ao meu lado em Beltane. As duas vagas para Isadora em Imbolg e Livvy em Lugnasadh foram deixadas em aberto.

Quando mamãe nos apresentou a roda da bruxa quando tínhamos entre cinco e dez anos, ela nos colocou na roda na estação em que nascemos. Tornou-se nosso lugar natural sempre que convocávamos a energia da mãe-terra desde então.

— Você desenhou? — perguntei a Jules.

Ela já estava de pernas cruzadas, olhos fechados, mãos nos joelhos. Ela assentiu.

Eu perguntei à mamãe por que não pintamos a roda no cimento, mas ela nos ensinou que o feitiço de construir a roda com giz precisava ser atualizado todos os meses para manter a magia próxima e ligada a ela.

Já que recarregamos mais rápido quando todas as seis estávamos aqui, isso significava que precisaríamos lançar feitiços um pouco mais esta noite. Não é um problema. Eu estava pronta para a cerimônia de quebra de feitiço agora. Especialmente porque sabia que um caso de amor quente me esperava do outro lado. Bem, eu não sei sobre o amor. Só quis dizer quente e sexo e Mateo. Então, sim, hora de colocar a mão na massa.

Clara abriu a caixinha a seus pés e tirou de lá seus objetos cerimoniais. Sim, ela tinha adereços reais para esta festa. Era totalmente desnecessário, mas Clara era Clara.

Como uma Aura, era sempre melhor para ela liderar o lançamento de feitiços de uma rodada, sua magia colocando nossas mentes na mentalidade positiva e calma de que precisávamos para penetrar na magia.

Clara era um pouco teatral. E desde que ela assistiu aos *Divinos Segredos* com seus amigos do livro de sessenta e poucos anos, em uma selvagem e louca sexta-feira à noite, ela decidiu que nossa rodada de bruxas precisava de mais elegância.

Ela tirou a guirlanda da caixa e a colocou na cabeça. Era adornada com botões de rosa de seda e pendurada com fitas rosa e roxas. Ela o comprou em nosso último passeio ao Texas Renaissance Festival para substituir a coroa cerimonial deslumbrante que costumava usar. Ela pegou sua varinha – sim, você me ouviu – feita à mão de acordo com a varinha atribuída pelo Pottermore com 14,5 centímetros, feita de madeira de videira com núcleo de cabelo de unicórnio.

Eu perguntei a ela o que seu artesão tinha usado em vez de cabelo de unicórnio, porque os unicórnios não eram reais. Ela apenas riu de mim como se eu fosse boba e ingênua. Então eu deixei isso para lá.

— Mãe Lua, Deusa Terra. — Ela ergueu as mãos para cima, inclinando os olhos para o céu noturno, juntando sua magia para brilhar.

O efeito foi bastante impressionante. Com seu cabelo loiro na altura da cintura, vestido branco transparente, guirlanda enfeitada com fitas e varinha ornamentada, ela parecia uma rainha das fadas prestes a invocar espíritos ou ninfas ou seu exército de duendes.

— Ao seu peito estamos eternamente ligadas. Luz interior, magia exterior, alimente-nos na sua roda de bruxas.

— Hmmm. Eu gosto dessa — sussurrou Jules, seus olhos ainda fechados, sua voz quase sonolenta.

— Obrigada. — Então Clara girou três vezes – nunca soubemos qual era o significado do giro – antes de flutuar até a

posição sentada. Com a varinha no colo, ela fechou os olhos e, finalmente, eu também.

O resto exigia pouca conversa. Mas, às vezes, quaisquer feitiços que iluminassem nossa pele nos faziam murmurar bobagens no círculo. A magia tinha vontade própria, especialmente quando entramos nesse tipo de transe, puxando a magia do mundo ao nosso redor e sugando-a para nossos corpos, nossas mentes, nosso sangue.

— Lembrem-se, senhoritas — disse Jules —, concentrem-se na magia da lua. Ela detém a alma do lobisomem.

Por alguma razão, isso me deixou com raiva. Que qualquer elemento da natureza ou do cosmos tinha poder sobre Mateo. Mas, novamente, isso é o que ele era. Um lobisomem. A criatura condenada a ser sempre parte homem, parte besta, não importando a forma que mostrasse ao mundo. E eu precisava me lembrar disso.

— Cuidado, Evie — alertou Clara, sua voz angelical vibrando ao longo da minha pele. — Convoque apenas a luz. Nada de escuridão.

Isso me fez pensar mais uma vez que tipo de bruxa amaldiçoou Mateo. Ou foi por acidente de alguma forma? Ele tropeçou acidentalmente dentro do círculo de um lançador de feitiços e o efeito ricochete foi esse bloqueio para se transformar? Um pulso de serenidade branca perfurou meu peito, fervendo em meus membros. Suspirei.

— Tudo bem, tudo bem — eu disse a Clara. Ela estava ficando insistente, me dando um tapa com seu feitiço de felicidade.

Então ficamos todos quietos por algum tempo. Violet murmurou “ponte de preto” uma vez, depois “flores de pedra... torres de osso”. Clara soltou uma risadinha gutural repentina, como se estivesse fazendo cócegas, e depois ficou quieta como se fosse um aspirador de pó. Jules cuspiu uma longa bobagem que terminou com:

— E então todos caminharão sobre o coração da Perturbação. — Se algum forasteiro se metesse nisso, pensaria que estávamos viajando com heroína ou algo assim. Comungar com nossa magia era como uma droga, porém, puxando-nos da realidade, levando-nos para outros mundos.

Alguém pode perguntar, que outros mundos existiam? O que aprendemos ao longo dos anos é que havia muitos. Só porque não podia vê-los não significava que eles não eram reais.

O zumbido do círculo construindo com poder ressoou entre nós. Percebi que todas haviam caído profundamente, mas eu ainda estava me segurando, resistindo à atração da magia para a rodada.

— Se deixe levar — sussurrou Clara, soando nada como seu eu jovial e mais como se tivesse canalizado algum espírito maternal sério. Ela provavelmente havia canalizado a própria Mãe Natureza.

Então o fiz. Deixando minha cabeça cair, queixo no peito, parei de resistir e caí.

Como sempre, atravessei uma porta de luz para o desconhecido, como Alice pela toca do coelho. Exceto neste País das Maravilhas, sempre havia alguma história para ensinar ao meu coração. Eu nunca tinha temido a roda até agora, quando nosso único propósito e foco era o meu lobisomem. Eu estava com medo do que encontraria através da porta.

Pisando na grama macia – não, não grama, mas musgo verde –, segui o som da água escorrendo por perto. Caminhei por bosques de árvores de troncos roxos com folhas azuis. Sim, era alucinante como sempre, como no País das Maravilhas, exceto que eu não estava em uma viagem de ácido como o autor daquela história. Eu estava chapada de magia. Pura magia reunida.

Caminhando sobre raízes de árvores gigantes que se projetavam do solo, finalmente encontrei a fonte da água. Exceto que não era realmente água. Era branco brilhante, uma fonte de magia de bruxa fluindo através de uma floresta de fantasia. Por um segundo, pensei que, de alguma forma, havia entrado na visão de Clara porque isso era totalmente algo que seu subconsciente iria conjurar. Olhei em volta, esperando encontrar um unicórnio ou uma fada ou algo assim. Lentamente, entrei na piscina, depois mergulhei, o chiado de energia fluindo ao meu redor. Quando finalmente subi para respirar, olhei para baixo e vi que estava usando o vestido branco de Clara. Só que agora estava encharcado e completamente transparente.

Foi quando ouvi um rosnado. Aquele som familiar e arrepiante que eu conhecia muito bem agora. Olhei para as sombras à minha direita, esperando a forma assustadora de um lobisomem. Mas o que saiu foi pior. Era Mateo, mas não era. Ele estava completamente nu, e uau, meu subconsciente tinha uma imaginação maravilhosa. O suor escorria por cada músculo flexionado quando ele se aproximou. Seus olhos ardiam como fogo dourado, mas sua boca estava torcida em uma inclinação sinistra.

“Isso não é real” eu disse a mim mesma. “Então não vou correr.”

Ele riu, mas o som profundo não era de Mateo. Ele caminhou na minha direção, espirrando a magia líquida. Eu estava na altura das coxas, mas sabia que isso era apenas um efeito colateral da casa mal-assombrada. Esse tipo de porcaria pode acontecer quando você entra em transe profundo na roda de uma bruxa. Especialmente quando, a cada momento acordado e dormindo, estava fixada em um lobisomem em particular.

“Não sou real?” ele perguntou, sua voz grave levantando arrepios em meus braços.

“Você é apenas minha imaginação.”

“É mesmo?”

Ele ficou bem na minha frente, seu calor tão intenso que comecei a suar. Mas você não pode suar em um sonho, então eu também estava imaginando isso.

“Você não é o verdadeiro Mateo.”

Ele passou a mão na parte de trás do meu cabelo solto e puxou um pouco forte demais até que seu corpo duro e suado estivesse pressionado contra o meu, seu calor vazando pelo meu vestido transparente e molhado.

“Você não conhece o verdadeiro Mateo.”

Ele sorriu e se inclinou. Achei que ele ia me beijar, mas sua boca continuou se abrindo até que um arrepio primal percorreu seu corpo e ele se transformou no lobisomem, toda boca larga com presas e olhos malévolos e penetrantes.

“Não” eu sussurrei em uma respiração instável.

“Tarde demais” disse uma voz no vento. Uma voz sibilante e feminina que não reconheci. Então a criatura que me segurava investiu contra minha garganta com um rosnado e dentes afiados como navalhas.

— Evie!

Abri os olhos para encontrar minha cabeça no colo de Clara e Jules e Violet curvadas sobre mim com carrancas preocupadas.

— O... o que aconteceu? — eu resmunguei.

Jules olhou fixamente para mim.

— Clara quebrou a roda quando sentiu suas emoções mergulharem em algo... o que foi?

Clara olhou para mim.

— Algo nojento.

— Nojento? — Sentei-me, tonta, sentindo a energia eufórica de fazer a roda, mas também com uma dor de cabeça latejante. Isso não era normal. — Você pode ser mais específica?

— Era apenas cinza e lamacento. Foi assim que me senti. — Ela olhou profundamente em meus olhos, e eu estava com medo de que visse as imagens que meu subconsciente havia trazido à tona. Tudo isso eram apenas meus medos provocados por aquela maldita cena na casa mal-assombrada, e eu não iria preocupá-las por nada.

— O que você viu do outro lado? — perguntou Clara.

— Não consigo me lembrar — menti, me sentindo um idiota por isso. — Mas eu me sinto bem. Como se estivesse pronta para amanhã. — Eu me virei para Violet com um sorriso. — E vocês?

Jules recostou-se e exalou um profundo suspiro.

— Você tem certeza de que está bem?

— Sim, sim. — Levantei-me e coloquei um sorriso no rosto. — Foi uma boa roda. Apenas fui fundo demais, eu acho. Realmente profundo. Não sei.

Todos as três me encararam. Severas.

— Estou bem! A questão importante é: vocês estão animadas e prontas para ir?

Bombeada com magia, isso sim.

— Estou bem — disse Violet.

Jules finalmente deu um aceno pesado.

— Estou pronta. Você só tem que ter seu lobisomem no ponto de encontro amanhã à noite.

— Com certeza. Sem problemas. — Por algum milagre, eu parecia perfeitamente normal.

Apaguei as velas enquanto Clara recolhia suas coisas na caixa. Violet caminhou em direção à cocheira enquanto Jules e eu entramos em silêncio.

— Boa noite — eu disse alegremente, indo em direção ao corredor.

Ela me deu um olhar engraçado e acenou com a cabeça enquanto subia as escadas.

— Noite.

Uma vez no meu quarto, fechei a porta e me inclinei contra ela, soltando um suspiro pesado e trêmulo.

— Não era real — eu sussurrei.

Se não foi, por que parecia que realmente havia acontecido?

Capítulo 22



mateo

— Você quer dizer aqueles desperdícios de espaço chamados de Irmãos da Lua de Sangue?

Não pude deixar de sorrir com o tom duro de Nico. Uma vez, ele tinha sido um daqueles desperdícios de espaço.

— Não, cara. Eles mudam várias vezes por semana. Eles são mais lobos do que homens, para ser honesto.

Vamos nos juntar a eles. Parecem os meus tipos de caras.

Não comece. Esses filhos da puta são criminosos da pior espécie.

Mas você o ouviu. Eles se transformam o tempo todo.

Depois desta noite, você terá rédea solta. Ficaremos no pântano por uma semana para que possa caçar o quanto quiser.

Estou começando a gostar de você.

Nico bebeu o resto de sua cerveja e a colocou na minha mesa de centro.

— Além disso, se um deles ficasse dormente ou não pudesse se transformar, ele estaria em uma merda profunda. Roman, o

presidente dos Irmãos, não tolera nenhum tipo de fraqueza. Ele faria aquele cara desaparecer. — Ele estremeceu. — Não que seja um sinal de fraqueza.

— Não se preocupe — eu assegurei a ele. Essas gangues Lycan tinham maneiras criativas de fazer as pessoas desaparecerem. — Quer outra cerveja?

Ele olhou no seu relógio.

— Ainda tenho tempo para mais uma, mas depois tenho um show no El Gato Negro no Bairro.

Peguei mais duas Abita Ambers da geladeira, abri as tampas e entreguei uma a ele, me espalhando na cadeira estofada ao lado do sofá.

Nico se inclinou para frente, cotovelos nos joelhos, franzindo a testa para o meu piso de cipreste de madeira.

— Quero dizer, você não consegue pensar em ninguém? Uma antiga namorada que irritou?

Eu soltei um suspiro.

— Cara, se conseguisse, eu já teria ido atrás dela agora. É tão fodidamente frustrante, você não tem ideia.

— Não consigo imaginar. — Ele esfregou o lábio com o dedo indicador, para frente e para trás, pensando a respeito. — E você disse que seu lobo fala contigo?

— O tempo todo. Vinte quatro horas por dia, sete dias por semana. — Tomei um gole da minha cerveja. — Exceto quando Evie está por perto.

A boca de Nico se inclinou para um lado.

— A quebradora de feitiços, hein?

É melhor ele tirar esse olhar de luxúria de seu fodido rosto, ou eu vou dar um soco.

— Sim.

— Então, por que ela ainda não quebrou o feitiço?

— Na verdade, vamos nos encontrar hoje à noite. Elas, hum, não tinham trabalhado com lobisomens antes, então Evie e sua irmã mais velha precisavam fazer alguma pesquisa.

Ele riu sombriamente.

— Tive essa impressão quando conversei com a mais velha, Jules, pedindo um show no Caldeirão.

Sentei-me ereto, curioso com isso.

— Elas não anunciaram a vaga? Você foi pedir para Jules?

Ele batia os dedos no joelho como se estivesse tocando uma música no piano, um hábito nervoso que tinha quando criança.

— Sim. Mas não fazia ideia de que você conhecia uma daquelas bruxas.

— Estou meio chocado que Jules o tenha contratado, para ser honesto. Não foi fácil para ela concordar em deixar Evie me ajudar.

— Ela não parecia se importar muito com lobisomens. — Ele tomou um gole da longneck. — Mas eu fui capaz de encantá-la.

Era verdade que Nico podia encantar qualquer um, mas Jules era uma bruxa sensata. O que provavelmente estava mais próximo da verdade é que ela abriu a porta para mim e talvez

pensou que tentaria ser mais mente aberta quando Nico apareceu procurando trabalho.

— Oi? — A voz de Evie chamou lá de baixo quando dois pares de pés subiram as escadas da minha oficina.

— Suba! — Dirigi-me ao patamar onde as escadas se abriam ao lado da minha cozinha.

Meu apartamento era quase uma planta baixa completamente aberta. Apenas meu quarto e banheiro eram separados da ampla sala de estar e cozinha. O teto abobadado com vigas de cipreste eleva ainda mais o espaço, especialmente com dois conjuntos de portas francesas de vidro que se abriam para uma varanda estreita. Era o espaço perfeito para mim.

Nico rosnou, ou devo dizer que seu lobo rosnou, um estrondo profundo no peito que desapareceu quase assim que ouvi.

Que porra? Vou ter que bater no seu primo de novo?

Recebi minha resposta assim que Evie subiu no patamar com sua irmã, Violet. Aquele rosnado estrondoso não era para a minha Evie. Era para sua irmã. Nico já estava de pé, sua cerveja esquecida, as mãos soltas ao lado do corpo, mas sua postura relaxada era uma vadia mentirosa. Uma ondulação de ondas alfa ricocheteou em mim. Olhei por cima do meu ombro com um olhar relaxado. Ele olhou para o chão e limpou a garganta.

— Ei — disse Evie, toda doce e tímida. Eu queria beijar ela, porra. Eu não tinha certeza de como ela reagiria na frente de uma plateia, então me satisfiz com um beijo rápido na boca.

Lambi meus lábios, aquele batom cereja que ela usava, esmurrando minha capacidade de manter minhas mãos longe dela.

— Ei. — Deslizei a mão em volta de sua cintura e dei um aperto forte em seu quadril.

— Ei — ela disse novamente, sorrindo como uma maníaca.

— Pelo amor de Deus, vocês podem simplesmente ir resolver isso no quarto? — disparou Violet ao passar por Evie. Então ela congelou, avistando Nico perto do meu sofá.

Tenho que dizer que foi muito divertido ver a garota mais tagarela que já conheci estúpida e completamente *silenciosa*.

— Evie, este é o meu primo, Nico. Nico, esta é Evie e sua irmã, Violet.

— Oi. — Evie acenou educadamente, inclinando seu corpo ao lado do meu. Eu sufoquei o gemido de satisfação.

Nico andou os poucos passos entre nós, apertando a mão de Evie rapidamente, então estendendo a mão para Violet. Ela cruzou os braços e os colocou sob as axilas, deixando-o pendurado. Ele a deixou cair com um sorriso, então bateu uma melodia contra sua coxa.

— Parece que vocês dois já se conhecem — acrescentei.

Isso trouxe a atenção de Violet de volta.

— Nos conhecemos? Não nos conhecemos.

— Nós nos encontramos — disse Nico, seu sorriso torto e olhar penetrante totalmente na irmã louca.

— Resumidamente — ela cuspiu. — Isso não significa que nos conhecemos.

— Vocês se encontraram depois da apresentação dele no Caldeirão ontem à noite? — perguntou Evie.

— Não. Por favor. Não mesmo. — Violet revirou os olhos como se essa fosse a coisa mais ridícula que já tivesse ouvido. Alguém estava exagerando.

— Então, onde vocês se conheceram? — Evie ergueu uma sobrancelha para Violet.

Nico abriu a boca para dizer algo, mas Violet praticamente gritou:

— Não é da sua conta!

Evie revirou os olhos.

— Violet, quantos anos você tem? Doze? Por que é ultrassecreto?

— Não é. — Ela olhou punhais para o meu primo. — Não é da sua conta. Podemos ir agora?

— Cristo. — Evie olhou para mim. — Pronto?

— Vocês precisam de alguma ajuda? — perguntou Nico. — Eu poderia ir junto se...

— Absolutamente não. — Violet bufou e zombou ao mesmo tempo, soando como um espirro de porco. — Ninguém é permitido em uma cerimônia de quebra de feitiço, exceto nós e quem está enfeitiçado.

— Bem, então. — Nico sorriu. — Vou indo. — Ele caminhou em direção a ela, roçando seu braço agressivamente

contra o de Violet enquanto passava, mesmo enquanto ela tentava sair do caminho.

Eu olhei para baixo e reprimi um sorriso, sabendo muito bem o que isso significava para um lobisomem. Toques explícitos, toques no corpo ou nas mãos em ambientes casuais, especialmente na frente de qualquer tipo de público, era uma maneira de um lobisomem reivindicar uma companheira.

Minha mente parou bruscamente com uma percepção repentina. Eu estive tocando Evie constantemente desde o começo. Eu estava fazendo minha reivindicação antes mesmo de saber? Eu estava envolvido em minha necessidade de seu toque por causa de seus poderes de quebrar feitiços ou o que quer que fosse, mas e se tivesse mais a ver com a minha necessidade de me marcar nela? E se a calma que senti quando estava perto de mim não tivesse nada a ver com sua magia de quebrar feitiços e tudo a ver com o fato de que eu a queria, que meu lobo a via como...?

Minha.

Uau.

— Pronto para ir? — Evie apertou minha mão que agora estava segurando, olhando para mim toda brilhante e alegre, sem perceber que meu mundo apenas balançou de lado. Não consegui me mexer nem por um segundo, paralisado pela descoberta de que Alfa vinha reivindicando seu direito o tempo todo.

— Você está bem?

Eu me balancei, então peguei minhas chaves no balcão.

— Vamos lá.

Depois de trancar, saímos pela garagem. Evie deslizou para o meio do banco da minha caminhonete com Violet do outro lado. Eu tinha ficado mudo, processando essa nova descoberta. Se fosse, de fato, uma descoberta.

Fiquei atordoado em silêncio por um tempo enquanto dirigia para a interestadual. Violet colocou o endereço em seu GPS em seu telefone. Nós tropeçamos silenciosamente até que Evie apertou meu braço logo abaixo do meu bíceps.

— Você tem certeza de que está bem?

Eu segurei seu olhar verde, pulsando acelerando com a visão e cheiro dela tão perto. Lembro-me de meu pai sentado comigo na varanda dos fundos em San Antonio quando eu tinha dezoito anos, pouco antes de sair de casa. Ele fumava um charuto, a doce fumaça ainda estava gravada em minha memória. Eu o perguntei sobre como ele conheceu minha mãe e como sabia que ela era a pessoa certa para ele. Na época, eu estava apaixonado por uma garota da minha turma do último ano. Meus hormônios estavam à flor da pele, e eu não sabia dizer se estava apaixonado pela garota ou apenas por suas pernas de um quilômetro e seu fantástico corpo. Então papai, com os olhos semicerrados por causa da fumaça do charuto girando ao seu redor, olhou para mim e disse:

— Filho, um homem pode se apaixonar por muitas mulheres, mas o lobo se apaixona apenas uma vez.

Era disso que se tratava? Ela era a única?

Nada.

O que? AGORA você cala a boca?

Uma risada rouca em minha mente.

Te odeio.

Você se odeia?

Você não sou eu.

Ohhhh, sim, eu sou. Só porque você gosta de me impedir não significa que eu não seja parte de você. Você sabe que é verdade.

Esta foi a primeira vez que iniciei uma discussão com o idiota. De repente, estava me arrependendo porque era eu quem parecia desequilibrado.

— Você está nervoso com a cerimônia? — Evie perguntou suavemente. — Você não deveria ficar.

Eu bufei uma risada.

— Estou bem.

Bem? Eu não estava bem. Acabei de perceber que ela era muito mais do que uma amiga para mim, e isso me atingiu como um tijolo na cabeça. Agora eu estava apavorado. E se ela não quisesse algo tão sério? E se só quisesse brincar? Eu não estava mais brincando. Ela era tudo para mim.

Felizmente, sua atenção foi atraída para sua irmã.

— E o que foi aquilo lá atrás com o primo dele, o Nico?

— Não sei do que você está falando.

Evie riu e borboletas – sim, borboletas, porra – explodiram em um caos no meu estômago. Eu tinha que ir com calma. Jesus. Passamos de amigos para possíveis namorados *ontem* à noite. E agora, Alfa estava me dando pensamentos de homem das cavernas. Muitos e muitos deles. O mais proeminente foi eu sequestrá-la e colocá-la em um castelo, no alto de algumas montanhas distantes.

Uma cabana simples serve.

Isso era uma loucura.

Uma risada áspera.

Quando a reivindicarmos vezes suficientes para plantar nossa semente, talvez possamos descer da montanha.

Porra! Ele era louco!

Acho que não vou ficar satisfeito até que ela esteja inchada com nosso filhote.

Esta não é a era pré-histórica, seu Neandertal.

Eu já lhe disse antes. Um lobo quer o que quer.

Agradável. Eu nem sei se ela quer filhos. Merda! Por que estamos discutindo isso? Nós nem sequer saímos em um único encontro, porra.

Se você me deixar assumir, eu a farei nossa. Ela não reclamaria. Eu posso prometer a você.

Você não terá um maldito segundo a sós com ela. De novo não. Não depois da última vez.

Covarde.

— Acho que você sabe exatamente do que estou falando. O que está acontecendo com você e aquele lobisomem?

— Nada. Por que você simplesmente não cala a boca? — Violet apontou. — Entre nesta saída.

Saí em direção à placa para Bayou Sauvage. Evie me mandou uma mensagem e me disse que conduziríamos a cerimônia na floresta porque quando me transformasse, eu teria alguma sede de sangue armazenada para cuidar. Eu precisaria ficar na floresta e caçar por pelo menos uma semana. Eu dei instruções a Missy de que provavelmente ficaria fora por um tempo, então ela deveria cuidar da galeria. Não era nada novo para ela, já que eu fazia isso pelo menos uma vez por mês regularmente.

— Oh, agora olha quem quer calar a boca — disse Evie, sorrindo. — Acho que Jules adoraria ouvir sobre sua reação ao novo cara da música ao vivo.

— Sissy, vamos. Não há nada para contar. — Violet ergueu o queixo no ar, tentando parecer indiferente. Não estava funcionando.

Evie riu.

— Há *muito* para contar. Mateo, você não viu como Violet exagerou na sua casa?

— Sim. — Eu ia apoiar o que quer que saísse da boca de Evie. — Sem mencionar o interesse óbvio de Nico.

— Tudo bem! — gritou Violet, com as bochechas rosadas de raiva. — O que você quer?

Sem uma pausa, Evie disse:

— Você faz meus turnos finais por um mês.

— Um mês!

— *E* limpa a caixa de areia de Z.

— Isso é ridículo. — Ela bufou, os braços cruzados sobre o peito enquanto olhava pela janela. — Quanto tempo para Z?
— ela murmurou.

— Acho que um mês basta.

— Isso é realmente uma merda, mana.

— Bem, assim foi o que você fez ontem à noite para mim.

— O que ela fez? — Eu perguntei, preocupado agora.

— Nada! — disse Evie, lançando um olhar feroz a Violet.

O olhar de gato de Violet se estreitou, mas ela sorriu como a gatinha má que era. Então todos nós estávamos focados na estrada. Violet apontou, então desviei para uma estrada de cascalho que se dirigia para uma área arborizada. Bayou Sauvage era parte floresta, parte pântanos e brejos. Seria realmente um bom lugar para me perder uma vez que eu me transformasse. Mesmo agora, a tensão endureceu meus músculos com o simples pensamento de mudar e caçar.

— Ali. — Evie apontou para um SUV prateado estacionado ao lado da estrada, onde uma trilha levava às árvores.

Estacionei, então saímos e nos dirigimos para o caminho bem usado. Eu podia ver muito bem no escuro, mas Violet apontou a lanterna de seu telefone à nossa frente. Evie agarrou minha mão, entrelaçando seus dedos com os meus e apertando.

Senti a constrição até o peito, onde apertou meus pulmões e a respiração tornou-se difícil.

— Não fique nervoso — ela sussurrou. — Embora eu nunca tenha feito um feitiço como este, sei que ficará bem.

— E o que acontece quando... se... — Lambi meus lábios e limpei minha garganta. — O que acontece quando eu me transformar? Você vai precisar se proteger.

Senti-me como um idiota do caralho. Eu a estava alertando contra o que era essencialmente eu.

Agora, você finalmente admite isso.

— Eu vou ficar bem. Não se preocupe. Se as coisas derem errado, Jules pode anulá-lo temporariamente. Então vamos deixar você aqui para, hum, cuidar dos negócios dos lobos.

Você vai precisar ficar, amor, se eu vou cuidar de todos os meus negócios de lobo.

Forcei um sorriso para ela e apertei sua mão.

— Bom saber.

Caminhamos lado a lado em uma abertura. Havia um círculo de altas velas brancas, mas nada mais.

— Oi, Mateo! — Clara acenou com um sorriso doce.

Jules me deu um aceno rígido em saudação e se aproximou.

— Que bom que você chegou a tempo.

Olhei para a lua cheia em um céu noturno claro.

— Vamos para uma determinada janela para fazer isso?

Ela deu de ombros.

— Eu simplesmente odeio quando as pessoas se atrasam.

— Ela tem uma longa lista de coisas que odeia — disse Evie ao meu lado.

Jules franziu a testa.

— Eu apenas gosto que as pessoas sejam respeitadas umas com as outras. E, sim, talvez eu seja particular sobre a maneira como as coisas são feitas.

Evie ergueu a sobrancelha, olhando ao redor da clareira.

— Sim. Nós sabemos.

— Bem, vamos fazer isso — disse Violet, movendo-se para ficar do lado oposto do círculo iluminado por velas onde Clara estava.

Jules assumiu uma posição mais distante.

— Tire sua camisa. — Evie estendeu a mão.

Eu congelei por um segundo, sem registrar o porquê.

Ela sorriu.

— Eu preciso da conexão. Seu DNA, seu cheiro.

Ah. Entendi. Puxei a camiseta preta de manga comprida pela cabeça e passei para ela.

— Legal — sussurrou Violet.

— Shh!

Deve ter sido Jules, mas eu não conseguia tirar os olhos de Evie porque os dela estavam comendo meu torso em detalhes rápidos. Seu pulso acelerou na base de sua garganta, e eu queria me inclinar para frente e chupá-lo. Em seguida, encontrar, beijar e sugar todos os seus pontos de pulsação.

— Esta pode não ser a hora certa — eu sussurrei, me aproximando.

Ela abraçou minha camisa contra o peito. Esperei que seu olhar voltasse para o meu, querendo seus olhos nos meus antes de continuar.

— Mas eu gostaria de convidá-la para jantar em minha casa depois que isso terminar.

Seus olhos verdes pareciam castanhos no escuro, mas sua pele pálida brilhava sob o luar.

— Um encontro?

— Um encontro — eu confirmei.

Em vez de me dizer sim, ela se aproximou e ficou na ponta dos pés. Eu estava me inclinando quando ela deu um beijo em meus lábios. Dizer que fiquei chocado foi um eufemismo.

— Você não está quebrando a regra “nada de lobisomem”?

— Eu perguntei, balançando a cabeça atrás de nós, onde suas irmãs observavam.

Ela sorriu.

— Mas por você vale a pena.

Meu Deus. Esta garota.

Ela recuou.

— Agora, coloque o seu... — ela acenou com a mão para indicar a área do meu peito — eu-lobo no círculo.

— Eu não sou um lobo ainda. Esse é o problema, lembra?

Ela soltou um suspiro.

— Mova-se, Mateo.

— Sim, senhora.

Eu não sabia como isso funcionava, então passei por cima da parede apertada de velas e me movi para o centro para encarar Evie. Ela colocou a camiseta no nariz, fechou os olhos e respirou fundo. Eu não vou mentir. Era meio erótico.

Meio? Quero vê-la fazer aquela cara de joelhos na minha frente.

Cale a boca, Alfa. Você terá rédea solta em breve para caçar e matar para o deleite do seu coração.

Não em breve.

Ela sussurrou um canto que eu não consegui entender, pegando apenas algumas palavras; *desvincular, pedágio da natureza, corrigir o errado, lobo acorrentado.*

Suas irmãs brilhavam com sua magia, de alguma forma amplificando a de Evie enquanto ela fazia seu trabalho. Um vento repentino sussurrou através do bosque onde estávamos, circulando-nos, soprando as velas, mas não as apagando. O murmúrio de Evie ficou mais febril, e meu corpo, de repente, pareceu flácido. Como se eu tivesse acabado de correr uma maratona, minhas pernas vacilaram e cederam embaixo de mim. Meus joelhos bateram no chão frio, a grama orvalhada encharcando meu jeans. Meus músculos pareciam macios, meus ossos pesados, minha mente à deriva, flutuando nas ondas suaves do vento.

Evie falou mais alto, sua voz ressoando com trêmula magia.

— Mostre sua marca e solte sua alma.

Dor! Dor que quebra a espinha, perfura o estômago e entorpece a mente.

Capítulo 23



evie

Eu segurei um arquejo. Minhas irmãs e eu pulamos ao mesmo tempo com o uivo penetrante de agonia saindo da boca virada para cima de Mateo. Suas mãos estavam em seu cabelo, seu rosto se contorcendo com uma dor excruciante. Mas ele *não estava* se transformando. Estava se contorcendo. Eu não aguentei assistir. Era insuportável. Quase engasguei com o comando final para quebrar a maldição, mas a invoquei novamente.

Desejando que a magia perfurasse e o obrigasse a me obedecer e não a seu criador, levantei uma mão para ele, a outra ainda segurando sua camisa perto do meu peito.

— Mostre sua marca e solte sua alma! — Eu gritei para o vento rodopiante.

Eu suspirei. Minhas irmãs também – dando um passo para trás – quando um lampejo vermelho ofuscante explodiu do

corpo de Mateo, iluminando centenas de sinais gravados em magia em sua pele.

— Oh meu Deus — suspirou Jules, suas palavras sugadas pelo vento.

— Mateo! — Eu gritei, vapor subindo de sua pele onde os glifos haviam queimado.

Seus olhos estalaram para mim – ouro ardente completo com um lobo que estava louco como o inferno. Ele realmente estalou os dentes, embora, além de seus olhos, ele ainda fosse um homem. Nada havia mudado. Ele não tinha se transformado. O lobo ainda estava preso, e ele estava puto *pra caralho*.

Os sinais chiaram em sua pele em luz vermelha. Eram símbolos de bruxas, rastejando por toda a sua pele, mas eu só reconheci um. Ele não foi apenas amaldiçoado. Era mergulhado na massa de um feitiço muito, muito obscuro. Algo que nunca tinha visto antes. Era comum que a maldição iluminasse quando eu sondava com meu dom para quebrar o feitiço, para libertar a pessoa amaldiçoada. Mas eu nunca, nunca tinha visto algo assim antes. Era horrível. *Ele* era horrível. Fiquei ali, tremendo, sem saber o que fazer.

Seu olhar predatório estava fixo em mim, seus dentes à mostra, então ele se lançou sobre as velas e no ar.

— *Pas un geste!*

Jules usou o comando afiado em francês. Fez o seu trabalho. Ele congelou no ar, seus braços se estendendo para mim, as

mãos abertas como garras, em modo de ataque total. Meu pesadelo voltou para mim, e novamente ouvi aquela bruxa sussurrar no vento. Ela era poderosa, quem quer que fosse.

Clara já havia pulado para o lado de Mateo e colocado a mão em seu ombro, seu corpo ainda telecineticamente congelado no ar. Ela forçou para ele com seu feitiço de alegria, provavelmente voltado em mil. Jules e Violet se juntaram a meu lado.

— Não o machuque, Jules. Não tire nada. — Uma lágrima escorreu do meu olho. Eu não queria que ela punisse Mateo desviando seus poderes. — Não é culpa dele.

— Eu sei. — Ela colocou a mão em volta do meu ombro. — Vou apenas colocá-lo para dormir por um tempo.

— *Aller dormir* — ela sussurrou suavemente, enrolando o r na língua francesa.

Os olhos de Mateo se fecharam imediatamente, seus membros ficando moles, sua cabeça pendendo para a frente.

— Que porra foi essa? — perguntou Violet. — Você viu todo aquele símbolo de bruxa? Tipo, puta merda!

Engoli um novo medo que eu não tinha pensado. E se essa bruxa, quem quer que fosse, tivesse alguma intenção mais sombria com essa maldição? Um milhão de perguntas passaram pelo meu cérebro.

— Eu nunca falhei em quebrar uma maldição — eu disse estupidamente.

— Vamos — disse Jules, acenando com a mão e movendo Mateo pelo ar de volta para o carro.

Eu agarrei seu sapato desde que ele estava flutuando de cabeça para baixo. Não que eu pudesse segurá-lo pela ponta do sapato ou como se Jules fosse derrubá-lo. Nossa força de telecinese chocaria as pessoas se soubessem o quão poderosas nós éramos. Eu só precisava ter minhas mãos sobre ele. Para minha própria segurança mais do que qualquer coisa.

— Clara e Violet, vocês duas podem pegar as velas. Vamos levá-lo para casa, onde ele pode dormir para se livrar do feitiço.

— Você quer dizer o feitiço que não funcionou — eu disse.
— Você viu quanta dor eu coloquei nele? — Engasguei com um soluço.

— Não. — Jules me apertou mais perto. Passei um braço em volta do ombro dela, minha outra mão ainda agarrada à ponta do sapato de Mateo. — Isso não foi sua culpa. Estamos lidando com algo que nunca vi. Muito mais poderoso do que pensávamos.

— Deus, Jules. Eu o machuquei.

— Pare de dizer isso. Não foi você quem fez isso. Foi a maldição que bloqueou sua magia. Não tínhamos ideia. Precisamos descobrir mais antes de seguir em frente.

Eu balancei a cabeça quando saímos da floresta. Jules levitou Mateo com sucesso até nossos dois veículos.

— Abaixar os assentos no SUV — disse ela, manobrando Mateo para a porta traseira.

Achatei a segunda e a terceira fila para que houvesse espaço para ele se deitar. Mesmo assim, quando ela o empurrou, eu a

ajudei a colocar a cabeça dele para o lado, inclinando-se para trás sobre o banco do motorista, pois seu corpo ainda era muito longo para caber em linha reta. Ela o abaixou com cuidado, então nós dois dobramos fisicamente as pernas dele para que ele ficasse enrolado de lado.

— Ele não vai acordar do meu feitiço nulo, mas quero ir com você só para ter certeza. Me dê um segundo. — Ela tateou o bolso da calça jeans de Mateo e tirou as chaves dele, em seguida, saiu pela escotilha e correu de volta ao longo do caminho.

Eu me virei e afastei seus longos cabelos de seu rosto. Sua pele estava quente, pelando, mas pelo menos os símbolos haviam desaparecido de sua pele.

— Sinto muito, Mateo. — Engoli o nó na garganta, desejando ser mais poderosa do que o homem ou a mulher que fez isso com ele. — Nós vamos descobrir como quebrar isso. Não se preocupe.

Jules abriu a porta do motorista.

— Vou dirigir. Você não pode dirigir agora.

Eu não discuti. Dei a volta e pulei ao lado dela, coloquei o cinto de segurança, então estávamos a caminho.

— Clara e Violet vão levar a caminhonete dele de volta para nossa casa. Ele vai precisar passar a noite aqui para ter certeza de que não vai acordar e ter alguns efeitos residuais.

— Como avançar na minha garganta de novo ou algo assim?

— Eu perguntei com muito sarcasmo quando ela ligou o carro.

— Bem, ele avançou contra sua garganta — ela adicionou secamente.

— Não era ele, Jules. Ele nunca me machucaria.

Permanecemos em silêncio enquanto saímos da estrada de cascalho e voltávamos pela rodovia. Nenhuma de nós falou por algum tempo, ambas absortas em pensamentos perturbadores, ainda processando o que acabara de acontecer. Enquanto voltávamos para a interestadual em direção à Magazine Street, olhei para trás, para Mateo. Seu rosto estava calmo e pacífico, completamente lindo. Então a imagem daquele lampejo violento de magia obscura encheu minha mente.

— Não foram apenas os símbolos e sua dor gritante que me deixaram tão abalada — eu disse no carro silencioso.

— Eu sei.

— Você sentiu isso?

— Sim. Definitivamente. — Jules olhou para mim. — Era como uma maldade viva, não era?

— Sim. — Eu enxuguei uma lágrima grosseiramente. — Foi horrível pra caralho.

Jules não era do tipo reconfortante com muita frequência, então, quando ela estendeu a mão e apertou minha mão, eu sabia que era uma bagunça caótica.

— Vai ficar tudo bem. Nós vamos resolver isso.

Ela dirigia com uma mão, segurando a minha com a outra. Eu apertei a dela em apreciação.

— Nós devemos.

— Nós vamos.

Quando paramos em casa, Jules deu ré na entrada para que ninguém na rua pudesse nos ver levitando um corpo da parte de trás do SUV. Não havia muitas pessoas de qualquer forma.

— Eu farei isso — eu disse, querendo liderar o levantamento dele. Precisando.

Gentilmente, forcei minha magia em direção a ele e o levantei. Jules abriu a porta dos fundos e empurrou as cadeiras para fora do caminho enquanto eu segurava sua cabeça em minhas mãos, fazendo-o levitar pela casa.

— Onde você está levando-o? — ela perguntou quando passei pelo sofá da sala.

— Para o meu quarto.

— Evie, isso não é uma boa ideia.

Eu dei a ela um olhar penetrante e continuei.

— Certo. Tudo bem.

Ela passou por nós no corredor e abriu a porta do meu quarto. Eu o empurrei e o coloquei na minha cama. Eu tinha uma cama queen-size, mas de alguma forma parecia tão pequena com ele nela. Seus membros longos, ombros e peito largo e nu comiam o espaço.

— Vou sentar com você um pouco.

Não discuti. Eu não queria ficar sozinha agora. Tirei-lhe os sapatos e as meias e sentei-me na beira da cama, afastando-lhe os cabelos dos olhos. Seus cílios escuros formavam meias-luas negras perfeitas em suas bochechas. Aquela boca sensual, que

havia rosnado para mim com raiva uma hora atrás, agora estava macia e ligeiramente entreaberta no sono.

Ouvimos a porta dos fundos bater, então Clara e Violet estavam no quarto. Violet apoiou o ombro no batente da porta, mas Clara caminhou para o lado oposto da cama. Ela colocou a mão na testa de Mateo e fechou os olhos, avaliando suas emoções internas, outro aspecto de seu dom como Aura. Quando abriu os olhos, perguntei:

— Bem?

Ela sorriu.

— Ele está bem. Como se nunca tivesse acontecido. Tudo legal e calmo lá dentro agora.

— Bem, precisamos conversar sobre aquele show de merda lá em Bayou Sauvage. — O olhar cauteloso de Violet estava fixo em Mateo.

— Alguém já viu sinal de bruxa assim? — Eu perguntei.

— Nunca — disse Clara, um pouco ofegante, seus olhos azuis claros arregalados e redondos.

Violet balançou a cabeça.

— Essa foi a maldição mais sombria que já vi.

Jules se levantou, ambas as mãos nos quadris com os polegares para a frente, os dedos para trás.

— Estamos obviamente lidando com algo sério. Alguém sério. Reconheci alguns dos sinais, mas preciso verificar o grimório da mamãe para ver o que significam.

— Não esta noite, você não pode. — Clara se levantou da cama. — Tudo o que posso sentir de todos vocês na sala é exaustão extrema. Todas vocês precisam descansar. — Ela olhou de volta para Mateo. — Ele está bem agora.

Com o feitiço de alegria de Clara e Jules anulando-o, não havia como ele ser um perigo.

— Tudo bem — concordou Jules. — Todo mundo durma um pouco. Evie, fique no quarto de Isadora esta noite, se quiser.

— Não. — Levantei-me e fui até minha cômoda para pegar um par de camisa de dormir e shorts. — Eu vou ficar bem aqui. Ele pode acordar e... — Ter medo? Estar ferido? Precisar de mim? — Eu preciso estar aqui quando ele acordar.

O olhar avaliador de Jules cintilou sobre mim, então pousou nele, então de volta para mim. Com um aceno de cabeça rígido, ela foi para a porta, empurrando Violet à sua frente. Clara deu a volta na cama e me apertou em seus braços com tanta força que eu mal conseguia respirar.

— Não se preocupe, Evie. Ele vai ficar perfeitamente bem. — Ela me deu um beijo na bochecha e saiu. Eternamente otimista. Eu queria estar.

Olhei para o homem que havia conquistado um lugar no meu coração em algum lugar ao longo do caminho.

— Espero que sim.

Capítulo 24



evie

Por mais que eu tentasse, não conseguia dormir. Depois de vestir minha camisa de dormir com gato e cachorro e meus shorts, escovar os dentes e deslizar para baixo das cobertas, deitei-me de lado, de frente para Mateo. Eu o deixei de jeans e puxei as cobertas sobre ele.

Passei cerca de uma hora ilustrando no meu tablet, até esboçando alguns perfis de personagens com a inspiração deitada na cama ao meu lado. Mas depois de um tempo, fechei o tablet e o deixei de lado, sem conseguir tirar aquelas imagens da cabeça.

Os sinais de bruxa – curvas, glifos e marcas de hash – de origem arcaica, mas familiares em alguns dos livros que mamãe costumava ler. Apenas um que reconheci foi o glifo com aparência de cimitarra, que representava assassinato. Não morte, mas assassinato, vingança ou dano a seus inimigos. Era um símbolo muito direto que significava *apenas* assassinato. Eu

não conseguia imaginar o que esse símbolo, entre os outros, estava fazendo queimado em sua pele com magia obscura. Pois não havia dúvida de que estávamos lidando com uma bruxa desse tipo.

Soltando o que deve ter sido meu centésimo suspiro, apoiei minha cabeça em minha mão em meu cotovelo e olhei para meu lobisomem adormecido.

— Quem você irritou tanto?

Eu escovei a mecha de cabelo rebelde que sempre gostava de cair em seus olhos, deslizando meus dedos sobre sua testa para colocá-lo de lado. Ele agarrou meu pulso e seus olhos se abriram, então eu estava debaixo dele.

— Mateo, sou eu, sou eu!

Mas não havia fogo atrás de seus olhos. Nenhum sinal de seu lobo comandando o show.

— Evie — ele sussurrou, segurando seu peso de cima de mim. — O que você está fazendo aqui? — Ele parecia confuso, seu peito arfando, pressionando contra o meu.

— Na minha própria cama? Eu estava tentando dormir, mas tendo problemas. — Eu mexi meu corpo, mas estava presa embaixo dele. — Uma noite um pouco estressante.

Ele piscou confuso, olhando ao redor da sala. Ele soltou meu pulso e ficou de lado, uma de suas pernas pesadas ainda sobre as minhas.

— O que estou fazendo aqui?

— Você não se lembra?

Sua testa franzida, aqueles olhos castanhos profundos se movendo sobre o meu rosto.

— Me lembro de ir a Bayou Sauvage. Caminhar pela floresta e entrar no círculo de velas. — Ele engoliu em seco, olhando para a parede além de mim, tentando se lembrar do que havia acontecido.

— Nada mais?

Ele balançou a cabeça e olhou para mim com uma mistura de horror e alívio.

— Eu me transformei? Há quanto tempo estou aqui?

Parte de mim estava aliviada por ele não ter se lembrado do episódio. Mas outra estava assustada como o inferno. Eu li em meu estudo noturno sobre lobisomens que eles raramente perdiam a memória completa quando se transformavam. Somente quando o homem era reprimido tão profundamente que o lobo teve um reinado pleno e autônomo. Algo sobre a maldição e eu tentando abri-la empurrou Mateo para trás e trouxe seu lobo para a superfície.

— Eu sinto muito. — Sentei-me, as cobertas deslizando até a minha cintura. — Eu não consegui quebrar a maldição. — Demorou muito para eu admitir isso. — Este feitiço... tem características de alguma coisa. — Lambi meus lábios, achando difícil dizer isso em voz alta. — De magia obscura.

O olhar intenso de Mateo varreu meu rosto e meu cabelo, deslizando pelos meus ombros até o topo dos meus seios, descendo pela blusa do meu pijama e depois voltando.

— Tem certeza?

Eu meio que ri.

— Eu gostaria de não ter.

Ele voltou para a cabeceira da cama e empurrou ambas as mãos em seu cabelo, penteando-o em frustração. Seu abdômen se contraiu e flexionou com a ação, atraindo meu olhar para o perfeito tanquinho que ostentava sob toda aquela pele bronzeada.

— Magia obscura? — ele perguntou, como se nunca tivesse ouvido falar de tal coisa. — Mas por quê? Não fiz nada a ninguém.

Meu coração se apertou porque eu sabia que isso era verdade. Apesar de toda a sua força e ferocidade de seu lobo, Mateo era gentil. Gentil e criativo. Lindo e benevolente ao extremo. Eu não poderia imaginá-lo fazendo mal a alguém intencionalmente. Nunca.

— Aparentemente, alguém acha que você fez. — Coloquei a mão em seu joelho coberto de jeans. — Mas não se preocupe. Nós vamos descobrir. Não é algo que vimos antes, mas temos uma tonelada de recursos. Um deles é a nossa mãe.

— E ela vai ajudar? — Seu olhar vulnerável, quase infantil, derreteu algo dentro de mim.

Eu balancei a cabeça com um sorriso.

— Eu sei que ela vai.

Ele respirou fundo e soltou o ar suavemente, examinando meu quarto. Não havia muito para ver. Uma cômoda de

madeira escura, uma mesa bagunçada com um computador Mac e uma impressora/scanner, meu armário aberto com uma estante de parede a parede com meus quadrinhos categorizados, uma cadeira no canto com algumas roupas sujas espalhadas a esmo, mas seu olhar pousou na mesa de cabeceira do meu lado. Prendi a respiração quando ele se inclinou e estendeu a mão por cima de mim, mas fiquei aliviada quando ele pegou um dos livros empilhados ali.

Ele abriu a capa dura e arqueou uma sobrancelha para mim.

— A Besta de Gevaudan?

Dei de ombros, chamando sua atenção para lá.

— Pesquisa.

— Entendo. — Seus olhos escuros acariciaram meu cabelo até meus ombros antes de ele deixar cair o livro do outro lado e estender a mão, alisando uma mecha entre os dedos. — Eu nunca vi seu cabelo solto antes.

De repente, autoconsciente, eu me contorci um pouco.

— É mais fácil de usar.

— Tão macio. — Ele abanou a mão na base do meu crânio e deixou os fios caírem de seus dedos. — Tão lindo.

— O-obrigada.

Eu ainda estava sentada, mas ele passou o braço em volta da minha cintura e me puxou para baixo e para baixo dele, assumindo aquela posição pairando sobre mim novamente.

— Você está estressada?

— Um pouco.

— Eu sinto muito.

— Não é sua culpa.

Ele grunhiu.

— Eu acho que é. — Seus dedos continuaram a exploração do meu cabelo, penteando-o, a sensação zunindo do meu couro cabeludo até a Holanda. Ele se inclinou mais perto. — Não foi assim que imaginei que entraria no seu quarto quando finalmente chegasse aqui.

— Oh? — Sem fôlego. Coração martelando. — Você imaginou estar no meu quarto?

Ele afastou meu cabelo do meu pescoço, seus dedos traçando meu pulso.

— Muito. Especificamente na sua cama. — Ele abaixou a cabeça e deu um beijo na minha clavícula, os lábios beliscando uma trilha doce.

Meu cérebro entendeu e meu corpo começou a zumbir de desejo, meu sangue rugindo em minhas veias. Mais. Eu precisava de mais.

— Você disse que não conseguia dormir? — Uma volta lânguida de sua língua na minha garganta.

— Uh. Sim. — Uma conversadora fascinante, eu era esta noite.

— Eu sei uma maneira de ajudá-la a dormir.

Uau, garoto. Embora meu corpo estivesse gritando sim, eu não estava pronta para fazer sexo. Não depois do triste desastre que foi essa noite. Eu ainda estava nervosa com tudo isso. Mas

meu corpo estava protestando contra meu cérebro, colocando um bloqueio com sinais e músicas do tipo, *Queremos sexo! Sexo é bom! Sexo, sim, sexo!* Todas as músicas super criativas, a propósito.

Cristo. Eu não conseguia nem formar pensamentos coerentes com sua boca quente trabalhando na coluna da minha garganta.

— Não tenho certeza se...

Sua boca estava na minha, acariciando com um roçar provocador de sua boca sensual antes de lamber por dentro. Ele se enfiou entre minhas pernas, e eu as deixei cair abertas como o portão de partida para uma corrida de cavalos. Ele se estabeleceu exatamente onde minhas partes femininas o queriam. Um gemido carnal retumbou de seu peito para o meu, apertando meus mamilos sob meu pijama superfino com seus lindos gatos e cachorros dentro de gotas de chuva caindo.

Mateo enrolou dois dedos na regata da minha camisa, deslizando-a pelo meu ombro, beijando a carne que expôs ao longo da curva superior do meu seio.

— Eu só quero fazer você se sentir bem. — Ele se levantou sobre mim, ainda deslizando o material para baixo até que o ar frio atingiu meus seios nus, apertando meu mamilo em um broto. Ainda assim, ele olhou apenas nos meus olhos. — Nada mais — ele prometeu. — Deixe-me fazer você se sentir bem, Evie.

Do jeito que ele perguntou, como um doce apelo, não havia como eu dizer não. E quem não queria um lobisomem gostoso para fazer uma garota se sentir bem? Eu não era uma idiota, então balancei a cabeça em silêncio. Seu olhar deslizou para o meu seio exposto. Ele sibilou uma respiração. Eu pensei que já tinha visto o olhar de luxúria neste homem antes, mas não era nada comparado ao que via agora. Ele abaixou a cabeça e circulou a protuberância com sua língua quente. Arqueando em um suspiro, eu pressionei em sua boca, segurando um punho em seu cabelo e cravando minhas unhas em seu bíceps com a outra.

— Oh, Deus, Mateo.

Sua grande mão passou por baixo da minha regata, espalhando-se pela minha barriga, vagando para um lado e depois para o outro, acariciando a pele ali logo acima do meu short de dormir. Para frente e para trás, seus dedos mergulhavam apenas sob o cós, o tempo todo seus lábios beliscando e chupando meu mamilo, forçando meus quadris a balançar contra seu pau duro envolto em jeans.

Então sua boca se afastou, o ar frio contra meu peito molhado apertando ainda mais a ponta. Eu gemi de frustração até que ele colocou a cabeça na minha barriga, abriu a boca e mordeu o final da minha blusa entre os dentes. Segurando meu olhar, ele deslizou para cima, expondo minha barriga, costelas, ambos os meus seios.

Ele era tão fodidamente sexy que a pulsação entre minhas pernas me avisou que eu não duraria um milissegundo uma vez que ele tocasse meu clitóris. Eu o queria muito. Ele se parecia muito bem.

Eu balancei minha pélvis para cima novamente, bem ao mesmo tempo que ele enrolou os dedos debaixo do meu short e calcinha e os puxou para baixo. Na verdade, eu tinha certeza de que ele cronometrou, observando meu corpo, sabendo quando eu levantaria para esfregar contra sua ereção. Ele sabia exatamente quando seria o momento perfeito para puxá-los pelas minhas coxas. Ele deitou metade sobre mim, seu peso em seu antebraço esquerdo enquanto mergulhava a cabeça no peito que ainda não havia tocado. Sua língua sacudiu a ponta ao mesmo tempo em que seu dedo médio roçou entre minhas dobras e circulou meu clitóris.

— *Mateo.*

— É bom, baby? — ele respirou contra a minha pele sensível.

— Fodidamente fantástico.

Ele gemeu quando deslizou o dedo mais para baixo, encontrando-me ultra molhada. Embaraçosamente assim. Ainda assim, tudo que eu podia fazer era gemer e bombear meus quadris como uma estrela pornô gananciosa. Uma estrela pornô de pijama com cachorrinhos e gatinhos.

— Aí está — ele sussurrou contra meu mamilo, a voz rouca, os lábios roçando, provando a língua. — Pegue o que você precisa.

Suas palavras apenas me rejeitaram. Afastei seu cabelo do rosto para poder observá-lo trabalhando em meus seios. Ele puxou a mão do meio das minhas pernas.

— Não, não, não — eu implorei, cravando minhas unhas em seu couro cabeludo e seu ombro nu onde eu o segurava.

Ele riu, segurando meu olhar enquanto inseria o dedo indicador e o dedo médio na boca, sugando-os até limpá-los. Seu gemido vibrou ao lado da minha caixa torácica, onde ele apoiou seu peso contra mim, pele contra pele.

— Fodidamente fantástico está certo. — Ele olhou para mim e deslizou aqueles dois dedos de volta ao longo da minha boceta, um glorioso deslizamento molhado até a minha entrada, então ele bombeou para dentro.

— Ah, merda, ah, merda.

Duas estocadas profundas de seus dedos até os nós dos dedos e eu já estava gozando. Mordi o lábio inferior, tentando me segurar, mas não teve jeito.

Ele se lançou sobre mim, ainda acariciando seus dedos profundamente.

— Não, porra, não. Quero ouvir você. Deixe-me ouvir você gozar em meus dedos, Evie.

Arqueando meu pescoço e meus quadris, deixei escapar um gemido gutural quando o maior orgasmo *existente* abalou meu

mundo. Sua boca quente estava no meu pescoço com uma mordida rápida, então sua língua estava na minha boca, acariciando com força, devorando cada som. Seus dedos foram empurrados profundamente, segurando enquanto eu ainda pulsava em torno dele. Seu beijo foi áspero, completo e maravilhoso. Ele continuou me beijando, engolindo meus pequenos sons, minhas respirações ofegantes.

— Que bom que estamos fora da zona de amizade — murmurei.

Ele riu na curva do meu pescoço antes de plantar um beijo lá. Ele curvou a palma da mão sobre o meu monte, os dedos ainda parcialmente dentro de mim. Ele levantou a cabeça do meu pescoço para olhar para seus dedos trabalhando em mim. Aqueles olhos escuros prometiam um mundo de prazer inebriante, e quando eu não estivesse exausta e parecendo um macarrão molhado por conta de um orgasmo super-rápido, planejava participar de todas essas promessas. Agora, tudo que eu podia fazer era ficar lá e olhar para ele, recuperando o fôlego.

Ele roçou o nariz no meu.

— Isso foi bom?

Eu ri.

— Você sabe que sim.

— Essa foi a porra da coisa mais sexy que eu já vi. — Ele deu um aperto firme na minha garota, como um aperto gostoso que diz: eu vou te ver de novo em breve, então ele aliviou os dedos e puxou minha calcinha e shorts de dormir de volta pelos meus

quadris. — Eu estava planejando fazer isso um pouco diferente, mas...

— Diferentemente como?

Ele deu de ombros.

— Eu estava me preparando para chupar você e deixá-la gozar na minha língua.

Meu cérebro fracassou por um segundo, imaginando como seria o paraíso glorioso.

Ele se certificou de que meu short estava certo, então abaixou minha regata e deslizou a mão sobre o material para segurar meu seio vagarosamente. Não foi um toque sexual, mas definitivamente foi possessivo.

— Você gozou mais rápido do que eu pensava.

Engoli meu orgulho porque, caramba, fazia muito tempo que não ficava com um cara. E eu com certeza não tinha estado tão excitada assim desde sempre.

— Desculpe — eu murmurei.

— Não se desculpe. — Ele soltou um suspiro, em seguida, lambeu os lábios enquanto olhava para a minha boca. — Vou cuidar dessa minha fantasia da próxima vez.

— Próxima vez? Haverá uma próxima vez, então?

Uma pausa para um beijo suave e sensual, então sua voz toda esfumaçada de barítono retumbou:

— Haverá muitas, muitas próximas vezes. — Outro mergulho e fusão de bocas sem língua. — Agora vire e durma um pouco. Espero que você não tenha problemas agora.

Apenas me atingiu como um idiota que ele me deu aquele orgasmo fantástico para que eu pudesse relaxar. E dormir. Criiisto.

— Você sabe, para um lobisomem grande e mau, você com certeza é doce.

Ele virou meu corpo para longe dele, então me puxou completamente para a curva de seu corpo, seu peito nu bombeando calor nas minhas costas. Parecia delicioso.

— Você tem certeza de que não quer um pouco, hum... você sabe. — Eu cutuquei de volta com minha bunda. — Reciprocidade?

Sua boca estava na inclinação do meu pescoço e ombro. Juro que senti seu pau estremecer, mas ele não fez nenhum movimento para empurrar contra mim.

— Não — ele disse calmamente, pressionando os beijos mais doces e suaves no meu pescoço antes de esfregar o nariz no meu cabelo e apertar o braço em volta da minha cintura. — Isso é tudo que eu preciso agora.

— Só isso?

— Sim. Só isso.

— Tem certeza?

Ele apertou seu aperto.

— Absoluta.

Acomodei minha cabeça no travesseiro, mas não pude deixar de perguntar:

— Porque se você quiser...

Seus dedos cavaram em minhas costelas, fazendo cócegas, e eu gritei no travesseiro com uma gargalhada. Então senti dentes no meu pescoço e me acalmei.

— Durma, Evie — ele sussurrou, beijando-me onde tinha mordido.

Deixei escapar um suspiro satisfeita, me perguntando se eu poderia adormecer com este lindo pedaço de homem pressionado contra mim por trás. Engraçado, mesmo depois de conhecer o lobo de Mateo em primeira mão na casa mal-assombrada e saber que havia uma bruxa assustadora que lançou uma maldição de magia obscura sobre ele, ainda me sentia mais segura em seus braços do que em qualquer outro lugar.

Adormeci mais rápido do que nunca.

Capítulo 25



mateo

Acordei sozinho com o som estridente do que pensei ser alguém cantando. Muito mal.

Na cozinha, eu podia ouvir a conversa de Evie e suas irmãs, bem como uma delas cantando – ou tentando cantar – “Think of Me” do *Fantasma da Ópera*. Poderia muito bem sair da cama, já que não tinha como dormir durante isso.

Balançando minhas pernas para a lateral da cama, me lembrei da noite anterior e sorri. Mesmo que minha ereção matinal fosse tão dolorosa como sempre, eu estava, de alguma forma, satisfeito.

O que? Sem comentários arrogantes e idiotas?

Não estou falando com você agora.

Por mim tudo bem.

Eu estava descansado, contente e estranhamente relaxado. Não havia dúvida de que era tudo porque dormi com Evie em meus braços na noite passada.

Imagine como se sentiria se tivesse transado com ela como eu disse *antes* de adormecer.

Eu pensei que você não estava falando comigo?

Silêncio novamente. Bom.

Olhei ao redor da sala, observando o quarto dela. Era simples, com uma pitada peculiar. Como ela. Eu ri da lâmpada de unicórnio peidando um arco-íris e o relógio Wolverine na mesa de cabeceira. O calor se acumulou no centro do meu peito, especialmente quando vi seu lindo pijama jogado em uma cadeira. Meu pau endureceu ainda mais quando me lembrei de deslizar minhas mãos naquele pijama na noite passada.

Olhei em volta e encontrei minha camisa da noite passada dobrada ao pé da cama como se Evie quisesse que eu a encontrasse. Depois de dar de ombros para ela, avistei seu tablet na mesa de cabeceira. Olhando para a porta, sintonizei as vozes na cozinha, capaz de distinguir a voz nitidamente mais profunda de Jules, a voz gutural e amigável de Evie e a voz doce e aguda de Clara.

Olhei para o tablet e caminhei até a mesinha de cabeceira. Eu não deveria invadir a privacidade dela. Eu realmente não deveria.

Você realmente deveria. Por que ela está escondendo segredos de nós?

Ela não está guardando segredos. É apenas algo privado, o que quer que ela esteja fazendo aqui.

Façaaaaa isso.

Ter Alfa sussurrando em meu ouvido o dia todo era como ter um demônio no meu ombro.

Isso mesmo, vadia. Eu sou seu demônio. Agora abra.

O problema era que não havia anjo no outro ombro. E, às vezes, Alfa era tão fodidamente difícil de resistir.

Peguei o tablet e o abri, surpreso ao encontrá-lo sem senha. Já estava aberto em um programa de software chamado Clip Studio Paint Pro. O arquivo no topo dizia *Às Bruxas na Cidade*. Era obviamente sua própria obra de arte.

— Uau.

Era uma história em quadrinhos ilustrada, atualmente com cinquenta páginas. Comecei a passar para a próxima página e a próxima. Algumas eram páginas inteiras, outras eram metade e um quarto com incríveis ângulos diferentes. Depois de ficar completamente perplexo com seu talento, diminuí o ritmo e li um pouco da história. Era Fred, o galo delas, desfilando em um salão de baile, usando uma gravata borboleta de seda preta ao lado de uma mulher com cabelo tingido de rosa em um vestido de noite preto.

Eles entraram na festa com o queixo arrebitado, ou na verdade um queixo arrebitado e um bico, enquanto os espectadores engasgavam em choque. Era obviamente Violet, embora o anfitrião da festa a cumprimentasse como Lily.

Apenas. Uau.

Era sobre ela e suas irmãs. Eu folheei o resto, completamente deslumbrado com sua habilidade. Por que ela não estava publicando isso? Havia mais?

Fechei o arquivo e rolei para baixo até alguns arquivos do Adobe Photoshop em uma pasta chamada *Trabalho em progresso*. Meu coração disparou quando vi uma pasta chamada *Sr. Lobisomem*.

— De jeito nenhum.

Abrindo, sentei-me na cama e folheei esboço após esboço... de mim. Close-ups, ângulos de cima, perfis, longa distância de mim na rua, de mim trabalhando em meu estúdio, vestido, sem camisa e um longo estudo de portfólio de meus braços e mãos.

Sim, querido. Alguém quer as mãos do papai nela.

Fiquei perplexo, chocado e excitado ao mesmo tempo. Muitos dos esboços não passavam de rascunhos, mas alguns eram detalhados e elaborados com camadas de cores e linhas de contorno no Adobe.

A impressora gigante ao lado de sua área de trabalho na mesa também pode funcionar como um scanner. Fechando o tablet, fui até a escrivaninha e abri a primeira gaveta à direita. Era profunda e cheia de esboços de uma única página. O que estava sentado em cima me fez cair na cadeira da escrivaninha.

Eu levantei o esboço em preto e branco de mim andando pela revista – eu poderia dizer por que o French Truck Coffee estava atrás de mim – vestindo meu moletom, uma mão no

bolso da minha calça jeans e a outra segurando uma coleira curta que estava presa a um lobo ao meu lado.

Além do fato de que ela obviamente estava me estudando com detalhes inacreditáveis nas últimas semanas, eu não conseguia superar o domínio de seu ofício. Sua habilidade em desenho e técnica na expressão facial era facilmente melhor do que a maioria dos profissionais neste ofício.

Concedido, eu não era um especialista em quadrinhos como ela, mas conhecia bem a forma de arte. A arte de Scott era parecida, embora ele usasse apenas carvão. Eu não conseguia superar isso.

Evie era uma verdadeira artista e, no entanto, escondia isso.

Por quê?

Pratos e garfos retiniam na cozinha, e ouvi a adição sarcástica de Violet às vozes barulhentas. Eu gostaria de poder ficar sozinho com Evie para poder dizê-la como ela era absolutamente incrível, mas parecia que a conversa teria que esperar.

Colocando o esboço de volta na gaveta, mergulhei no banheiro do corredor, cuidei dos negócios e encontrei uma escova de dentes extra fechada na gaveta, que tomei a liberdade de usar antes de ir para a cozinha.

— Não foi isso que eu disse — reclamou Violet, sentando-se à mesa e comendo seu café da manhã.

Clara se sentou lindamente ao lado dela com um prato.

— Não seja tão mal-humorada.

— Eu não sou mal-humorada — ela gritou com a boca cheia de comida. — Evie só precisa cuidar da porra de si mesma com aquele lobi...

Foi quando ela olhou em minha direção e apontou o garfo para a sala onde eu estava na entrada.

— Somem — eu completei sua frase. — Sim. Ouvi dizer que somos perigosos.

Violet engoliu em seco, visivelmente envergonhada, o que era uma expressão totalmente nova que eu nunca tinha visto nela.

Evie caminhou até mim, alegre e linda em jeans e camiseta de hoje – preta com Darth Vader dizendo: *Bem-vindo ao lado negro. Temos biscoitos*. Ela não hesitou em envolver seus braços em volta do meu pescoço e me puxar para baixo para um beijo rápido nos lábios.

— Bom dia. Ignore Violet. Ela está exagerando, como sempre. Sente-se.

Puxei uma cadeira com Violet carrancuda para mim.

— Sem querer ofendê-lo, Lobisomem.

O nome imediatamente me fez pensar na descoberta que fiz no quarto de Evie. Ela pegou um prato de Jules que estava preparando no fogão, o cheiro de presunto e ovos e outra coisa deliciosa fazendo meu estômago roncar.

— Não ofendeu. — Servi um copo de suco de laranja da jarra sobre a mesa e bebi.

— O que eu quis dizer é que você estava maluco ontem à noite. Parecia que você ia matar Evie.

Quase engasguei com o suco de laranja.

— O que?

Isso amorteceu meu bom humor rapidamente.

Do que ela está falando, Alfa?

Podemos ter pulado em Evie com a intenção de atacá-la.

O que quer dizer com “ataque”? Você ia machucá-la?

Eu acho que não.

Você acha que não! Bem, O QUE você sabe?

Eu sei que senti essa dor perversa e queria que ela parasse.

Violet estalou os dedos no ar sobre a mesa.

— Terra para Mateo. Você está ouvindo?

— Não importa. — Evie colocou um prato na minha frente.

Ela sussurrou em meu ouvido: — Ela gosta de você.

Olhei para Evie como se ela fosse louca.

Ela riu e apontou para Jules no fogão.

— Ela, não Violet.

— Como você sabe?

— Porque ela cozinhou ovos Benedict. Você está recebendo o tratamento especial de café da manhã.

— Talvez seja apenas minha última refeição antes da execução.

Ela riu daquele jeito rouco que tinha, me forçando a sorrir. Clara ria do outro lado da mesa, nos observando com um brilho nos olhos.

Fiquei com água na boca quando dei uma mordida no muffin inglês em camadas, bacon canadense, ovo escalfado e molho holandês. Um monte de batatas fritas picantes cortadas em cubos e fatias de melão completavam o prato. Não consegui reprimir o gemido quando mastiguei a primeira mordida.

Jules sentou-se à cabeceira da mesa com seu prato e sorriu. Um genuíno, não um apaziguador ou compassivo como havia me dado antes.

— Então, como você está se sentindo esta manhã?

Engoli um pedaço de melão.

— Eu estava ótimo até descobrir que tentei atacar Evie ontem à noite.

Meu estômago afundou quando deslizei meu olhar para ela. Ela estendeu a mão por baixo da mesa e apertou meu joelho como se não fosse grande coisa.

— Você teve alguma sorte com os símbolos? — Evie perguntou.

— Um pouco. — Jules tomou um gole de café. — Enviei uma foto para mamãe para ver se ela poderia ajudar.

— Espere um minuto. — Coloquei o garfo no prato. — Uma foto?

Jules pegou seu telefone.

— Tirei uma foto ontem à noite quando aconteceu. — Ela olhou para mim com culpa. — Tem certeza de que quer ver?

Na verdade, tive que pensar sobre isso um segundo. E por que Alfa estava tão quieto? Meu cérebro descarrilou por passar uma noite inteira pressionado contra Evie. Era o toque dela que o desligava tanto? Nesse caso, posso ter que implorar para ela começar a dormir na minha casa.

— Sim. Me deixe ver.

Jules folheou algumas fotos, clicou em uma e passou para mim. Evie estava com a mão na minha coxa e apertou de forma tranquilizadora. Mas nada poderia me preparar para o que vi.

— Jesus — murmurei.

— Exatamente! — Violet limpou a boca com o guardanapo e embolou no prato. Ela pulou para dar a volta e olhar por cima do meu ombro. — Veja. Você parece a porra de um animal enlouquecido.

— Violet! Cale a boca — Evie estalou.

Eu limpei minha garganta.

— Não. Ela está certa. — Olhei para a imagem de mim pulando em direção a Evie, seus olhos arregalados de medo, meu corpo flexionado pronto para cair sobre ela com força. E os símbolos vermelhos cobrindo minha pele exposta. Que porra? — Para ser honesto, neste momento, sou mais animal do que qualquer outra coisa. — Passei o telefone de volta para Jules, não querendo mais olhar para ele. — Mas eu não me transformei.

Evie se virou em seu assento para mim.

— Parte da maldição que foi colocada em você inclui um bloqueio. Como uma parede muito forte. Está me impedindo de penetrar para quebrar a maldição.

Jules colocou seu cabelo curto e cortado atrás de uma orelha.

— Eu reconheci aquele símbolo. O glifo com aparência de martelo. — Ela apontou para a foto onde o símbolo aparecia na minha testa, peito e ombro.

— Tantos — eu murmurei. — Então você acha que sua mãe saberá o que eles significam?

— Talvez não todos. Mas ela pode nos aconselhar para onde ir a partir daqui.

Um toque ecoou na área da bancada. É onde uma mesa foi montada, voltada diagonalmente para fora da parede.

Jules saltou da cadeira.

— E lá está ela agora. — Ela correu para a área de trabalho, apertando o botão aceitar chamada.

Evie deu a volta e ficou de pé sobre seu ombro. Clara e Violet seguiram. Fiquei parado, observando uma mulher atraente aparecer na tela. Ela tinha cabelo ruivo escuro do mesmo tom de Jules, mais escuro que o de Evie, e parecia ser de meia-idade, mas eu sabia que ela provavelmente era muito mais velha.

— Olá, meus amores — ela sorriu.

Um coro de olás disparou das quatro.

— Livvy está absolutamente furiosa com todos vocês.

— Por quê? — perguntou Evie.

— Porque vocês esperaram até que ela e Isadora saíssem da cidade para se *divertirem perigosamente*, como ela diz.

— Bem, nossa diversão perigosa é ficar na cozinha — disse Jules, apontando por cima do ombro.

— Ah, é mesmo? — Sua voz tinha uma autoridade maternal, mas também era marcada pelo amor que sentia por suas filhas. — Vá em frente e me apresente ao seu homem, Evie.

Eu não sabia o que Evie tinha dito a sua mãe sobre mim, ou se era Jules quem estava transmitindo informações, mas o fato de ela ter me marcado como o homem de Evie me fez sorrir como um idiota. Coloquei meu guardanapo na mesa e me levantei. Evie me encontrou no meio do caminho e me puxou para ficar na frente do monitor, empurrando Clara e Violet para o lado.

— Mãe, este é Mateo Cruz. Mateo, esta é minha mãe, Serena Savoie.

— Oi, Sra. Savoie. É um prazer conhecer você. — Eu dei um pequeno aceno.

Ela olhou para os meus olhos pelo que pareceu uma vida inteira, me avaliando bem, antes de dar um aceno rígido. Ela tinha o tipo de olhos que podiam ser leves e alegres ou penetrar em sua alma, dependendo de seu humor. Superficialmente, ela era caprichosa, mas essa mulher, essa bruxa, tinha poder. Ele saiu dela a milhares de quilômetros de distância.

— Sim. Sim, eu gosto de você, Mateo. Você tem olhos gentis. Você vai se sair bem.

Fofo. Aprovação da mãe. Agora podemos reivindicar Evie oficialmente.

Agora não. Por favor, não agora.

Claro que não. Não quero que você transe com ela na mesa da cozinha na frente da mamãe. Que tipo de cara você pensa que eu sou?

Apenas, cale a boca. Volte a dormir ou o que seja.

— Mãe — Evie, com o rosto e o pescoço rosados, interrompeu o exame flagrante de sua mãe sobre mim. — Onde estão papai, Livvy e Isadora?

— Ele arrastou as meninas para a cidade para comprar materiais para a casa de passarinhos.

— Casa de passarinhos? — perguntou Clara.

— Ele já construiu e pintou três para uma família de cotovias Bluethroat fixando residência. Juro que ele quer transformar nosso quintal em um santuário de pássaros. Mas vocês sabem como é o pai de vocês com os animais.

— Que adorável. — Clara bateu palmas, uma onda de alegria pulsando nela como ondas de rádio.

— Falando nisso, como estão Z e Fred? Ele vai querer saber, já que sentiu falta de falar com você.

— Eles estão bem — disse Violet ao lado. — Exceto que Jules não é tão doce quanto papai é sobre as regras da casa.

As irmãs trocaram olhares.

Os olhos verdes da Sra. Savoie brilharam de alegria. Eles eram semelhantes em tom e forma aos de Evie.

— Ele adoraria se Fred se aposentasse na Suíça. Isso será o próximo em sua agenda. Transformando nossos vinte acres em uma fazenda funcional. Para dizer a verdade, eu o vi procurando ovelhas à venda recentemente.

As meninas riram, mas então o rosto da mãe ficou sério.

— Agora, vamos ao que interessa. — Sua voz era uma lâmina afiada, seus olhos escurecendo com severidade. Aposto que ela era uma líder formidável quando governou como chefe do Coven de Nova Orleans. — A primeira coisa que posso dizer é que essa maldição que você está tentando quebrar não é uma maldição.

Evie se inclinou.

— Mãe, tem que ser. Isso o está impedindo de usar sua magia.

— Não exatamente — disse sua mãe. — Você está certa de que é magia obscura. Os glifos vermelhos dizem isso, mas o que isso parece e soa para mim é um feitiço de magia de sangue. Muito diferente de um feitiço.

— O que você quer dizer? — perguntou Jules. — Qual é o propósito, então, se Mateo é incapaz de se transformar e está causando a ele... problemas?

Essa foi uma explicação tão boa quanto qualquer outra.

A Sra. Savoie se aproximou de seu monitor e olhou para mim.

— Mateo, não praticamos magia de sangue. É proibido. Meu conhecimento é limitado porque até ler os feitiços pode

ser prejudicial. — Seu olhar passou entre Jules e Evie. — Ouçam-me, meninas. A magia de sangue é senciente, assim como nossa magia. Seu desejo é sempre malévolos. Sua intenção é buscar um canal poderoso ao qual se conectar. É por isso que até ler alguns desses feitiços pode ser perigoso. A magia quer se infiltrar em um hospedeiro e se agarrar.

— Então, se tivesse que adivinhar, qual você acha que é o propósito desse feitiço? E por que ele é incapaz de se transformar?

A Sra. Savoie semicerrou os olhos como se pensasse.

— Se fosse um feitiço normal, então Evie o teria quebrado. Ela é a destruidora de feitiços mais poderosa da América do Norte.

— Mãe, não sei se estou...

— Evie, querida, seu poder supera até mesmo seu próprio reconhecimento. — Sua voz era suave e maternal, seus olhos cheios de adoração por sua filha. Eu conhecia esse sentimento. — Só porque você não vê, não significa que não esteja lá. A razão pela qual não conseguiu quebrá-lo é porque não é uma maldição. Não exatamente. O feitiço de sangue acorrentou o lobo de Mateo, não como o motivo do feitiço, mas como um efeito colateral.

— Então, como descobrimos o motivo? Seu propósito? — perguntou Jules.

— Esse é o ponto crucial, não é? — Ela mordeu o lábio inferior. — Eu não quero nenhuma de vocês pesquisando e

estudando feitiços de magia de sangue. Não só é inacreditavelmente perigoso, especialmente com a magia correndo em suas veias, mas porque é altamente ilegal. Eu reconheci alguns dos sinais de bruxa queimando na pele de Mateo. — Minha própria pele de repente formigou e coçou. Ela continuou com mais seriedade: — Existe um livro que detalha todos os sinais de bruxa sem a adição arriscada de feitiços.

— Mas que bem isso nos trará? — perguntou Evie. — Precisamos saber o que é para realizar um contrafeitiço.

— Não necessariamente. O Coven Cimeira da Guilda está chegando em Nova Orleans, certo?

Jules assentiu. Evie fez uma careta, soltando um suspiro frustrado. O que foi aquilo?

— Final de novembro.

— Bom. Em seguida, pegue o livro, combine os sinais de bruxa que você viu marcados em Mateo e pergunte a Clarissa pessoalmente.

— Com licença — eu me intrometi. — Quem é Clarissa?

A mãe de Evie me respondeu.

— Ela é a presidente da Guilda do Coven. Ela deve ter alguns conselhos úteis. — Então seu olhar voltou para suas filhas. — Isso não é algo que precisa ser discutido em telefones celulares ou e-mail. Você não quer que ninguém os leia e pense que está se envolvendo com magia de sangue. Clarissa saberá que você está dizendo a verdade. Além disso, vou avisá-la antes do cume.

— Mas mamãe — disse Evie. — Um feitiço de sangue? Devemos nos preocupar se isso está sobre nossas cabeças?

A bela mulher riu, um som gutural como a risada de Evie.

— Não seja ridícula. Sim, você deve ter muito cuidado porque esse feitiço é sério. Seu feitiço é firme e forte. Mas cada uma de vocês é mais poderosa do que qualquer bruxa de sangue. — Ela estreitou os olhos para Evie. — Até você, amor.

Mais uma vez, fiquei chocado com o fato de que a mãe delas estar reforçando a confiança de Evie. Eu nunca pensei em Evie como insegura. Na verdade, ela parecia mais segura de si do que qualquer outra coisa.

— Parece um bom plano. — Jules suspirou. — Mas mãe, qual era o título do livro? Você não disse.

— Oh! Desculpe. — Ela riu novamente. — Chama-se *A Etimologia e Definição de Todos os Sinais de Bruxa Conhecidos* por Marigold Lord. Título inteligente, hein?

Evie e Clara riram.

— E Jules, você vai precisar pedir isso ao Ruben. Ninguém mais poderá adquirir uma cópia tão rapidamente quanto ele. Você precisa de uma cópia rapidamente.

Violet riu por trás de sua mão.

— Isso deve ser interessante.

Evie sorriu, mas não fez nenhum comentário. Quando Jules falou de novo, sua voz estava firme e tensa.

— Mãe, e a Beryl? Certamente, ela tem uma cópia.

— Duvido. Ela evita qualquer coisa que se aproxime da magia do sangue. — A sra. Savoie voltou a ficar pensativa. — Você não entende. Não estou brincando quando digo que a magia obscura tem um apetite voraz e se prende a um hospedeiro assim que ele ou ela baixa a guarda. — Ela estalou os dedos na frente do monitor. — Isso é outra coisa. Depois de obter as informações necessárias, queime o livro. Não discuta! Nenhuma de vocês. Ou podem rasgar a seção sobre magia de sangue e queimar essa parte. Isso é o que todos os verdadeiros manejadores de magia fazem.

Violet bufou.

— Acho que agora sabemos por que você terá que barganhar com o negociante de livros raros. — Ela cutucou Jules.

— Você quer dizer fazer um acordo com o diabo — ela murmurou de volta.

A Sra. Savoie deu um sorriso radiante.

— Ok, meninas. Acho que vocês têm o que precisam. Preciso terminar meu gumbo de cordeiro com linguiça.

— Ai credo. Cordeiro e linguiça? — perguntou Clara.

— Muito delicioso. Sempre é melhor usar o que é fresco e local. Isso vale para bruxaria e culinária, você sabe disso. — Ela piscou.

— Tchau mãe. Obrigada — disse Evie.

As outras seguiram o exemplo.

— Adeus, meus amores. Vou mandar suas irmãs de volta antes do Natal. Adeus Mateo. Não se preocupe. Minhas meninas cuidarão bem de você. Você estará puro como a chuva antes que perceba.

— Obrigado, Sra. Savoie. Suas filhas são bastante... notáveis.

— Não pude deixar de olhar para Evie.

O sorriso maternal da Sra. Savoie se alargou.

— Isso, elas são. — Ela mandou um grande beijo e a tela escureceu.

Tchau, mãe. Eu ouvi um som de beijo estalado e uma risada áspera. **Ela gosta de nós.**

Evie se virou para mim e apertou meu antebraço antes de enredar seus dedos nos meus.

— Bem, pelo menos agora sabemos mais sobre o que estamos lidando.

Eu exaleei uma respiração pesada.

— Mas agora estou mais preocupado do que nunca. Quero dizer, magia de sangue? Que merda?

Ela apertou minha mão.

— Quanto mais cedo chegarmos ao fundo disso, melhor estaremos. Se minha mãe diz que podemos lidar com isso, então podemos. Confie em mim.

— Eu confio. — Segurei seu olhar por mais tempo do que o necessário, tentando dizê-la sem palavras o quanto eu já confiava nela. Não apenas com essa maldição. Mas com meu coração, minha alma. Meu tudo.

Clara roçou meu ombro ao passar com um toque amigável e uma pontada de felicidade.

— Não se preocupe. Tudo vai dar certo. Vou abrir a loja. — Então ela saiu pela porta dos fundos pelo pátio.

Violet soltou uma risada.

— Jules, é melhor você ligar para Ruben para que ele possa pegar aquele livro.

Jules estava na janela, com os braços cruzados enquanto olhava, ou melhor, olhava com raiva para o pátio.

Inclinei-me para Evie.

— O que está acontecendo?

— Ela e Ruben não se dão bem — ela admitiu com um sorriso.

Depois de um longo minuto cheio de tensão, Jules se virou.

— Certo. — Ela sacou o telefone e começou a enviar mensagens de texto febrilmente.

— Se ela não gosta dele, por que tem o número do celular dele? — Eu perguntei.

— Ela tem os números de todos os líderes sobrenaturais. Ruben é o chefe do coven de vampiros. Ou mestre, suserano, seja o que for. — Ela estava sussurrando, mas então ergueu a voz para Jules. — Eles não o chamam de Mestre do Coven NOLA⁶?

— Sim — ela resmungou enquanto esperava por uma resposta.

⁶ É um dos apelidos de Nova Orleans.

Aproveitei o momento de silêncio para sussurrar:

— O que é o Coven Cimeira da Guilda?

A boca de Evie se apertou em uma linha.

— Uma reunião anual dos covens de bruxas da Louisiana.

— O que há de errado com isso?

— Nada. — Seus olhos verdes estavam duros.

— Então por que você está com raiva disso?

Ela soltou um suspiro.

— Não é o cume. É a celebração do coquetel no final. Eu não quero ir, mas Jules está me obrigando este ano.

— Por que você não quer ir?

Um *ping* anunciou a mensagem de retorno de Ruben.

— Mais tarde — ela disse, mas eu sabia que era uma desconsideração.

Jules leu a mensagem com avidez e gritou:

— Aquele filho da puta!

Evie ofegou.

— Jules!

Violet jogou a cabeça para trás e riu.

— Essa é a boca da chefe da família. Achei que você estava acima de xingar.

— O que há de errado? — perguntou Evie, mais urgente agora. — Ele não vai conseguir o livro para você? Ele não te odeia tanto assim, não é?

— Não. — Seu olhar duro disparou para nós. — Ele vai conseguir. Mas com uma condição.

Ela estava rangendo os dentes com tanta força que estava *me* dando dor de cabeça.

— Então? — Evie se aproximou e ergueu as duas mãos, pedindo mais. — Qual é a condição?

Ela deixou a cabeça cair para trás com um suspiro alto.

— Se eu for a um encontro com ele.

Violet deu um pulo e bateu palmas.

— Isso é muito bom. Eu amo aquele maldito vampiro.

— Cala a boca, Violet. — Jules começou a enviar mensagens de texto furiosamente. — Tudo bem. Vou jogar o seu joguinho.

— Ela parecia estar falando diretamente com ele com os dentes cerrados.

Eu compartilhei um olhar com Evie, que apenas sorriu e balançou a cabeça.

— A briga deles já dura há muito tempo.

Jules apertou *enviar*, ergueu a cabeça com um sorriso colado e frágil como o inferno.

— Vá pegar suas jaquetas. Vocês dois estão vindo comigo para o meu “encontro de café”... — ela fez uma pausa para fazer aspas exageradas no ar —, com aquele idiota.

— Agora?

— Agora.

Evie sorriu para mim.

— Nosso primeiro encontro?

Eu a conduzi para fora da porta, minhas mãos em seus quadris e abaixando minha cabeça em seu ouvido.

— Este *não é* o nosso primeiro encontro. Tenho planos para isso.

Certo, nós temos.

Coloque seu pau de volta em suas calças. Eu estou no comando da noite de encontro.

Sem problemas. Eu estarei no comando do quarto depois.

Eu não ia debater essa merda com ele. Eu honestamente tinha planos detalhados para meu primeiro encontro com Evie. Estive pensando sobre isso por alguns dias e recebi algumas coisas especiais da Amazon para torná-lo especial para ela. Algumas coisas eu sabia que colocariam aquele lindo sorriso em seu rosto. E não importa o quanto quisesse descobrir cada centímetro de seu corpo quente como o inferno, eu queria descobrir sua mente ainda mais. Depois de descobrir seu talento artístico que ela esconde do mundo, tínhamos muito o que conversar. E eu não ficaria satisfeito até saber tudo sobre minha linda bruxinha.

Capítulo 26



evie

Ruben Dubois exalava sofisticação, arrogância e sexo. Assim como sua livraria, Livros Raros e Cervejaria Ruben. Sim, ele também tinha um café na frente de sua loja, mas parecia mais um lounge elegante e vintage de hotel. Havia poltronas estofadas de veludo azul e cadeiras de brocado prateado com mesas redondas artisticamente trabalhadas colocadas aqui e ali. Lâmpadas estilo Tiffany em tom de joia com iluminação suave e quente deram ao lounge um clima sensual, que vazou para o resto do lugar com sua vibração art déco e tocando suavemente música de Big Band.

E não parecia atrair o mesmo público moderno e boêmio que os outros cafés da Magazine Street. Não. As pessoas que se estendiam com seus livros, não laptops ou outros eletrônicos, pareciam se encaixar aqui. Até Beverly, a caixa/barista atrás do balcão, parecia ter saído de um pôster de pin-up com sua saia lápis preta justa e blusa vermelha de seda com um laço frouxo

pendurado no busto bem-dotado e bem levantado. Seu batom vermelho-bombeiro combinava com sua blusa, acentuando sua pele pálida e perolada. Seu cabelo loiro estava preso em uma torção para completar o conjunto.

Beverly era definitivamente uma vampira e aparentemente também estava encantada com roupas vintage como Ruben. Ou ela estava apenas tentando manter seu empregador ou amante feliz. Eu não tinha certeza de qual era o relacionamento dela com Ruben porque ela sempre o olhava como se quisesse mordê-lo. Mas como alguém poderia culpá-la?

Enquanto o homem do momento entrava na área do lounge onde estávamos sentados, lembrei-me por que ele me tirava o fôlego toda vez que o via. Ele era tão... tão... organizado. Bonito era muito inadequado para encaixar nele. Ruben era muito feminino. Ele era tão... Ruben. Vestido com calças carvão sob medida, camisa branca engomada com abotoaduras prateadas e um colete preto com um desenho cinza costurado, ele parecia ter acabado de sair da década de 1940, só que esqueceu o chapéu, o paletó e a gravata. De alguma forma, eu tinha certeza de que ele teria todos esses acessórios e muito mais para um evento noturno. Já que este foi um encontro duplo de café durante o dia, não há necessidade de enlouquecer e se vestir totalmente formal, certo?

Como todos os vampiros, ele era incrivelmente bonito. Seu cabelo loiro areia caía em uma onda perfeita em sua testa. Seus olhos verde-azulados mudaram em iluminação diferente,

mergulhando mais perto do verde escuro no brilho quente de seu salão.

Aqueles olhos sempre vigilantes varreram sobre mim e Mateo, então pousaram em Jules e ficaram lá. Ao invés de parecer irritado por Jules não ter vindo sozinha para o “encontro”, ele parecia completamente divertido, sua linda boca varrendo enquanto se aproximava.

— Olá, Juliana. — Ele se inclinou, pegou a mão dela e deu um beijo em seus dedos.

Jules fez uma careta, mas eu não tinha certeza se era pelo beijo ou pelo uso do nome completo. Ela puxou a mão para trás e colocou ambas entre as pernas.

— Não achei que você se importaria se eu trouxesse companhia, visto que o livro de que preciso pertence a eles.

— De jeito nenhum. — Seu sorriso nunca caiu quando ele apertou minha mão com as duas dele. — Prazer em vê-la novamente, Evie. — Ele se virou e apertou a mão de Mateo. — Sou Ruben Dubois

— Mateo Cruz.

— Eu passei em sua galeria algumas vezes.

— Passou? — Mateo parecia chocado. Faz sentido. Ruben era uma figura poderosa entre os sobrenaturais, mesmo entre a sociedade humana. Era surpreendente que Mateo nunca soubesse que ele havia visitado sua galeria sem aviso prévio. Então, novamente, ele era um vampiro, poderoso o suficiente para usar o glamour para esconder suas idas e vindas.

O único lugar para Ruben se sentar em nosso círculo era a cadeira oposta a Jules na longa mesa de centro espelhada. Ela tinha feito isso de propósito, para mantê-lo à distância. Tentei não rir quando ele se aproximou de duas cadeiras sem braços, levantou uma e a jogou bem ao lado de Jules. Super perto.

— Você é um artista excepcional — continuou Ruben, apoiando um braço no braço de veludo azul da cadeira de Jules, invadindo seu espaço.

— Obrigado. Não fazia ideia de que você era um cliente em potencial. — Mateo esticou o braço no sofá atrás de mim. — Eu o teria cumprimentado pessoalmente.

— Não há necessidade de se dar ao trabalho por mim.

Para um poderoso vampiro que governava a maior população de sua espécie no Deep South, ele agia bastante humildemente. Mesmo em seus fios elegantes, parecia relaxado e amigável. Oh. Até que dei uma boa olhada no pequeno desenho repetido em cinza em seu colete preto; uma cobra constritora sedutoramente envolta e envolvendo o corpo de uma mulher nua, a garganta arqueada para trás, para ele, os olhos fechados em êxtase. O desenho foi repetido várias vezes no colete. Não havia dúvida de que Ruben mandava fazer suas roupas sob medida.

— Se você estiver interessado — continuou Mateo —, eu ficaria feliz em fazer um tour pelos bastidores. Mostrar algumas peças que não estão na galeria.

— Isso seria muito apreciado. — Seu olhar estava em Mateo quando eles tiveram sua pequena troca, mas então aquele olhar penetrante girou para Jules. — Gostaria de tomar um café?

— Claro. — Ela estava se esforçando para não ser rude, eu poderia dizer. Afinal, precisávamos de um favor.

— Beverly. — Ele levantou a mão. A moça deslizou por trás do balcão e entrou no canto onde estávamos.

— Sim, senhor?

Senhor? Esqueci a formalidade entre os vampiros. Jules enrijeceu, subitamente interessada em suas unhas.

— O café expresso é bom para todos?

— Tudo bem — disse Mateo. Eu balancei a cabeça. Jules fingiu ser invisível. Foi tão estranho. Minha irmã era uma potência, uma bruxa durona Executora e chef de cozinha extraordinária que administrava não apenas nosso negócio de bruxas, mas também o Caldeirão. Ela não era tímida. Nunca. Mas agora, parecia que ela estava tentando afundar em sua almofada de veludo e se tornar parte do estofamento fino.

— Imediatamente, senhor.

Enquanto Beverly deslizava para longe, balançando seus quadris curvilíneos, Ruben voltou-se para Jules.

— Como tem passado, Juliana?

— Tudo bem. — Ela evitou seu olhar pesado e atento. — Como vai o negócio de sugadores de sangue?

— Sangrento como sempre. — Sua voz mergulhou, rolando para uma cadência sexy. — Como vão as coisas na cozinha? Ainda quente?

— O suficiente para queimá-lo até ficar lindamente crocante.

Ele sorriu.

— Você me acha lindo?

Ela bufou, revirando os olhos e olhando para o teto.

— E as facas, Juliana? Ainda afiadas?

Seu tom sensual insinuava todo tipo de coisa, mas eu não tinha ideia do que diabos se tratava.

— Muito. Eu uso uma pedra de amolar mágica hoje em dia para garantir que atinjam o alvo. Todos os intrusos indesejados. Seu sorriso ficou mais largo.

— Bom. Lembre a todos os outros pretendentes que é melhor manter distância.

Pretendentes? Só Ruben usaria palavras arcaicas assim. E por que ele estava tão interessado na vida amorosa de Jules? Não que ela tivesse uma.

Ela revirou os olhos. Novamente. A ação tornou-se cômica em sua redundância.

— Não há nenhum, Ruben.

— Isso é porque eles estão todos com medo de você. Mas eu não estou.

— Não. Você deixou isso bem claro. Além disso, não tenho tempo para *nenhum* pretendente.

Ele apenas sorriu serenamente como se estivessem conversando sobre o tempo, então se virou para nós.

— Agora, qual é o livro que vocês estão procurando?

Jules se endireitou, rebaixando seu tom de assassino para profissional de negócios. Esta era a zona de conforto da minha irmã.

— *A Etimologia e Definição de Todos os Signos de Bruxas Conhecidos* por Marigold Lord.

A testa lisa de Ruben franziu em uma expressão carrancuda que eu nunca o vi fazer. Certo, eu só estive perto dele um punhado de vezes quando ele veio para a casa ou para o Caldeirão para falar de negócios com Jules. Mas nada parecia irritar o cara.

— Eu acho que seria um agrado bem usado em sua biblioteca. — Isso foi dirigido a Jules.

— Não é uma ferramenta necessária. Não precisamos de sinal de bruxa para nossa magia.

— Sério? — Ruben se inclinou, interesse genuíno em sua expressão. — Por que não?

Mateo também se inclinou para a frente.

Jules olhou para mim com uma pergunta. Isso não era algo que discutíamos fora de casa ou na companhia de outras bruxas. Não era um segredo, na verdade, apenas um conhecimento que apenas as bruxas precisavam saber. Ou se importava em saber. Dei de ombros e assenti.

Jules se inclinou em sua cadeira para encarar Ruben, o que na verdade a colocou mais longe dele. Definitivamente de propósito.

— Sinal de bruxa é usado para lançar feitiços fora da ordem natural de magia de uma bruxa. Ou seja, se uma bruxa está conjurando magia que não é um dom inato dela, ela precisa enviar a mensagem para a magia com o símbolo da bruxa. É como... — Ela fez um movimento circular com as mãos, os olhos brilhando como sempre fazia quando falava de magia. — Como ter uma conversa.

— Você quer dizer, falando com a magia — esclareceu Mateo.

Eu virei meus joelhos para ele.

— Pense nisso desta maneira. Você não precisa de nenhum tipo de ajuda para falar com seu lobo, certo?

Ele zombou.

— Eu posso ouvir o bastardo alto e claro. Principalmente ultimamente.

Ruben parecia querer interromper, mas não o fez.

— Bem, eu não preciso de ajuda para falar com minha magia. Posso invocá-la à vontade. O mesmo para Jules e todas as minhas irmãs. Mas digamos que eu queira fazer, ah, não sei, um feitiço de amor.

— Você pode realmente fazer isso? — perguntou Ruben, seu olhar girando para Jules. Seu rosto queimou em rosa.

— Mais como paixão — ela esclareceu. — O amor não é algo que a mágica pode fazer acontecer. Mas sentimentos superficiais; luxúria e fascínio. Sim.

Mateo inclinou-se para perto de mim, provocativamente.

— Você usou esse feitiço em mim?

Eu bati em seu peito com as costas da minha mão.

— *De qualquer forma*, se quiséssemos usar esse feitiço, teríamos que usar o símbolo da bruxa em um círculo de lançamento com todos os outros ingredientes.

— Que outros ingredientes? — perguntou Rubens. — Sacrifício de animais ou algo assim.

Jules estremeceu.

— Por favor. Não é tão primitivo. Uma mecha de cabelo ou algo do dono. Mas esse não é o ponto. O problema é que lançar feitiços pode ser extraordinariamente complexo. Quanto mais complexo, mais o sinal de bruxa é usado.

— Inferno — disse Mateo, recostando-se no encosto do sofá. — Então o que foi lançado sobre mim é extremamente complexo.

Beverly se aproximou e colocou uma bandeja com quatro expressos em xícaras de porcelana branca com bordas azuis, pequenos decantadores prateados de creme e açúcar e quatro colheres de chá.

Ruben deu um sorriso para ela.

— Obrigada, Beverly.

Ela assentiu e saiu.

Mateo recostou-se com os dedos longos em volta da xícara.

— Assim, as bruxas não precisam do sinal de bruxa para seus dons naturais de magia.

Soprei meu expresso antes de tomar um gole.

— Como telecinese. A maioria das bruxas tem algum nível de habilidade inata. Não temos que lançar para isso. Podemos fazer à vontade.

— Sim, eu sei tudo sobre isso — disse Ruben, abrindo um sorriso para Jules, mostrando uma pequena presa.

— Sério? — Eu perguntei. — Como você sabe?

— Sua irmã uma vez jogou uma alcatra crua na minha cara. Teleceticamente.

Mateo tossiu no café. Eu lati uma risada, então a abafei. Minha irmã estava praticamente roxa com o rubor mais profundo varrendo suas bochechas. Ruben era todo sorrisos enquanto tomava seu café com graça casual.

Depois de me acalmar, perguntei:

— Por que diabos você fez isso, Jules?

Ela deu de ombros e tomou um gole de café.

— Tivemos um desentendimento.

— Sobre o que? — Eu perguntei.

Ruben abriu a boca, mas ela agarrou seu antebraço ainda preguiçosamente pendurado no braço de sua cadeira.

— Foi um negócio. Não há necessidade de discutir isso.

O olhar de Ruben disparou para a mão dela sobre ele. Ele pareceu ponderar por um segundo, então disse:

— Um desacordo de negócios. — Jules tirou a mão e colocou-a de volta no colo. Ruben colocou seu copo vazio sobre a mesa. — Então você enfureceu uma bruxa, não é, Mateo?

Achei interessante que Ruben nunca tenha comentado sobre Mateo ser um lobisomem.

— Aparentemente. — Eu coloquei minha xícara de café de volta na mesa, então Mateo pegou minha mão, entrelaçando seus dedos nos meus. — Seja qual for o feitiço que ela colocou em mim, não posso me transformar.

— Droga.

Ruben sentou-se para a frente, cotovelos sobre os joelhos, dedos longos entrelaçados frouxamente. Um anel de sinete de prata com algum tipo de crista adornava o dedo indicador de sua mão direita. Ele realmente foi polido da cabeça aos pés. Eu me senti um pouco desajeitada em minha camiseta e jeans.

— Você não sabe quem lançou?

Mateo exalou uma respiração afiada, sua mão deslizando distraidamente sobre a parte superior das minhas costas, puxando a ponta do meu rabo de cavalo.

— Eu gostaria de saber.

O olhar de Ruben brilhou mais azul do que verde.

— Vou perguntar por aí e ver se encontro alguma coisa.

— Isso seria bom. Eu apreciaria.

Se alguém podia desenterrar informações sobre uma bruxa lançando feitiços de magia obscura por aqui, era Ruben.

Ruben manteve uma companhia muito exclusiva com laços com celebridades, políticos e até empresários mais *organizados*. Também conhecido como máfia. Ou assim dizia o boato.

— Vou acessar meus recursos e entregar o livro o mais rápido possível — disse ele a Jules.

Mateo se levantou.

— Obrigado pela ajuda. Se precisar de um favor, sabe onde me encontrar.

Ruben sorriu, em seguida, ficou com Jules e eu.

— Vou aceitar isso. — Ele apertou a mão de Mateo, então se virou para Jules. — Vou te mandar uma mensagem sobre nosso encontro.

O rosto de Jules ficou branco.

— Era isso. Acabamos de ter.

A risada de Ruben era toda profunda, sedutora e derretida como chocolate decadente, viajando em um doce deslize pela minha espinha. Aposto que ele tinha dezenas de mulheres alinhadas para serem suas hospedeiras de sangue.

— Este não era o nosso encontro. — Ele estendeu a mão de dedos longos sobre o colete, alisando-o, a outra enfiada casualmente no bolso da calça.

— Sim, era — ela retrucou, os olhos brilhando em desafio.

— Além disso, você não quer namorar comigo.

— Você não tem ideia do que eu quero. — Seu tom era sério, quase severo, sua expressão ainda mais. Desta vez, Jules não

desviou o olhar, segurando seu olhar com a mesma intensidade que ele a estava olhando o tempo todo.

Mateo me empurrou em direção à porta, com a mão nas minhas costas. Olhei por cima do ombro para ver Ruben se movendo para o espaço pessoal da minha irmã, falando baixo e suavemente, mas então nós dois saímos pela porta e eu não consegui ouvir o que ele disse.

Puxando-me contra ele, prendendo seus braços nas minhas costas, ele sussurrou contra minha têmpora, mexendo nos cabelinhos e me dando um arrepio.

— Falando em encontros, eu gostaria de te levar em um.

— Eu adoraria. — Animada, passei meus braços em volta de sua cintura e apertei. — O que vamos fazer?

— Jantar e um filme?

Inclinei a cabeça e arqueei uma sobrancelha.

— Não é muito original.

— Vou ver o que posso fazer para ajudar nisso. — Sorrindo, ele perguntou: — Amanhã às 18h?

Fiquei na ponta dos pés. Ele se inclinou e me encontrou no meio do caminho para um beijo nada amigável e indutor de borboletas.

— É um encontro.

Capítulo 27



mateo

— Eu pensei que íamos sair — disse Evie enquanto eu a puxava pelo meu pátio passando pela estátua de Hades.

— Nós vamos. — Abri a porta da oficina.

— Você me prometeu jantar e um filme.

Eu a puxei para parar.

— Todos lá em cima esperando por você.

— Você cozinhou?

— Não fique tão surpresa. Eu disse que sabia.

— Eu serei a juíza disso. — Ela olhou para a minha mesa de trabalho. — Uau. Você tem trabalhado muito sem mim. — Indo até a escultura ainda sem cabeça para Sandra, ela fez um círculo ao redor dela. — Ela já é tão adorável. O vestido dela. — Ela se agachou e correu os dedos sobre as ondas de aço, uma saia ondulando com uma brisa invisível, pressionada contra a perna que minha garota dos sonhos havia estendido, o pé descalço aparecendo sob o vestido de metal. Um dos braços da escultura

estava parado ao seu lado, o outro erguido, estendendo-se para algo ou alguém. Dedos longos e delicados que eu conhecia tão bem.

Evie se virou, com a testa franzida.

— Achei que você não conseguiria trabalhar com Alfa na cabeça.

— Eu não poderia. Antes.

— Antes do que?

— Antes de você.

Ela piscou e engoliu em seco, olhando para a peça inacabada. Ela traçou o ombro quadrado e o braço longo de um lado.

— Como?

— Não tenho certeza. Não é como se ele me deixasse completamente sozinho, mas ele está muito mais quieto desde que passei um tempo com você.

— Por que você acha que é isso?

— Não sei. — Mas eu sabia. Simplesmente não estava pronto para contar a ela. Ou assustá-la. — Vamos.

Levei-a para cima, sem me preocupar em acender as luzes. Eu observei seu rosto enquanto ela observava minha sala de estar.

— *Mateo*. — Ela ficou lá e olhou, seus olhos ficando mais brilhantes a cada segundo até que ela soltou uma gargalhada. — Que diabos?

Ela correu para a minha mesa no chão em frente à minha TV de plasma de 72 polegadas.

— Oh. Meu. Deus.

Eu sorri enquanto ela praticamente vibrava de excitação. O saco de dormir gigante da Estrela da Morte espalhado no meu tapete persa, uma pilha de almofadas Ewok peludas, o quarto iluminado apenas com velas altas vermelhas e azuis colocadas em candelabros de sabre de luz, uma bandeja abobadada em forma de cabeça de R2D2, os copos altos com os rostos de Han e Leia gravados na lateral, uma jarra de margaritas, tigelas de capacete Storm Trooper cheias de pipoca, batatas fritas, salsa e guacamole em uma bandeja de batatas fritas Millennium Falcon e biscoitos de açúcar com cobertura de chocolate em forma de Darth Vader.

Evie ficou lá com a boca aberta, olhando com olhos arregalados e alegres.

— Não posso acreditar.

— A melhor surpresa é esta. — Sentei-me do outro lado do saco de dormir e levantei a Cimeira do R2D2 para revelar uma pilha de tortas douradas perfeitamente assadas.

— São aquelas...?

— Apenas tortas de carne premiadas em primeiro lugar para você.

Ela ficou lá sem palavras, balançando a cabeça.

— Você gostou disso? — Não sei por que estava nervoso, mas estava, esfregando a palma da mão na lateral do meu jeans.

Ela tropeçou no meio do cobertor e caiu de joelhos, ainda olhando para tudo.

— Você me pegou com os candelabros de sabre de luz.

Rindo, peguei o controle remoto e apertei o play no filme que eu havia congelado e esperando.

Sua cabeça sacudiu com a música de abertura.

— *O Despertar da Força?!*

— É claro. — Fiz para ela um prato com duas tortas de carne, algumas batatas fritas, salsa e guacamole e a entreguei. — Eu tenho que saber o que acontece a seguir. — Servi uma margarita para ela e arrumei meu prato.

Ela se acomodou contra os travesseiros com o prato no colo, o sorriso mais lindo estampado no rosto.

— Você é como o homem perfeito que surgiu das minhas fantasias mais nerds. Não poderia tê-lo feito melhor em um experimento da *Mulher Nota 1000* se eu tentasse.

Tentando ser casual quando meu coração batia forte, estendi meu copo para um brinde. Ela criou o seu próprio.

— Que a força esteja com você. — Eu bati o meu no dela.

Ela balançou a cabeça com um suspiro pesado, seu cabelo solto sobre os ombros brilhando à luz das velas. Ela o tinha usado para mim. Eu sabia que era para mim.

— Isso resolve. Você ganhou.

— O que eu ganhei? — Bebi um gole, coloquei minha bebida na mesa, peguei um pouco de guacamole com uma batata frita e dei uma mordida.

— Tudo isso. Você simplesmente ganhou todas as coisas.

— Você nem provou minha torta de carne.

O lampejo de rosa que encheu suas bochechas me fez sorrir.

Oh, sim. Ela vai provar nossa torta de carne.

Recomponha-se. Volta a dormir.

Eu não estava dormindo. Apenas observando este épico falhar na sedução.

Eu não estava tentando seduzi-la.

Bom. Porque você não tem jogo.

Você não tem ideia do que Evie quer. Você acha que tudo que uma garota precisa é de uma língua quente e um pau duro.

Estou errado?

Sim! Sim, imbecil. Você está completamente e cem por cento errado.

Veremos.

— Mateo, você está bem?

Eu o sacudi e limpei minha garganta.

— Mais do que bem.

Ela pegou uma torta de carne e deu uma mordida, então fechou os olhos enquanto mastigava. Ela me deu o maior sorriso.

— Você mereceu totalmente o prêmio de primeiro lugar.

Eu sorri, mordendo o meu próprio.

— É perfeito que você cozinhe porque eu não faço nada.

Virá a calhar se... — Ela parou e desviou os olhos nervosamente antes de engolir um pouco de sua margarita.

— Vai calhar se o quê? — Eu perguntei.

— Vamos assistir ao filme. Você ficará perdido se perder esta parte no começo.

Por agora, eu a deixei em paz. Ela estava pensando que se acabássemos como um casal, como algo a longo prazo, então nós nos encaixaríamos. Nós nos igualaríamos. E nós combinamos. E assim fizemos.

Eu era um introvertido. Ela era o oposto, me arrastando para fora da minha oficina, mesmo quando eu não queria. Eu era muito taciturno e introspectivo. Ela era leve, engraçada e gentil e linda pra caralho. Eu estava enjaulado em meu próprio mundinho e ela abriu meus olhos para muito mais. Ela me fez pensar, me fez sorrir, me fez rir, me fez *querer* como nunca quis nada em toda a minha maldita vida.

Tentei não ficar sobrecarregado com as emoções que me inundavam toda vez que estávamos na mesma sala, mas era difícil. E agora, aqui estava ela, sentada no meu apartamento, comendo minha comida, deitada no chão. Foi o suficiente para deixar meu pau duro como pedra. Essa parte dominante de mim tomando conta.

Sim, estou aqui.

Sim, ele estava. Ele a queria de todas as maneiras possíveis. Nós dois queríamos, verdade seja dita. *Paciência*, eu disse a mim mesmo.

Depois de sua terceira torta de carne, que me deixou incrivelmente feliz por algum motivo insano, ela colocou o prato de lado e se acomodou nos travesseiros. Coloquei a

bandeja de comida na mesinha de centro atrás de nós, me estiquei e dobrei um braço atrás da cabeça, então a puxei para mim com o outro. Ela se aninhou contra meu peito, seu braço esguio em volta da minha cintura. Por um tempo eu me distraí com a perfeição de como ela se parecia ao meu lado, então o filme me sugou.

Evie foi a primeira a começar nossos comentários contínuos que aconteceram durante nossa primeira maratona de *Star Wars*.

— Não julgue, mas todos os golpes raivosos de Kylo Ren são gostosos.

— Você acha um homem com problemas de raiva gostoso?

— Não! — Ela me deu um tapa na caixa torácica. — Não seja ridículo. — Ela riu, aconchegando-se mais perto. — Existe algo sobre aquela caminhada dominante e pesada que faz isso por mim.

— Entããã, você acharia Frankenstein gostoso? Porque é muito parecido.

— Frankenstein não se parece com Kylo Ren.

— Portanto, não é um problema em não controlar a raiva se você for bonito.

— Não é isso que eu quero dizer. — Ela me tocou novamente com aqueles dedos longos e delicados. — E a maneira como ele olha para Rey. Jesuuuus.

Eu apertei seu quadril onde minha mão estava preguiçosamente. Naturalmente. Isso foi tão... fácil. Eu não

conseguia superar isso. As mulheres com quem namorei, mesmo os relacionamentos que deixei durar muito tempo antes de rompê-los, nunca me fizeram sentir assim. Tudo era trabalho. Ou um debate que parecia discutir, discordar; não brincar, como aconteceu com Evie. Debater com Evie parecia um jogo, que eu nunca queria terminar.

— Você percebeu que ele é o vilão — eu comentei.

Ela pegou um punhado de pipoca atrás de si, que juntou em uma pequena pilha no meu estômago e comeu um pedaço de cada vez. Seus dedos pegaram um pedaço e colocaram em sua boca, repetidamente. Eu esperava que ela não notasse a furiosa ereção que estava me dando por comer pipoca servida em meu abdômen.

— Não necessariamente.

— Evie, ele está conspirando com aquele cara Snoke.

— Verdade. Mas...

— E eles simplesmente explodiram aquele planeta por diversão.

— Eles são o Império. — Ela olhou para mim e enfiou um pedaço de pipoca na minha boca, seus dedos roçando meus lábios. — Isso é o que eles fazem. Explodir planetas.

— Exatamente. — Eu mastiguei, tentando ignorar a reação do meu corpo à sua brincadeira inocente. — Ele é o vilão.

— Agora ele é.

De repente, rolei para cima dela, os poucos grãos de pipoca que sobraram rolando e se espremendo entre nós.

— Você *acabou* de estragar o próximo filme para mim? Não acredito que você fez isso.

— Eu não! — ela gritou, o riso em seus olhos.

— Você fez, sua bruxinha.

— Bem, eu sou uma bruxinha. Mas eu não estraguei nada!

— Você acabou de insinuar que ele não é um vilão no próximo filme.

— Eu não. Além disso, ele ainda é um vilão em *Os Últimos Jedi*.

— Veja, você admite que eu estou certo. Ele é o vilão.

— Independente... — ela deu de ombros —, ele ainda é gostoso.

Eu arqueei uma sobrancelha.

— Preciso começar a ter acessos de raiva, pisar duro na minha oficina e jogar merda para te deixar excitada e incomodada?

Ela balançou a cabeça e mordeu o lábio.

— Você não precisa fazer nada. — Seus olhos verdes escuros focaram na minha boca. — Você só tem que respirar e eu fico...

— Seus lábios ficaram frouxos, meio abertos.

Abaixando minha cabeça para que pudesse lambe seu lábio inferior – amanteigado e doce ao mesmo tempo – eu sussurrei:

— Você fica o quê?

Ela não quis responder. Apenas olhou para mim. Atentamente. Eu deslizei meus lábios até sua mandíbula.

— Você fica o que? — Mordi com os dentes. — Excitada? — Nenhuma resposta, então eu deslizei para baixo, lambendo uma trilha até sua clavícula. — Acordada? — Ainda nada além de uma respiração mais pesada. Dei um pouco de atenção ao oco de sua garganta e às delicadas reentrâncias de sua clavícula com meus lábios e língua. — Porque se você sente metade do calor que eu sinto quando você entra em uma sala, então eu sou um homem feliz.

Seus dedos pentearam meu cabelo, em seguida, deslizaram para a minha nuca.

— Então você deveria ser um homem totalmente feliz, em êxtase e alto como uma pipa.

Eu esmaguei minha boca na dela, inclinando-me para que pudesse ir fundo, precisando provar, devorar, mostrá-la o que ela significava para mim. Porque, puta merda, ela significava muito para mim. Como isso aconteceu? Como passou de uma amizade breve e casual para eu não ser capaz de funcionar sem ela perto de mim? Para querer arrancar suas roupas e foder até que nós dois esquecêssemos de tudo.

Agora estamos conversando.

Por mais que eu quisesse isso, não queria forçar o que estava acontecendo aqui. Eu não queria sexo casual ou que ela pensasse que era. Porque não havia nada de casual no que eu sentia por ela. Então me contive de fazer o que eu queria, de mergulhar minha mão em seu jeans, sentir como ela estava

molhada para mim, tirando a roupa e deslizando entre aquelas malditas pernas finas.

Eu realmente, realmente te odeio às vezes.

Além disso, eu tinha algo importante para falar com ela esta noite, e isso provavelmente diminuiria o clima. Sempre que tenho coragem de falar sobre isso.

Música dramática e gritos me tiraram do estupor do beijo. Rolei para o lado para ver o que estava acontecendo na tela.

— Você está brincando comigo? — Fiquei boquiaberto. — Não acredito que ele acabou de fazer isso.

— Eu sei. Não é terrível?

Eu a olhei.

— Como você pode pensar que ele é gostoso? Kylo Ren é irrecuperável depois dessa mudança.

— Talvez isso precisasse acontecer para o enredo e as motivações adequadas dos personagens para mais tarde. Talvez ele se torne bom no final. — Seus olhos brilhavam com humor e algo mais, talvez os resquícios de luxúria que eu coloquei lá.

— Oh, eu vejo. Você é uma daquelas que não tem problema em torturar e matar personagens principais para um final dramático.

— Finais dramáticos são épicos. Você já viu algum de *Game of Thrones*? Veja o episódio do Casamento Vermelho, por exemplo. Espere, por que estou perguntando isso? Ok, isso é o próximo em nossa agenda. Tenho tanto a dizer sobre...

— Shh. — Eu envolvi minha mão em torno de sua cintura e a puxei para mais perto de mim. — Batalha de sabre de luz.

Ela se aconchegou mais perto.

— Eu amo que você ama batalhas de sabre de luz — ela sussurrou. — Agora *isso* é excitante.

Deslizei minha mão sob sua camisa, mas a mantive em sua cintura, passando o polegar para frente e para trás sobre a pele sedosa. Então assistimos ao resto do filme em um silêncio satisfeito. Eu me vi cravando meus dedos em sua cintura enquanto Rey marchava pela ilha e entregava o sabre de luz para...

— Sem. Chances. Porra!

— Sim! — Evie apareceu e bateu palmas como uma garota boba. — Você acredita nisso!

— Estou arrepiado, cara. — A trilha sonora começou com os créditos rolantes enquanto eu balançava a cabeça com admiração. — Isso foi... uau.

— *Certo?*

— Para ser sincero, acho que tenho uma nova inspiração para minha arte.

— De jeito nenhum!

— Existem dezenas de cenas que dariam uma escultura fantástica e dramática.

Ela balançou a cabeça, mordendo o lábio, uma expressão de incredulidade exultante iluminando seu rosto. Ela se inclinou e pegou sua margarita.

— Estou animada que inspirou a você. — Então ela bebeu o resto.

— O que posso dizer? Você criou um monstro.

— Eu sabia que você era legal. — Ela jogou um pedaço de pipoca para cima e o pegou na boca, então riu da minha cobiça. Porque eu definitivamente estava. Tudo o que ela fazia me cativava. Ela ficou séria, inclinando a cabeça do jeito que fazia às vezes. — Você sabe que é realmente um artista incrível.

Eu respirei fundo, em seguida, dei um mergulho.

— Assim como você.

Sua testa franziu enquanto tomava um gole de sua bebida, então a colocou na mesa.

— O que você quer dizer?

— Os quadrinhos que você está desenhando são absolutamente incríveis.

Ela congelou, olhos arregalados, e fixos em mim. Mas não respondeu.

— Você obviamente tem um dom.

— O que... quando você os viu? — Seu peito subia e descia rapidamente.

— No seu quarto. Eu vi os esboços na sua gaveta. E no seu tablet.

— Você abriu meu tablet! — Seu olhar era zangado, duro.

— Você sempre fica bisbilhotando as coisas particulares dos outros?

— Nunca. E eu provavelmente não deveria ter feito isso. Mas também não consegui me conter e estou feliz por ter feito isso.

Ela se enrolou com os joelhos no queixo, olhando para mim por cima. Se protegendo.

— Bem, este não é um lado seu que eu sabia que existia.

— Você está brava porque eu vi algo que você estava escondendo, mas Evie, você não deveria estar escondendo. Você está me ouvindo?

Ela olhou para os joelhos, mandíbula apertada.

— *Por quê?* — Eu andei de joelhos até estar bem na frente dela, sentando em meus pés. Segurei a parte de trás de seus tornozelos para ter certeza de ter sua atenção. — Por que você não está publicando? Você tem uma série já iniciada. Sem mencionar... a outra.

— Você viu os esboços? De você? — Seu rosto corou em um tom mais escuro de rosa, embaraço beirando a humilhação. Meu estômago afundou.

Eu balancei a cabeça, a preocupação apertando um nó em meu estômago pelo jeito que ela parecia quase perturbada. Ela estava me observando tão de perto todo esse tempo. Muito próximo. E o jeito que me representou com o lobo, o jeito que me viu... *Lisonjeiro* não era nem perto da palavra certa. Surpreendido. Humilde. Perplexo. Aqueles chegaram mais perto da marca.

— Eu vi. Você deveria publicá-los, compartilhá-los com o mundo dos amantes de quadrinhos. O que está acontecendo?

— Não é tão fácil quanto você pensa.

— Você pode se autopublicar. Você não precisa depender de uma editora. Quero dizer, você já está usando um software para criá-lo na estética dos quadrinhos modernos.

— Eu sei. — Seu queixo estava colocado em um ângulo teimoso longe de mim.

— Então o que está acontecendo? Do que você tem medo?

— *Tudo*, ok? Quero dizer, você diz que sou boa, mas não sabe disso. — Ela ergueu as mãos, com as palmas para cima, gesticulando freneticamente. Ela desviou o olhar, agora esfregando as palmas das mãos na calça jeans. — Você leu toda a minha série?

Eu não tinha esse tipo de tempo. E francamente, eu me senti um pouco culpado por espiar o tablet dela, então encurtei minha sessão de espionagem.

— Não — eu finalmente admiti.

— Claro. Minhas ilustrações podem ser boas, mas minha história pode ser uma droga. — Seu olhar se fixou no cobertor abaixo dela, onde puxou um fio solto. Dando de ombros, ela acrescentou: — As pessoas podem rir de mim e achar ridículo.

— Violet e Fred indo a um coquetel juntos foi meio ridículo.

— Eu apertei minhas mãos em torno de seus tornozelos, que estavam pressionados juntos. Ela era uma bola apertada de tensão, enrolada em si mesma para proteção. — Mas de uma

forma boa. Uma maneira engraçada. Do jeito que você pretendia.

Sua boca se curvou de um lado.

— Essa é apenas uma pequena parte. O resto pode ser uma merda completa e total. — Lágrimas estavam picando em seus olhos agora, de medo completo e total. O sabor amargo perfurou o ar.

— Ei, ei, ei. — Eu me aproximei, agarrei seus quadris e puxei seu corpo entre minhas coxas. Mesmo que ela ainda estivesse enrolada em uma bola apertada, eu me sentia melhor com ela em meus braços. Espalhei uma mão em suas costas, a outra usei para erguer seu queixo para olhar para mim. — Você está com *muito* medo. Isso não parece você. Não é minha Evie.

— Talvez você não conheça a Evie.

Eu ri.

— Ah, eu conheço. Você só está sendo teimosa e se recusando a falar comigo. Nosso primeiro encontro e nossa primeira briga.

— Não estamos brigando. Só estou dizendo que você não sabe do que está falando. Você não tem todas as informações, então não pode simplesmente dizer cegamente que meu trabalho é ótimo.

A amargura em sua voz e a dor em seus olhos me perfuraram com uma pontada aguda no meio do meu peito. Eu levantei a mão e segurei seu rosto, forçando-a a olhar para mim.

— Número um — eu comecei gentilmente. — Não sou cego. Eu vi o suficiente para fazer um julgamento bom e sólido de sua habilidade artística. E dois, estou dizendo que você é cheia de merda e é melhor do que ótimo. Isso significa que estamos discutindo. Discutir é igual a brigar. — Eu disse tudo isso com a voz mais terna que consegui, visto que meu coração estava em pânico ao vê-la sofrendo.

Assim, ela desligou novamente, inclinando a cabeça para longe de mim para a TV, que agora estava em loop na tela inicial de *O Despertar da Força*.

— E daí se algumas pessoas odeiam isso? — acrescentei. — É isso que os artistas fazem. Eles criam e compartilham suas obras de arte com o mundo. Algumas pessoas adoram, admiram, tornam-se fãs ao longo da vida. Outros odeiam, jogam no lixo e chamam de merda de cachorro. Esse é honestamente o caminho do mundo, especialmente com a sociedade que ama a liberdade de expressão em que vivemos.

— Eu sei.

— Então o que está acontecendo?

Ela soltou um suspiro exasperado.

— Há mais do que apenas isso.

— Me diga.

— Não. Você vai pensar que sou uma idiota.

— Bem, acho que você é uma idiota por não publicar, então não pode ficar pior.

Ela fez uma careta mais profunda e deu um tapa na minha perna antes de apertar os braços em volta dos joelhos.

— Evie — eu sussurrei suavemente, roçando a ponta do meu polegar sobre sua bochecha. — Linda, linda Evie. — Ela revirou os olhos, mas um pequeno sorriso brilhou antes que pudesse escondê-lo novamente. Inclinei-me para a frente e segurei seu rosto, forçando-a a olhar para mim. — Fale comigo. Sou seu amigo, lembra?

— Meu amigo?

— Seu melhor amigo.

— Quando nos tornamos melhores amigos?

— No minuto em que você viu a extravagância de *Guerra nas Estrelas* que fiz para você esta noite.

Seu sorriso se alargou quando ela me fisgou com aqueles olhos verdes comoventes. Mas então ela ficou séria quase tão rápido.

— Tenho vergonha de te contar.

— Melhores amigos podem contar qualquer coisa um ao outro. E nada vai mudar. Você não sabe disso?

Ela me encarou por mais um minuto, então vi a mudança em seu olhar quando decidiu confessar este segredo terrível e vergonhoso. O que quer que fosse.

— É por causa de um cara.

— Um cara? — Meu estômago revirou. Ácido queimado.

— Que cara?

— O nome dele é Derek Sullivan. — Aborrecimento envolveu seu nome quando ela disse isso. — Ele foi meu namorado por um tempo. Ele é um bruxo. — Ela olhou para mim. — Você realmente quer ouvir isso?

— Se isso afeta o motivo pelo qual você não está perseguindo sua arte, então sim. — Eu já queria dar um soco na garganta dele apenas por existir, mas ao contrário de Kylo Ren, eu podia controlar meu temperamento. A menos que Alfa se envolva.

Oh, eu faria mais do que socar a garganta desse filho da puta. Derek Sullivan. Parece uma bunda de amor-perfeito.

— De qualquer forma — Evie continuou —, nós estivemos muito sérios por um tempo. Eu realmente gostei dele e as coisas pareciam estar progredindo.

Estripe-o com uma colher.

Voltamos à colher, não é?

Embora eu estivesse tendo meus próprios pensamentos assassinos sem o comentário homicida de Alfa.

— Derek estava terminando sua residência na UNO e queria levar nosso relacionamento para o próximo passo.

— Que passo é esse? Ele queria...?

Eu não conseguia nem dizer as palavras *casar* sem querer vomitar.

— Ele queria que fôssemos morar juntos, mas ficava me dizendo que eu precisava desistir do meu hobby de desenhar e seguir uma carreira séria, talvez pensar em ter meu próprio negócio, já que Jules é legalmente dona do Caldeirão e o

administra. Mas eu nunca quis fazer isso. Ele gostava de escalada social no coven e toda aquela besteira, e eu não. — Ela soltou um suspiro exasperado. — Na verdade, tenho certeza de que a razão pela qual ele me convidou para sair foi por causa de minhas conexões. Ou minhas conexões familiares.

— Ele usou você?

Uma colher velha.

Concordo.

— No começo, acho que sim. Jules me provoca por sempre ter meus “projetos”, como ela os chama. Eu queria ajudá-lo a se encaixar na sociedade bruxa aqui, então eu o apresentei a todos. Incluindo minha mãe e minha avó, duas das bruxas mais influentes da história de Nova Orleans. Seus amigos.

Ela olhou para mim, depois desviou rapidamente. Eu continuei a abraçá-la perto, deixá-la saber que não importava o que aquele idiota tinha pensado ou dito ou feito com ela. Ele estava no passado. Mas senti que ela precisava contar tudo, então esperei.

— Mais tarde, porém, tive certeza de que ele tinha sentimentos genuínos por mim. Tanto quanto Derek pode ter por outra pessoa. Mas eu não me encaixava em seu ideal e não estava disposta a mudar por ele.

— Bom para você. — Eu varri minha palma até o centro de suas costas e dei um aperto suave em sua nuca. — Ele não a merecia.

O sorriso satisfeito em seu rosto fez algo para conter a fúria queimando em meu estômago.

— Acho que ele falou mais sobre o seu desenho do que você está deixando transparecer.

Ela deu de ombros.

— Foi no começo que eu estava realmente começando no Adobe Photoshop. Era nova e eu estava aprendendo. Ele viu alguns dos meus primeiros trabalhos.

Ela torceu um fio puído na costura da calça jeans, recusando-se a me olhar nos olhos.

— E o que ele disse?

— Ele, hum, riu deles. — Ela puxou a linha da costura e finalmente olhou para mim. — Disse que meu desenho era, na melhor das hipóteses, medíocre e nunca seria bom o suficiente para publicação. Então acrescentou que não se encaixaria em *nosso estilo de vida* juntos de qualquer maneira, então eu deveria desistir.

Acho que vou cortar os olhos dele primeiro.

Eu ajudo.

Sim, irmão! Bem-vindo ao grupo!

— E o que você disse a ele? — Sim, minha voz caiu para aquele registro mais profundo.

— Nada. Eu terminei a relação.

Eu a puxei ainda mais para perto.

— Bom. — Eu soltei um suspiro. — Mas como você obviamente sabia que ele estava falando merda, o que está te impedindo agora?

Ela suspirou pesadamente novamente.

— Essa é a coisa. Não tenho tanta certeza de que ele estava falando merda. Quero dizer, sim, sei que sou boa. Como talvez melhor do que boa. Mas então, talvez eu não seja?

Era isso. Eu ergui seus braços ao redor de seus joelhos.

— Venha aqui.

Esticando minhas próprias pernas, ela me permitiu puxá-la de lado para o meu colo. Eu precisava dela perto.

— Escute-me. Em primeiro lugar, Derek Sullivan é um idiota total.

— Sem discussão.

— Em segundo lugar, ele não é um artista e não tem base para julgar seu ofício. No entanto, eu sou um artista. Incrível, na verdade, de acordo com minha namorada.

— Sua namorada? — Seus olhos doces se iluminaram, e lá se foi aquele friozinho na barriga de novo. Eu juro, a garota me fez sentir como um adolescente deprimido. — Pensei que fosse sua melhor amiga.

— Você é ambos. — Dei um beijo firme e de boca fechada em seus lábios. E embora ela retribuísse com facilidade, aquele olhar provocador em seus olhos me disse que não sabia o quanto eu estava falando sério sobre isso. Sobre ela. — Minha

namorada é uma excelente juíza de arte. Como eu. Ela deveria saber que eu sei do que diabos estou falando.

— Você também é um pouco tendencioso.

— Pode ser. — Um encolher de ombros. — A verdade, Evie, é que não importa o que eu penso. Ou o que alguém pensa. — Espalhei meus dedos por seu cabelo sedoso, amando a textura contra minhas palmas, embalando seu crânio e forçando-a a olhar para mim. — Ninguém pode dizer que sua obra de arte não tem valor além de você. E ninguém pode te dizer que tem valor a não ser você. Você vai ter trolls ridículos que escrevem críticas hediondas e esmagadoras? Sim. Você terá. Mas também terá leitores que amam seu trabalho e apreciam seus esforços. Acima de tudo, você estará realizando seus sonhos e compartilhando-os com o mundo. E é isso que importa.

Ela pulou em cima de mim, envolvendo os braços em volta do meu pescoço, pressionando a cabeça na curva do meu ombro.

— Por que não te conheci antes?

Segurando-a com força e balançando de um lado para o outro, eu a apertei contra mim, amando a maciez e a exuberância de seu corpo contra o meu.

— Nós nos conhecemos no momento certo.

— Gostaria que pudéssemos descobrir qual bruxa o amaldiçoou para que eu possa agradecê-la.

Eu ri, então dei um beijo longo e lânguido na lateral de seu pescoço.

— Eu também gostaria de saber.

A menção desse babaca do Derek ser um bruxo me lembrou de algo.

— Eu estou supondo que Derek participa dessas reuniões de coven, não é?

Ela pendurou frouxamente contra mim e resmungou:

— Sim. É por isso que não quero ir àquele maldito coquetel.

— Então não vá.

— Eu tenho que ir. É meio complicado, mas basicamente as bruxas podem ser vadias fofoqueiras e altamente suspeitas. Então, se eu não aparecer, podem espalhar rumores de que há problemas em nossa casa. E Jules poderia estar em perigo de perder sua posição. Não é provável, mas Jules não merece mais dores de cabeça do que as que já tem que lidar.

— Só porque você não vai a uma reunião?

— É uma reunião muito importante aos olhos da Guilda. E praticamente todas as bruxas, na verdade. Eu definitivamente não quero tornar as coisas difíceis para Jules por qualquer motivo. Ela faz de tudo para manter as coisas funcionando bem. Então vou à maldita reunião e finjo que a presença dele não me incomoda.

Eu odiava a ideia de Evie se sentir desconfortável de qualquer maneira possível, especialmente por causa de um ex que rebaixou seu talento e seu sonho. Eu o odiei mais por destruir sua autoestima, sua crença em si mesma, do que por realmente ter o privilégio de ser uma parte importante de sua vida. Como

um homem poderia ter Evie e jogar tudo fora? Uma coisa eu sabia com certeza, se eu tivesse sorte o suficiente para fazê-la minha, nunca a deixaria ir.

— Vamos. — Afastei-a de mim, levantei-me e peguei sua mão, guiando-a em direção à porta. — Vamos levar você para casa.

Ela parou, seu olhar passando rapidamente para a porta do meu quarto.

— Eu pensei...

Balançando a cabeça, puxei seu corpo para mim, balançando-a suavemente com um breve beijo em sua têmpora.

— Não essa noite.

— Por que não? — Ela gesticulou para a mesa no chão e na mesa de centro. — Você me cortejou com *Star Wars*. Estou pronta para deixá-lo entrar nas minhas calças.

PORRA, SIM! Finalmente. Vamos lá.

— Não esta noite, baby — repeti. Aparentemente, eu não precisava explicar... ela simplesmente me encarou por alguns segundos, então assentiu e desceu as escadas na minha frente.

Eu não queria que ela pensasse que a trouxe aqui para o nosso primeiro encontro apenas para colocá-la na minha cama. Sim, eu a queria em meu espaço, meu domínio, provavelmente o lobo territorial em mim, mas queria ainda mais do que isso. Além disso, a noite havia terminado em um turbilhão emocional, e eu não era idiota. Ela passaria o resto da noite refletindo sobre sua decisão, seu arrependimento por deixar

que Derek opinasse sobre suas escolhas pessoais. E de jeito nenhum queria que o ex dela tivesse algum espaço em sua cabeça na primeira vez que eu a levasse para a cama. Quando não houvesse espaço para mais ninguém além de nós dois lá em cima naquele lindo cérebro dela, então eu a levaria. Então a faria minha.

Eu juro, você quer que nosso pau caia, não é?

Meu pau está perfeitamente salvo.

Não tenho certeza.

Quando atravessamos a galeria e saímos para a rua, de mãos dadas, ela disse:

— Obrigada por meu maravilhoso primeiro encontro.

— De nada. O prazer é meu. — Então eu não pude evitar.

— Isso supera todos os seus outros primeiros encontros?

— Definitivamente.

— Mesmo com Derek?

Quando ela me puxou para parar, o casal que caminhava atrás de nós quase se chocou contra nós. Ela segurou meu rosto, escovando os dedos sobre a nuca que eu precisava fazer a barba.

— Supera todos os encontros.

— Todos os encontros? Sempre?

— Todos.

— Então, acho que recebo cinco estrelas. Ao contrário de apenas 4 que ganhei no almoço no Gotham City Grill.

Ela riu.

— Oh, você ganha cinco zilhões de estrelas por este encontro.

— Uau. Estou honrado. — E eu quis dizer isso.

Então nós estávamos nos beijando intensamente e fazendo um espetáculo de nós mesmos na rua, mas estávamos perdidos um no outro. Sem saber ou não se importar com quem nos viu ou o que eles pensaram. Nossos corpos perfeitamente alinhados, seus seios macios pressionados contra meu peito duro. Eu deslizei uma mão para baixo e apertei sua bunda curvilínea. Ela gemeu.

— Arrumem um quarto — disse um cara, rindo com o amigo enquanto passavam.

Isso nos separou. Um pouco. Seus lábios inchados pelo beijo, suas bochechas coradas, seus olhos brilhando de desejo, ela estava completamente deslumbrante.

— Sabe. Você fez uma promessa sobre a *próxima vez*.

Não precisei pensar muito para lembrar da promessa a que ela se referia. Meu pau se contraiu e se esforçou mais contra o zíper da minha calça jeans. Apenas o pensamento de lambar sua linda boceta fez minha visão embaçar. Eu a desejava com uma necessidade enlouquecedora.

— Sim — eu disse, ouvindo a rouquidão crua em minha voz. — Essa é uma promessa que pretendo cumprir.

— Próxima vez. — Ela entrelaçou seus dedos nos meus e me puxou de volta pela calçada.

Próxima vez.

Capítulo 28



evie

O fato de nosso primeiro encontro oficial ter sido tão perfeito deve ter irritado o universo. Porque logo depois, fomos surpreendidos por uma série de eventos que nos impediram de ter um segundo encontro ou mesmo de ficar a sós.

Em primeiro lugar, o novo sous chef de Jules, Mitchell, não fechou o freezer totalmente na noite de segunda-feira, dia de entrega do açougueiro, e perdemos todo o estoque lá dentro. Certo, não foi culpa de Mitchell, já que ele não sabia que você tinha que colocar a cavilha de aço na porta toda vez que a fechava ou ela tinha o dom de se abrir novamente. Era uma daquelas coisas que Jules martelaria mil vezes para qualquer novo funcionário. Mas desde que tomamos café com Ruben, ela tem sido uma idiota distraída.

Além desse desastre, um gato foi atrás de Fred e Z veio em socorro. Clara e eu ficamos perplexas quando ouvimos o barulho no final da tarde e encontramos Z caindo no pátio com

o gato malhado laranja. Fred estava esvoaçando como um louco, sua gravata arco-íris pendurada solta em volta do pescoço. No momento em que corremos, Z havia assustado o gato. Mas Z tinha alguns cortes sangrando e estava mancando em sua perna traseira.

Levei-o às pressas para a casa de Beryl. Ela era a melhor feiticeira curandeira da cidade. Depois de consertar sua perna fraturada com um feitiço de sutura e remendar seus ferimentos, ela se virou para mim com uma carranca maternal e condescendente.

— Você precisa deixar esse gato viver o resto de sua vida naturalmente.

— Ele vive. Só com uma ajudinha.

— Isadora não pode mantê-lo vivo para sempre.

— Não — concordei em voz alta, mas não mentalmente — , mas talvez por mais vinte anos ou algo assim?

Um suspiro muito pesado.

— Não é natural. Os gatos não querem viver tanto tempo.

Olhei para Z, cujo ronronar crepitante de lancha retumbou sob minha palma.

— Como você sabe?

Ela arqueou uma sobrancelha. Olhei em volta para seu zoológico – três gatos, um poodle toy chamado Fitzzy, uma gaiola de canários, um furão e sua cabra pigmeia chamada Matilda – então me virei para ela com um suspiro.

— Sim. — Ela era a Dra. Doolittle das bruxas, então acho que tinha razão. — Talvez você esteja certa.

Ela colocou uma mão gentil sobre a minha onde descansou nas costas de Z no meu colo.

— Não precisa ser agora, mas talvez Isadora relaxe.

Eu balancei a cabeça.

— Ok. — Engoli em seco ao pensar em deixar Z ir, mas Beryl estava certa. Ela estava sempre certa.

— Então e o lobisomem? — Seus olhos castanhos me observavam do jeito que minha mãe costumava fazer. Estudar com muita consciência e conhecimento.

— O que tem ele?

— Vocês são namorados?

— Não — eu admiti, evitando contato visual. — Ainda não.

— Então a olhei. — Por quê? Você acha que vou morrer se fizer isso, de acordo com as cartas que o Espírito tirou para mim?

Eu esperava que risse de mim ou balançasse a cabeça, mas ela deu de ombros.

— Não sei.

— Beryl... — Lambi meus lábios, decidindo ir em frente. — Eu me importo com ele. Muito.

— Eu sei. A carta da morte, a transformação, provavelmente tem a ver com ele.

Eu zombei.

— É isso mesmo. Uma bruxa o amarrou em um feitiço complexo no qual ele não pode mudar. Ele não pode se transformar. Mais de três meses agora.

Sua expressão sábia enrugou em uma carranca séria.

— Isso não é bom.

— Não é. Seu lobo está... causando problemas a ele.

— Não, esse não é o problema. — Matilda estava mastigando as pontas do longo cachecol que envolvia a cintura de Beryl e pendia até o chão. Ela a enxotou e se levantou para caminhar até a janela com vista para um jardim inglês de ervas e flores medicinais. — A bruxa que lançou o feitiço o bloqueou por um motivo, e não é para que seu lobo o deixe louco.

— O que você quer dizer?

Ela bateu um longo dedo em seus lábios.

— É a natureza do lobisomem que ela está tentando dominar por algum motivo.

— Sua natureza? Para se tornar uma besta?

— Seu desejo por sangue.

Fiquei com Z em minhas mãos.

— Isso não faz sentido.

— Não para nós. — Ela se virou para me encarar. — Mas isso faz para ela. Ou ele. Quem quer que seja. — Girando em direção a sua parede de prateleiras, ela puxou uma gaveta e folheou vários pequenos envelopes do tamanho de pacotes de sementes antes de pegar um e entregá-lo. Foi uma de suas

muitas misturas de ervas que preparou. — Acho que você estará fazendo um feitiço para quebrar feitiços em breve.

— Já tentamos, mas não deu certo.

Ela parou, olhou por cima do ombro e voltou a folhear os pacotes.

Eu continuei:

— Precisamos saber mais sobre o sinal de bruxa, o feitiço colocado nele. Jules está nisso, e vamos perguntar a Clarissa na Cimeira do Coven.

— Bom. — Ela encontrou o que procurava e se virou para colocar o pacote na palma da minha mão. — Tome com uma xícara de chá quente. Não vai tirar o gosto amargo, mas vai silenciá-lo.

— Obrigada. — Olhei para o pequeno pacote branco com apenas uma protuberância dentro, cheio de sua mistura em pó.

— Não acho que ele beba chá, mas ele o fará se eu pedir.

— Não é para *ele*. É para você.

— Por que para mim?

— Não sei. O Espírito está me dizendo para dar a você.

— Para beber agora?

— Não. O Espírito diz que você saberá quando tomá-lo.

Olhei para o pacote.

— O que ele faz?

Ela segurou meu rosto em suas mãos, olhando para mim com mais gentileza do que era normal, algo que ela não fazia desde que eu era uma garotinha.

— Isso vai tirar o medo e dar a você o foco que você precisa.
Limpendo a garganta, sussurrei:

— Tudo bem.

Isso não me disse absolutamente nada. Mas não importa. Sempre que chegasse a hora certa, eu saberia. Estranho, mas eu senti isso em meus ossos.

Beryl se inclinou para a frente e me deu o abraço mais apertado que pôde com Z em meus braços.

— Cuide-se, amor.

Dei um beijo em sua bochecha.

— Eu vou, Beryl. Não se preocupe comigo.

Coloquei o pacote no bolso externo da minha mochila enquanto caminhava até a porta de tela e a abri. Com um olhar para trás e vendo a preocupação gravada nas linhas finas de seu rosto, repeti:

— Não se *preocupe*. Vai ficar tudo bem.

Mas quando coloquei Z na caixa forrada de almofadas no banco do passageiro e voltei para a Magazine Street, me perguntei se ficaria.

Depois daquele dia, eu estava me sentindo um pouco protetora em relação a Z, ficando perto de casa e ajudando Jules a se atualizar na cozinha enquanto nos aproximávamos do Dia de Ação de Graças, o que era um *grande* negócio para Jules. Mateo estava escondido em sua oficina todos os dias, terminando sua encomenda para sua amiga artista, Sandra. Ele conseguiu vir jantar e tomar uma bebida em minha seção

algumas noites. Ele se comportou como um cavalheiro. Demais para o meu gosto, francamente.

Por alguma razão, ele estava conseguindo lidar com Alfa muito mais facilmente ultimamente, e eu não conseguia entender o porquê. Quando o perguntei, ele apenas deu de ombros e sorriu aquele sorriso secreto que me deixou toda derretida. Ainda estávamos esperando que Ruben encontrasse uma cópia daquele livro, mas não estávamos preocupados. Se alguém pudesse encontrá-lo, seria Ruben.

Então, antes que eu percebesse, o Dia de Ação de Graças havia chegado. Eu estava trabalhando na cozinha preparando as refeições ao lado de Clara no dia anterior e durante toda a manhã. Eu não estava mentindo quando disse que o Dia de Ação de Graças era um grande negócio para Jules. Acho que tinha mais a ver com um feriado em torno de uma refeição decadente do que com gratidão. Mas foi assim que Jules demonstrou seu amor. Ela não era uma pessoa abertamente afetuosa, mesmo comigo e com o resto de nossa família, mas eu sabia que ela mataria ou morreria por nós. Para ela, preparar uma refeição fantástica era como dar o maior e melhor abraço que poderia. Então, a refeição do Dia de Ação de Graças foi como um abraço enorme, amoroso e aconchegado.

Clara e Violet tinham empurrado todas as mesas de tampo redondo para a parede e trazido as mesas portáteis que juntamos para fazer uma longa para acomodar todos os nossos convidados. A longa mesa estava envolta em toalhas brancas e

decorada com cabaças laranja e amarelas, castiçais de prata e os lindos perus de Clara feitos de papel de seda junto com os talheres de prata e guardanapos cor de vinho. A mesa estava salpicada com as cores do outono.

— Uau — disse Mateo quando entrou pela porta e olhou para a mesa bonita.

Eu enganchei um braço no dele, grata por uma coisa mais do que qualquer outra coisa este ano.

— Apenas espere até ver o menu.

Jules sempre se superou na cozinha neste dia, experimentando todas as novas receitas que ela mesma descobriu ou criou.

— Ah, sério? — Ele levantou uma sobrancelha. — Deixe-me ouvir.

Eu sorri. Na verdade, nós dois estávamos sorrindo como completos idiotas. Eu senti falta dele, e não conseguia controlar meus músculos da boca para não sorrir tão insanamente porque eu estava tão feliz que ele estava aqui.

— Hoje, teremos peru assado com ervas e manteiga cítrica, maçã, nozes e recheio de frango, molho de ostras, abóbora assada com garoa de bacon, caçarola de feijão verde com chalotas fritas, batata-doce assada com queijo de cabra e cebolinha, geleia de tangerina e cranberry, pimenta recheada e rolinhos de centeio-mármore, couve de bruxelas, pimenta vermelha e salada de abacate. — Eu respirei fundo. — Então, finalmente, para a sobremesa, teremos pudim de pão de

abóbora com molho de creme de uísque e torta de nozes com pedaços de chocolate.

— Droga — veio a voz aveludada atrás de Mateo. — Agora, estou morrendo de fome.

Nico entrou com a mão no estômago. Eu ofereci minha mão para apertar.

— Bem-vindo à melhor refeição de Ação de Graças que você já teve.

A boca de Nico se inclinou para um lado, parecendo muito com seu primo por um segundo.

— A menos que você volte no ano que vem, claro — acrescentei. — Nesse caso, ela superará isso. Ela sempre dá um jeito. É meio ridículo. Vocês podem entrar.

"Todo mundo" — eu disse para a multidão ainda no bar onde JJ estava preparando as bebidas. — Este é Mateo e Nico. Pessoal, esse é JJ, nosso barman que vocês conhecem, seu amigo Charlie, Elsie e Sam, dois de nossos incríveis cozinheiros de linha, nosso novo sous chef, Mitchell, e minha colega nas trincheiras, Belinda, que vocês viram trabalhando em mesas comigo, tenho certeza. — Belinda acenou um olá sedutor. Então me virei para minhas irmãs, saindo da cozinha, carregando a última das bandejas de comida para colocar no aparador para que pudéssemos servir em estilo bufê. — E você conhece minhas irmãs Jules, Clara e Violet.

Os olhos de Violet se arregalaram de surpresa, já que eu não tinha avisado que Nico estava vindo. Quero dizer, Jules sempre

diz que devemos convidar quem quisermos, que pode não ter uma mesa de família para ir no Dia de Ação de Graças. Nico se encaixa nessa descrição. Eu poderia ter avisado Violet, mas não o fiz. Ela era má e merecia alguma vingança.

— Bem-vindos, todos — disse Jules. — Por que vocês não colocam suas bebidas onde quiserem? — Ela gesticulou para a mesa. — Então encha seus pratos. Já ganhamos muito.

Mitchell, que estava trabalhando horas extras para compensar seu erro do primeiro dia, sentou-se no aparador atrás de Elsie e Sam, que estavam positivamente contentes com a pasta aromática. Ele era um cara bonito, com cabelos escuros bem cortados e barba aparada. Aproximando-se de Jules, ele disse:

— Gostaria que você tivesse nos deixado ajudá-la a preparar a refeição. Isso — ele gesticulou com uma das mãos, balançando a cabeça — deu muito trabalho na cozinha.

Jules sorriu, os braços cruzados, mas soltos e relaxados.

— Isso iria contra o ponto, Mitch. Este é o meu dia para retribuir àqueles que trabalham tanto por nós. Para a família Caldeirão.

— Sim — disse Violet, colocando seu copo de algo cor de uísque sobre a mesa. Provavelmente uísque puro, agora que pensei sobre isso, seus olhos esquivos piscando para Nico. — Ela nos pegou para trabalho escravo, então não preocupe sua linda cabeça.

Mitch assentiu com a cabeça, as bochechas coradas, então pegou seu prato e começou a se servir.

— Bem, eu aprecio isso.

— Claro — disse Jules. — Você acabou de se mudar para a cidade e consideramos nossos funcionários como uma família. Fico feliz em ter você.

Ele assentiu, usando a pinça para pegar uma fatia de peru.

— Onde estão Finnie e Barb? — Finnie era o nosso lavador de pratos e Barb era nossa cozinheira de terceira linha.

— Com suas famílias — disse Jules. — A avó de Finnie o mataria se ele não fosse para a casa dela, e Barb sempre tem uma reunião com sua família em Metairie. Mas ainda precisaremos arrumar alguns pratos para viagem com sobras.

Sam sentou-se à mesa.

— Eu não acho que isso será um problema.

— Eu não sei — disse Nico, entrando na fila. — Eu posso comer muito.

— Cara com fome, não é? — Eu perguntei.

Ele piscou, então deslizou seu olhar para Violet.

— Muito.

Revirei os olhos. Lobisomens.

— Oh, Sra. Ferriday! — Clara gritou e correu para a porta.

— Estou tão feliz que você veio. — Ela enganchou o braço em volta do cotovelo de uma das senhoras mais velhas que reconheci de seu clube do livro. — Pessoal, esta é a Sra. Ferriday, que se juntará a nós hoje.

— Por favor, apenas me chame de Miriam. — Ela era uma mulher de aparência vibrante na casa dos setenta anos, usando um vestido que combinava com a decoração de outono e um lenço dourado brilhante em volta do pescoço.

— Entre, Miriam — disse JJ. — O que posso pegar para você beber?

— Você pode fazer um Tom Collins?

— Já está saindo.

Ela levantou um dedo de advertência para JJ.

— Não economize no gim, filho.

— Eu não sonharia com isso. — Dirigindo-se ao bar, ele abriu um de seus lindos sorrisos, o que a fez retirar a mão e agitar o lenço. Parecia que JJ encontrou outra admiradora. Não é nada chocante.

— Para onde Clara vai? — perguntou Mateo, franzindo a testa quando minha irmã saiu do bar e atravessou a rua. Seu prato estava tão empilhado que tive medo de que ficasse com dor de estômago depois de comer tudo.

Violet bufou.

— Não se preocupe. Ela deve ter visto um vagabundo.

— Não seja idiota — eu disse a Violet.

— O que? Estou falando sério. Ela adora cuidar dos sem-teto.

Charlie se aproximou para pegar um prato ao lado dela.

— Nós sabemos. É que tudo que sai da sua boca te faz parecer uma vadia.

Isso era verdade. Violet soava sarcástica mesmo quando não era essa a sua intenção. Era meio chocante que ela e Clara fossem gêmeas. Sim, eram bastante idênticas em tom de pele, cor dos olhos e forma – embora Clara fosse mais magra –, mas suas diferenças eram enormes e drásticas. Se não tivessem saído do mesmo óvulo, você nunca saberia que eram irmãs.

Enquanto todo mundo enchia seus pratos e procurava um lugar para sentar, espiei pela janela quando Clara se aproximou do cara alto e magro encostado na esquina da padaria Rainha das Tortas, que estava fechada hoje. Ele a observou se aproximar, dando uma longa tragada no cigarro. Eu o tinha visto bastante.

— Ela está convidando um ceifador para o jantar de Ação de Graças? — murmurei para Jules, que assistia comigo.

— Aparentemente.

— Isso vai ser interessante.

Clara falava animadamente, usando as mãos, como sempre fazia. Embora eu não pudesse ver seu rosto, tinha certeza de que ela estava sorrindo para ele. O cara, com a franja preta caindo no rosto e quase cobrindo um olho, apenas a observava, fumando seu cigarro. Clara demorou-se com seu discurso, provavelmente sobre como gostávamos de receber qualquer pessoa, inclusive estranhos, em nossa mesa no Dia de Ação de Graças. Inferno, ela pode ter dado a ele uma miniaula de história sobre os peregrinos e os nativos americanos, uma versão idealista com certeza, e como era nosso dever cívico dar as boas-

vindas a todos os andarilhos solitários do mundo em nossa mesa. Nada agradaria mais a Clara do que alimentar todos os famintos do mundo inteiro.

O ceifador a observava, concentrado, mas casual, ainda encostado no prédio de tijolos, o cigarro pendurado frouxamente entre os dedos. Clara ainda estava falando e aparentemente até riu de algo que disse, não de uma forma envergonhada, porque ela não se envergonha facilmente, mas de uma forma não tão engraçada assim. O cara olhou para a rua, soprando a fumaça para o lado, e então disse algo com a cabeça virada antes de encontrar o olhar dela novamente.

Ela acenou com a cabeça e fez gestos com as mãos enquanto falava, então deu um pequeno aceno para ele e voltou para o outro lado da rua, o tráfego praticamente inexistente hoje. Ele a observou voltar para o bar, então largou o cigarro e o esmagou com a bota antes de caminhar na direção oposta, com as mãos nos bolsos.

— Nenhum ceifador este ano — eu sussurrei para Jules.

— Graças a Deus — ela respondeu, juntando-se a mim para pegar nossos pratos, os últimos além de Clara. — Dois lobisomens é tudo que posso lidar no momento.

Eu atirei a ela um olhar sujo, mas peguei o sorriso que ela estava tentando esconder.

— Admita. Mateo é um cara legal. — Coloquei uma porção extragrande do molho de ostras. Era de chorar por mais. —

Exceto quando ele está reagindo ao feitiço de uma bruxa malvada.

— Exceto por isso. — Ela suspirou, pegando um pouco da geleia de tangerina e amora para seu pãozinho de centeio-mármore. — Ruben mandou uma mensagem e disse que encontrou uma cópia. Ele deve recebê-la dentro de uma semana.

— Uma semana? Por que tão demorado?

— Aparentemente, é com uma bruxa que mora nas montanhas dos Cárpatos. Uma curadora. Um dos clãs de vampiros de lá a conhece muito bem. Mas ela vive fora da curva, então ele está enviando um de seus homens para encontrá-la e pegar o livro. E é perigoso, então... — Ela deu de ombros.

— Perigoso como? Ela pratica magia de sangue?

— Não, ela não. Ela é uma curandeira, Evie. — Eu deveria saber melhor. Os curandeiros não podiam canalizar sua magia se se envolvessem com as artes das trevas porque sua magia vem da terra. A magia da cura é inerentemente boa. — As montanhas dos Cárpatos estão cheias de outros covens e uma matilha rude de lobisomens. Não do tipo que segue regras. — Ela olhou para a mesa. — Não como o seu Mateo.

Meu coração acelerou com seu elogio. *Meu* Mateo.

Coloquei uma fatia de peru assado no prato.

— Então Ruben tem que enviar alguém que possa lutar contra um bando de lobisomens? Para o nosso livro?

— Ele disse que tem um cara.

— Droga. Parece um cara assustador.

— Muito habilidoso, segundo Ruben. De qualquer forma, se tudo correr bem, teremos o livro em breve.

Eu olhei para Mateo, que estava rindo de algo que Nico disse.

— Bom. Isso será antes da próxima lua cheia. Esperançosamente.

Clara colocou a colher em uma taça de vinho branco onde ela estava ao lado de Miriam que estava sentada ao lado de JJ, começando seu flerte. O murmúrio de vozes e o barulho de talheres diminuíram quando me sentei entre Mateo e Nico. Não passou despercebido que Violet forçou Elsie a trocar de lugar com ela, então ela não estava mais ao lado de Nico onde ele se colocou.

— Primeiro, gostaria de agradecer à minha irmã Jules por preparar esta refeição incrível para todos nós. — Um coro de aplausos se elevou. — Mas também gostaria de continuar nossa tradição de circular pela sala e compartilhar algo pelo qual você é grato.

— Qual é, Clara. — Violet gemeu. — *Devemos* fazer isso todos os anos?

— Sim. Nós devemos. — Ela levantou o queixo e olhou para sua irmã gêmea. — Mas como Violet gosta de resmungar e reclamar sobre essa tradição, pensei em fazer concessões para aliviar um pouco a dor dela. Vamos compartilhar em apenas uma ou duas palavras algo pelo qual você é mais grato este ano.

— Isso é fácil — disse Mitchell. — Novos empregos.

Jules sorriu e ergueu o copo para ele do outro lado da mesa.

— Novos funcionários — acrescentou.

— Ei! Espere um minuto — disse Sam, gesticulando para si mesmo.

— E os antigos — acrescentou ela. Algumas risadas rondaram a mesa.

— Novos amigos — disse Nico com uma ponta de seu copo para a mesa.

— E os antigos — acrescentou JJ, sorrindo para Charlie.

— Por melhores amigos — disse Mateo ao meu lado, sua mão deslizando sob a mesa, dedos longos envolvendo minha coxa.

Minha boca ficou seca como o deserto quando ele agarrou meu olhar, expressão intensa me mantendo cativa, sua mão grande apertando minha perna. Sem olhar para a mesa, repeti em silêncio:

— Para os melhores amigos.

Acho que alguém riu de nós e sim, todos continuaram falando, acrescentando suas palavras de agradecimento. Mas eu não ouvi porra nenhuma. Eu estava perdida. Completa e totalmente perdida nas belas profundidades marrons dos olhos de Mateo, a expressão insanamente convincente em seu rosto, os golpes de seus dedos para cima e para baixo na minha perna. Mesmo de jeans, eu podia sentir o calor dele, a atração magnética de seu toque, de seu olhar, de seu corpo, de sua

mente, coração e alma. Era verdade. Ele me pegou. Enrolou-me com palavras gentis, toques suaves e beijos duros. E não foi o suficiente. Eu queria mais. Queria tudo. Eu queria tudo.

Sim, eu era grata por minhas irmãs, pelo teto sobre minha cabeça, pelas bênçãos em minha vida. Mas acima de tudo, estava grata por uma coisa e apenas por uma coisa. E ele atualmente tinha sua mão em volta da minha coxa e sua vontade em volta do meu coração. Eu soube naquele momento que ele colocou o feitiço mais poderoso de todos em mim. Aquele que lançou mil navios, travou guerras e derrubou reinos. Aquele que obrigava os reis a abandonar seus juramentos por uma mulher. Aquele que iria me enganar para fazer qualquer *coisa... qualquer coisa...* por ele. Eu reconheci essa emoção pelo que era e tentei não tremer quando ela me varreu como um maremoto.

Engoli em seco, forçando-me a enfiar esta refeição três estrelas Michelin na boca, esperando que ele não pudesse de alguma forma detectar o que tinha acabado de acontecer. Era maravilhoso e assustador ao mesmo tempo. E se ele não sentisse o mesmo?

— O que foi? — ele sussurrou perto do meu ouvido, seus lábios roçando a concha sensível.

Eu estremeci.

— Nada. Apenas... feliz por você estar aqui.

— Não há outro lugar onde eu deveria estar — ele disse, sua mão ainda possessivamente na minha perna.

— Bom — eu disse para o meu prato, incapaz de olhar para ele agora. Minhas emoções eram cruas e turbulentas.

Então seus lábios roçaram minha bochecha antes que ele se afastasse. Um simples beijo. Nada sexual ou intenso. Mas, ao mesmo tempo, parecia... permanente. Como se ele soubesse onde seus lábios pertenciam. Em mim. De alguma forma, isso aliviou a tensão na minha espinha, o suficiente para que eu pudesse esperar – talvez, apenas talvez – que seus sentimentos estivessem indo na mesma direção.

Capítulo 29



evie

— Clarissa disse que ela também não era muito versada em signos de bruxa — disse Jules —, mas conhecia dois deles. O sinal da ponte era uma espécie de símbolo de portal, normalmente usado para combinar feitiços. É por isso que ela disse que este era tão complexo. O feitiço colocado em Mateo está em camadas.

— Você quer dizer, que existe mais de um? — perguntei a Jules enquanto atravessávamos o Canal Street, a um quarteirão do estacionamento do Roosevelt Hotel, onde estava sendo realizado o coquetel da Guilda. Clara e Violet caminhavam alguns passos atrás, rindo de alguma coisa. O tráfego zumbia, a cidade ainda mais viva à noite.

— Sim. O símbolo da ponte os une. O outro sinal que ela reconheceu foi aquele de aparência infinita. Você se lembra dele?

Eu apertei minha bolsa preta no meu estômago.

— Estava no peito dele.

— Ela disse que isso pode significar vida eterna.

— Como a imortalidade? Eu pensei que isso era impossível.
Ela franziu a testa.

— Eu também pensei. Talvez essa bruxa, quem quer que seja, tenha encontrado um jeito. Ou pensa que sim.

— Que porra é essa, Jules? Isso *não faz* sentido para Mateo ter sinais de imortalidade e morte por todo o corpo!

Minha voz ricocheteou nos arranha-céus que nos emolduravam enquanto caminhávamos pela Roosevelt Way. Minha raiva e frustração estavam obviamente fervendo. Alguém tinha sérias más intenções em relação a este homem com quem eu me importava tanto que era difícil respirar na mesma sala que ele, e eu era uma maldita destruidora de feitiços que não podia ajudá-lo. Isso estava me deixando louca!

Jules uniu seu braço ao meu para me confortar, seu contato pele a pele me acalmando. Nós duas decidimos deixar nossos casacos em casa. Estava frio, mas não tanto que congelaríamos na curta caminhada até o hotel em nossos vestidos de coquetel. Jules tinha optado por um vestido de chiffon vermelho-escuro justo que batia no joelho, dando a ilusão de altura ao seu tamanho pequeno. O que não era uma ilusão era o inegável corpo matador que minha irmã mais velha tinha, que ela normalmente escondia sob casacos de chef e calças largas.

Eu tinha escolhido usar meu vestido de cerimônia/festa padrão, determinada a não gastar um maldito dólar em um

vestido novo para esta festa. Além disso, meu vestido de seda verde com a parte superior franzida em meus seios mostrava meu decote, e o comprimento até o meio da coxa mostrava minhas pernas torneadas. Este vestido sempre me fez sentir confiante e bonita. E é assim que eu precisava me sentir para esta festa em particular. Não que eu estivesse tentando mostrar a Derek o que ele estava perdendo, porque não eu poderia ligar menos para o que ele pensava. Eu só precisava do tipo de armadura feminina que gritasse: “eu sou mulher, ouça meu rugido”.

— Não se preocupe — sussurrou Jules. — Nós vamos resolver isso. Se alguém puder...

Ela se encolheu ao meu lado, diminuindo nosso ritmo. Segui seu olhar para o hotel à frente. Encostado na parede sob as lâmpadas a gás com filigrana dourada no pé da escada para o Roosevelt estava Ruben. E drooooga, ele parecia bem. Vestindo um smoking preto com um lenço de cetim branco pendurado nas lapelas, as mãos nos bolsos, um tornozelo cruzado com o outro, os cabelos loiros brilhando sob o brilho quente, ele parecia um modelo de revista. Uma revista para bilionários vampiros sexys pra caralho. Eu não tinha ideia de quão rico Ruben era, mas atualmente ele parecia um homem bonito no valor de um zilhão de dólares.

— Puta que pariu — murmurou Violet atrás de nós.

Jules endireitou-se, segurando-me ainda mais apertado, conforme nos aproximávamos. Ruben observou nossa

aproximação, seu olhar demorado em Jules. Bem, demorando era o mínimo. Ele estava vagando, calculando, imaginando coisas com minha irmã que eu achava que não queria saber. Quando uma vez perguntei o que havia entre os dois, ela rosnou com total desdém:

— *Não há absolutamente nada entre nós além de puro ódio.*

Enquanto observava Ruben observá-la com um meio-sorriso luxurioso estampado em seu rosto, pensei que talvez precisasse lembrar a Jules que ela talvez não entendesse como era o ódio. Porque não era isso. Mas agora não era o momento. Especialmente quando ele empurrou a pedra creme da entrada do Roosevelt e tirou um livro de dentro de sua jaqueta.

— Oh — eu murmurei, acelerando meus passos para diminuir a distância entre nós.

— Boa noite, senhoras — disse ele com uma pequena reverência, fazendo contato visual com todos nós, até Clara e Violet, que pararam atrás de nós. — Aqui está o item que você pediu.

— Vamos, Violet. — Clara arrastou o olhar cobiçoso de Violet até a escada forrada de tapete vermelho. — Vemos vocês dois lá dentro.

Acenei para elas, balançando a cabeça diante da expressão babada de Violet.

— Obrigada — disse Jules, pegando o pequeno livro de capa dura em sua mão. A capa de couro era verde com letras douradas na frente. — Você não estava planejando comparecer,

eu espero. — Jules apontou para a entrada do hotel com uma inclinação superior do queixo.

Ele riu.

— Eu não acho que um vampiro seria bem-vindo no coquetel do Clã. Além disso, não fui convidado.

Bem, essa é a maldita verdade. Na verdade, foi por isso que também não convidei Mateo. Outra razão pela qual eu não era fã dessas festas da Guilda era porque elas eram muito pretensiosas. Apenas bruxas e tudo mais. Sempre desejei que a Guilda fosse mais aberta e aceitasse outros sobrenaturais. Eles eram os mais arrogantes das diferentes raças. Sim, foi colocado sobre as bruxas para impor que os sobrenaturais obedeciam às leis da magia, simplesmente porque um Executor era mais poderoso do que todos nós, mas parecia que a maioria das bruxas mantinha um complexo de superioridade elitista por causa disso.

— Infelizmente — disse Ruben com sua expressão intensa focada fortemente em Jules —, tenho outros planos.

Seu olhar caiu para o livro em suas mãos.

— Seu homem teve algum problema em consegui-lo?

— Nenhum mesmo.

— Isso é um alívio — acrescentou ela. — Eu estava preocupada que ele tivesse um desentendimento com aquele bando de lobisomens que você me contou.

Ruben agora tinha as duas mãos enfiadas frouxamente nos bolsos da calça do smoking.

— Oh, ele teve um desentendimento com eles.

— Ele não está ferido, está? — perguntei, sentindo-me repentinamente mal pelo amigo ou sócio de Ruben, ou quem quer que fosse.

Ruben sorriu, seus olhos azuis mais escuros do que o normal.

— Como eu disse, ele não teve problemas.

— Então, ele não está ferido? — perguntou Jules.

O vampiro riu, e pela primeira vez eu acho que vi os caninos de Ruben estendidos. Vampiros geralmente não os mostravam até que estivessem prontos para se alimentar, pelo que entendi. A aparência desse homem insanamente lindo rindo com um brilho de presas afiadas antes de escondê-las novamente fez meu cérebro turvar por um segundo.

Jules estava imóvel como uma estátua ao meu lado, provavelmente calculando o quão rápido ela poderia atordoá-lo se ele tentasse mordê-la. Mas Ruben não era um idiota ou um violador de regras. Ele não tomaria sangue de um hospedeiro relutante, não importa o quanto quisesse. E agora, olhando para minha irmã, ele queria muito.

— Nem mesmo um arranhão em Devraj. — Ele olhou para o livro em suas mãos enquanto ela o enfiava na bolsa. Na verdade, era pequeno o suficiente para caber. — Então agora você me deve esse encontro.

Ela zombou.

— Já discutimos isso. Não vai rolar.

— Oh, Juliana — ele praticamente cantou em sua voz aveludada, movendo-se na velocidade de um vampiro até que ele estava a apenas alguns centímetros dela, roçando um beijo gentil em sua bochecha. — Isso vai acontecer.

Então ele desapareceu, deixando uma rajada de vento em seu rastro, que empurrou meu cabelo comprido sobre meu ombro.

— Droga, ele pode se mover rápido. — Olhei para os dois lados. Nenhum sinal dele. — Ele é realmente poderoso, não é?

Ela limpou a garganta e se afastou da rua em direção às escadas.

— Sim.

— Quantos anos ele tem? — Eu perguntei quando entramos pelas portas de vidro do grande saguão do hotel.

— Duzentos e tantos.

— *Sério?* Eu não tinha ideia de que ele era *tão* velho.

Jules não respondeu, batendo no chão brilhante em direção ao salão de recepção onde a festa estava acontecendo.

Dos sobrenaturais, os vampiros tinham a maior expectativa de vida, cerca de setecentos anos. Os lobisomens eram os segundos da fila, com uma média de cerca de quinhentos, o que me fez pensar quantos anos Mateo tinha. Engraçado, eu não tinha perguntado antes. Por que eu estava tão curiosa agora?

Ah, sim. Porque eu queria passar o resto da minha vida com ele, o que levaria mais trezentos anos se tivesse sorte. Eu ainda era muito jovem para uma bruxa. Ele era? Ou era muito mais velho do que parecia como Ruben? E se ele fosse mais velho que

Ruben? Minha mente estava em uma onda maníaca de “e se” enquanto caminhávamos pela porta para o coquetel.

— Eveleen!

Eu conhecia aquela voz vindo do aglomerado perto do bar onde Violet e Clara estavam rindo com meus primos. Jules esgueirou-se para Clarissa e seus amigos em uma das mesas redondas. Travis me encontrou no meio da sala e me abraçou, levantando-me do chão.

— Droga. Você cheira bem. — Ele me colocou no chão, sorrindo como um demônio. — Isso é para mim? Você usou isso para mim, não foi?

— Não — eu disse, dando um tapa nele com minha mão e empurrando-o para trás um passo. — Eu tenho um namorado.

Meu coração saltou em órbita ao pensar em Mateo, desejando tê-lo convidado agora. Quero dizer, e se tivéssemos alguns olhares desses esnobes, certo? Mas era tarde demais.

— Não! — Travis apertou o coração. — Não acredito que você está me traindo.

— Oh, meu Deus, eu não estou traindo você. — Eu dei um soco em seu bíceps coberto pela jaqueta Armani, que parecia bater em uma pedra. — Vamos, eu preciso de uma bebida.

— Sim, você precisa. — Ele sorriu como o diabo que era. — Eu pretendo embebedá-la e ter meu caminho perverso com você.

— Travis. — Lancei-lhe um olhar de nojo. — Isso nem é engraçado.

Por um segundo, ele pareceu confuso, depois chocado.

— Não! Isso não. Jesus — ele disse, passando o braço em volta da minha cintura e me guiando para os outros. — Quero dizer, fazer você dançar comigo.

Eu ri, aceitando a taça de champanhe de Clara.

— Tenho certeza de que você não precisa de álcool para agradar as mulheres de qualquer maneira.

— Bem — ele falou lentamente —, talvez seja verdade que eu não tenho me sentido muito sozinho. — Ele deu um aperto na minha cintura.

— Chocante. — Revirei os olhos.

— Você não está incrível? — disse Drew, exibindo seu sorriso brilhante e me dando um abraço apertado. Drew era um abraçador. Ele era um Aura como Clara, então não era uma surpresa. Ele apenas jorrou maravilhas como ela.

— Obrigada. Você também. Mas você sabe disso. — Tomei um gole da minha taça, olhando ao redor da sala para a variedade de belas bruxas de pernas compridas na sala. — Parece que você tem uma boa seleção este ano.

Travis riu de algo que Violet estava dizendo, os dois parecendo conspiradores criminosos no baile, planejando quem levaria o balde de sangue jogado sobre eles à meia-noite.

— Acho que nossa visita a Nova Orleans será proveitosa — concordou Drew com uma piscadela. Ao contrário de Clara, ele jogou sua beleza e carisma ao máximo com as mulheres.

Eu balancei minha cabeça.

— Você está realmente trabalhando em sua magia de Aura esta noite, não é?

— Nunca — ele negou com um sorriso, bebendo sua bebida em um copo de vidro. — Não precisamos usar nossa magia, não é, Clara? Acontece naturalmente.

— O que foi? — perguntou Clara inocentemente. Verdadeiramente, minha irmã parecia uma deusa em um vestido justo branco que moldava seu corpo magro, seu cabelo loiro caindo em cascata em ondas ridiculamente perfeitas até seus quadris.

— Sabe? É totalmente injusto — disse Violet.

— O que é injusto? — perguntou Cole, aproximando-se do nosso grupo com uma cerveja na mão, sua carranca de residente no lugar.

— O fato de ela ter a magia Aura. É um completo desperdício dela — reclamou Violet com um movimento de sua mão. — Ela nem usa para enrolar os gatos. Inferno, eu nem sei quando foi a última vez que ela trouxe um homem para casa ou transou.

— Violet — Clara repreendeu calmamente, mas com uma carranca, o que não era frequente. — Este não é o momento nem o lugar para explicar minha vida amorosa para o mundo.

— Não há nenhuma — ela zombou. — É isso que estou dizendo.

— Eu posso te ajudar com isso. — Travis sorriu de sua estatura de urso ao lado de Clara.

— Tenho certeza de que você poderia — disse ela, lançando-lhe um sorriso que provavelmente não tinha a intenção de flertar, mas teve um efeito devastador de qualquer maneira. — Eu posso cuidar de mim de outras maneiras.

— Nojento — disse Drew. — Essa é uma imagem da minha prima que não quero na minha cabeça.

— Eu não ligo. — Travis tomou um gole de sua bebida, com malícia em seus olhos. Que flerte.

— Então, vocês estão aqui por um tempo? — perguntou Violet. — Podemos acabar com vocês como da última vez.

— Receio que não. — Drew examinou a sala, provavelmente procurando por seu encontro anual com o coven. Alguns casais dançavam na pequena pista de dança no meio da sala, dançando ao som de uma música lenta de Billie Eilish. — Ainda estamos nos atualizando na cervejaria desde quando Isadora e Livvy visitaram. Os pedidos estão se acumulando.

Os três eram donos e administravam a Bayou Brewery nos arredores de Lafayette. Na verdade, é aí que obtemos nossas cervejas especiais, como Cerveja de Bruxa e Trilha do Jaca. E claro, ganhamos o desconto família.

— Evie — Cole sussurrou ao meu lado e apontou. — Jules quer você.

— Você também pode *receber* mensagens?

Cole era um influenciador, que costumava ser chamado de Warper, como Livvy. Os influenciadores tinham o dom de plantar pensamentos na cabeça de outras pessoas para que

pensassem que eram seus. Uma parte adicional de sua magia, se fossem fortes o suficiente, permitia que falassem telepaticamente com outras pessoas. Mas era uma conexão unidirecional, a menos que fossem dois influenciadores se comunicando.

— Não — ele riu. — Ela acenou para cá e apontou para você. Mas eu confirmei. — Ele bateu na têmpora. — Ela precisa falar com você.

— Com licença, pessoal. — Atravessei a sala, contornando outro grupo de convidados – membros do coven do norte da Louisiana – até ficar ao lado de Clarissa e de um senhor mais velho que nunca conheci. Se ele estava ficando grisalho como um bruxo, isso o colocava entre os duzentos superiores, pelo menos.

— Eveleen, gostaria que você conhecesse meu pai, Perry Baxter — disse Clarissa. — Ele está vindo de Londres.

Ele apertou minha mão.

— Prazer em conhecê-la. — Ele era todo aristocrata polido, seu sotaque o fazia soar muito mais sofisticado.

— Prazer em te conhecer também. — Jules já havia me avisado que o pai de Clarissa, um poderoso líder do Coven de Londres, estaria aqui.

— Ele estava apenas dizendo que Nova Orleans é uma cidade empolgante — acrescentou Clarissa.

— Sim, curti uma apresentação no Teatro Saenger ontem à noite e um jantar no Palácio do Comandante. Não tenho certeza se já comi melhor em toda a minha vida.

— Esse é definitivamente um dos nossos melhores restaurantes — disse Jules.

— Que apresentação você viu? — Eu perguntei.

— *Garçonete*. Muito bom show, mesmo que não fosse minha primeira escolha.

— Pai — Clarissa o repreendeu. — Seja legal.

— Sou sempre legal — disse ele com um brilho nos olhos que me dizia que isso não era necessariamente verdade. — Prefiro os clássicos. Dê-me *Les Misérables* ou *O Fantasma da Ópera*, e a noite teria sido perfeita.

— Por que você escolheu ir para aquele? — Eu perguntei, me questionando por que escolheu se não era seu estilo. Não que o Saenger tivesse muito por onde escolher, mas definitivamente havia outra diversão na cidade além de ir ver um show que você não gostaria de ver.

— Fomos graciosamente recebidos ontem à noite para o jantar e o show — disse Clarissa.

— Por quem? — perguntou Jules.

— Receio que eu seja a parte culpada — veio a voz familiar por cima do meu ombro.

Aproximei-me de Jules para colocar um pouco de distância entre nós, mas Derek se impôs aproximando-se de nosso círculo. E sim, claro, ele tinha uma beleza alta e linda de cabelos

negros em seu braço. Mesmo assim, ele largou o braço dela para me puxar para um abraço desajeitado e dar um beijo na minha bochecha.

— Tão maravilhoso ver você, Evie.

— Você também — respondi, engolindo o que eu realmente queria dizer, sentindo meus lábios apertados em irritação. Não era apenas porque ele tinha que se inserir em nossa conversa, mas tinha que agir tão familiar comigo. Como se ele ainda tivesse o direito de invadir meu espaço pessoal. Mesmo agora, ele se inclinou para a esquerda, roçando meu ombro com o seu. Mas não queria ser rude na frente de Clarissa ou de seu pai.

— Bom ver você também, Jules. — Ele se inclinou sobre mim e apertou a mão dela em vez de dar um beijo de olá. Ele deveria ter me cumprimentado da mesma forma. Sim, dormimos juntos por dois anos, mas ficou bem claro depois que terminamos que nossos dias de amizade acabaram. Mas eu poderia ser civilizada, contanto que ele fosse.

— Você não vai nos apresentar a sua amiga? — perguntou Jules, acenando para a mulher atrás dele.

Juro, Derek estava realmente bloqueando-a. Tão rude. Se você vai trazer um acompanhante, trate a pobre garota como um acompanhante e não como sua bagagem.

— Me perdoe. Perry e Clarissa tiveram o prazer de conhecer minha noiva, Millicent, ontem à noite. Querida, estas são Jules e Evie Savoie. — Ele olhou para mim enquanto passava a mão

em torno de sua cintura fina. — Millicent, esta é a Evie de que lhe falei.

— Estou esquecendo de algo? — perguntou Perry, um olhar calculista varrendo entre nós.

Antes que eu pudesse mudar de assunto ou dizer algo educado, Derek falou:

— Evie e eu fomos namorados por dois anos quando eu morava em Nova Orleans. Inseparáveis, na época, na verdade. Não éramos, querida? — Ele tocou meu cotovelo nu com a ponta dos dedos, deslizando-os pela parte de trás do meu braço até que eu avançasse para quebrar o contato.

Espere. *O que ele acabou de dizer?* Ele ia jogar isso na frente de *todo mundo*? Rude!

— Oh — foi tudo que Millicent conseguiu dizer enquanto me olhava de cima a baixo.

Na verdade, senti pena da mulher. Você traz sua noiva para a primeira reunião da Guilda do Coven e depois a envergonha na frente do presidente e do pai dela, um figurão em Londres? Não havia necessidade de ele entrar nessa descrição detalhada de nosso relacionamento anterior. Se já não odiasse a visão de seu rosto, não importa o quão bonito ele fosse, eu odiava agora.

— Isso foi há muito tempo — eu disse com uma certa indireta.

Inclinando-me para colocar minha taça de champanhe vazia em uma bandeja quando um garçom passou, peguei outra e usei o movimento para me afastar dele, então havia uns bons

sessenta centímetros de distância entre nós enquanto eu o encarava.

— Não parece — ele disse suavemente. — Ainda me lembro de tudo com a clareza de um sino.

Ele apenas olhou para os meus seios. Babaca!

Clarissa riu, embora um pouco nervosa porque isso era foddidamente desconfortável.

— Bruxos têm memórias excelentes.

— É verdade — disse Jules. — Lembro-me do dia em que Evie terminou com você, Derek. Nunca vi um bruxo tão chocado em toda a minha vida.

Eu amava minha irmã com todo o meu coração. Amava até a lua e de volta. Porque ele se mexeu desconfortavelmente, apertando seu abraço em sua noiva ainda muda.

— Evie — disse ele levemente, o que me avisou que algo desagradável estava chegando, embora ele parecesse distraído, olhando para a entrada do corredor. — Você ainda faz seus pequenos desenhos em quadrinhos? — Ele riu, e foi uma risada maldosa, dizendo ao grupo que estava rindo *de* mim, não comigo. — Ainda perseguindo aquele pequeno sonho?

Um calor furioso subiu pelo meu pescoço e encheu minhas bochechas enquanto eu apertava meus molares. Seu sorriso ridículo me disse o quanto ele estava gostando disso, exibindo algo tão particular meu na frente desta audiência particular, o escalão superior da sociedade Coven que ele queria me moldar para ser.

Naquele minuto, percebi o quanto Derek estava errado para mim. Como eu teria me sentido absolutamente miserável se tivesse tentado me tornar o tipo de mulher que ele queria. O troféu silencioso e bonito como aquele que está parado ali e pegando sua merda agora.

Ainda mais irritante era que eu estava com raiva de mim mesma. Se não tivesse deixado esse idiota me atingir do jeito que fez, eu já teria sido publicada. Mergulhar nesse meu sonho sem medo. E embora eu tivesse feito a bola rolar desde a noite na casa do Mateo, não era nada para me gabar. Ainda. Então, em vez de recuar, fiquei lá e aceitei, lembrando que a única razão pela qual estava infeliz agora era porque permiti que acontecesse. Era minha maldita culpa.

Seu sorriso escorregou, e os olhos de Millicent moveram-se sobre meu ombro. Então o mesmo aconteceu com todos os outros, suas mandíbulas caindo, carrancas se formando. Exceto por Jules, cujo olhar mortal ela estava atirando em Derek, desapareceu, substituído por um sorriso arrogante. Que diabos?

Eu me virei, percebendo que a sala estava em silêncio. Então eu vi o homem devastadoramente fino atravessando a sala direto para mim, e eu sabia o porquê. Não apenas um homem, um lobisomem entre as bruxas. Meu lobisomem. E o doce bebê Jesus em uma cesta, Mateo em um terno todo preto e bem cortado, caminhando pela sala com propósito, seu lindo rosto

definido em uma expressão perigosa quando se moveu para Derek atrás de mim.

Tudo o que pude fazer foi vê-lo aproximar-se em toda a sua glória. Quando finalmente se aproximou do nosso grupo, ele pressionou a palma da mão na parte inferior das minhas costas – uma pressão firme e reconfortante – antes de se inclinar e roçar um lento beijo de boca fechada em meus lábios, seus olhos escuros cravados nos meus. Era o tipo de beijo que dizia a todos na sala que eles não importavam. Que poderiam ir para o inferno. Porque tudo pelo que ele estava aqui era a mulher em seus braços. Uma profusão de sentimentos irrompeu nas proximidades do meu coração. Eu não vou mentir. Eu queria chorar no local.

— Sinto muito pelo atraso, baby — ele disse alto o suficiente para os outros ouvirem. — Fiquei preso na galeria. — Como se eu o tivesse convidado, e era culpa dele que não estava ao meu lado, me defendendo contra a maravilha sem pau que estava ali com o queixo caído.

Quando Mateo finalmente se afastou, sua palma nas minhas costas deslizou pela minha espinha, atrás do meu cabelo, e envolveu suavemente a parte de trás do meu pescoço. Eu não me incomodei em olhar para Derek porque eu podia sentir seus olhos queimando em meu rosto. Eu também perdi minha capacidade de falar, já que não conseguia nem apresentá-lo. Graças a Deus por Jules.

— Pessoal, este é Mateo Cruz, renomado artista metalúrgico de Nova Orleans. Mateo, este é Perry Baxter de Londres, sua filha Clarissa, nossa presidente do Clã, e este é Derek Sullivan e sua noiva, Millicent.

Mateo manteve sua posição ao meu lado com seus dedos gentis, mas possessivos envolvendo minha nuca. Ele estendeu a mão para cumprimentar cada um enquanto Jules contornava o grupo, mas não moveu um músculo para se apoiar neles. Não. Ele os fez vir até ele. E quando apertou a mão de Derek por último, não havia como confundir a vibração de um rosnado profundo e selvagem retumbando no peito de Mateo. Era baixo e ameaçador, não do tipo que dizia que ele estava prestes a atacar, mas colocou Derek em alerta de que o perigo o tinha em vista.

— Ouvi tudo sobre você — disse Mateo. De alguma forma, ele conseguiu soar mais do que civilizado e ao mesmo tempo enojado. Que dom meu lobisomem tinha.

Quase ri, mas então percebi o brilho dourado em seus olhos. Oh-ou. Clarissa e Millicent ofegaram, provavelmente esperando que ele se transformasse aqui e agora. Se não fosse pelo feitiço, pensei que ele poderia. Então Derek decidiu que precisava reinserir sua masculinidade com seu currículo.

— Na verdade, é *Dr.* Sullivan. Eu também sou o presidente da Grande Baton Rouge...

— Eu não me importo — Mateo o interrompeu rapidamente com uma voz calma e agradável. — Eu pediria

desculpas, mas não sinto. Eu não vim aqui por você... — ele varreu seu olhar para o resto do grupo, então olhou para mim — Eu vim aqui por ela. — Ele abriu a mandíbula, sua expressão suavizando um pouco. — Dance comigo, amor.

Amor?!

Quero dizer, ele não quis dizer isso como *amor* amor, mas ainda assim. O carinho com o olhar sincero em seus olhos, o teor sério de sua voz e o aperto de sua mão em mim foi o suficiente para fazer meu sangue correr como uma febre em minhas veias. Eu não conseguia tirar os olhos dele.

— Sim.

Sua expressão estoica se transformou em algo deslumbrante e sobrenatural. Como se alguém tivesse marcado a noite toda para cima, tornando as estrelas muito brilhantes, muito brilhantes para serem contempladas. Eu estava totalmente hipnotizada. Então a mão no meu pescoço deslizou para a minha mão onde ele entrelaçou seus dedos com os meus como os amantes faziam. Como verdadeiros amantes. O tipo que combinava em todos os sentidos, precisando ser unidos e querendo que o mundo soubesse disso.

Quando ele me girou para encará-lo, seus braços fortes me envolveram, um envolvendo toda a parte inferior das minhas costas, seus dedos se curvando ao redor do quadril oposto. Sua mão livre envolveu a minha com nossos braços estendidos, como uma valsa. E nossos corpos, bem, eles estavam tão pressionados um contra o outro que você pensaria que

estávamos completamente sozinhos na sala. Segurei firme, tonto com a mistura inebriante de terno-Mateo e alfa-lobo.

Eu não me importava com quem assistia, que provavelmente era todo mundo na reunião porque, honestamente, este era um evento apenas para bruxas. Não tínhamos seguranças que o expulsariam, mas eu me preocupava que Jules recebesse alguns e-mails desagradáveis depois. Mas agora? Eu poderia me importar menos com quem estava lá e o que pensavam. Mateo também, pela forma como estava olhando para mim naquele momento. Seu olhar penetrante brilhava com uma borda de ouro âmbar, seus lábios pairando a centímetros dos meus. De salto alto, eu estava perfeitamente alinhada ao corpo dele, permitindo que tivesse um acesso muito melhor à minha boca. Mas agora, tudo o que ele fez foi olhar para mim, me beber, sua mandíbula apertando e abrindo.

— Mateo — eu engasguei.

— Sim?

— Você é a porra do meu herói.

— Não. — Ele soltou uma risada autodepreciativa. — Eu sou seu escravo. — As pontas ásperas de seus dedos deslizaram para a pele nua no meio das minhas costas, circulando e levantando arrepios na minha pele. — Eu farei qualquer coisa que você pedir. Irei a qualquer lugar que você for.

— Até mesmo para um coquetel só para bruxas.

— Eu iria para o inferno por você se fosse preciso.

— Bem, isso não é muito diferente.

Ele riu e soltou um suspiro trêmulo. Seus olhos ficaram derretidos.

— Não de onde estou. — Descendo meu rosto até seu peito, suas mãos me segurando mais apertado, ele me pressionou tão perto que eu podia sentir a dureza dele em todos os lugares, especificamente em suas calças. — Isto é mais como o céu. — Então sussurrou: — Você é linda pra caralho, Evie.

Sua boca tomou a minha – lenta e segura – uma varredura dominante de sua língua e eu não pude conter o gemido. Meus ossos se liquidaram, mas ele me segurou, me manteve perto. Eu estava em mãos muito capazes, então deixei que ele fizesse todo o trabalho. Beijar-me pra caralho na frente de toda a Guilda, famílias e amigos, e meu ex idiota. Quando ele quebrou o beijo, suas narinas dilataram, um olhar de determinação apertando sua mandíbula.

— Acho que está na hora da *próxima vez*.

Chocada que ele de repente me fez ter pensamentos muito sujos em uma sala cheia de bruxas, todas as quais provavelmente estavam observando cada movimento nosso, eu abri minha boca para dizer algo, mas ele me cortou.

— Evie. — Sua voz mergulhou em um timbre desesperado. Sua mão nas minhas costas subiu no meu cabelo, segurando a parte de trás do meu crânio antes de puxar para baixo, então eu estava olhando diretamente para ele. — Eu preciso lambar você, tocá-la e chupá-la. Cada centímetro. Antes que eu te foda com força.

Eu não perdi o lampejo do Alfa em seus olhos, mas eu também tinha poder zero contra o ataque do magnetismo sexual de Mateo. Eu estava acabada, já sem os ossos da promessa do que planejava fazer com sua boca, suas mãos, seu pau. Só havia uma coisa para eu dizer.

— Sim.

Capítulo 30



evie

Nós não conversamos. Nem uma maldita palavra durante todo o caminho para casa. Sentei-me ao lado dele no banco de sua caminhonete, meu corpo vibrando, cantarolando para ele. Ele não tentou me beijar, me tocar ou me apalpar no caminho de volta para sua casa. Apenas segurei minha mão na dele, dedos entrelaçados, a antecipação me acelerando como um carro de corrida.

Ele me instigou pela porta dos fundos que dava para sua oficina, guiando-me com uma mão firme em minhas costas pela escuridão até seu apartamento. Subimos as escadas, ainda sem falar, mesmo enquanto eu gritava na minha cabeça, a tensão tão forte que poderia me sustentar se eu caísse para frente. Quando olhei por cima do meu ombro na escadaria sombreada, tudo o que vi foram dois olhos dourados brilhantes fixos em mim enquanto ele tirava o paletó.

Quase tropecei, mas me segurei na parede. Ele não me amparou. Apenas continuou vindo, removendo seu paletó. No topo da escada, eu me virei para encará-lo, dando um passo para trás em direção ao seu quarto enquanto ele tirava o paletó e afrouxava a gravata. Tirei meus sapatos, mas continuei andando porque o olhar faminto em seus olhos fez meu coração bater três vezes em alarme. Eu me acostumei com o toque gentil de Mateo, beijos lentos, olhares derretidos. Mas isso... eu não tinha certeza se estava pronta para isso. Então continuei recuando, mantendo meus olhos nele, me preparando... se isso fosse possível.

Ele arrancou a gravata com um estalo forte no ar. Pulei, o som agressivo zunindo ao longo da minha pele, o calor correndo entre minhas pernas. Eu vacilei, mas continuei recuando para o quarto dele. Ele largou a gravata no meio da sala antes de desabotoar a camisa preta engomada e abri-la com força. Ele a deixou cair no chão do quarto. Seu peito perfeitamente esculpido coberto por uma linda pele oliva me distraiu por um minuto. Eu não percebi que ele tinha me encurralado em sua cama até que meus joelhos bateram na borda. Mas ainda assim, ele não tinha me tocado, seu foco muito concentrado em se despir.

Quem era eu para detê-lo? Fiquei ali parada, muda e ofegante, assistindo ao espetáculo. E caramba, que espetáculo. No momento em que ele tirou a calça e a cueca boxer, eu não conseguia respirar. Apenas fiquei lá, olhando para seu pau

longo, grosso e ereto enquanto ele envolvia uma daquelas mãos grandes ao redor da base e dava um golpe pesado.

— **Tire o vestido** — ordenou, os olhos brilhando em dourado. E eu realmente disse ordenou, sua voz cheia de promessas sombrias e imenso prazer. E Alfa. Sim. Ele estava aqui comigo. Eu nem tinha certeza se Mateo estava presente.

Um lampejo de pânico e excitação intensa com a memória de nós naquela casa mal-assombrada, seu manuseio áspero, mas seguro em mim, me deixou ainda mais molhada entre minhas coxas. A luz da lua que entrava pela janela iluminava metade de seu rosto. Suas narinas dilataram novamente quando ele abriu a boca e inalou uma respiração profunda.

— **Eu posso sentir o quanto você me quer.** — Ele inclinou a cabeça de uma forma que eu nunca tinha visto antes, seu olhar caindo para o meu peito. — **Tire isso. Agora.**

Sem hesitar, eu abri o zíper lateral, em seguida, deixei-o deslizar dos meus ombros e cair no chão. Aqueles olhos dourados observavam tudo, viam tudo, me devoravam com um olhar primitivo.

— **Seu sutiã.** — Sua voz, Deus, era tão fodidamente profunda e áspera que eu podia senti-la arranhar minha pele exposta, roçando com tanta força que vacilei com a intensidade. Ele era muito, muito gostoso, muito duro, muito áspero. Muito hipnótico na maneira como ele ficou lá, pés plantados afastados, seu corpo grande e esculpido me bloqueando contra a cama, sua mão acariciando seu pau em um ritmo lento e

medido, mostrando-me o corpo feroz que estaria me cobrindo em breve.

Obedecendo rapidamente, soltei o fecho atrás de mim e o deixei cair, meus mamilos endurecendo em pontos firmes sob seu olhar feroz. Tremendo, fui tirar minha calcinha, mas ele balançou a cabeça.

— **Não.** — Outro golpe longo de seu pênis. — **Deixe-a.** — Então ele estava vindo para mim.

Fiquei ali, com os braços ao lado do corpo, sem saber bem o que fazer. Quer dizer, qual é, eu já fiz sexo antes. Com alguns caras. Mas me senti como uma pequena virgem perdida ali na frente de Mateo. Eu o queria tanto que estava à deriva. Felizmente, ele tinha planos muito particulares e eu estava completamente satisfeita em seguir as ordens.

Suas mãos agarraram meus quadris enquanto ele se aninhou em meu cabelo, seus dentes raspando a lateral do meu pescoço. Um movimento de língua, então estava sussurrando em meu ouvido.

— **Eu vou te dar o que prometi em seu quarto naquela noite. Fazê-la gozar na minha língua.** — Ele mordeu minha orelha até doer e outra onda de umidade se acumulou em minha calcinha. — **Então eu vou precisar te foder por trás, baby. A primeira vez. Eu preciso de você submissa. Você entende?**

Eu balancei a cabeça, segurando seus antebraços musculosos, agarrando-o. Ele não pareceu notar. Ou se importar.

— **Eu preciso de você sem camisinha. Nada entre nós. Pele à pele. Não é um desejo. É uma *necessidade*.** — O estrondo profundo de cascalho em seu peito que acompanhou essa declaração me fez estremecer. — **Mas estou limpo. Você me entende?**

Outro aceno brusco.

— Estou tomando pílula. — E eu estava limpa. Eu não dormia com ninguém há algum tempo e fiz um check-up entre aquele momento e esse.

Era definitivamente Alfa falando comigo. Isso era uma loucura. Mateo temia deixá-lo assumir o controle, mas de alguma forma ele o fez. Quer fosse com a permissão de Mateo ou não, Alfa estava no comando. E não tive medo nenhum. Na verdade, eu estava tão fodidamente excitada que tive mais medo de gozar no segundo em que ele tocou seus dedos ásperos entre minhas pernas e me envergonhou.

Ele me virou em um movimento tão rápido que caí para frente na cama, me segurando com as duas mãos. Quando fui me levantar, ele colocou uma mão firme na parte superior das minhas costas entre minhas omoplatas.

— **Não.** — Ele me pressionou com mais força até que caí sobre os cotovelos. — **Eu preciso de você assim.** — Sua palma pressionou com mais força no meio da minha coluna. —

Arqueie para mim. — Sua mão deslizou mais para baixo para moldar minha nádega direita. — **Me dê essa bunda.**

Eu fiz, arqueando minhas costas. Ele arrastou um dedo ao longo da costura externa da minha calcinha de renda, em seguida, enfiou o tecido alguns centímetros para dentro. A palma de sua mão acariciou a pele exposta, desapareceu completamente, então bateu com força com um tapa ecoando nas paredes do quarto.

Eu estremeci com um suspiro, mas ele acalmou a dor com círculos de sua palma quente antes de seus dedos arrastarem do topo da minha fenda sobre a renda e deslizarem para o meu clitóris latejante. Ele esfregou círculos torturantes até que não só minha bunda estivesse pressionando no ar para ele, implorando por mais, mas também minha boca.

— Por favor. *Por favor.*

Ele caiu de joelhos e abriu a boca sobre minha calcinha, me chupando com força.

Eu empurrei para frente e gritei em estado de choque, mas ele tinha suas mãos fortes em volta da frente das minhas coxas, perto dos meus quadris. Seu gemido estrondoso vibrou contra meu clitóris enquanto ele lambia e me chupava através do tecido fino.

— **Molhada para mim** — ele rosnou, acariciando seus lábios e nariz. — **Sim, querida. Faça esse som novamente. Deixe-me ouvir você.**

Foi quando percebi que estava gemendo alto como uma estrela pornô, mas realmente não me importava. Eu caí para frente, meu rosto na cama, dando-lhe o que ele queria. O que eu queria. Então ele agarrou um lado da minha calcinha, arrastando-a para baixo na outra perna, sua língua quente deslizando pelas minhas dobras nuas antes de acariciar um dedo dentro de mim. Achei que ia perder a cabeça.

— *Oh, Deus.*

— **Mmm, que boceta doce** — ele cantarolou contra meu clitóris antes de dois dedos bombearem dentro de mim, três longos golpes, então se foram e sua língua estava em mim novamente, chicoteando. — **Eu sabia que você me responderia assim.** — Seus lábios se apertaram sobre minha protuberância, puxando com uma sucção que fez minha visão embaçar. — **Abra mais as pernas.**

Eu abri. Arqueando minhas costas ainda mais para que ele pudesse fazer isso parecer certo, para que pudesse fazer o que diabos ele quisesse, eu choraminguei:

— Me faça gozar. *Por favor.* Eu preciso tanto.

Ele abriu mais a boca, sua língua quente trabalhando meu clitóris enquanto ele chupava e gemia como uma moribunda. Eu sai de órbita, gritando e tentando arranhar meu caminho até seu colchão. Mas isso não estava acontecendo. Ele riu, segurando minhas coxas enquanto batia em mim, só mais devagar, deixando-me descer e cavalgar, mas não fugir.

Mesmo depois de um orgasmo vertiginoso onde fiquei ofegante, não estava satisfeita. Minhas paredes internas se apertaram, querendo o que ele ainda não tinha me dado. Essa provocação de seus dedos com alguns golpes não foi suficiente. Eu precisava dele dentro de mim. Não apenas para satisfazer a luxúria enlouquecedora vibrando sob minha pele, mas para sentir este homem intimamente ligado a mim. Estar tão perto quanto duas pessoas podem ser.

Suas mãos e boca me deixaram, mas eu fiquei curvada sobre a cama, bunda para cima, bem onde eu estava. Ele me levantou pelos quadris até que meus joelhos estivessem embaixo de mim no colchão. Então ele se inclinou sobre mim por trás, plantando as mãos em cada lado da minha cabeça, seu peito roçando minhas costas, seu pau pressionado na fenda da minha bunda, sussurrando em meu ouvido enquanto se apertava contra mim:

— **Você sabe o que me deixa maluco pra caralho?**

Tentando recuperar o fôlego, meu coração martelando, perguntei:

— O quê?

— **Que eu queria você por tanto tempo. Bem assim.** — Uma mão varreu meu cabelo do meu pescoço, onde o agarrou em seu punho, mergulhando sua boca na minha pele. — **Que ele nos manteve longe de você por tanto tempo.** — Um beijo de sucção na parte interna do meu ombro. — **Basta olhar para você.** — Uma mordiscada. — **O seu cheiro** — ele resmungou, esfregando seu pau duro ao longo da minha fenda

molhada. — **Eu desejei você por muito tempo, baby. Vai ser difícil.**

Eu não me incomodei em dizer a ele que eu teria surtado se Alfa tivesse vindo até mim assim no começo. Provavelmente teria pedido uma ordem de restrição e lançado uma dúzia de feitiços de proteção. Talvez jogado em uma boneca vodu só para ter certeza. Porque a agressão elétrica vibrando dele agora me sacudia até os ossos. Minha carne estava preparada para a surra que ele prometeu, mas meu espírito estava morrendo de medo. E exultante ao mesmo tempo. O lobo me enjaulando, farejando e abocanhando minha pele com pequenas mordidas, me dizendo em termos duros a intensidade de sua necessidade por mim, era verdadeiramente uma criatura perigosa.

Ele disse que precisava de mim submissa. Isso eu entendia. Lembro-me de ler tarde da noite que um lobisomem queria que sua companheira se rendesse. Sua companheira. Sua *companheira*? Era isso o que era? Eu não fazia ideia. A única coisa que eu sabia era que isso parecia tão real. E certo.

— Eu me submeto, Mateo — eu sussurrei, alguns fios de cabelos caindo em meu rosto.

Ele ficou imóvel, aquela grande pata em formato de mão acariciando os fios soltos longe dos meus olhos. Com um puxão gentil, mas forte, seu punho no meu cabelo, ele forçou meu olhar para onde ele se inclinou à minha esquerda.

Putá merda!

Seus olhos – dourados, brilhante e ardente – queimaram em mim. Iluminado por dentro, sua expressão combinava com a carga feroz que zumbia em sua pele. Ele se aproximou, seus lábios tocando os meus.

— *Alfa.*

Sua correção vibrou pelo meu corpo, me dizendo o que estava acontecendo aqui. Mateo não precisava da minha submissão. Apenas seu lobo. Estendi a mão para trás e escovei minha mão em seu rosto até que eu segurei sua mandíbula.

— Alfa — eu sussurrei, arqueando minhas costas ainda mais para ele. — Sou sua.

Aqueles olhos ardentes se fecharam com um gemido ao mesmo tempo em que ele se moveu atrás de mim, seu pau coroadando minha entrada antes de empurrar para dentro de mim com uma estocada profunda. Respirei fundo com a invasão repentina, a espessura dele me esticando. Com meu rosto virado para o lado, ele se inclinou para mim e mordeu meu lábio inferior, então sugou-o em sua boca antes de esmagar sua boca contra a minha por um breve, duro e alucinante minuto.

Quebrando o beijo, ele pressionou sua testa na minha, olhos fechados.

— **Sim, querida.** — Fendas douradas se estreitaram em mim. — **Você é minha.** — Ele mordiscou meu lábio inferior, depois lambeu o ardor. — **Agora deixe-me cuidar de você.**

Endireitando minhas costas, suas mãos envolveram meus quadris, dedos se curvando em minha carne, então ele estava entrando e saindo de mim com uma ferocidade que eu nunca senti antes. Agarrei as cobertas da cama, mas não havia como me segurar. Uma torrente de maldições saiu de sua boca enquanto ele bombeava em mim com um tapa liso, a frente de suas coxas batendo na parte de trás da minha em um ritmo acelerado.

— **Porra, baby, porra** — ele gemeu, diminuindo o ritmo por algumas rodadas antes de esfregar contra a minha bunda, em seguida, martelar rápido e forte novamente.

Estendi a mão para trás, encontrando uma coxa musculosa, e passei minhas unhas sobre ela. Eu precisava tocá-lo, sentir sua pele. Ele deve ter percebido, porque então puxou para fora, me rolou e rastejou pelo meu corpo entre as minhas pernas, deslizando para dentro de mim com um deslizamento lento. Tão dolorosamente lento, sua boca pairando sobre a minha, seus olhos brilhantes de lobo olhando para minha alma. Cavando fundo. Fazendo promessas silenciosas. Prometendo que sim, ele seria feroz e duro, mas também gentil. Que mataria ou morreria por mim se fosse preciso. Que iria me guardar, me proteger. Que ele nunca me machucaria ou me deixaria. Que era meu com tanta certeza quanto eu era dele.

— Sim, Evie — ele sussurrou, bombeando em mim bem e devagar agora, gentil e profundamente. O teor de sua voz havia

mudado, Mateo voltando para mim. — Dê tudo para mim — ele exigiu. — Eu quero tudo de você.

Plantando um pé com força no colchão e envolvendo minha outra perna no alto de seu quadril, eu me enterrei nele, encontrando seu ritmo constante, cravando meu prazer na estratosfera.

— Essa é a minha garota — ele sussurrou, me acariciando, sua expressão apertando, seus olhos puxados em um olhar de dor. — Foda-me forte, baby.

Então eu fiz, balançando meus quadris para combinar com seu ritmo constante, saboreando o bombeamento grosso de seu pênis. Ele agarrou minha bunda com uma mão, segurando seu peso com a outra, usando ambos como alavanca para empurrar para dentro de mim com uma necessidade sem sentido. Foi nesse momento de clímax literal que entendi o quanto ele significava para mim, que eu o amava. Aquela percepção linda, mas assustadora, passou por mim, batendo com força violenta, me dizendo que eu estava perdida para qualquer outro, menos para ele. Que ele era realmente meu companheiro. Minha alma gêmea, meu melhor amigo. Meu amor mais profundo.

Eu gritei, arqueando meu pescoço, a construção familiar rolando como a maré.

Com um grunhido, ele nos virou, comigo caindo em seu peito. Uma mão envolveu meu cabelo, puxando-me para mais perto para que pudesse sussurrar em meu ouvido.

— Monte-me, Evie. Leve-me como eu levei você. Mostre-me o quanto você me quer.

Se ele soubesse. Eu empurrei com as palmas das mãos em seu peito largo, seu abdômen esculpido rolando para bombear dentro de mim. Eu balancei mais rápido, moendo meu clitóris apenas para baixo, seu olhar em meus seios saltando com cada peso para baixo. Em seguida, eles estavam presos aos meus, marrons, mas com bordas douradas. Mateo e Alfa como um só, me observando transar com ele do jeito que eu queria. Observando-me desmoronar por ambos.

— Sim — ele sibilou, inclinando-se e chupando um mamilo em sua boca. — É seu, Evie. — Então enterrou sua boca em meu pescoço, beijando e lambendo descontroladamente. — Sou seu.

Eu nunca fui tímida sobre sexo, geralmente me perdendo no momento. Mas isso era totalmente diferente. Eu senti como se fosse a dona deste momento, levando nós dois para aquele final feliz. Levantei e bati de volta, mais e mais. Quando ele agarrou minha cintura para me firmar mais forte para que pudesse empurrar para cima, sua boca em meu seio, sugando, dentes roçando meu mamilo, eu estava acabada. Acabada!

— Mateo! — Eu gritei, gozando forte e cravando minhas unhas em seu peito.

Ele me agarrou forte pela cintura e rolou enquanto meu orgasmo ainda ondulava e acariciava forte e rápido. Ele me beijou forte, engolindo meus pequenos gemidos de prazer.

Com um gemido, ele mordeu meu lábio, bombeou mais duas vezes, então segurou-se profundamente, seu pau latejando dentro de mim. Seus olhos ardentes desapareceram, escurecendo para um marrom frio, enquanto ele deixava meu lábio deslizar de sua boca, seus lábios se abrindo em um sorriso conhecedor. Ele sabia que tinha a mim. E eu o tinha.

— Mateo. — A emoção brotou em meu peito. Sexo nunca foi assim para mim. Nunca. Tinha sido uma libertação, um simples prazer, um bom momento. Mas nunca foi comovente. Eu mal conseguia olhar para ele com a emoção avassaladora fluindo através de mim em uma corrida eufórica. Foi demais.

Ele se manteve dentro de mim, aqueles familiares olhos escuros percorrendo minhas bochechas, queixo, testa, boca, e então de volta aos meus olhos.

— Você está bem?

Eu ri, recusando-me a chorar, porque o que eu poderia dizer. *Não!* Eu não estou bem. Eu estava um desastre emocional, mas também estava em casa. Bem onde pertencia. Como poderia ser os dois? Então contei a verdade, esperando que ele sentisse metade do que eu sentia.

— Estou mais fantástica do que nunca.

Lentamente, ele abaixou a cabeça, varrendo os lábios suavemente, deslizando a língua ao longo da costura, persuadindo-me a abrir, pedindo para entrar. Foi tão insano, considerando o que acabamos de fazer, mas também foi tão terno e doce. Tão Mateo.

— Você é fantástica — disse ele. — Tão incrível que embaralhou meu cérebro. Não consigo pensar direito.

Eu pressionei meu dedo indicador na fenda em seu queixo.

— Apenas seu cérebro foi afetado?

Seu sorriso tolo esmaecido, sóbrio. Sua expressão mudou para uma triste esperança. Uma combinação estranha, mas que eu entendi.

— E meu coração, Evie.

Passando meus dedos em seu cabelo, puxei-o para baixo, lambendo minha língua ao lado da dele. Seu pênis se contorceu dentro de mim, já ficando duro novamente. Cantarolei em aprovação e quebrei o beijo.

— Tão cedo?

Ele deu de ombros, sorrindo contra meus lábios.

— Eu sou um lobisomem.

Como se isso explicasse tudo. Então me lembrei da menção aos lobisomens e sua insaciabilidade. De alguma forma, eu tinha certeza de que ficaria perfeitamente bem com isso.

— Talvez um lanche — disse ele entre beijos leves. — Você vai precisar de sua força para esta noite.

— Ainda não terminamos, então? — Eu perguntei brincando.

— Nem mesmo perto. — Ele sorriu, olhando para os meus lábios, antes de roçar os seus próprios contra os meus. — Está com fome?

— Uhummm. Não tive tempo de comer na festa.

— O que você quer?

Conversamos por meio de beijos constantes, ambos incapazes de nos separar ainda.

Então eu sorri.

— Eu quero sua torta de carne.

Mateo caiu para o lado, rindo no travesseiro. Eu me juntei a ele, nós dois muito tontos e cheios de endorfinas pós-sexo incrível. Ele virou o rosto para mim, nossas cabeças no mesmo travesseiro.

— Você gosta da minha torta de carne, não é?

— Eu *amo* sua torta de carne.

Assim como eu te amo.

Eu não poderia dizer isso ainda, mesmo que fosse verdade. Mateo e Alfa me queriam intensamente. Isso era certo, mas se isso se traduzia no que eu já sentia, não tinha certeza. Era assustador, maravilhoso e lindo pensar que ele poderia se sentir da mesma maneira. Eu simplesmente não estava pronta para correr o risco de que ele não pudesse.

Mateo deve ter percebido minha mudança de humor. Ele passou os dedos da minha têmpora até a linha do cabelo e colocou uma mecha solta atrás da minha orelha.

— Eu te darei o que você quiser. — Seu polegar roçou a curva da minha bochecha. — Qualquer coisa que quiser de mim. — E então seu polegar desceu mais para acariciar meus lábios inchados pelo beijo. — Apenas me diga e é seu.

Nossos olhares se encontraram, a vulnerabilidade deslizando entre nós como um segredo. Eu queria seu coração, seu amor. Mas eu estava com muito medo de pedir, embora tivesse quase certeza de que era isso que ele estava oferecendo.

— Vamos começar com sua torta de carne premiada — sussurrei, dando-lhe um pequeno sorriso.

Sua expressão suavizou. Imaginei que refletisse o meu; uma de esperança, adoração e desejo.

— Esse é um bom lugar para começar.

Capítulo 31



mateo

De nada.

Eu me deleitei com a sensação incrível de ver uma Evie de bochechas rosadas e sorridente terminar o café da manhã que fiz para ela.

Como eu disse, de nada.

Preparei o café da manhã para ela.

Ela não está sorrindo assim por causa de uma maldita omelete.

Eu encontrei uma estranha satisfação em cuidar dela. Eu adorava alimentá-la.

Bem, eu adoro comê-la. Então estamos quites.

Pegando seu prato vazio, fui até lá e coloquei na pia enquanto ela bebia seu suco de laranja.

Temos que manter nossa garota saudável. Cheia de energia. A décima rodada começa hoje à noite.

Nenhuma reclamação por aqui.

Graças a *Cristo*. É um maldito milagre.

Claro, não tínhamos feito nove rodadas ontem à noite, mas foi perto. Nós dois estávamos muito cansados com tão pouco tempo para dormir, mas de alguma forma isso não diminuiu nosso ânimo esta manhã.

— Eu nunca te agradeci por ontem à noite.

— O prazer foi todo meu. — Eu não pude deixar de sorrir.

Ela riu, um lindo rubor corando suas bochechas.

— Bem, não sobre isso, embora isso mereça mais do que um pequeno agradecimento.

Pode apostar, querida.

— O que eu quis dizer foi na festa. Quero dizer, ir até lá e ser tudo... — ela ergueu os ombros em uma expiração pesada —, incrível.

— Eu te disse. Sempre estarei lá por você.

Ela engoliu em seco, levantando-se da mesa.

— Bem, eu aprecio isso. Derek estava sendo um idiota como sempre.

— Sim. Eu o ouvi.

Ela franziu a testa.

— Você ouviu?

Cerrei os dentes.

— Audição de lobisomem. — E se aquele idiota colocar as mãos nela de novo, eu quebraria o braço dele. Foi preciso mais do que um pouco de contenção para não o esmagar na festa.

Se lembra da nossa lista dos cinco principais assassinatos? Derek, o Idiota, está em primeiro lugar.

Evie me deu um aceno apertado antes de sua expressão sombria se transformar em um sorriso.

— Isso me lembrou. Eu tenho algo para te mostrar.

Ela correu até a mesa de centro e pegou sua bolsinha preta da noite anterior. Puxando seu celular, ela me olhou e mordeu o lábio, então continuou passando algumas coisas em seu telefone.

Segurando uma respiração profunda em seu peito antes de soltá-la nervosamente, ela mudou de pé para pé.

— Certo. Não é grande coisa, mas é um começo.

Então virou o telefone que estava aberto no aplicativo Webtoon que ela me mostrou para quadrinhos digitais que muitos indies usavam.

Olhando para a tela por uma fração de segundo, peguei o telefone dela e cliquei no ícone de uma figura ruiva que reconheci. Com certeza, abriu em *As Bruxas na Cidade, Episódio Um*. Foram três episódios publicados, o primeiro com 724 curtidas, os demais logo atrás.

— Evie! Você fez isso!

Ela riu e cobriu a boca, um som feminino que eu nunca a ouvi fazer antes. Um tipo de som vertiginoso na manhã de Natal.

Eu folhee a tela rapidamente, sem ler, apenas absorvendo a arte de suas ilustrações, a estrutura criativa e os esquemas de cores que ela escolheu. Incrível, tudo isso.

— Droga, garota. — Estendendo a mão, puxei-a em meus braços e apertei-a com força. — Estou tão orgulhoso de você. — Dei um beijo em sua têmpora, inalando profundamente o cheiro delicioso dela. Eu estava tão fodido.

Envolvendo seus braços em volta da minha cintura, ela aninhou sua boca contra meu pescoço.

— Acabei postando os três primeiros episódios na semana passada. Ainda não fiz muita divulgação nem nada. E estou trabalhando para ter em edições impressas. Eu realmente os quero impressos para os leitores de quadrinhos como eu. Bam até disse que ficaria feliz em vendê-los em consignação em sua loja.

— Isso é tão incrível. — Eu a balancei em meus braços. — De verdade.

Ela se afastou para olhar para mim.

— Devo isso a você.

— Não, não deve. Você sempre teve isso em você. Eu só te dei um empurrão.

— Foi um empurrão tão necessário, Mateo.

Valia a pena morrer pelo sorriso que ela me deu. Ela não tinha ideia do que fez comigo. E depois da noite passada, eu sabia que não poderia segurar meus sentimentos por muito tempo.

— Vamos. Caminha comigo?

— É claro.

Ela estava de volta com seu vestido e salto alto, mas com meu moletom por cima, que a atingiu na bainha do vestido. Ela parecia ridícula, mas não se importava. Nem eu. Eu só me importava que ela estivesse quente. O tempo mudou durante a noite, trazendo uma forte frente fria.

Você está brincando comigo? Ela parece deliciosa. Ela só deve usar nossas roupas daqui em diante.

Tomando-lhe a mão, descemos as escadas. Acendi as luzes da oficina, as poucas janelas não ajudavam com o céu nublado.

— Oh, meu Deus. — Evie se afastou de mim e caminhou em direção à minha mesa de trabalho e à escultura em tamanho real diante dela. — Mateo — sussurrou.

Eu a encontrei ao lado do meu trabalho mais recente, observando sua expressão de choque, admiração e feliz surpresa.

— Sou eu — ela finalmente disse.

— Sim. — Inspirado inteiramente por ela, odiava doá-la agora que continha um pedaço do meu coração ao longo do aço moldado.

— Mas... — Ela balançou a cabeça, estendendo a mão e tocando os cabelos ondulados que caíam em cascata no rosto da escultura que era um espelho dela mesma em aço galvanizado. — Sua cliente não encomendou uma estátua minha.

— Na verdade, Sandra me deu muita licença criativa.

— Ela parece uma bruxa. Mais ou menos.

— Bem, considerando minha musa. — Eu dei de ombros.

Ela realmente parecia uma bruxa em seu vestido esvoaçante, manto com capuz e o olhar em seus olhos como se guardasse um segredo. Como se tivesse magia.

Ela ficou em silêncio por um minuto antes de perguntar:

— Quais eram exatamente os requisitos de Sandra para a comissão? — Depois de passar um dedo pelo braço estendido da figura, ela circulou a escultura.

— Exatamente?

Ela voltou sua atenção para mim. Eu sabia de cor, então contei a ela, percebendo que estava admitindo muito, possivelmente arriscando muito. Mas inferno, eu estava explodindo com isso.

— Ela pediu uma bela mulher com um vestido esvoaçante e uma capa com capuz. Uma mulher que personificava esperança, força e... — engoli em seco — amor.

Os olhos de Evie embaçaram e piscaram rapidamente. Eu me aproximei, deslizando minhas mãos para segurar seu rosto, os polegares roçando aquelas adoráveis maçãs do rosto inclinadas.

— Então você pode ver — eu sussurrei, levando-a para trás até que ela esbarrasse na minha mesa de trabalho —, não havia mais nada para eu fazer. Ninguém mais que se encaixaria no projeto.

Seu batimento cardíaco acelerou como um coelho em uma armadilha. Deslizei uma mão por seu pescoço para envolver a base de sua garganta, meu polegar descansando em seu ponto de pulsação.

— Você poderia ter inventado alguém. Alguma beleza da sua imaginação.

Eu sorri, deslizando meus lábios contra os dela.

— Por que se dar ao trabalho? Quando conheço uma mulher, agora intimamente, que não consigo tirar da cabeça. Que me assombra o dia todo, todas as noites. Que me faz sentir... — Apertei minha testa contra a dela. — Porra, Evie, as coisas que você me faz sentir.

Suas mãos se fecharam na minha camiseta no meu peito.

— O que eu faço você sentir?

Segurando sua cintura, levantei-a sobre a mesa e empurrei meu corpo entre suas pernas. Ela abriu mais, então eu a puxei para a borda, me encaixando o mais perto que pude, a saia de seu vestido subindo.

— Você me faz sentir forte. — Roci meu nariz ao lado de seu pescoço, inalando seu perfume celestial. — E esperançoso. — Eu tracei meu caminho de sua mandíbula até sua boca, meu coração prestes a bater forte nas minhas costelas, sabendo que eu iria confessar. Mantive o olhar em seus olhos, recusando-me a ser covarde, aceitando qualquer resposta que visse ali. — E amor, Evie.

Sua boca se abriu, sua expressão cheia de algo doce, então ela piscou rapidamente.

— Mateo...

— Não diga nada. — Eu a beijei com força, abrindo seus lábios e acariciando por dentro com uma intenção quente.

Sua resposta gemida era tudo que eu precisava agora. Que ela estivesse comigo onde isso estava indo. Deslizando minhas palmas por suas coxas nuas sob seu vestido, meus polegares roçaram sua pélvis, encontrando pele, não renda. Então me lembrei que tinha rasgado sua calcinha. Ou, na verdade, Alfa tinha.

Pode ter certeza, caralho. Ela não precisa mais de calcinha. Eu só vou arrancar todas de qualquer maneira.

Eu teria argumentado que Evie não estava lá apenas para o prazer dele, mas no momento, tudo que eu conseguia pensar era dela. Ela estaria muito dolorida para me levar agora depois da noite passada, mas isso não significava que eu não poderia dar prazer *a ela*. Com um esforço concentrado, eu o empurrei para fora da minha cabeça e me concentrei em Evie.

Sua doce língua acariciando a minha, os gemidos que fazia enquanto eu roçava a ponta do meu polegar em sua fenda, já escorregadia e molhada para mim. Seus dedos agarraram meu cabelo, arranhando meu couro cabeludo. Apertei uma mão em sua coxa para mantê-la no lugar e encontrei seu clitóris inchado com meu polegar, espalhando sua umidade em um círculo.

— Mateo. — Foi um protesto ofegante ao mesmo tempo em que ela estava me agarrando mais perto.

— Não se preocupe. — Patinando em seu pescoço, lambi uma linha até o oco de sua garganta. — Eu só quero fazer você gozar. — Um deslize da minha língua. — Preciso ouvir você gozar, baby.

Seus gemidos ficaram mais altos, meus dedos ficaram mais molhados, então seu cheiro me atingiu como uma marreta.

— *Cristo* — eu resmunguei.

Com uma mão bem abaixo de sua garganta, empurrei-a de volta para a mesa – grato por limpar minha estação diariamente – e puxei a saia de seu vestido até a cintura. Pegando sua bunda com as duas mãos, levantei-a da mesa, inclinei-me e me deleitei com sua fenda molhada.

O café da manhã dos campeões.

Vá embora.

Apenas curtindo o passeio agora que finalmente estamos na mesma página.

Fora.

A boceta mais doce da porra do mundo inteiro.

Fora!

Com um empurrão mental, eu o empurrei. Então éramos apenas Evie e eu. Circulei seu clitóris, em seguida, alisei minha língua e lambi suas dobras. Ela se contorceu, tentando se aproximar, tentando fugir. Mas eu não estava deixando nada disso. Eu queria seus gritos. Queria meu nome em seus lábios.

Eu a queria tremendo de um orgasmo na minha mesa de trabalho.

Algo sobre ela neste espaço onde trabalhei, onde criei e moldei aço em algo lindo, me deixou louco para tê-la espalhada para mim aqui. Ofegante por mim. Algum dia, em um futuro próximo, eu faria amor com ela aqui mesmo. Agora, eu só precisava vê-la desmoronar, ouvir seus gemidos ricocheteando nas paredes. Suas lindas bochechas estavam rosadas, seu olhar verde brilhante se inclinou para mim enquanto eu a comia completamente. Fiz uma pausa, levantando a cabeça, para observá-la.

— O quê? Não, Mateo. Não se atreva a parar.

Ela não estava sorrindo. Ela estava desesperada. Estendi a mão e deslizei dois dos meus dedos em sua boca, bombeando duas vezes para deixá-los bem molhados. Ela apertou os lábios e gemeu, lambendo meus dedos.

— Aí está — eu murmurei, meu pulso batendo forte ao vê-la assim.

Voltei ao trabalho, lambendo de seu clitóris até sua entrada, empurrando duas vezes com minha língua antes de trocar e pressionar dois dedos dentro dela.

— Sim, Mateo. *Por favor.* — Seus quadris levantaram da mesa, bombeando contra mim. — Mais forte.

Eu gemi e acariciei mais forte como ela queria, meus dedos batendo na carne sensível com cada estocada. Então preendi meus lábios sobre sua protuberância apertada e ligeiramente

enrolei meus dedos para cima, encontrando aquele ponto perfeito.

— Mateo!

Esse foi um dos grandes.

De jeito nenhum eu poderia mantê-lo fora. Droga, ele estava certo. Ela gozou forte dessa vez. Lambi e beijei sua boceta, evitando seu clitóris sensível, até que ela desceu do clímax.

— Hmmm. — Eu não pude deixar de deixar minha apreciação escapar enquanto eu a olhava, toda rosa e bonita de minhas atenções. — Merda. — Eu balancei minha cabeça e sussurrei, então puxei sua saia para baixo para escondê-la da minha vista.

Pegando suas mãos, eu a levantei onde ela caiu mole contra o meu peito.

— Tudo bem — disse ela, sem fôlego. — Vou voltar para a cama.

Eu ri, pressionando um beijo em sua boca bonita.

— Você poderia ficar comigo hoje.

Ela parecia tão triste.

— Droga, eu gostaria de poder. Mas eu realmente quero me encontrar com Jules para falar sobre esse livro.

— O livro de Ruben? Você pegou?

Ela bateu na própria cabeça.

— Esqueci totalmente de te contar.

Tenho certeza de que meu sorriso parecia diabólico.

— Estou feliz que você estava tão preocupada que esqueceu. Significa que estou fazendo algo certo.

Ela juntou as mãos atrás do meu pescoço e disse com tanta sinceridade que meu coração bateu forte:

— Você está fazendo tudo certo.

De nada! De novo. Me dê algum crédito aqui.

— Bom saber. — Eu a ajudei a descer. — Então você e Jules vão trabalhar nisso hoje?

— Sim. Preciso me concentrar no contrafeitiço para você. A próxima lua cheia está a apenas alguns dias de distância. — Ela arqueou a sobrancelha. — É engraçado que você não pareça mais agitado. Quero dizer com a necessidade de se transformar como antes.

Eu limpei minha garganta.

— Sim. É, eu acho.

— O que você quer dizer com acha?

Sim, eu poderia ter admitido que a amava de uma forma indireta, mas eu não iria dizer a ela que Alfa estava decidido a considerá-la nossa *primeira e única*. Ela era a única razão pela qual ele ainda não estava tentando arrancar minha pele e me fazer sentir como um esquizofrênico paranoico diariamente. Ela estava literalmente mantendo a besta sob controle.

— Então... — Hora de mudar de assunto. — Eu acho que é uma razão boa o suficiente para não passar o dia comigo. Já que estará pensando em mim de qualquer maneira. Certo?

Ela balançou a cabeça.

— Estou sempre pensando em você.

— Está, é? — Sua admissão disparou uma descarga de adrenalina em minhas veias.

— Você sabe que estou.

— Bem, agora eu sei.

— Eu estarei aqui hoje à noite para pagar por isso. — Ela olhou para trás em minha mesa de trabalho enquanto fazia um arrepio de corpo inteiro. Meu pau duro empurrando meu zíper contraiu uma resposta feliz.

Sorrio, moldando minhas mãos sobre sua bunda perfeita.

— Faça uma mala hoje à noite.

— Você quer que eu durma aqui?

Eu quero que você nunca vá embora.

— Sim. Jantar e um filme.

— Mais torta de carne?

— Não. Posso cozinhar outras coisas.

Ela pressionou seu corpo deliciosamente contra o meu.

— Mas eu gosto da sua torta de carne.

Sim, você gosta.

— Deus, Evie. Pare com isso. — Mordi seu lábio inferior. — Eu só tenho um pouco de controle.

Ela riu e saiu de meus braços, dirigindo-se para a porta que dava para o pátio e para a galeria.

— Sete está bom?

— Perfeito. Você quer que eu te deixe em casa?

— Não, eu estou bem. É bem perto daqui.

— Naquilo? — Salto alto e meu moletom que não cobria totalmente a bainha de seu vestido de festa.

— Não me incomoda.

Cruzando os braços, olhei para sua roupa desganhada.

— Eu estava com medo de que você não quisesse fazer a caminhada da vergonha por toda a Magazine Street.

Ela jogou a cabeça para trás com uma risada borbulhante. Mais uma vez, aquele som apertou meu coração com força. Eu poderia me acostumar com aquele som.

Ela abriu a porta do pátio e puxou a gola do meu moletom, inalando fundo, sentindo meu cheiro com um pequeno gemido, me dando aqueles olhos que faziam meu pau inchar ainda mais.

— Isso não é uma vergonha, Mateo. É uma caminhada de orgulho.

— É isso. — Eu corri e peguei a mão dela, entrelaçando nossos dedos, então caminhei na frente dela.

— Aonde estamos indo? — ela perguntou, sorrindo tão brilhante que meu coração gaguejou.

— Vou acompanhá-la até em casa e vamos parar para tomar um café expresso no French Truck Coffee.

— Tomamos café lá em cima, Mateo. — Passamos pelo pátio e entramos na galeria. — Você está apenas encontrando desculpas para ficar comigo por mais tempo?

— Claro que estou — admiti, puxando-a para mais perto de mim, avistando Missy abrindo o caixa. — Oi, Missy.

— Oi, Missy — disse Evie com um aceno amigável, seu rosto brilhando de alegria.

Porra, eu a amava.

Missy piscou, um pouco confusa, então deu um aceno indiferente.

— Oi?

Então saímos pela porta quando Evie acenou por cima do meu ombro com a mão livre:

— Tchau, Missy.

A caminhada foi curta e silenciosa, pois não fizemos nada além de sorrir e olhar um para o outro. Ela estava tão mal quanto eu, mas eu estava perfeitamente contente em esperar que ela dissesse as palavras. Estava brilhando em seus olhos tão claro quanto o céu azul acima de nós.

Não surpreendentemente, ninguém olhou duas vezes para a roupa estranha de Evie quando entramos na cafeteria. Na verdade, havia um ou dois outros enfiados em cabines que poderiam estar tendo manhãs semelhantes. Embora eu duvide muito que a deles tenha sido tão fantástica quanto nossa noite juntos.

Uma vez que nos acomodamos na mesma mesa da última vez, nós dois tomamos nosso café expresso, apenas olhando um para o outro. Era quase ridículo o quão obcecados provavelmente parecíamos.

Ela pousou a xícara, apoiando a bochecha na palma da mão, o cotovelo na mesa.

— Obrigada pela *próxima vez*.

Lambendo meus lábios, saboreando o gosto de café forte e a doçura dela, respondi em voz baixa:

— Não. Eu que agradeço.

Suas bochechas ficaram rosadas, me fazendo querer arrastá-la sobre a mesa e beijá-la como o inferno. Eu agarrei a mão dela por cima da mesa e levei os nós dos dedos à minha boca, precisando provar sua pele novamente. Eu estava tão ávido por ela que não pude evitar.

— Você sabe...?

— Mateo — veio uma voz feminina familiar. — Que boa surpresa.

Sandra se aproximou de nossa mesa com seu café em uma xícara para viagem.

— Sandra. — Levantei-me e dei-lhe um rápido abraço de um braço só. Como de costume, ela estava maquiada e vestida com perfeição. Eu peguei Evie puxando a abertura do meu moletom fechado em torno de seus seios.

— Sente-se — ela insistiu docemente. — Eu não queria incomodá-lo. — Fiz quando ela olhou para Evie, sorrindo ainda mais. — Tão bom ver você de novo, também. Parece que estou tendo um *déjà vu*.

— Eu também — disse Evie com uma risadinha. — Você gostaria de se juntar a nós?

— Não, obrigada. Tenho um compromisso com o cabeleireiro aqui perto e acabei de passagem.

Seu sorriso permaneceu brilhante e pesado em Evie, então ela ergueu as sobrancelhas para mim, obviamente descobrindo que isso era mais do que casual. Eu conhecia Sandra há muito tempo e nunca tinha levado uma mulher a sério. Mas teria que ser cego ou estúpido para não ver o que estava acontecendo entre mim e Evie.

— Eu certamente não gostaria de perturbar dois jovens pombinhos como vocês — ela disse, admitindo que sabia exatamente o que era.

Eu não podia fazer nada além de apreciar o rápido rubor que desceu pelo pescoço de Evie, seus olhos brilhando com malícia. Finalmente, voltei a olhar para Sandra.

— Você é bem-vinda para se juntar a nós. — Então eu atirei uma piscadela para Evie. — Mesmo que estejamos nos comportando como dois pombinhos.

Sandra deu uma risadinha gutural.

— Hoje não, obrigada. Mas eu queria perguntar se você terminou meu pedido...

— Ele terminou — disse Evie com entusiasmo. — E é absolutamente linda.

— É mesmo? Mal posso esperar para ver. — Sua atenção girou de Evie para mim. — Estou em casa esta tarde, se você não se importar em trazê-lo. Estou morrendo de vontade de colocá-la no jardim.

Eu pensei um minuto, percebendo que estaria enlouquecendo com nada além de Evie em minha mente hoje.

É melhor preparar e embalar a escultura para entrega, me dê algo para fazer.

— Claro. Que horas?

Ela olhou para o relógio.

— Eu te mando uma mensagem mais tarde, depois de meus compromissos na cidade, se você não se importar.

— De jeito nenhum.

— É melhor eu ir então. Não quero me atrasar para o salão.

Levantei-me e dei-lhe um abraço e um beijo de despedida na bochecha.

Ela segurou meu braço e me deu um aperto amigável.

— É bom ver você relaxado, Mateo. Tão feliz.

— Obrigado — eu disse com um aceno de cabeça. — Nunca estive tão feliz.

Ela me deu outro aperto.

— Entrarei em contato mais tarde. — Então ela se foi.

Quando me acomodei na cadeira, olhando para a mulher bonita e desganhada com o cabelo despenteado do outro lado da mesa, percebi o quão inacreditavelmente isso era verdade. Eu nunca estive tão feliz.

Capítulo 32



evie

— Entãoooo... que significa o conjunto desses símbolos? Preciso que seja reduzido a uma palavra, Jules.

Estávamos examinando os símbolos que vimos na pele de Mateo na noite em que tentamos quebrar o feitiço, absorvendo as informações do livro que Ruben conseguiu para nós e descobrimos que era um feitiço vivo, que tinha que ser tratado de forma diferente de um feitiço. Sabíamos disso, mas o livro nos deu uma dica do que precisávamos. Um contrafeitiço funcionava de maneira semelhante a um feitiço, pois você precisava conhecer seu propósito básico para canalizar seu oposto em magia. Como uma quebra-feitiço, eu ainda seria a mais forte de nós seis para lançar o contrafeitiço e desvendar o domínio que tinha sobre Mateo. Mas precisávamos desse elemento-chave para que eu canalizasse sua contraparte e o dividisse.

Jules olhou para o livro aberto em seu colo.

— Honestamente, o que vejo são símbolos de nascimento, morte e eternidade. A que isso pode ser reduzido?

— A vida, como o círculo da vida — disse Violet, sentada no chão da sala com Fred aninhado em seu colo. Ele estava usando uma gravata roxa com pequenos dragões brancos.

— O oposto da vida é a morte. — Coloquei três M&Ms de amendoim na boca. — Não consigo canalizar a morte — eu disse enquanto mastigava.

— Não — concordou Clara, de pernas cruzadas no sofá ao meu lado. — O símbolo da ponte não faz parte da vida. Eu acho que, no geral, abrange o poder. O poder sobre todas essas coisas. Nascimento, doação da vida. Assassinato, tirando a vida. Eternidade para continuar para sempre. É sobre poder, não é?

Jules assentiu, ouvindo com a cabeça no livro, folheando até o final, onde dava instruções sobre como interpretar e usar o sinal de bruxa. Abri meu telefone para a foto de Mateo que Jules havia tirado e enviado para todos nós estudarmos.

Eu estremeci toda vez com o olhar de pura raiva em seu rosto enquanto ele avançava para mim. Tremendo com a lembrança disso, meu estômago revirou com o que ele poderia ter feito se Jules não o tivesse impedido. Não apenas porque ele poderia ter me machucado, mas porque eu sabia que ele nunca se perdoaria se o fizesse.

— Você está esquecendo o quarto símbolo — eu disse, ampliando a foto do símbolo que apareceu apenas uma vez sobre seu peitoral esquerdo. Os outros sinais de bruxa foram

repetidos, mas havia apenas um símbolo de chave mestra. — A chave.

— Que porta essa bruxa está tentando abrir? — perguntou Violet. — Jules, leia a definição novamente

Jules folheou o livro de volta e leu em voz alta.

— “A chave abre uma porta e só pode ser usada em conjunto com outro sinal de bruxa em um feitiço complexo. A porta é construída pela bruxa. No momento em que um feitiço é ativado, a chave trará o final do jogo a bom termo.”

— Inferno, é só um monte de bobagens. Eu preciso de um tempo. — Violet se levantou, embalando Fred em seus braços. — Vou fazer alguns sanduíches para o almoço, se vocês quiserem. — Então virou à esquerda.

Jules soltou um suspiro.

— Ela está certa. Eu gostaria que Marigold Lord não falasse em enigmas. Sabemos que este é um feitiço ao vivo que foi colocado em Mateo. E pode haver algum tipo de chave que ativa e completa o feitiço? Isso é tudo que posso obter com isso.

— Mas qual é o fim do jogo dessa bruxa? — Eu perguntei, chateada e frustrada.

Clara estendeu a mão e colocou a mão no meu braço, dando-me uma dose suave de paciência com sua magia.

— Isso é frustrante, mas vamos descobrir.

— Bem, temos três dias até a próxima lua cheia, então não há muito tempo.

A lua cheia era quando os elementos da magia eram mais fortes. Era também o momento da transformação e, como o principal sintoma do feitiço ou maldição de Mateo, ou o que quer que fosse, ainda o impedia de se transformar, tínhamos certeza de que seria o melhor momento para tentar o contrafeitiço.

— Eu acho que Clara está certa. Este feitiço parece girar em torno de controle e poder.

— Qual é o oposto disso? — Eu perguntei, ainda parecendo um pouco enojada, embora a magia de Clara estivesse fazendo seu trabalho e me acalmando.

— Você precisa comungar com sua magia, Evie. — Jules me deu um olhar que mamãe tinha me dado uma centena de vezes com a mesma inflexão maternal em sua voz. — É intuitivo. E este é o seu presente, não nosso. Você sabe como fazer isso melhor do que qualquer uma de nós. Cave fundo e encontrará a resposta.

O fato de o bem-estar de Mateo cair sobre meus ombros me deu um ataque de pânico. Eu queria ajudá-lo mais do que tudo. Eu precisava.

— Vamos. — Clara apertou meu braço e me puxou para fora do sofá. — Vamos almoçar, então você pode me ajudar a estocar a nova remessa para a Maybelle.

Suspirando, eu a segui, mesmo que algo sombrio continuasse me incomodando no fundo da minha mente.

Ao subir o caminho de cascalho entre uma linha de carvalhos sólidos, seus troncos grossos, galhos pendurados, reconheci onde Sandra buscou sua inspiração para suas pinturas a óleo. Mesmo agora com o sol começando a se pôr, os raios alaranjados roçavam as árvores como em suas pinturas, o musgo espanhol balançava em uma brisa suave. Este lugar era lindo. Pacífico.

Sua casa de fazenda apareceu quando o caminho circulou para a frente. Em estilo colonial grego, era uma mansão situada em um cenário verdejante. Sandra saiu pela porta da frente para uma das colunas gregas e acenou, sorrindo brilhantemente. Ela usava um vestido vermelho-alaranjado, a saia longa e esvoaçante refletindo a luz fraca.

Eu parei e abaixei a janela do passageiro.

— Boa tarde. Eu tenho algo para você.

Ela riu.

— Oi, querido. — Seus olhos dispararam para a escultura coberta de lona que estava amarrada na traseira da minha caminhonete, a emoção iluminando seu rosto. — Mal posso esperar para ver. — Ela juntou as mãos.

— Espero que esteja feliz com isso. Mas onde vamos colocá-la? Eu gostaria de dar ré com minha caminhonete até o mais perto possível.

— Ah, claro. — Ela apoiou um antebraço no peitoril da janela da porta do passageiro e apontou com o outro. — Só volte entre os arbustos de azaleias. Você não poderá ir muito longe por causa da fonte de água, mas tenho o local perfeito no meu jardim, não é muito longe. — Ela virou seu sorriso brilhante para mim. — Costumo pintar no meu jardim, para que ela me faça companhia. — Seu olhar foi para a traseira da caminhonete novamente.

— Parece perfeito. Deixe-me fazer o retorno então.

Girando, dei ré entre os arbustos de azaleias ao longo da lateral da casa que se abriam para o que parecia ser um extenso jardim. Eu pulei para fora do caminhão e rapidamente baixei minha rampa que usava para entregas. Embora ela ainda não pudesse ver, a escultura estava amarrada a um grande carrinho e estendida na carroceria da caminhonete sob a lona. Puxei a escultura para fora, mantendo a lona sobre ela para uma grande revelação, esperando que Sandra ficasse satisfeita com o trabalho.

— Oh, meu Deus, Mateo. É enorme. Você consegue movê-la sozinho?

— Não é tão pesado quanto parece.

Isso era uma mentira. Era muito pesado com a quantidade de aço usado para renderizar sua escultura. Mas eu era um lobisomem e capaz de levantar dez vezes mais do que um macho humano poderia.

Ela não pareceu perceber isso e caminhou lentamente na minha frente para o jardim.

— Não é tão longe. Por aqui.

Passamos pela fonte de água, que definitivamente chamou minha atenção. A escultura em pedra branca no centro era a górgona grega Medusa, com os cabelos de cobra se contorcendo, os seios nus projetando-se orgulhosamente, o corpo transformado em rabo de cobra da cintura para baixo. O mais surpreendente era que ela segurava a cabeça de um grego em uma das mãos e a água escorria da base de sua garganta cortada como se fosse sangue. Seu lindo rosto expressava triunfo. Estranhamente, parecia a famosa escultura de Perseu segurando a cabeça da Medusa, só que ao contrário.

— Estranho — murmurei para mim mesmo. Sandra era excêntrica como todos os artistas, mas era muito estranho.

Um rosnado baixo, profundo e primitivo retumbou em meu estômago, do tipo que arrepiava os pelos dos meus próprios braços, mesmo sendo eu quem o fazia.

— Bem por aqui — disse Sandra, já desaparecendo em torno de uma parede de arbustos.

Acalme-se, eu disse a ele. Mas ele não respondeu. Ainda assim, eu podia senti-lo agachado, como se fosse atacar.

Manobrando ao redor da fonte gotejante, eu a segui até um quadrado aberto de topiarias e arbustos em forma de criaturas mitológicas. Avistei um dragão e um cervo antes de me concentrar. Havia uma laje de pedra vazia no centro da praça.

Sandra ficou um pouco além da laje e gesticulou.

— Bem no centro. Mal posso esperar para ver

Eu me acostumei com a excitabilidade de Sandra ao longo dos anos. Ela sempre delirava com meus trabalhos quando parava na galeria. Mas hoje, ela praticamente irradiava alegria. Era quase desanimador.

— Para que lado você quer que ela fique? Em direção à entrada, suponho?

— Sim. Isso parece perfeito.

Ela permaneceu quieta enquanto eu manobrava o carrinho e depois puxava a escultura da pá plana do carrinho na base. Puxei-o para o lado e comecei o trabalho de destravar as cordas elásticas.

— Eu realmente espero que você fique feliz com isso.

— Eu *sei* que vou ficar — ela jorrou.

— Caso contrário, terei que esculpir a substituição aqui mesmo para evitar outro grande transporte.

Ela riu, aproximando-se enquanto eu puxava a última corda elástica. Parte de mim desejava que ela não gostasse, para que eu pudesse levá-la para casa comigo. Eu não tinha percebido o quão apegado estaria a essa recriação de Evie.

— Está pronta?

— Pronta! — Ela bateu palmas.

Com um *whoosh*, tirei a lona de cima e revelei o que o dinheiro dela havia pago.

Ela engasgou, levando as mãos à boca.

— *Mateo* — sussurrou em um suspiro gutural que fez minha pele formigar por algum motivo.

— Você gostou? — Recuei, com as mãos nos bolsos da calça jeans, e a observei circular a escultura.

Ela riu de um jeito que me deixou arrepiado.

— Eu sabia que você iria fazê-la.

— Desculpe?

— A garota com quem você estava na cafeteria. — Seu olhar pousou no meu antes que ela se aproximasse, correndo os dedos ao longo do cabelo esculpido de Evie.

— Evie.

— Eu sabia que você a amava quando os vi juntos. — Ela estudou a escultura mais de perto, passando a mão pelo braço estendido. Então ela se inclinou e pressionou a boca na manga esvoaçante. — Eu posso sentir a magia que você usou para fazê-la. — Então ela sussurrou tão baixo que apenas minha audição de lobisomem poderia captar. — Tão perfeito, meu querido. Embora tenha arruinado meus planos originais.

— Com licença?

Alfa rosnou tão ferozmente que saiu da minha boca e encheu a praça do jardim. Sandra nem se mexeu. Na verdade, ela sorriu. Que porra estava acontecendo?

Mate ela. Ou corra. Agora.

Fiquei congelado por um milissegundo a mais. Sandra levitou para trás da laje em um piscar de olhos e gritou:

— *Lantul lui!*

Reconheci a língua romena, mas não as palavras. Não importava. Eu senti imediatamente. Correntes invisíveis prenderam meus pés no lugar. Eu rugi ao mesmo tempo que ela gritou outro encantamento. Não ouvi o que ela disse porque minha mente, minha boca e meu lobo estavam gritando e rosnando ao mesmo tempo.

Um círculo circundado por um fogo laranja etéreo envolveu-me por dentro com a escultura. Sandra acenou com a mão e o carrinho voou por cima dos arbustos e sumiu de vista, batendo com um estrondo.

— Você é a porra da bruxa?! — Saiu como uma pergunta e uma exclamação ensurdecadora ao mesmo tempo. — Como? — Balancei minha cabeça. Eu nunca tinha sentido magia nela. Nunca. Eu a conhecia há anos. Fodidos *anos* e não sabia.

— Meu querido Mateo, deixei você ver apenas o que eu queria que visse.

Ela andava descalça, pés que eu notei agora pareciam muito jovens para uma mulher de meia-idade. Seu cabelo levantado com a brisa, suas saias transparentes ondulando em um vento sobrenatural.

— Você é velha, não é?

Ela riu.

— Bastante. Muito além da expectativa, na verdade. Você é apenas um bebezinho para mim.

Pela primeira vez, ela deixou escapar outro sotaque de sua língua americanizada, um inglês.

— O que você quer?

Ela ficou na minha frente, fora de seu círculo de bruxa, um olhar sinistro cruzando seu lindo rosto.

— Eu tenho planos para você há muito tempo, querido. Quando nos conhecemos, pensei em como você era perfeito, tão moral.

Ela franziu a testa, erguendo os lábios com desgosto. Uma expressão feia que eu nunca a tinha visto fazer. Ela tinha sido uma boa atriz.

— O que você está falando?

— Influenciadora. Se eu tivesse pensado que poderia quebrar seu código moral com minha magia como uma Influenciadora, eu teria tentado. Mas eu sabia que isso não me traria o sucesso que queria. Então eu teria que corrompê-lo com uma maldição mais sombria.

Eu não podia acreditar no que eu estava ouvindo.

— Achei que você fosse uma artista genuína com os meios para construir nossa comunidade. Minha amiga!

— Eu era. Eu sou. Tenho os meios para fazer muitas coisas. Mas depois que percebi que minha magia natural não funcionaria em você, soube que você foi feito para algo mais complexo.

Complexo. O feitiço.

— O que esse feitiço faz? Como pode se beneficiar de enjaular meu lobo?

Enquanto isso, Alfa estava rosnando e mordendo minha cabeça, pronto para tirar sangue, rasgar sua garganta.

— Uma coisa que você me fez perceber... — ela ergueu a mão no ar, com a palma aberta, e olhou por cima do ombro antes de voltar sua atenção para mim —, é que meu objetivo exigia um feitiço especial para alcançá-lo.

O tom gelado em sua voz, o fogo glacial em seus olhos e o tom superior que usava me disseram que eu nunca conheci essa mulher. Essa mulher que eu pensava ser minha amiga, que me ajudou a construir meu negócio, que me mostrou bondade ao longo dos anos, não era minha amiga de jeito nenhum. Uma bruxa das trevas com um poder inacreditável. Com meu corpo completamente imóvel em seu círculo de fundição, eu estava com sérios problemas.

— O que você quer? — Eu reclamei.

— Tudo, meu querido. E você vai me dar.

Algo pequeno voou do ar e bateu em sua palma aberta. Ela me mostrou meu próprio telefone em suas mãos. Ela o convocou telecineticamente do assento da minha caminhonete.

— Puta merda. — Ser capaz de mover as coisas telecineticamente fora da visão significava que ela era muito mais poderosa do que a bruxa comum. — O que o feitiço faz? — Eu perguntei enquanto ela batia no meu telefone.

— Diga-me, Mateo. O que seu lobo precisa mais do que qualquer coisa no mundo?

Sangue.

Eu não abri minha boca, minha frequência cardíaca disparou quando ela digitou no meu telefone, uma mensagem de texto que ela parecia estar digitando com os polegares. Ela terminou e ergueu os olhos, agora brilhando em azul na semiescuridão.

— Matar. Sua natureza primordial requer sangue acima de tudo — ela respondeu sua própria pergunta, sorrindo. — E suas necessidades se encaixam perfeitamente nas minhas.

— *O que* você está planejando fazer?

— A imortalidade tem um preço alto, querido. A magia do sangue requer um tipo especial de sacrifício para consentir com tal pedido. — Sua voz vibrava com magia, uma escuridão intangível ondulando no ar. — E um lobisomem muito moral matando a mulher que ama é o sacrifício *perfeito*. — Ela sorriu com más intenções, socando o ar para fora dos meus pulmões.

— *Não*. — Eu estava ofegante agora, o peito arfando. Influenciadora.

— Oh, sim. — Seu cabelo flutuava ao seu redor, ondulando em um vento mágico criado por ela. — Não posso alcançar totalmente a imortalidade, embora tenha conseguido enganar a morte até agora. Sei que esse tipo de sacrifício me renderá mais um século ou dois. — Ela deu de ombros. — Foi isso que durou da última vez.

Lutei com o que ela estava insinuando, que eu mataria Evie por seu sacrifício, a bile subindo em minha garganta.

— Eu nunca vou machucá-la. Nunca. Você escolheu o lobisomem errado.

Ela jogou a cabeça para trás e riu como o demônio que realmente era.

— Oh, sim, você vai. Eu pensei que seu lobo já a teria matado pelo jeito que vocês dois passaram tanto tempo juntos. Mas quando te vi na cafeteria, percebi que seu lobo precisa de um empurrão mágico.

Ela andou um pouco no círculo, olhando para o telefone em sua mão.

— Eu prendi você com todos os tipos de feitiços de sangue. E seu lobo. Ele está enjaulado por *muito* tempo.

Ela ergueu a mão livre sem segurar o telefone, então tamborilou com os dedos no ar. Um sinal de bruxa feito de ouro apareceu acima de seus dedos, flutuando em um círculo perfeito. Era uma chave.

— Assim que eu ativar o feitiço, seu lobo precisará rasgar a garganta de alguém. Eu me certifiquei disso com meu feitiço. Não há *nada* que o impeça de sentir o gosto de sangue.

Simm.

A resposta malévola de Alfa enviou um arrepio pelo meu corpo. Sandra sorriu, seus olhos misteriosos agora brilhando em vermelho, brilhando com ameaça no escuro.

— Vá para a porra do inferno.

— Ainda não. — Ela sorriu novamente, olhando para o telefone. — Primeiro, precisamos de um sacrifício de sangue.

— Ela grampeou meu telefone, então ouvi o *barulho* de uma mensagem saindo da caixa de texto. — E aposto que essa mensagem a faz correr para o lado de seu amante.

A onda de medo e fúria disparou pelo meu sangue. Eu gritei e me esforcei contra suas correntes invisíveis. Sandra riu novamente e estalou o dedo, bloqueando todos os sons dentro do círculo da bruxa. Tudo o que pude ouvir enquanto ela voltava para casa eram meus próprios gritos angustiados.

Capítulo 33



evie

— Essa nova ametista é linda. — Coloquei os pedaços de rocha roxa cristalizada no prato que Clara havia colocado em nossa mesa da frente.

— É, não é? Também encomendei alguns pedaços maiores de âmbar. Nossos clientes gostam.

Tomei um gole do chá que fiz e que Beryl me deu. Estávamos totalmente sem chá, então fui em frente e usei aquele. Provavelmente não era o que Beryl pretendia, mas depois dos eventos da noite passada, eu precisava de um estímulo.

— O que o âmbar faz mesmo? — Toneladas de pessoas, incluindo turistas durante todo o ano, vinham à loja em busca de algum tipo de ajuda metafísica.

— Extraí energia negativa e cura o corpo e a mente.

— Ou você poderia simplesmente ir a um curandeiro — eu ofereci, acariciando a cabeça de Z onde ele estava perto da caixa registradora.

— Verdade. — Clara montou sua linda exibição da maneira certa. — Mas quantos curandeiros estão disponíveis para as milhares de pessoas que sofrem?

Engraçado como Clara podia falar sobre os espíritos feridos do mundo com a mesma facilidade com que falava sobre fazer um bolo.

Meu telefone tocou no meu bolso de trás. Puxando-o para fora, meu coração deu um salto e deu uma cambalhota ao ver o nome de Mateo.

— Eu sei de quem é — disse Clara, dando-me um sorriso irônico.

Sem responder, toquei na mensagem aberta.

Mateo: *Oi. Entreguei minha escultura hoje, e você não vai acreditar no que descobri aqui. Eu sei quem lançou o feitiço. Venha me encontrar!*

Evie: *De jeito nenhum! Como? Eu pensei que você estava na casa de Sandra?*

Os pontinhos começaram a se mover antes que uma mensagem aparecesse.

Mateo: *Eu estou! Sandra sabe quem é, mas está com medo de me contar tudo. Ela quer, mas parece assustada. Achei que você poderia me ajudar a convencer ela a fazer isso. Por favor, venha me encontrar.*

Eu encarei a mensagem. Conversar com ela sobre isso? Parecia estranho. Por que ele simplesmente não me contou por

telefone? Como Sandra sabia de alguma coisa? Antes que eu pudesse responder, outra mensagem apareceu.

Mateo: *Se você estiver ocupada, tudo bem. Mas vou ficar e conversar um pouco com Sandra. Ela está com muito medo e precisa de um bom amigo agora para confortá-la. Posso não chegar em casa até tarde. Só pensei que gostaria de saber.*

Bem, inferno. Agora eu *tinha* que ir. Lembrei-me de como Sandra olhou para Mateo na cafeteria. Sim, eles eram amigos, mas eu não era estúpida. Ela pode ter uma queda pelo meu homem, e o monstrinho do ciúmes levantou sua cabeça feia. Eu não ia ficar aqui enquanto ele ficava e a *confortava* sobre o que quer que ela estivesse com medo. Além disso, ela sabia quem era a bruxa que lançou o feitiço?

— Clara, preciso ir. — Fui para trás do balcão e peguei minha mochila. — Mateo diz que a mulher a quem entregou seu projeto sabe quem lançou o feitiço sobre ele.

— O que? — Clara franziu a testa para mim e tenho certeza de que a estava olhando da mesma maneira. — Quem é ela?

— Uma boa amiga dele. Na verdade, ela é a razão pela qual ele tem aquela bela galeria.

Clara caminhou até a porta da loja, abriu a fechadura e virou a placa da porta para fechada.

— Eu estou indo com você.

— Incrível. Obrigada. — Acariciei a cabeça de Z ao passar. Ele soltou um miado estranho. — Volto daqui a pouco, Z.

Então partimos. Digitei de volta para deixar Mateo saber que eu estava a caminho, então ele me enviou o endereço. A caminhada fora da cidade foi realmente um passeio agradável, abrindo caminho de todo o concreto para o verde exuberante.

Clara me divertiu com as travessuras de nossos primos barulhentos depois que saímos do coquetel. Como Mateo e eu deixamos um rastro de tensão para trás, Travis decidiu começar uma linha de conga. Mas só depois que Drew conduziu uma rodada de shots, onde os derramou telecineticamente na garganta das bruxas ansiosas no bar.

— Me deixe adivinhar. Eles eram todos impressionantes e um pouco vigorosos — eu disse, seguindo as direções do meu GMap para fora da estrada principal.

— É de Drew que estamos falando. Claro, eles eram. Ele podia chamar a atenção de solteironas velhas e ressequidas.

— Mas isso não parece muito empolgante — eu disse. — Tomar shots telecineticamente?

— Oh, bem, Drew tinha uma estipulação para os participantes. Se derramar uma gota, ele lambe.

Eu sorri.

— Esse é o meu Drew. O que Cole estava fazendo? Carrancudo e revirando os olhos?

— Sim. Mas isso sempre atrai as bruxas difíceis de conseguir. Elas estavam fazendo o possível para chamar a atenção dele também.

— Pena que os caras tiveram que voltar tão cedo. — Um formigamento quente rodou em meu peito, um zumbido que chamou a minha magia. Era o chá. Eu me perguntei se talvez não devesse ter bebido hoje, já que Beryl me disse para esperar até a hora certa. Eu me senti focada. Forte.

Clara olhava pela janela enquanto passamos por uma área rural, com pouquíssimas casas ao redor.

— Eles foram questionados que, número um, você não disse a eles que estava, citando, morando com um lobisomem. E dois, você não o apresentou.

— Por favor. Eles só queriam tentar intimidá-lo com suas vibrações superprotetoras de irmão mais velho.

— Pode ser. Mas o pobre Travis realmente fez beicinho.

— Pelo que? Cinco minutos?

— Dez — disse Clara. — Aí ele formou a fila da conga e ficou tudo bem.

Eu balancei minha cabeça.

— Isso é Travis para você. Ele só quer toda a atenção. — Eu rio, me divertindo com as travessuras de Travis, mas o carro ficou quieto de repente. Olhei para Clara, sua expressão ficando sóbria rapidamente. — Ei. Você está bem?

Ela segurava a maçaneta da porta, os nós dos dedos brancos e o rosto sombrio como um túmulo.

— Ei, você está bem? — Ela olhou para a frente, sua postura ficando rígida. — Clara?

— Algo está errado.

Sáímos da estrada principal para um caminho arborizado e paramos em frente à casa. A caminhonete de Mateo estava parado à esquerda, onde ele deve ter estacionado para descarregar a escultura. A casa estava escura, mas havia tochas iluminando um caminho no jardim.

— Evie. Algo maligno está aqui.

— Mande uma mensagem para Jules.

Clara digitou uma mensagem rápida enquanto eu estacionava e saía do carro.

— *Espere* — ela sibilou, pulando também, e me encontrando na frente. — Devemos esperar.

— Jules vem?

Um zumbido. Clara olhou para o telefone.

— Ela está a caminho. Com Ruben.

Eu me perguntei por que ela trouxe Ruben, mas então não consegui pensar em nada além da compulsão alucinante de seguir o caminho que levava ao jardim.

— Está muito quieto, Clara.

— Eu sei. — Ela olhou ao redor nervosamente, o medo marcando seus olhos. Algo que nunca vi em Clara. — Devemos esperar.

Não havia nenhum som, então de repente um grito de gelar o sangue e o rugido de uma fera vieram da direção das tochas. Incapaz de ficar parado, decolei.

— Evie! — Clara correu atrás de mim. — Não vá!

— É Mateo!

Essa foi toda a explicação que consegui dar, porque não havia dúvida em minha mente de que o rugido veio do homem que eu amava. Ele estava com dor. Agonia. Ouvi os pés de Clara batendo atrás de mim quando passei por uma fonte e segui o caminho, contornando alguns arbustos altos em uma praça aberta onde parei em um suspiro.

Dentro do círculo de fogo de uma bruxa, que eu nunca tinha visto antes, estava Mateo de joelhos. Como se ele estivesse colado ali. E sim, ele estava gritando, desespero e medo brilhando em seus olhos, vidrados de lágrimas, mas não havia som. Nenhum mesmo. Eu estava confusa. E horrorizada.

Levei apenas dois segundos para absorver tudo isso antes de invocar minha magia, pronta para abrir um buraco no círculo para chegar até ele, quando duas coisas devastadoras aconteceram ao mesmo tempo. Um deles foi o baque distinto de algo pesado atingindo Clara e observando seu corpo cair no chão bem ao meu lado. O segundo foi um forte empurrão telecinético que me empurrou através do fogo e para dentro do círculo. Caí de bruços, deslizando pelo chão de pedra até Mateo.

Meu olhar voou para a escultura que ele fez à minha imagem, o aço prateado brilhando com o fogo mágico.

— Meu Deus, Evie. — Ele me puxou para ele e me apertou perto. — Eu sinto muito. Sinto muito.

Uma explosão de magia acendeu o ar. Eu pulei em seus braços, observando enquanto Clara lançava um raio de sua

magia em Sandra. *Sandra*, brilhando com uma aura vermelho-alaranjada, seus olhos brilhando como os de um demônio. O que diabos estava acontecendo?

Eu me perguntei o que a magia de Clara poderia fazer com alguém com a escuridão envolvendo-a como um manto, mas antes que eu pudesse descobrir, um grande objeto em minha periferia voou pela escuridão.

— Clara! — Eu gritei.

Ela olhou para mim uma fração de segundo antes de se virar, mas era tarde demais. Um plantador de pedra vazio bateu na lateral da cabeça dela. Ela caiu mole no chão. Eu gritei, esperando e rezando para que ela estivesse apenas inconsciente.

— Isso não é fofo? — veio a voz da bruxa sinistra. Eu tentei entender o fato de que ela era a única o tempo todo, mas ela falou de novo e me tirou da minha confusão atordoada. — Que despedida carinhosa.

Sandra ficou do lado de fora do fogo etéreo, sacudindo os dedos de uma mão no ar, girando o sinal de bruxa flutuando acima de sua palma.

— A chave — eu murmurei.

— Sim — ela sibilou com veneno —, a chave.

— O que isso faz? — Eu estava ganhando tempo, tentando descobrir o que fazer, esperando que Jules e Ruben chegassem rápido. Mas levamos trinta minutos para chegar aqui de carro.

— Você vai descobrir. Não preocupe sua linda cabecinha. Mateo vai te mostrar.

Então ela jogou o braço para frente e para trás como se estivesse jogando uma bola de beisebol, murmurando um feitiço em algum outro idioma. O sinal de bruxa ardente acelerou pelo ar como uma flecha direto pelo meu corpo até Mateo. Ele caiu de costas com um gemido agonizante, as gravuras do símbolo da bruxa brilhando em sua pele como naquela noite em Bayou Sauvage.

— Mateo. — Rastejei até ele, mas ele me empurrou com tanta força que deslizei pela laje até a base da escultura.

Sandra continuou a murmurar algum encantamento, o fogo da bruxa lambendo agora com chamas vermelho-sangue, lançando Mateo em um brilho misterioso. Ele ficou em toda a sua altura, não mais acorrentado a um lugar, seu peito arfando com tanta força, seus olhos brilhando mais do que o sol.

Ele balançou a cabeça, sua voz caindo para um alcance gutural quando disse:

— Sinto muito, Evie. — Ele rasgou a camisa do peito com garras.

Porra! Sim, garras negras se estendiam de suas mãos que eram alongadas e protuberantes. Assim como seus braços, seu peito inchando, crescendo, ossos estalando enquanto se remodelaram em seu outro eu.

— Lembre-se — ele disse, sua voz quase desumana —, eu te amo.

Então sua cabeça jogou para trás com um som aterrorizante que era parte uivo e parte gemido. Uma besta em dor. Eu não

conseguia nem pensar direito, observando sua pele, seu corpo, saindo de suas roupas. Seu jeans rasgou quando seus membros cresceram e se transformaram no lobisomem que ele era sob o homem. Meu pesadelo ganhou vida bem na minha frente, seu rosto se contorcendo, alongando-se em um focinho canino, mandíbulas muito largas e presas muito afiadas para serem naturais nesta terra. Ele caiu de quatro, e ainda assim, ele era tão grande, tão gigante.

A risada perversa ecoando fora deste círculo infernal atraiu minha atenção para ela. Sandra.

— Por quê? — Eu perguntei.

— Você vai ver. — Ela sorriu como uma criança má com um segredo.

Olhei para Clara, ainda inconsciente no chão.

— Um feitiço de sangue — eu sussurrei mais para mim mesma.

— Sim, querida. O melhor que já criei. Esta é de longe a minha melhor obra de arte.

Levantei-me, me movendo devagar, muito devagar, atrás da escultura, observando Mateo, que arfava e respirava com dificuldade, a cabeça gigante abaixada no chão, a saliva pingando de suas mandíbulas abertas no concreto em um splat.

— Você é uma influenciadora, não é? — Essa é a única maneira de ela passar despercebida, escondendo a magia com sua própria magia, uma espécie de glamour que alguns como sua espécie eram capazes de usar.

— De fato. Uma muito velha e experiente. Embora eu precise de algo de você para viver mais tempo.

— Você precisa de sangue para um feitiço de sangue — eu disse como uma idiota total.

— Sim, eu preciso.

Meu Deus, minhas irmãs. Eu precisava delas. *Clara, por favor, fique bem.* Lágrimas picaram, mas eu pisquei para afastá-las.

— O que exatamente deveria acontecer aqui? — Eu respirei em um sussurro abafado.

— Eu soltei o lobo, querida Evie. E ele está tão, tão faminto por sangue. Ele está enjaulado há muito tempo. E você vai fornecer a refeição perfeita.

— Ele nunca me machucaria. — Eu sabia disso em meus ossos.

— Talvez não. Então eu vou ajudá-lo com um pouco de *influência*.

Agarrei o braço da escultura e notei que minhas mãos não se pareciam com as minhas. Puxei um pouco do meu cabelo na frente do meu rosto para ver que era loiro.

— Não. — A bile subiu pela minha garganta quando percebi suas intenções. Eu não podia acreditar. Ela ia enganar Mateo. Com seus sentidos disparando em órbita e querendo sangue, ele me veria – parecendo Sandra – como o inimigo. Eu o observei, ainda de quatro, rosnando baixinho, respirando profundamente.

Eu seria o sacrifício de sangue.

Mateo morreria assim que descobrisse o que tinha feito. Ele não sobreviveria depois de me matar. Minha magia. Eu precisava buscar minha magia. Enquanto eu estava petrificada, minha mente ainda estava clara e focada. O chá. Minha pequena habilidade psíquica que todas as bruxas tinham deve ter me levado a beber aquele chá.

Foco. Olhei para o símbolo da bruxa sobre a pele de Mateo, brilhando com um brilho misterioso.

O olhar de Mateo, ou melhor, de Alfa, disparou para o meu, o olhar mais feroz que eu já vi torcendo seu rosto em um rosnado selvagem. Ele se ergueu sobre as patas traseiras, com mais de 2,5 metros de altura.

— Sou eu, Alfa. Evie. Você me conhece.

Felizmente, minha voz ainda soava como a minha. Mas obviamente não foi o suficiente. Seu foco mortal em mim, ele investiu, lutando ao redor da estátua para agarrar meu braço. Eu gritei e dei um soco de magia, jogando-o na parede invisível do círculo de bruxas. Ele balançou a cabeça, atacando-me novamente, um filete de sangue caindo no chão de pedra branca. Ele começou a circular em torno da estátua. Eu me movi na direção oposta, tentando não entrar em pânico com apenas duas opções aqui.

Eu poderia continuar batendo nele contra a parede impenetrável que Sandra havia erguido, o que poderia muito

bem matá-lo antes mesmo de deixá-lo inconsciente. Ou eu poderia deixá-lo me matar.

Há uma terceira opção, Quebradora de Feitiços, sussurrou uma voz suave. Um formigamento nas veias e uma rajada de vento. Minha magia. Ela estava falando comigo, enchendo meu sangue com promessa e poder.

Mateo atacou novamente. Rolei para longe, mas suas garras arranharam a lateral das minhas costelas. Eu gritei e o empurrei com um empurrão telecinético novamente, quicando-o contra a barreira.

Quebradora de Feitiços.

Sim. Eu era uma quebradora de feitiços.

Meus dons se estendiam a feitiços de torção. Quando éramos meninas, Violet e eu gostávamos do mesmo garoto na escola, Tommy Hartford. Bem no meio da aula de Estudos Sociais, Violet lançou um feitiço de catapora em mim para que eu começasse a ter urticárias vermelhas brilhantes. Sem pensar, mudei a direção do feitiço e joguei-o de volta em Violet. Assim como Mandy Parker e Carrie Henagan, que por acaso estavam rondando a mesa de Violet na época. Eu não quebrei o feitiço, mas o mudei.

Isso não era um feitiço de catapora. Não pensei que pudesse distorcer um feitiço de sangue. Mas eu ia morrer tentando.

Quando Mateo investiu desta vez, ele saltou direto sobre mim, arranhando minhas costas. Eu gritei e soquei um raio

gigante de magia nele, jogando-o com tanta força que ouvi sua perna estalar.

— Sua cadela! — gritou Sandra. — O que é que você fez? — Ela andou do outro lado.

Mateo choramingou, minha magia irradiando do meu corpo, zumbindo ao longo da minha pele de uma forma que eu sabia que estava ficando sem energia.

— Mateo — sussurrei, limpando a lágrima que saltou do meu olho e rastejando pela laje.

Ele ficou de lado, choramingando, o peito arfando. Sandra estava resmungando de novo, carregando seu feitiço, a pressão dentro do anel comprimindo meu peito e minha cabeça. Mateo rosnou, levantando a metade da frente de seu corpo em seus braços musculosos. Enquanto Sandra continuava aumentando, o sinal de bruxa em seu corpo brilhava em branco, parecendo queimar em sua pele. Ele uivou de dor. Os símbolos giravam em minha mente, aquela voz interior batendo em meu ombro.

Então eu fechei meus olhos, deixei ir e escutei. Bloqueando meu medo e minha vontade de controlar o que não podia, observei os sinais girarem e girarem em minha cabeça, girando até não fazerem sentido, até não ver nada, mas sentir seu significado. Senti tudo.

— Não é poder. — Abri meus olhos, petrificada com o olhar fixo no olhar dourado de Mateo em mim enquanto ele se agachava de quatro, enorme e imponente, aproximando-se.

— É ódio — eu sussurrei. — O ódio a alimenta. Alimenta o feitiço.

Como se concordasse, Mateo rosnou, exibindo suas presas afiadas como navalhas.

— *Viens à moi, mon amour* — sussurrei.

Suas orelhas pontudas se ergueram ao som da minha voz, ainda me vendo sob o disfarce de Sandra.

Ele fez. Ele veio até mim, um monstro predador vindo em minha direção, como no meu pesadelo. Eu fiquei no chão e o deixei rastejar pelo meu corpo, pairando sobre mim com uma ameaça terrível e sede de sangue em seus olhos.

— *Atenção*, amor. — Minha voz tremeu, mas a magia rodou ao meu redor, me envolvendo com a certeza do que eu precisava fazer. — Ainda não. Não me mate ainda.

Pressionei as palmas das mãos contra o peito, reunindo imagens de amor em minha mente: Clara fazendo o discurso no Dia de Ação de Graças, Jules colocando o braço em volta do meu ombro do lado de fora do Roosevelt, Violet rindo de pura alegria na sala de estar e Mateo. Mateo abrindo a porta da caminhonete para mim, dançando comigo no Caldeirão, preparando o café da manhã, prendendo meu cabelo atrás da orelha e olhando para mim como se eu fosse a única mulher no mundo, me resgatando da festa e me amando... me amando com seu corpo, suas mãos, suas palavras.

Colocando tudo dentro do meu peito, eu olhei em seus olhos e coloquei minhas mãos em seu peito, coberto de pelos grossos e arfando em grandes golfadas de ar.

— *Arrêtez.*

Um clarão ofuscante de luz elétrica verde saiu de meu corpo e varreu para fora, espalhando as chamas vermelhas do círculo da bruxa. Sandra gritou. Olhei para minhas mãos ainda pressionadas no peito de Mateo, reconhecendo-as como minhas. A pressão se foi, mas o círculo da bruxa permaneceu intacto. Minhas mãos tremiam, meu corpo ficando mole com o último dreno de magia. Eles caíram ao meu lado, e eu olhei para o que ainda poderia ser a minha morte.

Meu amor.

Os olhos de Mateo se estreitaram, ainda dourados, cheios do lobo. Alfa. Suas mandíbulas se abriram, um rosnado retumbando de algum lugar profundo e escuro dentro dele. Então usei o único poder que me restava.

— Sou eu, Alfa. *Sua* Evie. — Uma lágrima escorreu de um olho e caiu no meu cabelo.

Suas pupilas dilataram, concentrando-se, observando a caminhada de outra lágrima deslizando livre. Tremendo, estendi minha mão em direção ao rosto dele, tão lentamente. Ele observou, seu rosnado retumbando mais alto.

— Lembre-se da noite passada — eu sussurrei. — Lembre-se disso. — Com os dedos tremendo, pressionei levemente sua

mandíbula gigante. — Eu sou sua, lembra? — Um soluço irregular sacudiu meu peito. — Por favor lembre-se.

Sua cabeça enorme mergulhou mais baixo, então se inclinou para a mão que eu coloquei em sua mandíbula. Deixei cair, mas ele saiu e apertou suas mandíbulas no meu pulso; sempre, muito gentilmente. Então ele soltou e lambeu meu pulso, minha palma, meus dedos, a língua grande e quente lambendo minha mão, seu rosnado desaparecendo em um gemido de cão. Então ele enfiou o focinho no meu cabelo, lambendo meu pescoço. Antes que eu soubesse o que estava acontecendo, ele envolveu uma mão em forma de garra em volta da minha cintura e me levantou em uma posição meio sentada, minhas costas cruzando seu colo, minha cabeça em seu peito.

— Não! Como! — gritou Sandra, tendo o que vovó Maybelle chamaria de acesso de raiva. — Como você fez isso, sua vadia! Ele precisa de sangue. Todos os lobisomens devem querer depois de tanto tempo!

Ela estava reclamando agora e esbofeteou o círculo da bruxa, uma coroa de fumaça pairando no ar da noite. Ela começou a cruzar o círculo, mas antes de dar dois passos, alguém falou à nossa direita.

— A fera não precisa matar, não importa quanto tempo esteja enjaulada. — Jules estava do lado de fora do círculo de fumaça, com as mãos aureoladas de verde com magia, os pés plantados separados e os olhos brilhando com o poder da bruxa e a vingança de uma irmã. Ruben estava bem atrás dela. — Não

quando encontrou sua companheira. E como você pode ver, ele a encontrou.

O olhar horrorizado de Sandra estalou para mim e Mateo, então Jules soltou todo o poder da Executora.

— Uau — eu sussurrei.

Eu a vi sugar os poderes daqueles que quebraram nossas leis antes. Geralmente era um momento tranquilo e sem intercorrências. Um clarão de sua magia, um estalo, e acabou. Mas a chama do poder de Jules explodindo em Sandra, que estava inchada com magia de sangue, foi estrondosa. Seu grito foi cortado em nada depois de dois segundos, seu corpo perfurado com toda a força do poder de um Sifão. Seguiu-se um silêncio ensurdecido, fumaça subindo ao redor de Sandra.

Quando clareou, no belo e poderoso lugar da bruxa, havia uma bruxa murcha e encurvada, com cabelos grisalhos murchos e oleosos. Ela tremeu, olhando para suas mãos enrugadas, choramingando com a perda de magia. Pois eu sabia que Jules havia tirado cada grama dela. Sua beleza que havia sido tirada do sacrifício de inocentes havia desaparecido, deixando para trás uma casca de mulher.

Ruben deu um passo à frente ao lado de Jules. O rosto encolhido e os olhos redondos de Sandra se ergueram.

— Não se aproxime de mim, diabo. — Sua voz também havia perdido sua doce melodia, substituída por um som áspero e rouco.

— Olha quem está chamando quem de diabo — disse Ruben em seu timbre controlado. — Melhor correr, bruxa. Ou devo dizer, humana? Se voltarmos a vê-la, você não sobreviverá.

Ela gritou e mancou em direção à floresta atrás de seu jardim.

— Eu duvido que ela viva muito mesmo — disse Jules. — Não sem a magia.

Eu exaleei um suspiro de alívio. Então Jules olhou para mim e correu pela laje de pedra. Mateo estalou as mandíbulas com um rosnado feroz para ela, ainda me segurando contra seu peito gigantesco. Ruben correu para Clara, que ainda estava inconsciente.

— Calma — disse Jules, levantando as mãos em sinal de rendição. — Calma, Mateo. Sou só eu.

Ele não estava aceitando isso, rosnando mais profundamente. Eu me soltei de seu aperto, acariciando-o em sua mandíbula, seu ombro. Sim, eu estava acariciando meu namorado. Ele agarrou minha cintura com uma mão em forma de garra, não me deixando ir longe.

— Nos dê um minuto — eu disse por cima do meu ombro.

— Eveleen — ela disse na voz da mamãe. — Eu preciso ver se você está bem.

— Estou ilesa. Mas ele vai precisar de um médico. Vamos dar o fora daqui.

Depois de alguns segundos, ela me deu um aceno apertado.

— Vou ligar para Beryl. — Ela ficou. — Ruben, Clara está bem?

— Ela está bem. Um galo na cabeça. — Ele a ergueu em seus braços. — Vou colocá-la no SUV de Evie.

— Não vou longe — disse ela, seguindo Ruben.

Olhando de volta para o meu lobisomem, cujo olhar não tinha deixado o meu, exceto para morder e rosnar para Jules. Até Alfa olhou para mim com o mesmo desejo que Mateo fez.

— Alfa — arrulhei, acariciando-o perto de sua orelha. Seus olhos deslizaram semicerrados em um gemido que eu reconheci. — Eu preciso que você deixe Mateo voltar. — Ele bufou para mim, aninhando-se contra a minha mão. — Precisamos curar sua perna, Alfa. — Ele piscou. Pesado, olhando. — Não podemos fazer sexo até curarmos essa perna. — Um grunhido de protesto saiu. Ele se inclinou e lambeu meu pescoço novamente. — Deixe Mateo voltar, querido. — Eu apertei seu pescoço musculoso e protuberante. — Por favor.

Ele começou a encolher no segundo que eu disse por favor, transformando-se de volta em algo familiar. Eu segurei sua cabeça perto de mim enquanto seu corpo se movia, o cabelo áspero desaparecendo, a besta desaparecendo no corpo musculoso do meu homem. Quando ele finalmente voltou a ser ele mesmo, ofegante em meu ouvido, ele se afastou, olhando para mim esparramada em seu colo.

Ele segurou meu rosto e pressionou sua testa na minha, liberando um arrepio e uma respiração instável.

— Evie.

Eu ri, derramando lágrimas quando me sentei e passei meus braços ao redor dele, enterrando minha cabeça em seu pescoço.

— Mateo. — Eu beijei sua bochecha desalinhada, meu coração batendo como um louco. — Eu te amo. Tanto. Eu te amo.

Afastando-se para que pudesse me ver, ele sorriu, aqueles olhos castanhos quentes absorvendo cada linha do meu rosto. Sua boca se inclinou para um lado.

— Eu sei.

O que? Não é o que eu esperava, então eu...

— Oh, meu Deus, Mateo. Você acabou de citar *Star Wars* para mim?

Ele sorriu, nenhuma presa aparecendo. Mas o lobo diabólico brilhou em seus olhos de qualquer maneira.

— Com certeza.

Joguei minha cabeça para trás, rindo de como eu amava insanamente esse homem. Ele riu, então notei uma gota de sangue no canto de sua boca.

— Oh, querido, eu te machuquei. — Sentei-me de joelhos e limpei-o.

Ele pegou meu pulso.

— Obrigado.

— Pelo que?

— Por me salvar. Eu não tinha ideia... — Ele engoliu em seco, seu pomo de adão balançando. — Eu não sabia que ela era uma...

— Pare. — Dei um beijo rápido em sua boca. — Nenhum de nós sabia. Estou feliz por ter descoberto como quebrar o feitiço dela.

Ele franziu a testa, olhando enquanto Ruben voltava para a clareira.

— Como você fez isso?

— Fácil — respondi, pensando em minha mãe. — Lembrei-me de que era mais forte do que ela.

Ruben estava lá, inclinando-se.

— Vamos lá, cara. Temos que levar você até o carro.

Estremeci ao ver a perna obviamente quebrada de Mateo. Quero dizer, não era como se tivesse um osso saindo de sua perna ou algo assim, mas havia uma fratura definitiva abaixo de uma rótula. Os lobisomens curavam rápido, mas Beryl poderia ajudar a defini-lo com magia para que curasse perfeitamente.

— Você precisa de ajuda? — Jules entrou na praça, mas rapidamente voltou. — Uau, garoto.

Eu ri. Mateo estava completamente nu.

— Vou esperar no carro! — ela gritou por cima do ombro com um aceno.

— Ótimo — murmurou Ruben, olhando para o chão enquanto ajudava Mateo a andar usando uma perna.

Eu corri sob seu outro braço e segurei sua cintura, sorrindo para ele.

Ele estremeceu um pouco, mas sorriu para mim enquanto mancamos.

- Desculpe por arruinar nossos planos esta noite.
- Não tem problema. Temos mais um milhão de noites.
- Um milhão?
- Sim. Espere um minuto. Quantos anos você tem?
- 123.

Suspirei de alívio, calculando.

— Temos umas boas cem mil ou mais noites, para ser mais precisa.

Ele varreu meu rosto com aqueles olhos castanhos penetrantes, balançando a cabeça suavemente.

— Isso não será suficiente.

— Mateo. — Minha voz engasgou um pouco. Eu o apertei pela cintura, um caroço se formando na minha garganta.

Ele roçou um beijo na minha testa.

— Eu te amo.

Sorrindo de orelha a orelha, levantei e beijei sua boca perfeita.

— Eu sei.

Epílogo



Um ano e um mês depois...

mateo

Eu sorri como um louco, observando Evie pular na ponta dos pés e colocar sua etiqueta de expositora.

— É real — disse ela.

— Sim. É real. — Eu agarrei a mão dela e marchei para onde eu tinha deixado Missy enquanto Evie fazia o check-in. — Agora vamos ver o seu estande.

— Meu estande — disse ela em um suspiro. — Vamos ver meu estande. *Meu* estande.

— É para lá que vamos.

— Puta merda, Mateo — ela sibilou, agarrando uma mão em meu braço. Ela apontou para um cara com uma longa fila, autografando gibis. Ela praticamente gritou: — Esse é Todd McFarlane.

— Não sei quem é, querida.

Ela zombou com um revirar gigante de seus lindos olhos.

— Bem, você conhece *O Incrível Homem-Aranha*? *Spawn*? *Venom*? — Ela parou de andar. — Oh, meu Deus. O que eu estou fazendo? Eu não pertencço a este lugar.

Eu me virei e agarrei-a pelos ombros, inclinando meu rosto para o dela, nariz com nariz.

— Sim, você pertence.

— Sim, eu pertencço — ela repetiu, piscando os olhos arregalados.

— Essa é a minha garota. — Dei um beijo em seus lábios, unimos nossas mãos, então puxei-a para a mesa onde Missy estava terminando com o estandarte.

— Mateo! — Evie gritou.

Missy pulou e girou, segurando o peito.

— *Nossa*. — Ela soltou um grande suspiro. — Você quase me matou de susto. — Missy olhou de Evie para o banner. — Fiz algo de errado? Oh, não. Não me diga que algo está errado!

Evie tropeçou para frente e envolveu Missy em um abraço.

— É perfeito. Tão perfeito.

Eu estava gostando muito do papel de namorado solidário.

Então Evie girou e saltou sobre mim, envolvendo as pernas em volta da minha cintura. Eu tropecei para trás, mas recuperei o equilíbrio enquanto ela salpicava beijos por todo o meu rosto.

— Você é o melhor namorado do mundo inteiro.

— Eu gostaria de discutir, mas estou gostando de sua gratidão entusiástica. — Eu admiti, sorrindo.

Ela sorriu de volta por cerca de trinta segundos, olhando para mim com o melhor olhar pateta que já vi. Então ela abaixou as pernas, olhando por cima do meu ombro para as pessoas que circulavam pela Wizard World Comic Con. O banner era uma ampliação gigante de seu personagem principal com o título *Bruxas na Cidade* e seu nome no roteiro ousado que ela usava em seus quadrinhos.

— Obrigado, Missy. — Eu dei a ela um aceno de cabeça. — Eu aprecio toda a sua ajuda.

— Aqui está sua etiqueta. — Ela a tirou de uma caixa e o entregou. — Que vocês tenham um ótimo dia. — Missy acenou e se dirigiu para a saída do Centro de Convenções.

Observei o rosto de Evie enquanto colocava minha etiqueta, seus lábios lendo silenciosamente, seu rosto doce se iluminando.

— Você é meu assistente? — Sua voz falhou com a emoção, as sobrancelhas viradas para baixo como um cachorrinho.

— Eu sou. — Então eu a girei para ficar atrás da mesa. — Vamos colocar você no lugar certo. As pessoas estão realmente começando a entrar agora.

— Bem, estou muito feliz por estar aqui — ela disse, sentando-se com uma pilha de seus próprios quadrinhos brilhantes e brilhantes ao lado dela. — Quero dizer, não espero realmente conhecer muitas pessoas...

— Meu Deus! Você é Evie Savoie! — Duas garotas, uma com cabelo loiro curto espetado ao lado da outra com corte de

cabelo fauxhawk, correram para perto. Ela estava segurando seu próprio exemplar da primeira edição de *As Bruxas na Cidade*. Mais como agarrando ele amorosamente contra seu peito. — Eu poderia, quero dizer, você se importaria de autografar isso para mim?

Evie sorriu.

— É claro. Eu adoraria! — Ela olhou ao redor da mesa, lutando, afastando os cartões-postais que apresentavam uma figura encapuzada na sombra, seu lobo caminhando ao lado dele e o roteiro, *Sr. Lobisomem, Em Breve*.

— Aqui, Sra. Savoie. — Entreguei a ela o marca-texto preto de ponta fina.

— Obrigada. — Ela deu outro sorriso que me atingiu no estômago.

Oh, porra, sim. Vamos ter o melhor boquete de nossas vidas esta noite.

Provavelmente, eu admiti.

Mesmo depois que o feitiço foi quebrado, Alfa não me deixou. Por alguma razão, não fiquei realmente surpreso. E por algum motivo insanamente esquisito, isso realmente não me incomodou. Eu me acostumei com ele, e com Evie ao meu lado, ele se comportou. Na maior parte do tempo.

As garotas na frente de sua mesa se entusiasmaram com as edições que leram, que eram todas elas, implorando por notícias quando a próxima fosse lançada.

— Você pode seguir o boletim informativo semanal dela — eu entrei na conversa, entregando a elas um cartão de visita com todas as redes sociais de Evie listadas.

— Uau! — gritou a garota de cabelo espetado. — Muito obrigada.

Isso me rendeu outro lindo sorriso da minha linda garota. Depois de mais dez minutos, as meninas pediram uma selfie. Ofereci meus serviços para conseguir uma boa foto com ela ao lado do banner, porque esse era o tipo de namorado que eu era. Então seu primeiro momento fangirling acabou. Evie olhou para o teto.

— Eu não posso acreditar. Eu tenho fãs.

— Você sabe que tem fãs. Desde ontem à noite, você tem mais de quarenta mil curtidas nos episódios da sua Webtoon e suas edições impressas estão vendendo muito bem. Bam não consegue deixá-las em estoque.

Bam. Aquele filho da puta. Adoro vê-lo mijar nas calças toda vez que entramos para entregar a nova edição toda semana.

Sim. Eu também.

Estamos tão sincronizados.

— Oh, isso parece legal — disse uma garota em uma fantasia de cosplay de Jedi, parecendo idêntica a Rey de *Star Wars*.

— Sua fantasia é incrível — disse Evie, seu queixo caído.

— Obrigada. Adorei sua camiseta.

Evie corou. Ela me perguntou pelo menos dez vezes se sua camiseta era muito impertinente para a Comic Con. Eu tive que lembrá-la que foi ela quem me disse que era o lugar onde “malucos e geeks se unem”. Esse foi o fator decisivo para usar aquele com Deadpool lambendo um pirulito com um balão de fala dizendo: *A prática leva à perfeição*.

— Você é a criadora desta história em quadrinhos?

— Sou eu — ela admitiu brilhantemente.

Eu a observei em seu elemento, envolvendo-se com sua nova fã, completamente relaxada e incrivelmente feliz, sorrindo e rindo com tanta alegria que me deixou sem fôlego. Esta mulher. Tão incrível. E ela era minha.

Nossa.

Depois de um tempo, Rey comprou as três primeiras edições, depois foi para outra mesa com filas muito mais longas, e o dia continuou. Os fãs que a seguiram no aplicativo Webtoon e compraram seus quadrinhos na cidade na loja do Bam chegaram ao longo do dia, assim como novos fãs. Quando eu trouxe para ela um almoço de po'boys de camarão e batatas fritas, porque ela não queria sair da mesa nem por um segundo, encontrei um cara parado na frente dela, com a testa franzida em concentração e ouvindo Evie falar. Ela estava sendo animada com as mãos, então eu sabia que ela estava animada com o que quer que estivesse dizendo.

Quando me sentei ao lado dela, ela se virou para mim, os olhos arregalados e expressivos de excitação. Seu pulso disparou

tão rápido que coloquei a mão em seu joelho sob a mesa para tentar aliviá-la.

— Mateo, este é Hugh Morton. Ele trabalha com a Agência Holloman.

— Prazer em conhecê-lo. — Apertei sua mão.

— Você é o agente dela? — ele perguntou.

Eu balancei minha cabeça.

— O namorado dela.

— Oh. — Ele sorriu mais brilhante. — Bem, ela vai precisar de um agente. Eu represento alguns artistas de quadrinhos que você deve conhecer. — Ele apontou para um cara do outro lado do caminho que tinha longas filas o dia todo. — Eu ficaria feliz em enviar algumas referências, então talvez possamos discutir o que posso oferecer com mais detalhes.

— Muito obrigada. Quero dizer, estou um pouco chocada aqui — ela admitiu com uma risada nervosa.

— Bem, eu vou te dizer. Você está indo muito bem sozinha. Foi assim que te vi. Eu tenho acompanhado alguns fandoms de quadrinhos, e continuo vendo menções de *As Bruxas na Cidade*. Então eu a vi na lista do Wizard World. De qualquer forma, estarei indo para a próxima parada para a convenção em Houston e depois voltando para LA, mas realmente gostaria de conversar mais. — Ele entregou seu cartão de visita.

— Muito obrigada. — Ela pegou o cartão e olhou para ele, mordendo o lábio inferior.

— Eu entendo se você quiser permanecer indie. Muitos artistas são muito bem-sucedidos por conta própria no clima editorial de hoje. — Ele bateu no cartão que ela segurava em sua mão. — Mas se quiser lançar com os grandes, gostaria de trabalhar com você.

Ela olhou para ele, com os olhos arregalados.

— Eu amo os cachorros grandes.

Porra certo, você ama. *Muito* grande.

— Bem, então. Pense bem e me ligue na semana que vem?

— Ele me deu um aceno de cabeça. — Prazer em conhecê-la. — Então ele voltou para a mesa onde seu cliente estava trabalhando em sua longa fila.

Girando em seu assento, ela balançou a cabeça, completamente perdida. Muda. Agarrando sua mão, eu a arrastei pelo corredor e em torno de uma seção com cortinas para intervalos para expositores. Felizmente, ninguém estava lá. Eu a puxei para perto da janela com uma visão ampla do tráfego se acumulando no Canal Street, perto do Hilton, com vista para o rio Mississippi.

— Viu? — Segurando seu lindo rosto em minhas mãos, dei um beijo suave em seus lábios. — Você fez isso.

— Eu não posso acreditar. Tive uma ajudinha.

— Não. Só um empurrãozinho.

— Um grande empurrão.

Provando seus lábios, eu sussurrei:

— Eu gostaria de empurrá-la com outra coisa grande.

Ela tinha uma mão no meu cabelo, agarrando e puxando minha cabeça para baixo para que pudesse alcançar.

— Eu realmente, realmente quero outra coisa grande.

Ela mergulhou, varrendo sua língua contra a minha de uma forma agressiva que me deixou duro pra caralho. Pegando-a pela bunda, pressionei suas costas contra a janela e me delicieei com sua boca. Aqueles lábios. Aquele doce, doce sorriso.

Eu gemi, me esfregando nela.

— Quando isso acaba?

— Não por mais quatro horas — ela respirou, mordendo meu lábio e esfregando sua boceta coberta pelo jeans contra mim.

Olhei para a alcova, vendo algumas portas que levavam sabe-se lá para onde. Certamente, um era um armário. Espere, o que diabos eu estava pensando? Deixamos todo o estoque dela, o tablet com a leitora de cartão de crédito sobre a mesa e uma bolsa com dinheiro embaixo da mesa. Eu juro, ela me fez perder a cabeça.

Quebrando um beijo que não deveríamos ter em semipúblico de qualquer maneira, eu olhei para ela. O sol estava alto sobre os arranha-céus, brilhando através do halo de cabelos ralos ao redor de seu rosto que havia se soltado de seu rabo de cavalo.

— Devemos voltar — sussurrei sem muita convicção.

— Não. Devíamos ir procurar um armário.

Porra, se ela não estava tendo pensamento muito parecidos com o meu. Eu ri.

— Alguém pode roubar todas as suas coisas.

— Eu não me importo. — Ela sorriu, balançando a cabeça, seu rabo de cavalo balançando ao sol.

Eu escovei as costas dos meus dedos ao longo de sua bochecha.

— Você é tão linda, Evie.

Ela gemeu com um beicinho.

— Agora eu realmente *quero* encontrar um armário.

Eu a coloquei de pé.

— Não, baby. Seus fãs estão esperando.

Seu sorriso elétrico iluminou seu rosto.

— Eu tenho fãs. — Mais uma vez, aquele teor prosaico como ela estava tentando convencer a si mesma.

— Você tem. Muitos deles.

— E eu tenho um namorado ótimo que é meu assistente por um dia.

— Na verdade, sou seu assistente vitalício.

— Argh. — Ela soltou um suspiro. — Você tem que parar de dizer coisas assim. Você é simplesmente o mais incrível de todos.

— Bem... — Eu entrelacei meus dedos em sua mão, levando-nos de volta para a mesa. — Vamos levar sua bunda incrível de volta para sua mesa, então eu poderei levar sua bunda incrível para casa.

— E fazer o seu caminho perverso com a minha bunda incrível? — Ela balançou as sobrancelhas.

— Acertou, porra.

Não poderia ter dito melhor, irmão.